



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
DOUTORADO ACADÊMICO

MARCOS ANTONIO OLIVEIRA DE SANTANA

Violência na intimidade de jovens: fatores antecedentes,
manifestações violentas e consequências.

Área de Concentração: Saúde Coletiva

Linha de Pesquisa: Saúde de Grupos Populacionais
Específicos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Conceição Oliveira
Costa (PPGSC/UEFS)

Coorientadora: Profa. Dra. Evanilda Souza de S.
Carvalho (PPGSC/UEFS)

FEIRA DE SANTANA - BA

2020

MARCOS ANTONIO OLIVEIRA DE SANTANA

**Violência na intimidade de jovens: fatores antecedentes,
manifestações violentas e consequências.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, pela Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Oliveira Costa
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Evanilda Souza de S. Carvalho

FEIRA DE SANTANA - BA

2020

S231v Santana, Marcos Antonio Oliveira de
Violência na intimidade de jovens: fatores antecedentes, manifestações violentas e consequências. / Marcos Antonio Oliveira de Santana. – Feira de Santana, 2020.
231f; il.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Conceição Oliveira Costa.
Coorientadora: Profa. Dra. Evanilda Souza de S. Carvalho

Tese - (Doutorado) em Saúde Coletiva – Universidade Estadual de
Feira de Santana – UEFS - 2020.
Data da defesa: 18/08/2020

1. Adolescente 2. Adulto jovem. 3. Gênero. 4. Violência por parceiro íntimo. 5.
Violência no namoro. 6. Técnica projetiva I. Universidade Estadual de Feira de
Santana – UEFS. II. Título.

CDU: 343.541

Ficha Catalográfica Elaborada por: Deivisson Lopes Pimentel Bibliotecário CRB 5/1562



MARCOS ANTONIO OLIVEIRA DE SANTANA

**Violência na intimidade de jovens: fatores antecedentes, manifestações
violentas e consequências.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, pela Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Oliveira Costa

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Evanilda Souza de S. Carvalho

Feira de Santana, ____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Oliveira Costa
Universidade Estadual de Feira de Santana – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Evanilda Souza de S. Carvalho
Universidade Estadual de Feira de Santana – Coorientadora

Prof.^a Dr.^a Maria da Penha de Lima Coutinho
Universidade Federal da Paraíba – Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Mirian Santos Paiva
Universidade Federal da Bahia – Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Universidade Federal da Bahia / Universidade Católica do Salvador – Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Tatiane de Oliveira Silva Alencar
Universidade Estadual de Feira de Santana – Avaliadora

Aos meus pais, por tornarem esse caminho possível, apesar das adversidades que a vida proporcionou, mas foram determinados e, assim, ultrapassamos os obstáculos.

Aos adolescentes e adultos jovens que experienciaram e aqueles que estão vivenciando situações de violência em suas relações com parceiros íntimos.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à Deus, força infinita e universal, que nos permite o poder da vida e nos proporciona o caminhar e realização dos nossos objetivos durante cada existência, nas dimensões do humano e do espiritual.

Gratidão eterna aos meus pais, Antonio e Maria, por dedicarem suas vidas nas possibilidades de proporcionar a educação dos filhos, independente das dificuldades que enfrentaram, mas tiveram sabedoria e vidência de que a educação está entre os princípios fundamentais de nossa constituição humana.

Gratidão, de alma e coração, à minha orientadora Profa. Dra. Maria Conceição Oliveira Costa, pela oportunidade desse momento e possibilidade de aprender, usufruindo de sua sabedoria e convívio, como ser humano e espiritual. Acredito que, em nossa existência, esse momento estava planejado e foi materializado, oportunizando o crescimento em nossas essências que extrapola a dimensão material. Seu compromisso e missão de vida se expressam em “pontes” nas vidas das pessoas, transformando-se num elo espiritual entre sua história de vida e aqueles que cruzam seu caminho. Muita gratidão!!!

Gratidão à Cissa e Felipe, pois o universo oportunizou que nos encontrássemos para constituir um núcleo familiar e, com isso, compartilhássemos nossos desafios de vida e pudéssemos concretizá-los com compreensão, persistência e ética. Dividimos as dificuldades e as conquistas e, dessa forma, iremos cumprindo nossas tarefas e atingindo nossos objetivos, com entendimento recíproco sobre a importância de alcançá-los e torná-los possíveis.

Gratidão aos meus irmãos, Gilvan, Rita e Marta, por seguirmos os caminhos mostrados por nossos pais e entendermos que a formação educacional faz parte desse contexto, pois o alcance dos objetivos de cada um dos filhos, faz parte da história de toda a família.

Gratidão ao Tio Antonio (*in memoriam*), pelo exemplo de persistência em buscar os objetivos e pelo acolhimento em momento decisivo, sua colaboração reflete nessa caminhada, olhando por nós em outro plano espiritual.

Gratidão ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA), do qual sou integrante, sua coordenadora Profa. Maria da Conceição, Professores colaboradores – Profa. Dra. Jamilly de Oliveira Musse, Profa. Dra. Christianne Sheilla Leal Almeida Barreto, Prof. M.e Luciano Marques dos Santos, alunos de iniciação científica, mestrados e doutorandos, pelo apoio e contribuições para este trabalho, formando equipe coesa e comprometida com a história que este Núcleo vem construindo, nas trajetórias de ensino, pesquisa e extensão.

Gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana, coordenação, professores e setor administrativo, por contribuírem diretamente para concretização desse curso de doutorado, na medida em que exerceram seus papéis fundamentais e proporcionaram que este percurso acadêmico fosse possível.

Gratidão aos meus colegas da turma de doutorado de 2016, pelo companheirismo, dedicação, amadurecimento e compartilhamento desse processo acadêmico, em que dividimos nossas angústias, dificuldades e sucessos, cientes de que cumprimos nosso papel acadêmico com responsabilidade, determinação e ética.

Gratidão ao Núcleo Territorial de Educação / Feira de Santana (NTE-19), sob a direção do Professor Ivamberg dos Santos Lima, por exercer o papel institucional na educação da esfera estadual neste município, assegurando a realização dessa pesquisa nas unidades escolares.

Gratidão à direção, coordenação, funcionários e, especialmente, estudantes das instituições escolares da rede pública estadual de ensino do município de Feira de Santana participantes e que constituíram o cenário dessa pesquisa, por suas significativas contribuições, na perspectiva de podermos avançar nos objetos de estudos que constituem o campo da violência nas relações de intimidade para a população adolescente e jovem.

Gratidão à direção, coordenação, professores e demais funcionários (secretaria, serviços gerais, cozinha, vigilância) do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, do qual faço parte do corpo docente, por representarem o espaço de convivência e atuação de atividades pedagógicas e, ao mesmo tempo, pelo apoio e compreensão da necessidade do crescimento acadêmico.

Gratidão a Profa. Dra. Cleuma Suto, pelas contribuições, parceria, atenção e dedicação durante o processo de construção dos produtos dessa pesquisa. Sua atuação foi importante e decisiva para que pudéssemos alcançar os objetivos pretendidos.

Gratidão a Profa. Dra. Evanilda Carvalho, coorientadora, por suas contribuições em momentos importantes da condução dessa pesquisa que, com atenção e dedicação, mostrou-se solícita e disponível, diante das circunstâncias apresentadas.

Gratidão às professoras avaliadoras: Profa. Dra. Maria da Penha Coutinho, Profa. Dra. Mirian Paiva, Profa. Dra. Vanessa Cavalcanti e Profa. Dra. Tatiane Alencar, pelos momentos de qualificação e defesa desse trabalho, através de suas contribuições acadêmicas e intelectuais, na perspectiva da almejada construção do conhecimento, por meio da pesquisa científica.

Gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, pelo cumprimento de sua função institucional na perspectiva de ampliação e consolidação da pós-graduação *strictu-sensu* no âmbito acadêmico, em nossa sociedade.

RESUMO

A violência praticada nas relações de intimidade, especialmente entre parceiros heterossexuais adolescentes e jovens, é um grave problema de saúde pública e apresenta magnitude global, que fere direitos humanos, afeta pessoas de todos os segmentos sociais, independente da religião, cultura ou condição econômica. O objetivo dessa pesquisa foi analisar eventos violentos nos relacionamentos de casais adolescentes e jovens, fatores antecedentes, consequências e possíveis associações dessa experiência com ocorrências violentas precedentes (interparental, amigável, relação amorosa anterior). O percurso metodológico foi delineado em duas fases distintas, utilizando diversificadas amostragens e ferramentas de abordagem qualitativa; em que foi aplicada a versão brasileira do inventário “Percurso Amoroso de Jovens/PAJ”, de origem canadense, anteriormente submetido às análises de adaptação transcultural e propriedades psicométricas, sendo validado e adequado para utilização no contexto brasileiro (NASCIMENTO, 2014; SILVA, 2015). A primeira fase da tese esteve integrada ao momento da coleta de dados do projeto interinstitucional violência entre casais jovens (dating violence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência; considerando a necessidade de utilização de uma subamostra, que viabilizou o primeiro produto da tese. Este projeto integra três Universidades, a UEFS/NNEPA, a Universidade de Québec a Montreal/UQAM e a UCSAL/Salvador. A amostra foi representativa, estratificada por conglomerado, em dois níveis: Unidades Primárias – escolas (56 escolas da rede pública estadual) e Unidades Secundárias – alunos (2.067 estudantes, 15 a 24 anos, feminino e masculino). Nesta primeira fase, utilizou-se uma subamostra de 210 estudantes (10%) que responderam as questões subjetivas do PAJ sobre experiências difíceis ligadas à violência nos seus relacionamentos afetivos-sexuais. Para as análises, optou-se pela abordagem qualitativa, utilizando-se como ferramenta o *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires/Iramuteq* e a Análise de Conteúdo Temática/ACT, para interpretação dos dados. Para a segunda fase da tese, foi necessário voltar a campo e coletar novos dados, com estudantes e escolas contendo as mesmas características daqueles que participaram da coleta do PAJ, utilizando novas técnicas metodológicas de abordagem qualitativa e outros instrumentos, a partir da experiência acumulada anteriormente. Foram selecionadas 9 escolas (segundo critérios pré-estabelecidos), com participação de 334 estudantes (15 a 24 anos). A produção de dados se deu através da Técnica Projetiva com aplicação do instrumento Desenho-Estória com Tema/DET. Esse processo gerou o segundo e terceiro produtos da tese. O procedimento de análise dos dados foi

realizado através da ACT. Os resultados dessa pesquisa levaram a construção de três artigos. O primeiro artigo teve como objetivo analisar eventos violentos nas relações afetivo-sexuais de jovens e o papel da rede de amigos, no processo das relações abusivas. No segundo artigo, o propósito foi apresentar a utilização de ferramentas/instrumentos metodológicos na análise de dados envolvendo as técnicas de Desenho-Estória com Tema e Análise de Conteúdo Temática. Finalmente, o terceiro artigo, objetivou analisar eventos violentos de controle coercitivo, intimidação, privação e agressão física, nas relações de intimidade de adolescentes. Portanto, conclui-se que, diante dos principais achados dessa pesquisa sobre a violência nas relações de intimidade, o autor da agressão foi masculino, caracterizando assimetria de gênero, assumindo comportamento regido por táticas de controle coercitivo, associado a abuso de poder, intimidação e privação; no contexto de atos violentos de natureza psicológica/verbal, física e sexual; motivados por ciúme, raiva, posse e desconfiança. A vítima revelou comportamento passivo e aceitou a violência sofrida; e, em menor abrangência, finalizou a relação e/ou denunciou o parceiro agressor, expressando sentimento de tristeza, sofrimento e paixão.

Palavras-chave: Adolescente, Adulto Jovem, Violência por Parceiro Íntimo, Violência no Namoro, Gênero, Técnica Projetiva.

ABSTRACT

The violence practiced in intimate relationships, especially among heterosexual adolescent and young partners, is a serious public health problem and has a global magnitude that hurts human rights, affects people from all social segments, regardless of religion, culture or economic condition. The objective of this research was to analyze violent events in the relationships of adolescent and young couples, antecedent factors, consequences and possible associations of this experience with previous violent events (interparental, among friends, previous love relationship). The methodological path was outlined in two distinct phases, using diversified sampling and tools with a qualitative and quantitative approach; in which the Brazilian version of the inventory “Percurso Amoroso de Jovens / PAJ” was applied. Of Canadian origin, the version was previously submitted to the analysis of cross-cultural adaptation and psychometric properties, validated and considered suitable for use in the Brazilian context (NASCIMENTO, 2014; SILVA, 2015). The first phase of the thesis was integrated at the time of data collection of the inter-institutional project on violence between young couples (dating violence) and their peers (bullying), in adolescence and youth: manifestations, repercussions and resilience mechanisms; considering the need to use a subsample, which made the first product of the thesis viable. This project integrates three Universities, UEFS / NNEPA, the University of Québec - Montreal / UQAM and UCSAL / Salvador. The sample was representative, stratified by conglomerate, at two levels: Primary Units - schools (56 state schools) and Secondary Units - students (2,067 students, 15 to 24 years old, female and male). In this first phase, we used a subsample of 210 students (10%) who answered the subjective questions of the PAJ about difficult experiences related to violence in their affective-sexual relationships. For the analyzes, we opted for the qualitative approach, using the software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* / Iramuteq and Thematic Content Analysis / ACT, to interpret the data. For the second phase of the thesis, it was necessary to return to the field and collect new data, with students and schools containing the same characteristics as those who participated in the collection of PAJ, using new methodological techniques of qualitative approach and other instruments, based on the experience accumulated previously. Nine schools were selected (according to pre-established criteria), with the participation of 334 students (15 to 24 years old). The production of data took place through the Projective Technique with the application of the Drawing-Story with Theme / DET instrument. This process generated the second and third products of the thesis. The data analysis procedure was carried out through the ACT. The results of this research led to the construction of three articles.

The first article aimed to analyze violent events in the affective-sexual relationships of young people and the role of the network of friends in the process of abusive relationships. In the second article, the purpose was to present the use of methodological tools / instruments in the analysis of data involving the techniques of Design-Story with Theme and Thematic Content Analysis. Finally, the third article, aimed to analyze violent events of coercive control, intimidation, deprivation and physical aggression, in the intimate relationships of adolescents. Hence, it is concluded that, in view of the main findings of this research on violence in intimate relationships, the perpetrator of the aggression was male, characterizing gender asymmetry, assuming behavior governed by coercive control tactics, associated with abuse of power, intimidation and deprivation; in the context of violent acts of a psychological / verbal, physical and sexual nature; motivated by jealousy, anger, possession and distrust. The victim revealed passive behavior and accepted the violence suffered; and, to a lesser extent, ended the relationship and / or denounced the offending partner, expressing feelings of sadness, suffering and passion.

Keywords: Adolescent, Dating Violence, Gender, Intimate Partner Violence, Projective Technique, Young Adult.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PROBLEMA E OBJETIVOS.....	15
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1	VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DE JOVENS: FUNDAMENTOS E ASPECTOS CONTEXTUAIS.....	16
3.2	PODER, CONTROLE E COERÇÃO NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DE JOVENS.....	21
3.3	VIOLÊNCIA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DE JOVENS: PERSPECTIVA TEÓRICA E TIPOLOGIA.....	27
3.3.1	Terrorismo Íntimo.....	29
3.3.2	Resistência Violenta.....	31
3.3.3	Violência Situacional do Casal.....	32
3.3.4	Controle Violento Mútuo.....	33
3.4	TEORIAS E MODELOS EXPLICATIVOS DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE.....	33
3.4.1	Teorias Intra-Individuais.....	35
3.4.2	Teorias Diádicas-Familiares.....	37
3.4.2.1	Teoria dos Sistemas.....	37
3.4.2.2	Teoria da Subcultura da Violência.....	38
3.4.2.3	Teoria da Transmissão Intergeracional da Violência.....	39
3.4.3	Teorias Socioculturais.....	43
3.4.4	Modelos Multidimensionais.....	45
3.4.4.1	Modelo Ecológico.....	45
3.4.4.2	Teoria Ecológica Aninhada.....	47
3.4.4.3	Modelo de Riggs e O’Leary (1989): Fatores Antecedentes e Situacionais da Violência no Namoro.....	48
3.4.5	Teoria da Masculinidade Hegemônica.....	50
3.4.5.1	Fundamentos Conceituais e Tipologia.....	50
3.4.5.2	Pressupostos históricos e teóricos-conceituais da Masculinidade Hegemônica.....	52
3.4.5.3	Elementos críticos relacionados ao conceito de Masculinidade Hegemônica.....	53
3.4.5.4	Principais aspectos da Masculinidade Hegemônica no cenário brasileiro.....	55

4	METODOLOGIA.....	57
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	58
4.2	CENÁRIO DE ESTUDO.....	59
4.3	SUJEITOS DO ESTUDO.....	60
4.4	PRODUÇÃO DOS DADOS.....	61
4.5	ANÁLISE DE DADOS.....	64
4.5.1	Procedimentos de análise da primeira fase da pesquisa.....	64
4.5.2	Procedimentos de análise da segunda fase da pesquisa.....	66
4.5.2.1	Descrição das Fases da Análise de Conteúdo Temática.....	67
4.5.2.1.1	Fase I – Pré-Análise.....	67
4.5.2.1.2	Fase II – Exploração do Material.....	71
4.5.2.1.3	Fase III – Inferência e Interpretação dos Resultados.....	73
4.6	ASPECTOS ÉTICOS.....	75
5	RESULTADOS DA TESE.....	77
5.1	Artigo 1 – “EPISÓDIOS VIOLENTOS EM RELAÇÕES DE INTIMIDADE E AMIZADE DE JOVENS: ANÁLISE DE SIMILITUDES”	77
5.2	Artigo 2 – “CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS EM PESQUISA QUALITATIVA: DESENHO-ESTÓRIA DE JOVENS E ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA”	90
5.3	Artigo 3 – “VIOLÊNCIA NO NAMORO DE ADOLESCENTES: RELAÇÕES DE CONTROLE COERCITIVO, COM INTIMIDAÇÃO, PRIVAÇÃO E AGRESSÃO FÍSICA”	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS.....	128
	APÊNDICES.....	143
	ANEXOS.....	226

1 INTRODUÇÃO

A violência faz parte da história da humanidade, sendo um fenômeno de caráter dinâmico, complexo e multifacetado que expressa contínuas mudanças. Essa essência revela dificuldades e não consensualidades inerentes ao seu conceito, que sofre variações de significado, considerando o tempo e contexto sociocultural envolvidos (LISBOA et al., 2009; MACHADO, 2010; BORGES, 2011; PRAZERES et al., 2014).

A violência praticada por parceiro íntimo, especialmente na juventude, subcategoria da violência interpessoal, é um grave problema de saúde pública que fere direitos humanos e apresenta magnitude global, afetando pessoas de todos os segmentos sociais, independente da religião, cultura ou condição econômica. Essa forma de violência se caracteriza pelo comportamento agressivo manifesto pelo parceiro íntimo ou por aquele que assumiu essa posição, e causa danos de natureza física, sexual e psicológica ou comportamentos / atitudes de controle (coerção, intimidação, isolamento) sobre a vítima, com consequências temporárias, graves ou permanentes (GARCIA-MORENO et al., 2013; WHO et al., 2014a; WHO et al., 2014b; OMS, 2015).

De acordo com dados gerais, indivíduos mais jovens são mais propensos a serem submetidos aos mecanismos de vigilância e intimidação, além de apresentarem maiores índices de prevalência de violência por parceiro íntimo que acomete de forma desigual mulheres jovens (CAPALDI et al., 2012; CATALANO, 2012). Quando se analisa a vitimização em função da natureza das diferentes formas de violência, considerando-se a complexidade desse fenômeno e suas várias faces, estudos revelam que os homens são mais acometidos por agressões psicológicas, mas com alta prevalência entre casais, enquanto as mulheres o são por agressões físicas graves e sexuais (O'LEARY et al., 2008; FERNÁNDEZ-FUERTES et al., 2011; HOKODA; MARTIN DEL CAMPO; ULLOA, 2012; ALLEYNE-GREEN et al., 2016).

Segundo estudiosos, ao serem evidenciados os fatores idade e comportamentos de controle, mulheres jovens, essencialmente, apresentam maiores probabilidades de serem agredidas por parceiros íntimos e com maior gravidade, quando comparadas a grupos etários com idades superiores. Salienta-se que a continuidade, repetição e aceitação dos comportamentos agressivos podem desencadear consequências mais graves, prolongando-se para outras fases da vida (ARCHER, 2000; CATALANO, 2012; BREIDING, CHEN, BLACK, 2014).

Nos contextos latino-americano e brasileiro, a violência nas relações de intimidade é caracterizada pelo processo de socialização patriarcal, em que o exercício do abuso de poder é protagonizado pela dominância masculina. Nesse sentido, o comportamento agressivo assume expressão da violência de gênero, estabelecendo relações desiguais e de forma assimétrica, naturalizando as noções de masculino e feminino, sendo permeado pela aceitação, estímulo ou complacência da sociedade (SAFFIOTI, 2004; BUTLER, 2010; BORDIEU, 2011; AYALA et al., 2014; OLIVEIRA et al., 2016).

Desse modo, podem ser destacados como características essenciais que constituem a violência nas relações íntimas de jovens os comportamentos de controle e coerção (proibições, isolamentos, privações), assim como os comportamentos abusivos, regidos por agressões psicológicas / verbais / emocionais (depreciação da vítima, insultos, ameaças, perseguição), agressões físicas (espancamento, esganadura, empurrão), além de agressões sexuais (GOMEZ, 2014).

Esta tese é um dos subprojetos integrantes de um Projeto mais amplo “*Parcour Amoureux des Jeunes*” – Percorso Amoroso de Jovens (PAJ), realizado através da parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e o Grupo de Pesquisa Violência e Saúde (ÉVISSA), da Universidade do Québec a Montréal (UQAM).

As primeiras fases do Projeto original já foram concluídas. Entretanto, cabe salientar alguns aspectos metodológicos e técnicos que lhe antecederam, considerando a inter-relação entre os subprojetos que fazem parte dessa pesquisa mais ampla.

A primeira etapa do projeto foi implementada através dos processos de Adaptação Transcultural, Validação e Análise das Propriedades Psicométricas de um instrumento original do Canadá, com vistas à sua aplicabilidade no contexto do nosso país. Esse Instrumento – PAJ – visa estudar as relações de intimidade, na perspectiva das relações violentas, e todo cortejo de fatores precedentes intervenientes, convívios com amigos, entre pares, familiares, dentre outros aspectos. Após as análises descritas acima, ficou demonstrado que a versão nacional do PAJ possui coerência teórica e técnica com a versão canadense e, assim, após a validação e análises psicométricas do instrumento, foi possível planejar as etapas seguintes de aplicação do PAJ versão nacional no contexto do Brasil (NASCIMENTO, 2014; NASCIMENTO et al., 2015; CAMPOS, 2015).

A estruturação desta tese foi composta por: introdução dos aspectos essenciais sobre a violência nas relações de intimidade de jovens; problema de pesquisa e objetivos (geral e específicos); fundamentação teórica, através de capítulos que pautaram a discussão sobre os

aspectos fundamentais que trataram do objeto de estudo; metodologia; resultados e considerações finais. Salienta-se ainda que, na perspectiva de atender aos objetivos do estudo, os resultados foram apresentados em formato de três artigos. O primeiro artigo tratou dos eventos abusivos no âmbito das relações afetivas-sexuais de jovens, assim como a função da rede de amigos envolvidos nesse processo. O segundo artigo evidenciou o uso dos procedimentos metodológicos, através das técnicas do Desenho-Estória com Tema e Análise de Conteúdo Temática. E, por fim, o terceiro artigo, que analisou a violência nas relações de intimidade entre adolescentes nos campos de controle coercitivo, intimidação, privação e agressão física.

A aproximação com o objeto de estudo foi construída a partir do curso de mestrado, quando o pesquisador teve a oportunidade de estudar o fenômeno da violência sexual na adolescência, tendo como cenário escolas da rede pública estadual e, como sujeitos, alunos adolescentes e professores, através do NNEPA/UEFS. Assim, a continuidade como membro desse Núcleo de Pesquisa e as parcerias firmadas com outras instituições/grupos de pesquisa (ÉVISSA/UQAM) oportunizaram, no curso de doutorado, o estudo da violência nas relações de intimidade de jovens no mesmo cenário, a partir do Percorso Amoroso de Jovens – PAJ.

Portanto, apresentamos como pressuposto para este estudo que a violência nas relações de intimidade de jovens é protagonizada pelo masculino, como expressão da violência de gênero com raízes patriarcais, em que o comportamento agressivo é regido pelo mecanismo de controle coercitivo, abuso de poder, privação e intimidação, com presença de agressão física.

2 PROBLEMA E OBJETIVOS

2.1 PROBLEMA

Quais os principais fatores desencadeantes e consequências dos eventos violentos, nos relacionamentos de casais adolescentes e jovens e como essa experiência se associa com ocorrências violentas precedentes (relacionamentos interparental, amigável e amoroso anterior)?

2.2 OBJETIVO GERAL

Analisar eventos violentos nos relacionamentos de casais adolescentes e jovens, fatores antecedentes, consequências e possíveis associações dessa experiência com ocorrências violentas precedentes (interparental, amigável, relação amorosa anterior).

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Analisar o relato de jovens sobre experiências difíceis vivenciadas nos relacionamentos de namoro e de amizade, assim como os principais fatores desencadeantes e respectivas estratégias de enfrentamento.
- ✓ Descrever o processo metodológico, utilizando ferramentas da abordagem qualitativa (Técnica Projetiva do Desenho-Estória e Análise de Conteúdo Temática/ACT), para revelar a dinâmica (manifestações e consequências) de comportamentos violentos ocorridos na intimidade de casais jovens.
- ✓ Analisar eventos violentos na intimidade de casais jovens, na perspectiva das relações de controle, poder e privação, fatores precedentes e respectivas consequências.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DE JOVENS: FUNDAMENTOS E ASPECTOS CONTEXTUAIS

A violência nas relações de intimidade que afeta casais jovens, em seus diferentes tipos de relacionamentos, caracteriza-se como problema sociocultural e multicausal, de magnitude transcultural, evidenciado nos diversos estudos epidemiológicos (CARIDADE; MACHADO, 2013; RUBIO-GARAY, 2016).

Nesse sentido, ressalta-se que na fase da adolescência as crenças sociais incorporam expressão acentuada, pois os adolescentes são levados a vivenciarem e potencializarem as perspectivas de gênero, momento oportuno para observar a consolidação da violência nas relações íntimas. Assim, a ocorrência da violência por parceiro íntimo materializa-se, principalmente, a partir da juventude (OMS, 2012; VENTURA, FREDERICO-FERREIRA, MAGALHÃES, 2013; GOMES, 2017).

De acordo com Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2011), o comportamento violento assume especificidades no que se refere ao agressor e à vítima, assim como a forma de relação estabelecida entre parceiros. A perpetração ocorrida entre jovens apresenta conduta divergente em relação ao que ocorre no cenário de adultos, em que a violência predominante é causada pelo parceiro do sexo masculino. Nas relações de namoro, entre adolescentes e jovens, observa-se que há maior simetria da violência exercida entre os parceiros, que assumem tanto as posições de vítimas como as de agressores.

Nesse contexto, a maior severidade do ato violento é praticada pelo parceiro do sexo masculino contra sua parceira, provocando danos de natureza física e psicológica; assim como a condição de vulnerabilidade do sexo feminino e o comportamento violento como estratégia de reação e defesa da violência sofrida.

A crescente atenção do universo científico sobre a temática da violência nas relações de intimidade ainda é recente. Até a década de 1980, as investigações eram centradas no contexto das relações conjugais (maritais), em detrimento de outras configurações relacionais, como as relações de namoro de jovens, considerando as dificuldades operacionais para se obter o relato de jovens menores de 18 (dezoito) anos (CARIDADE; MACHADO, 2013).

O estudo realizado por Makepeace (1981) é considerado um marco no campo da violência na intimidade de jovens, por mostrar em seus resultados que um em cada cinco jovens pesquisados revelou estar envolvido com essa forma de violência, e 61% da amostra coletada tinham conhecimento de outros jovens envolvidos em namoros abusivos.

O avanço das investigações direcionadas à população juvenil, caracterizada na literatura internacional como *Dating Violence* e *Courtship Violence*, revela que a violência na intimidade vem assumindo índices crescentes e preocupantes, extrapolando a exclusividade das relações conjugais. Do mesmo modo, as evidências científicas mostram que a continuidade da relação conflituosa / violenta e sua maior gravidade nessa fase pode ser fator preditor para a violência na relação marital (CARIDADE; MACHADO, 2006).

De acordo com os autores supracitados, importantes aspectos influenciam a dispersão dos índices de prevalência da violência nas relações de intimidade de jovens, como, por exemplo, a ausência de uniformização do conceito de violência na literatura, haja vista que, em determinados contextos sociais, comportamentos intoleráveis / violentos são aceitáveis, embora não admitidos em outros. Em um estudo de base populacional com abordagem mista, envolvendo mulheres de 15 (quinze) a 49 (quarenta e nove) anos, nas Ilhas Salomão (Oceania), o comportamento violento foi considerado normal ou não grave entre 36% dos sujeitos pesquisados (SECRETARIAT OF THE PACIFIC COMMUNITY, 2009).

Outros aspectos em destaque estão relacionados com a diversidade de instrumentos de pesquisa e dificuldades dos procedimentos metodológicos para medição dos comportamentos agressivos / violentos, tais como: carência de estudos de seguimentos / prospectivos; divergências para determinação de amostragem; e priorização de investigações da violência física.

Nessa perspectiva, como resposta da Organização Mundial da Saúde (OMS) às amplas questões envolvendo a violência visível (juvenil, coletiva) e invisível, como as que atingem a população feminina, o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde foi referência pioneira, inserindo a violência como problema de saúde no âmbito global. Entre os resultados que diagnosticaram a magnitude desse problema, ressaltam-se 48 (quarenta e oito) estudos de base populacional em nível mundial, em que 10 a 69% das mulheres pesquisadas informaram ter sofrido agressão física praticada por parceiros íntimos em algum momento de suas vidas. Nesse contexto, a variação percentual das mulheres vitimizadas nos 12 (doze) meses anteriores variou de até 3% na Austrália, Canadá e Estados Unidos, e de 27% em León (Nicarágua). Esta forma de violência é comumente manifestada por abuso psicológico e sexual (KRUG et al., 2002).

Ainda de acordo com esse Relatório, quanto à violência fatal, estudos realizados em diversos países (África do Sul, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Israel) revelaram que os responsáveis por 40 a 70% das mulheres assassinadas foram os respectivos maridos ou namorados (parceiros íntimos), em relações que ocorriam abusos frequentes. Em 2013, estimou-se que, do total de homicídios praticados contra as mulheres, 38% foram cometidos por agressores do sexo masculino (WHO et al., 2014a).

Em pesquisas recentes, as evidências revelam que em países de baixa e média renda 24,6% das mulheres têm vivenciado violência por parceiro íntimo. As estimativas globais indicam que aproximadamente 30% das mulheres são vitimizadas com agressões físicas ou sexuais em algum momento de suas vidas. No âmbito regional, essas vitimizações apontam para África, Mediterrâneo Oriental e Sudoeste Asiático, aproximadamente 37%; Região das Américas, cerca de 30%; assim como Europa e Pacífico Ocidental, 25% (WHO et al., 2013; WHO et al., 2014b).

Um estudo de revisão sistemática sobre prevalência da violência nas relações de namoro entre jovens nas regiões da América do Norte e Europa observou que a violência física sofrida por mulheres variou de 4,2 a 46%, e, no sexo masculino, entre 2,6 e 33%. Para a violência sexual, a prevalência no sexo feminino variou de 1,2 a 32,9%, e nos homens, de 1 a 19% (LEEN et al., 2013).

Quanto à violência passiva na relação de intimidade, comportamento de controle do agressor, em estudo multicêntrico de Saúde e Violência contra a Mulher, de base populacional, 21 a 75% das mulheres que conviveram com parceiro íntimo informaram a manifestação de um ou mais comportamentos de controle pelos parceiros (GARCIA-MORENO et al., 2005).

No Brasil, pesquisas e medidas de intervenção relacionadas ao fenômeno da violência nas relações de intimidade entre jovens ainda são recentes, apesar da crescente produção científica e atividades direcionadas para a violência contra a mulher. Além disso, o fato da convivência de nossa sociedade com a prática da hierarquização das orientações e opções sexuais provoca acentuadas divergências, caracterizando-se como mecanismo de produção de comportamentos violentos. Observa-se, então, a heteronormatividade como modelo de sexualidade e as outras formas (lésbicas, gays, transexuais, bissexuais) como anormais (MARTINS, 2017).

Segundo dados da Anistia Internacional (2016), durante o ano de 2012, 56 (cinquenta e seis) mil pessoas foram vítimas de assassinato e, desse total, 30 (trinta) mil eram jovens na faixa etária entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos. Para a violência não fatal, 23,2% das adolescentes de 12 (doze) a 17 (dezesete) anos sofreram agressões de parceiros íntimos e ex-

parceiros. Em outra estimativa, mais da metade dos casos de estupro acontecem até os 13 (treze) anos, e mais de um terço até 17 (dezessete) anos; entretanto, 88,5% dos casos são pessoas do sexo feminino (WAISELFISZ, 2015; MARTINS, 2017).

No que se refere aos resultados do Relatório do Atlas da Violência (2018), em sessão que trata da violência contra a mulher, os dados informados pelo Sistema de Saúde brasileiro revelaram que os casos de estupro contra menores correspondem a 68% do total de registrados, sendo que em torno de um terço dos perpetradores são pessoas que fazem parte do círculo relacional da vítima (amigos, conhecidos), e outros 30% pertencem ao contexto familiar (pais, mães, padrastos, irmãos). Nas situações em que o agressor era conhecido, o abuso foi reincidente para 54,9% dos casos, e 78,5% aconteceram no domicílio da vítima (CERQUERIA et al., 2018).

Uma pesquisa pioneira realizada no cenário brasileiro sobre violência entre parceiros íntimos, em 16 (dezesseis) capitais (2002 e 2003), com amostra acima de 6.000 (seis mil) mulheres pesquisadas, na faixa de 15 (quinze) a 69 (sessenta e nove) anos apresentou prevalência de: violência psicológica de 78,3% entre os casais; violência física (menor), com 21,5% dos pesquisados; e violência física mais severa em 12,9% dos parceiros (REICHENCHEIM et al., 2006).

Outra pesquisa de âmbito nacional, envolvendo 10 (dez) capitais brasileiras, que objetivou investigar a violência nas relações afetivas-sexuais entre estudantes na faixa etária de 15 (quinze) a 19 (dezenove) anos das redes pública e privada de ensino revelou em seus dados que 86,9% dos pesquisados tinham sido vítimas e 86,8% haviam cometido agressões no relacionamento, sejam de natureza física, sexual ou psicológica. Salienta-se, ainda, que 76,6%, para ambos os sexos foram, simultaneamente, vítimas e agressores (OLIVEIRA et al., 2011).

Estudo realizado por Schraiber *et al.* (2007), para analisar a prevalência da violência nas relações de intimidade no município de São Paulo e em 15 municípios de Pernambuco, apontou para a violência psicológica, em algum momento na vida, os índices de 41,8% para a capital paulista e 48,9% para os pernambucanos. Na mesma perspectiva, a violência física foi situada em torno de 27,2% e 33,7%; assim como para violência sexual, os valores encontrados foram 10,1% e 14,3%, respectivamente.

No tocante aos fatores de risco, proteção e estratégias de prevenção inerentes à violência praticada nas relações de intimidade, as evidências apontam para o Modelo Ecológico, proposto pelo Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, na perspectiva de uma melhor compreensão desse fenômeno. Estruturalmente, esse Modelo caracteriza os fatores de risco, conforme quatro

níveis que promovem influência: individual, relacional, comunitário e social (KRUG et al., 2002).

Para a OMS (2012), bem como Redondo, Pimentel e Correia (2012), o nível individual compreende determinadas características que possibilitem o indivíduo tornar-se vítima ou agressor. Entre elas, podem ser apontadas: juventude, nível de escolaridade, histórico de violência familiar, uso abusivo de álcool e atitudes de aceitação da violência sofrida.

Em nível relacional, pressupõe-se que eventos conflituosos e desavenças são desencadeadores de comportamento agressivo entre o casal, assumindo a denominação de violência de gênero. Entre os fatores precipitantes, podem ser citados: manter relações com múltiplas parceiras sexuais e infidelidade; não obediência da mulher e questionar dinheiro ao parceiro; sair sem permissão do parceiro; assim como recusar sexo.

O nível comunitário compreende o contexto em que acontece a relação, buscando detectar as características que estão relacionadas com a condição do indivíduo ser vítima ou agressor. Situações que podem ser associadas à perpetração ou vitimização: grande mobilidade residencial, pouco vínculo social entre comunidades, elevada densidade populacional, tráfico de drogas, desemprego, isolamento social e pobreza.

Por fim, o nível sociocultural, que tem o propósito de analisar os fatores de cunho social mais abrangentes. A OMS (2012) destaca a incipiência de estudos que visem aos níveis comunitário e social para a violência entre parceiros íntimos. Nesse sentido, aponta alguns fatores responsáveis por esse comportamento, decorrentes de estudos realizados a partir da década anterior: baixa proporção do sexo feminino com nível de escolaridade elevado; taxa de desemprego elevada; maior índice de analfabetismo, em ambos os sexos; proporção elevada de pessoas que acatam a violência como medida positiva; baixa proporção de mulheres com autonomia elevada; bem como elevada proporção de residências domiciliares que fazem prática de punição corporal.

No que se refere aos fatores de proteção, as evidências revelam carência de estudos voltados para essa temática, pois a atenção esteve voltada principalmente para os fatores de risco. Por outro lado, estudos apontaram que mulheres que possuem um maior nível de escolaridade apresentaram uma redução de 20 a 55% de serem vitimizadas por parceiro íntimo ou abusadas sexualmente, ao serem comparadas com aquelas que tinham um nível de escolaridade menor. Do mesmo modo, pesquisados do sexo masculino com maior escolaridade apresentaram redução de 40% de agredirem suas parceiras, em relação àqueles com menor escolaridade (BROWN et al., 2006; FEHRINGER; HINDIN, 2009; JOHNSON; DAS, 2009; OMS, 2012).

Nessa perspectiva, estudos são unânimes em apontar que vivenciar uma parentalidade saudável, apoio familiar, pertencer a família numerosa, assim como vivenciar experiências precedentes com amigos e amores podem atuar como fatores de redução ou proteção (SCHWARTZ et al., 2006; OMS, 2012).

3.2 PODER, CONTROLE E COERÇÃO NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DE JOVENS

As bases dos estudos sobre poder têm, entre outros predecessores, o trabalho de Kurt Lewin (1939), considerado o expoente intelectual das teorias contemporâneas da ciência comportamental aplicada, pesquisa-ação e mudança planejada. Nessa perspectiva, seu foco principal esteve voltado para a resolução de conflitos sociais (religiosos, raciais, conjugais ou industriais), sob forte influência da Psicologia Gestalt, com destaque para as pesquisas relacionadas às dinâmicas de grupo como ambiente de percepção, sentimento e ação, para o indivíduo inserido nesse contexto (BURNES, 2004; VARÃO, 2016; MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2016).

Inspirados no trabalho de Lewin, que em suas primeiras produções já evidenciava o conceito de poder e campos de poder, os pesquisadores French e Raven (1959) iniciaram seus estudos nessa área e, conseqüentemente, encontraram similaridades na perspectiva de poder social. Esses estudiosos tiveram como propósito de abordagem investigar os recursos que poderiam ser utilizados pelo indivíduo para exercer influência sobre outra pessoa, que poderia ser determinada pelas dimensões da dependência social e importância de vigilância, visando examinar uma tipologia para as bases interpessoais do poder (RAVEN, 1993).

Os referidos pesquisadores fizeram a postulação das bases do “Modelo de Poder Social”, concebido pelo conjunto de seis poderes que caracterizaram a capacidade de um agente exercer influência sobre um alvo (indivíduo que sofre). O poder coercitivo e o poder de recompensa representam requisitos nas esferas pessoais, pois o comportamento de aprovação ou reprovação de uma pessoa, numa relação com vínculos sentimentais, pode implicar exercício desses dois poderes.

O poder legítimo, também denominado de poder de posição, tem origem no trabalho de Max Weber (1947), e compõe outras formas de poder que extrapolam o caráter formal e podem ser baseadas em normas sociais, sob as formas de poder de reciprocidade, caracterizadas pela obrigatoriedade de servir ao outro; de equidade, que condiciona a obrigação compensatória do

alvo para justificar as dificuldades que porventura tenham sido enfrentadas pelo agente influente; bem como de responsabilidade (ou dependência), que possui perspectiva normativa da obrigatoriedade de ajudar o outro que não tem condição e que está sob dependência.

Os poderes especializado e de referência representam as bases de sentido hierárquico que podem apresentar formas positivas ou negativas de suas representações. O sentido relacional dos envolvidos representa a posição assumida pelo alvo em referência ao agente influente, gerando perspectiva de identificação com o mesmo, ou não.

Finalmente, o poder informacional (persuasão), que tem como pressuposto a informação (argumento) para que o agente influente consiga provocar a mudança, sendo que a informação indireta poderá gerar melhor estratégia para o resultado informacional no contexto de pessoas em posições de superioridade e inferioridade.

Posteriormente, Raven (1992) estendeu o modelo original para o Modelo de Poder / Interação de influência interpessoal. Esse avanço permitiu obter uma visão mais dinâmica do poder com distinções entre bases de poder (capacidade de controle), processos de poder (tentativa de controle) e resultados de poder (complacência ou resistência).

Em síntese, o mecanismo relacional que caracterizou esta teoria embasou noções essenciais para a dinâmica interpessoal, que foram auxiliares para seu processo de construção e desenvolvimento. Entre elas, a coerção pode ter necessidade de suavização do alvo (“preparar o cenário”), estratégia que o agente utiliza como mecanismo de colocá-la em prática e está disposto a usar as medidas necessárias, mesmo sendo drásticas. Os poderes de coerção e de recompensa requerem vigilância do agente, sendo a complacência e a resistência possíveis respostas à coerção (RAVEN, 1993).

Essas noções são importantes para reger as limitações relacionadas aos instrumentos de medição para pesquisas no campo do controle coercitivo, especialmente as medidas de abuso psicológico (TOLMAN, 1989; 1999), as quais não separam coerção de outras formas de abuso físico; e não distinguem o processo de controle a partir dos resultados (ameaças verbais podem fazer parte das táticas de controle, mas não necessariamente serem coercitivas).

Na perspectiva de aplicar o trabalho clássico de French e Raven – Modelo de Poder Social – para fundamentação do conceito de controle coercitivo nas relações violentas entre parceiros íntimos, as estudiosas Dutton e Goodman (2005) fizeram a proposição do “Modelo de Coerção na Violência por Parceiro Íntimo”.

Nos fundamentos do referido modelo, as autoras tiveram como pressupostos aspectos essenciais relacionados ao panorama das pesquisas ainda incipientes, no que se refere aos aspectos de conceituação, e necessitando de maior clareza, assim como a dificuldade

operacional de medirem as manifestações de controle, inserida no contexto do abuso psicológico; não abrangentes e com frágil consistência interna e, assim, vislumbrando a necessidade de ações / intervenções, vinculadas em três dimensões explicativas e fortalecidas por razões essenciais, que serão discutidas a seguir (DUTTON; GOODMAN, 2005; HAMBERGER; LARSEN; LEHRNER, 2017).

Na primeira dimensão, emergiu a controvérsia sobre a simetria de gênero, com destaque para a autoria da perpetração da violência entre parceiros íntimos. Consensualmente, um conjunto de pesquisadores sobre família relatou similaridade na perpetração e, em determinados casos, atribuição da agressão por parte das mulheres. Por outro lado, pesquisas apresentavam os homens como principais agressores, inclusive cometendo homicídios, nas quais as mulheres que cometiam violência tinham o propósito de autodefesa – resultados evidenciados, principalmente, como premissa dos estudos da Teoria Feminista.

Nesse sentido, os estudos também informaram que a medição exclusiva da manifestação de violência não justificava, de forma apropriada, a violência por parceiro íntimo. Assim, tornou-se essencial a compreensão / conhecimento do padrão do comportamento violento, assim como o contexto sociocultural e institucional, em que agressor e vítima estavam inseridos.

Na segunda dimensão, foi evidenciado o crescente interesse no desenvolvimento de subtipos de violência por parceiro íntimo, visando a não estabelecer um agrupamento sob a forma de uma denominação comum. O agrupamento possibilitaria distinções da tipologia, tratamento mais apropriado dos perpetradores, avaliação dos riscos, bem como planejamento direcionado para as vítimas. Corroborando com essa perspectiva, Johnson acrescenta, ainda, três características consideradas de sua tipologia: casal como unidade de análise; inclusão do uso potencial de perpetração pelas mulheres; assim como mais atenção no contexto ampliado de controle e coerção no relacionamento entre parceiros íntimos.

Enfim, a terceira dimensão ressalta a percepção da função do controle coercitivo na violência entre parceiros íntimos no âmbito da legislação, que considera apenas a agressão física, sem observar o ato de coerção praticado. Acrescenta, ainda, a necessidade de inserção da coerção nos casos de crimes específicos, a fim de se obterem sentenças mais adequadas, tratamentos voltados para os agressores, como também planejamento que viabilize maior segurança das vítimas.

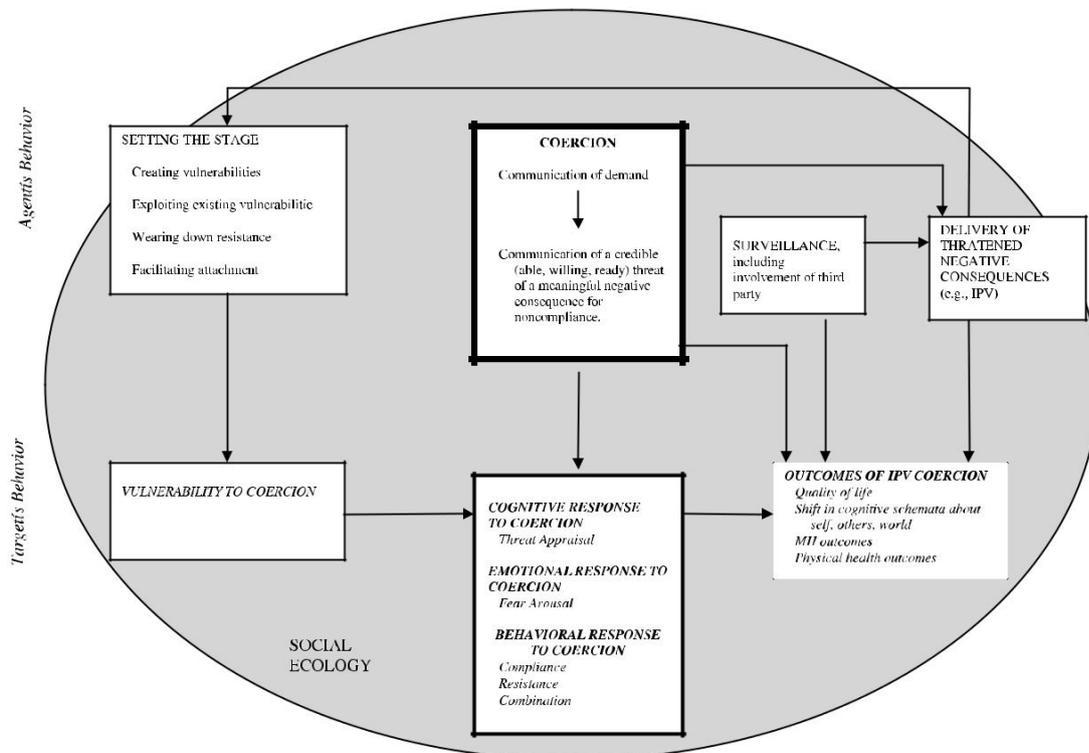
O Modelo proposto por Dutton e Goodman (2005) (Figura 01) para o controle coercitivo no âmbito da violência entre parceiros íntimos caracteriza este padrão comportamental como um processo dinâmico, regido por oito domínios que foram estabelecidos a partir das atuações

de âmbito clínico e legal, conforme preceitos estabelecidos pelas autoras e outros estudiosos especialistas da área.

A disposição desses componentes é compreendida dentro de um contexto amplo, denominado Ecologia Social, composta pelos seguintes fatores: econômicos, socioculturais, familiares, políticos e individuais. Assim, verifica-se que há uma interação entre esses fatores, proporcionando melhor entendimento do comportamento de controle coercitivo praticado pelo perpetrador.

Na parte superior do Modelo estão os domínios relacionados ao comportamento do agente (agressor): Preparando o Alvo, Coerção, Vigilância e a consequente resposta do alvo: Entrega de Consequências Negativas Ameaçadas. Na parte inferior, estão localizados os domínios do alvo (parceiro vitimizado): Vulnerabilidade para Coerção; Respostas Cognitiva, Emocional e Comportamental para Coerção; assim como os Resultados da Coerção para Violência por Parceiro Íntimo.

Figura 01 – *Model of coercion in intimate partner violence*



Fonte: DUTTON e GOODMAN (2005, p. 746, adaptado).

A interligação dos componentes expressa a dinâmica e a natureza complexa do processo, revelando a coerção como elemento central de ligação entre a demanda (agressor) e as consequências decorrentes. Nessa interlocução, observa-se que a coerção é o componente central desse padrão de controle regido pelo agressor. A operacionalização desse domínio é composta por duas partes: demanda e ameaça.

As ameaças coercitivas são circunstanciais e envolvem manifestação em relação à demanda e ameaça credível interligada. No controle coercitivo, a conformidade com a demanda do agressor se caracteriza como componente essencial nesse processo. A comunicação utilizada para materialização da demanda pode ocorrer explícita ou implicitamente, revelando a forma de interlocução entre os parceiros envolvidos.

Salienta-se, ainda, que a demanda coercitiva deve estar associada à ameaça credível, pois, não ocorrendo a consequência almejada, a demanda perderá o sentido coercitivo desejado pelo agressor. Esse desfecho está relacionado com as ações realizadas pelo agressor no domínio “Preparando o Terreno” para o ato coercitivo, expressando a magnitude da credibilidade da ameaça para o parceiro alvo (vítima). Havendo a concretização da ameaça coercitiva, consequentemente, a credibilidade do alvo aumenta.

A partir da construção teórica de Dutton e Goodman (2005), que restabeleceram os fundamentos teóricos do controle coercitivo nos trabalhos clássicos referenciais de French (1959) e Raven (1992; 1993), Johnson (2006 a) procedeu sua discussão sobre este fenômeno nas relações entre parceiros íntimos especialmente no âmbito de sua tipologia e percebeu que os resultados encontrados na esfera das táticas de controle do tipo terrorismo íntimo correspondiam ao modelo teórico de controle coercitivo dos autores supracitados.

Nesse âmbito, foi observado ainda que o Modelo de Duluth (PENCE, PAYMAR, 1993) contém as representações mais utilizadas do terrorismo íntimo. Por outro lado, as táticas de controle reveladas não decorreram de uma análise de fundamentação teórica, mas do depoimento de mulheres vítimas de abuso por seus parceiros, pois este projeto de intervenção teve o propósito de desenvolver abordagem educacional e aconselhamento para as participantes mantidas sob o poder e controle de seus parceiros agressores (JOHNSON, 2006a).

Em quase três décadas, o crescimento das investigações sobre abuso entre parceiros íntimos destacou-se pela predominância nas áreas acadêmica e terapêutica, com divisão dos fenômenos violentos, ameaçadores ou abusivos em áreas distintas, que vinham sendo definidos sob o senso de abuso doméstico e, recentemente, como violência por parceiro íntimo (CARNEY; BARNER, 2012).

Os autores supracitados ressaltam também que o delineamento ou associação dos aspectos clínicos (comportamento de perseguição, coerção sexual, agressão emocional) e os fatores relacionais associados às divergências manifestas entre os sexos foram predominantes nos estudos da área de violência entre parceiros íntimos.

Nesse plano investigativo, ressaltam-se as contribuições para o quadro tipológico de Johnson (2008) e Stark (2006), pela caracterização clínica e relacional de um padrão de violência por controle coercitivo, destacadas pela singularidade investigativa da não inclusão de agressão física nos comportamentos de natureza violenta ou agressiva que partilham desse contexto (ALLEN, 2013; CROSSMAN; HARDESTY; RAFFAELLI, 2016).

Assim, apesar da centralidade da pesquisa e veiculação dos meios de comunicação na perpetração da violência física, observa-se que a magnitude das consequências e abrangências do abuso psicológico e emocional é significativa para suas vítimas, considerando que, em diversas situações, compõe o quadro abusivo, inclusive com a presença das manifestações de violência física (BREIDING; CHEN; BLACK, 2014; STARK, 2010).

A vitimização vivenciada entre parceiros íntimos com controle coercitivo apresenta possibilidades de variações, considerando os elementos componentes dos fatores individuais (personalidade, insegurança, crenças) e situacionais (localização geográfica, uso de álcool ou drogas ilícitas). Nesse cenário, os estudos têm investigado, essencialmente, o relacionamento de casais mais jovens (JOHNSON; LEONE; XU, 2014; MESSINGER et al., 2014; BUZAWA; BUZAWA; STARK, 2017).

Nessa perspectiva, o fator idade revela que a vitimização por parceiro íntimo ocorrida entre casais mais jovens se apresenta de maneira diferente, quando comparada com casais de idade mais avançada. Especialmente para mulheres na faixa etária entre 18 (dezoito) e 24 (vinte e quatro) anos, que apresentam risco mais significativo de se tornarem vítimas de homens mais jovens, quando comparadas com indivíduos adultos mais velhos. Entretanto, é incipiente a exploração investigativa sobre como a idade da pessoa vitimizada poderá interagir com o fator sexo para delinear a caracterização das experiências de controle coercitivo (CATALANO, 2012; BREIDING; CHEN; BLACK, 2014; POLICASTRO; FINN, 2017).

Carney e Barner (2012), em ampla revisão contemporânea sobre três aspectos da violência por controle coercitivo, envolvendo o abuso emocional / psicológico, a coerção sexual e os comportamentos de perseguição ou obsessivo, observaram que a violência entre parceiros íntimos se manifestou sob duas formas: com perpetração de violência física, e outro tipo que é velado e exibe várias facetas (JOHNSON, 2008).

De acordo com os autores, o abuso emocional / psicológico, coerção sexual e perseguição apresentaram diferentes comportamentos dos valores de prevalência. Foi observado que nos estudos comunitários e clínicos que optaram por metodologias, instrumentos de coleta e amostragens iguais ou similares revelaram variâncias bem mais expressivas, em oposição com aqueles que diversificaram as estratégias apontadas. Nos estudos que utilizaram metodologia mista, as variâncias para os valores de prevalência se revelaram mais comparáveis e até bem maiores, em situações específicas.

Finalmente, o caráter de gênero revelou similaridades e divergências justificadas pelo processo de coleta dos relatos de perpetração de violência por parceiro íntimo e de violência por controle coercitivo; assim como pelo recrutamento e tratamento dos dados de prevalência e incidência.

3.3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE DE JOVENS: PERSPECTIVA TEÓRICA E TIPOLOGIA

As investigações sobre família têm discutido mais amiúde sobre a simetria (bilateralidade) dos eventos violentos entre parceiros íntimos nas relações de natureza heterossexual. Em um polo, tendo como base os estudos feministas, as evidências apontam que, essencialmente, a perpetração é cometida por homens contra suas parceiras. Por outro lado, pesquisas no campo da violência familiar sustentam que mulheres cometem as agressões no mesmo patamar que seus parceiros masculinos (JOHNSON, 2006; STRAUS, 2006; ALI; DHINGRA; McGARRY, 2016; LOVE et al., 2018).

Nas duas últimas décadas, estudos também buscaram uma classificação para os diversos tipos de violência entre parceiros íntimos, considerando a ótica das similaridades e divergências nos padrões do evento violento (ALI; DHINGRA; McGARRY, 2016).

Com ampla experiência, por mais de três décadas de estudos e demais atividades acadêmico-científicas, o pesquisador Johnson (1995; 2006; 2006a; 2008; 2011; 2014; 2017) vem estabelecendo uma trajetória de estudos sobre a tipologia da violência entre parceiros íntimos, evidenciando que existe mais de um tipo dessa forma de violência, e que os mais frequentes apresentam aspectos diversos na quase totalidade.

Nessa perspectiva, outras pesquisas também vêm apontando controvérsias inter-relacionadas, que podem ser caracterizadas pelas seguintes considerações: a violência por

parceiro íntimo não pode ser considerada como um fenômeno unitário; há divergência sobre as estratégias utilizadas para o processo de amostragem dos sujeitos pesquisados; as diferenças de estratégias proporcionam resultados com diferentes formas de violência; assim como as tipologias apresentam diferenças na comparação entre os gêneros (JOHNSON, 2006). Essas inconsistências estão justificadas pelas diferenças no processo de amostragem, que apontam, por um lado, a autoria de perpetração pelo sexo masculino a partir de dados extraídos de fontes Institucionais (tribunais, departamento de polícia, hospitais, instituições de abrigos, entre outros); e, por outro lado, os dados oriundos de amostras representativas de pesquisas evidenciam a simetria (bilateralidade) de perpetração entre parceiros (JOHNSON, 2011).

De acordo com estudiosos, os resultados dos dados de ambas as origens caracterizam o enviesamento das amostragens, justificadas pela escolha tendenciosa dos métodos, produzindo resultados que divergem expressivamente da realidade quanto à manifestação e tipologia dos eventos violentos. Em amostras aleatórias, observam-se elevadas taxas de não resposta, gerando resultados com interpretações contraditórias em função da falsa imparcialidade. Esse problema reflete nos resultados das investigações, revelando altos índices de violência situacional entre parceiros e baixos índices para os eventos violentos nominados de terrorismo íntimo e resistência violenta, em função da recusa de respostas pelos sujeitos da pesquisa (LOVE et al., 2018).

Nas Instituições (exemplos supracitados), as informações que despertam interesse são aquelas que apresentam gravidade ou ocorrem de forma crônica, tendendo para os tipos terrorismo íntimo e resistência violenta, perfil similar aos estudos de auto relato (banco de dados *on-line*, canais de ajuda, entre outros) (JOHNSON, 2011; LOVE et al., 2018).

Por outro lado, em amostragens de pesquisas que utilizam abordagens mistas, especialmente naquelas que tratam dos três tipos principais de eventos (terrorismo íntimo, resistência violenta, violência situacional do casal), observa-se que questões de gênero estão presentes, como no terrorismo íntimo e resistência violenta; enquanto se verifica a simetria – bidirecionalidade – de perpetração entre homens e mulheres no tipo violência situacional do casal.

Johnson (2017) aponta, ainda, três problemas que vêm persistindo na perspectiva de compreensão da relação entre gênero e violência por parceiro íntimo: o primeiro é considerado mais evidente e é fortalecido pelo viés ideológico na medida em que afirma que as mulheres possuem comportamento violento da mesma maneira que homens; o segundo problema está relacionado com a negligência, por não se fazer a distinção de tipologias da violência por parceiro íntimo. Essa omissão implica problemas metodológicos e resultados relacionados à

tipologia. Essas complicações conduzem a uma generalização equivocada de determinado tipo, através de resultados que não correspondem à realidade investigada.

Finalmente, o terceiro problema é detectado quando a estratégia metodológica utilizada é a análise de Cluster, na tentativa de diferenciar situações de violência e de terrorismo íntimo, mas a amostra investigada não inclui os dois tipos de violência por parceiro íntimo (terrorismo íntimo e violência situacional do casal), resultando no dado de controle próximo da média (ultrapassando de forma discreta), com caracterização para o tipo violência situacional do casal.

Na perspectiva de identificar a distinção entre os tipos de violência entre parceiros íntimos heterossexuais, vale salientar que o evento violento faz parte de um amplo cenário regido por táticas de controle, e necessita considerar o comportamento revelado pelo parceiro em relação à violência vivenciada. A premissa é examinar a diversidade de comportamentos e atos não violentos e controladores a fim de detectar aqueles indivíduos que expressem razão ampla para este padrão de comportamento.

Portanto, na perspectiva de aplicação da “Teoria de Gênero”, a tipologia estruturada por Johnson (2008), serão discutidos os tipos principais: Terrorismo Íntimo, Resistência Violenta, Violência Situacional do Casal e Controle Violento Mútuo, ressaltando as especificidades, bem como a inter-relação desses padrões com a referida Teoria.

3.3.1 Terrorismo Íntimo

Este tipo de violência ocorre quando o indivíduo assume comportamento violento e controlador, de amplitude geral e contínua, na relação com um parceiro que não seja violento ou se revele como violento e não controlador. Em fase inicial, Johnson (1995) denominou esse padrão de *Terrorismo Patriarcal*, mas reconhece que não são todos os comportamentos que têm bases patriarcais, nem as perpetrções têm autoria exclusivamente masculina. A aversão à utilização desse termo foi discutida na Wingspread Conference, em 2007 (KELLY; JOHNSON, 2008).

A violência ou ameaça é utilizada como tática pelo perpetrador com o intuito de obter o controle amplo sobre o parceiro íntimo. Assim, são necessárias quatro condições para estabelecer essa configuração de relacionamento: motivação do agressor para assumir o controle sobre seu parceiro; circunstâncias interpessoais e estruturais: aquelas que não permitem que o comportamento de controle ocorra, ao menos sem ameaça de violência; aquelas

que incentivam ou não permitem o uso ou ameaça do comportamento violento para manter o controle; e as que não permitem ao parceiro vitimizado deixar o relacionamento (JOHNSON, 2006a).

Segundo Johnson, Leone e Xu (2014), a aplicação da Teoria de Gênero ao terrorismo íntimo revela que o elemento central de domínio se dá pelo masculino sobre o feminino, cercado pelo controle coercitivo. Nesse sentido, os autores ressaltam que esse padrão de controle é regido por determinados motivos que se fazem presentes no contexto da relação: o uso de ameaças como tática exercida pelo agressor na intenção de manter essa coerção, tendo a execução dessa prática maior probabilidade de ocorrer pelo agressor masculino; a implicação do terrorismo com a misoginia e tradicionalismo de gênero; a representação do poder masculino nas relações de parceiros íntimos caracterizando questões de gênero, que é fortalecida no modelo patriarcal.

Em análise mais profunda dos agressores, os autores se apoiaram no estudo desenvolvido por Holtzworth-Monroe e Stuart (1994), que identificaram três tipos de perpetradores (“Disfórico-Limítrofe”, “Violento e Antissocial”, “Somente Família”), dos quais dois foram caracterizados por terroristas íntimos e um inserido em comportamento de violência conjugal. A distinção entre os grupos se deu em função dos terroristas íntimos expressarem altas pontuações com atitudes patriarcais / misóginas, em relação àqueles não violentos ou inseridos em violência conjugal (JOHNSON; FERRARO, 2000).

Ao discutir sobre os tipos de perpetradores, Johnson (2006a) denominou o primeiro (“Disfórico-Limítrofe”) de terroristas íntimos emocionalmente dependentes, por apresentarem pontuações elevadas em personalidade limítrofe, dependência e ciúme. Possuem consistente ligação com o parceiro e, por esse motivo, necessitam mantê-lo sob controle para não se desvincularem do mesmo. De forma geral, não revelam comportamento violento com outras pessoas, nem o perfil de criminalidade. O segundo tipo (“Violento e Antissocial”), chamado de terroristas íntimos sociopatas, tem expressivas pontuações de comportamento antissocial; comportamento violento com outras pessoas, fora da relação; assim como envolvimento com atitudes criminosas.

Nesse quadro analítico, os perfis comportamentais dos tipos violentos encontrados exibem distanciamento das atitudes patriarcais / misóginas, bem como da perspectiva de gênero, em detrimento da generalização das afirmações sobre a violência entre parceiros íntimos. Entretanto, observa-se que, no caso das relações de casais heterossexuais, o terrorismo íntimo é exercido, prioritariamente, por indivíduos do sexo masculino.

Enfim, a consistência de grande parte dos conhecimentos sobre este tipo de violência é atribuída aos estudos de abordagem qualitativa com profundidade na exploração dos resultados, em amostras de ambientes específicos (Instituições).

3.3.2 Resistência Violenta

Esta violência pode ser caracterizada pelo ato não controlador e em resposta ao terrorismo íntimo. Nessa relação abusiva, o parceiro vitimizado reage com uso de violência, como maneira de suportar ou se defender, e pode ser caracterizada pela situação em que a pessoa é violenta e descontrolada, mas seu parceiro é violento e controlador. Na relação heterossexual, a condição física feminina pode agravar o quadro violento em função da reação de enfrentamento ao seu agressor, principalmente aquele que faz uso da violência física (KELLY; JOHNSON, 2008; LEITÃO et al., 2013).

Johnson (2006a) ressalta três fundamentos que considera essenciais em perspectiva desenvolvimentista e pertinentes ao comportamento reativo do parceiro como resposta à dinâmica da violência sofrida. A primeira condição é o comportamento violento, que ocorre quando há reação ao ataque violento sofrido. A segunda se caracteriza pela resistência de forma violenta, como mecanismo de reação / enfrentamento ao terrorismo íntimo. A terceira, finalmente, consiste em ataque fatal de vítimas ao perpetrador do tipo terrorista íntimo, que pode ser decorrente de atitudes desesperadoras, em relacionamentos não mais suportáveis.

Nesse aspecto, entre os casos de terrorismo íntimo de casais heterossexuais, aproximadamente em dois terços, a mulher utiliza violência como mecanismo de resposta ao comportamento violento sofrido pelo parceiro. Utilizando a estratégia inicial de conformismo, com o intuito de sair do padrão de controle a que está submetida pelo agressor, a maior parte dessas vítimas termina fugindo da relação (JOHNSON, 2017).

De outro modo, as respostas violentas dessas vítimas podem ser materializadas em incidentes com desfechos graves, pois essas mulheres podem cometer homicídios contra seus parceiros coercitivos e violentos, assim como tentativas de as mesmas cometerem suicídio, em razão da impossibilidade de saírem ou sobreviverem ao contexto relacional violento (KELLY; JOHNSON, 2008).

3.3.3 Violência Situacional do Casal

Esta forma de violência foi, inicialmente, intitulada como Violência Conjunta dos Casais. A violência situacional ocorre quando o relacionamento envolve uma pessoa com comportamento violento e descontrolado na relação com um parceiro que não seja violento e descontrolado (JOHNSON, 2006a; KELLY; JOHNSON, 2008).

De acordo com Leitão et al. (2013), na violência situacional, os atos podem apresentar similaridade aos praticados no terrorismo íntimo; entretanto, a divergência está relacionada à dinâmica comportamental da relação, caracterizada pela ausência de controle coercitivo. Esse contexto relacional é formado por conflitos que podem provocar reações violentas de um parceiro ou de ambos através de ato esporádico com pequena magnitude, ou contínuo e crônico para externalização de frustração e sentimento de raiva.

O conhecimento teórico sobre a dinâmica entre parceiros íntimos nesse tipo de violência envolve obstáculos metodológicos por conta da variedade de padrões comportamentais violentos na relação. Nesse sentido, algumas investigações têm feito investimentos com amostragens representativas da população. Entretanto, verificam-se lacunas nas abordagens qualitativas que permitem maior aprofundamento na tipologia, manifestação e mecanismos interpessoais dos eventos para melhor compreensão desse fenômeno de caráter multicausal (JOHNSON, 2008).

A configuração do relacionamento violento crônico entre casais heterossexuais é regida por uma gama de conflitos, mas que podem ser reunidos em três vertentes principais: problemas de abrangência individual (uso abusivo de drogas ilícitas, consumo excessivo de álcool), problemas de relacionamento do casal (coordenação interpessoal, sexo, padrões de comunicação) e problemas sociais gerais (pobreza, racismo, violência comunitária) (JOHNSON, 2006a).

Assim, os fatores conflituosos podem ser analisados em função do papel exercido por cada parceiro do casal, envolvendo, inclusive, questões de gênero. Vale salientar que a literatura sinaliza a presença de bilateralidade – simetria de comportamento violento entre parceiros íntimos –, sendo que a presença dessa violência provoca sérias consequências (STRAUS, 1999; ARCHER, 2000; JOHNSON, 2011).

3.3.4 Controle Violento Mútuo

Nesse tipo, observa-se um padrão de parceiros que cometem violência concomitantemente. Nesse contexto, ambos os parceiros exibem comportamento violento e controlador, e teríamos a mútua disputa de terroristas íntimos na busca do controle geral e coerção (JOHNSON, FERRARO, 2000; 2006a).

Para Johnson e Ferraro (2000), ainda existem lacunas no conhecimento e nas investigações sobre a violência bilateral e simétrica entre casais íntimos, sinalizando a necessidade de explorações científicas e difusão desse conhecimento.

Corroborando com a escassez de estudos nesta área, Durfee (2011) adverte, também, que casos sobre violência entre parceiros íntimos não devem ser padronizados, pois relacionamentos denominados Controle Violento Mútuo, na verdade, podem ser casos de resistência violenta, sendo necessário ampliar a discussão e pesquisas, visando à melhor compreensão dessas questões na busca de prevenir e intervir em favor da saúde mental das novas gerações evitando, assim, a transmissão intergeracional da violência íntima familiar.

3.4 TEORIAS E MODELOS EXPLICATIVOS DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Neste capítulo, realizou-se um percurso sobre os fundamentos das principais teorias e modelos que discutem a violência nas relações de intimidade. Esse objeto de estudo expressa complexidades, quando analisado nos relacionamentos que envolvem casais jovens e heterossexuais, visto que a literatura privilegia o relacionamento conjugal, que apresenta características divergentes das relações de namoro, a exemplos de compromisso, dependência financeira, coabitação, entre outras questões.

Observa-se, então, a existência de três campos teóricos distintos, porém inter-relacionados, que contribuem para uma melhor compreensão das questões que envolvem essa temática, sendo designados em teorias intra-individuais, teorias sistêmicas e teorias socioculturais.

Nesse sentido, os estudos em cada campo teórico evidenciam o conhecimento mais aproximado sobre a temática, revelando seus avanços e limitações diante da complexidade do

fenômeno da violência nas relações de intimidade. Ao mesmo tempo, há a necessidade de uma simbiose entre esses campos teóricos no sentido de proporcionar evidências mais consistentes diante do processo de fundamentação sobre os aspectos que constituem essa temática na população jovem.

Assim, os modelos multidimensionais assumem destaque na perspectiva de reunir aspectos relacionais pertencentes aos referidos campos teóricos. Nesse âmbito, destaca-se o modelo ecológico, que reúne os sistemas vinculando-os entre si, envolvendo os ambientes que circundam o indivíduo (domicílio, Escola, família, amigos), seus segmentos sociais (formal, informal) e sua vinculação aos sistemas socioeconômico, educacional, político e legal.

Após a constituição dos fundamentos que estruturaram este capítulo, houve a necessidade de optar por uma posição teórica que reunisse os principais aspectos evidenciados nos resultados da presente pesquisa, explicitando a dinâmica comportamental violenta assumida pelo agressor em relação à vítima, revelando o caráter de gênero com perpetração masculina.

Portanto, nesse contexto, a posição teórica assumida na presente pesquisa converge para os princípios/preceitos da Teoria da Masculinidade Hegemônica desenvolvidos por Connell (1995; 2005), aproximando-se dos aspectos que regem esta dinâmica relacional violenta e assumindo um padrão de práticas que estabelecem o masculino como esfera dominante sobre o feminino, evidenciando a legitimação do patriarcado, discutido ao final do capítulo.

A trajetória de investimento da produção teórica-científica sobre a violência nas relações de intimidade enfatizou a relação conjugal entre adultos como principal foco de estudo, em detrimento de outras formas de relacionamento. Nesse cenário, a complexidade que envolve o aspecto conceitual e sua aplicabilidade, as questões éticas relacionadas à participação da população jovem nas pesquisas, assim como a ausência de legislação específica inviabilizam a evidência e conhecimento dessa forma de violência como fenômeno social (CARIDADE; MACHADO, 2013).

Assim, de acordo com estudiosos (MATOS, 2006; CARIDADE; MACHADO, 2006; 2013; CAVANAUGH, 2012), as investigações se debruçaram na perspectiva de respostas sobre o motivo do comportamento violento dos homens contra suas parceiras, e os estudos priorizaram três pilares desenvolvidos de forma gradativa e sequencial. Em primeiro lugar, investiu-se no conhecimento dos índices de prevalência de perpetração e vitimização nas diversas formas de abuso. Entretanto, apesar da maior atenção dos estudos para a violência física, vem crescendo o interesse pelas violências psicológica e sexual, e a inserção das características de gênero envolvendo vitimização e agressão também vem ganhando destaque nas pesquisas.

Em segundo lugar, a atenção dos estudos esteve voltada para os fatores de risco possíveis de desencadear comportamentos violentos nas relações íntimas, buscando diferenças nas características relacionadas às vítimas e agressores. Finalmente, o terceiro pilar de interesse objetivou a promoção de projetos de prevenção primária voltados para populações jovens por meio da conscientização sobre a magnitude e consequências geradas pela violência interpessoal e, ao mesmo tempo, estimular relações saudáveis. Dessa forma, faz-se necessário alcançar explicações que possam atender à etiologia desse problema, a fim de reunir as diferentes proposições teóricas acerca do avanço conquistado nessa área (MATOS, 2006; CAVANAUGH, 2012).

Nessa perspectiva, a literatura sobre a teoria da violência nas relações íntimas apresenta confluência das principais sustentações em três dimensões distintas: teorias intra-individuais (intrapessoais / fatores biológicos e intra-individuais); teorias diádicas-familiares (interpessoais / dinâmicas e sistêmicas); e as teorias socioculturais, visando maior aproximação com este objeto de estudo, assim como discussão sobre os aspectos de maior relevância, para melhor compreensão desse fenômeno.

Para atender aos requisitos deste capítulo, além de abranger as dimensões citadas nessa composição e buscar maior elucidação do problema, especialmente pela exploração da natureza multicausal e possíveis convergências teóricas, são contempladas as perspectivas multidimensionais e integrativas (MATOS, 2006; WOODIN; O'LEARY, 2009; DIAS, 2012; CARIDADE; MACHADO, 2013; GONZÁLEZ, 2013).

3.4.1 Teorias Intra-Individuais

Estas perspectivas teóricas fazem parte das contribuições explicativas iniciais da violência nas relações íntimas. De maneira geral, buscam compreender como os perpetradores agem, em função de suas características biológicas e psicológicas; e, em menor escala, explicar sobre a personalidade das vítimas, e qual o perfil psicológico que justifica a agressão ou aceitação. Os pressupostos dessa corrente teórica consideram, essencialmente, experiências das formas de violência vivenciadas precocemente, em interligação com condições situacionais específicas (MATOS, 2006; BAPTISTA, 2014; MOURÃO, 2014; SILVA, 2017).

No âmbito da psicologia, os diversos estudos revelam que os fatores de risco para a agressão estão concentrados sob diferentes perspectivas: psicopatológicas, apontando que o

perpetrador está em estado enfermo ou de perturbação; características relacionadas a sua personalidade; dificuldades de ultrapassar obstáculos; e, conseqüentemente, manifestação do sentimento de raiva (BUZAWA; BUZAWA, 1996; JASINSKI; WILLIAMS, 1998; HARWAY; O'ONEIL, 1999; MATOS, 2006; KING, 2012).

Outros fatores aliados a variáveis individuais são apontados como responsáveis pela causa da perpetração e estão inseridos no contexto da vivência prévia dos indivíduos (exposição à violência interparental, sofrer abuso sexual na infância), associados aos fatores situacionais (consumo de álcool, drogas ilícitas, relacionamentos conflituosos) (CARIDADE; MACHADO, 2013; BAPTISTA, 2014).

Quanto à causalidade biológica para o comportamento violento, defende-se que condições específicas dessa natureza podem auxiliar na explicação dessas atitudes. Entretanto, há contestação sobre a exclusividade da causa genética como fator elucidativo. Para a vítima, as evidências destacam as divergências entre mulheres agredidas e aquelas que não sofreram maus-tratos, na perspectiva de identificar as razões que mantêm a vítima no relacionamento com padrão violento. Algumas explicações atribuem à condição patológica ou estado de inércia psicológica da vítima para aceitar e permanecer na situação de violência (MATOS, 2006; VELOSO, 2013).

Apesar das teorias intra-individuais apresentarem o comportamento pessoal como as primeiras manifestações dos fatores causais da violência nas relações íntimas, essas explicações têm se mostrado pouco eficiente para o tratamento desse fenômeno, considerando que fatores sociais ou comunitários podem exercer influências potenciais nessa situação.

Os autores apontam as limitações dessa teoria no comportamento do indivíduo, pois traços de personalidade atribuídos ao agressor não apresentam compatibilidade com as categorias de doença mental, como também não há um perfil comum que caracterize o agressor masculino. Outro aspecto limitante é o consumo de álcool, podendo interferir no comportamento agressivo que, associado à violência, representa problema distinto, com conseqüências diferentes para perpetrador e vítima (MATOS, 2006).

No que se refere às mulheres, há fragilidades no contexto da patologização das vítimas devido ao reduzido número de mulheres nessa condição, necessitando de mais estudos nessa área. Salientam-se, ainda, problemas de natureza metodológica, com as amostras restritas a setores específicos. Como conseqüência, salientam-se a centralidade na medicalização do fenômeno (uso sucessivo de diagnósticos clínicos) e a permanência da vítima no relacionamento, desvirtuando o verdadeiro foco da problemática (VELOSO, 2013).

Portanto, as inconsistências decorrentes das explicações intra-individuais revelam dificuldades para a compreensão da violência na intimidade, visto que não são considerados os fatores socioculturais e contextuais no processo de análise dessas situações de violência interpessoal. Agressor e vítima fazem parte de um quadro desigual que extrapola a responsabilização de exclusividade biológica e/ou psicológica do agressor, assim como a descrição da personalidade da vítima, a fim de identificar sua permanência na relação violenta.

3.4.2 Teorias Diádicas-Familiares

O corpo teórico que representa as perspectivas diádicas-familiares converge suas explicações para os contextos (familiares) e modelos de relações em que se manifesta a violência. Nesse sentido, o conflito ocorrido entre os componentes da família é considerado de natureza global e irremediável, sendo que a violência é o mecanismo de resolução utilizado por esses componentes (LAWSON, 2012; BAPTISTA, 2014).

Esse caráter normativo da violência familiar tem como pressuposto que a unidade de análise é a família, sendo a violência entre parceiros parte integrante do âmbito familiar. Assim, para compreender a violência nas relações de intimidade, torna-se necessário conhecer o porquê da utilização da violência pelos membros familiares para resolução de seus problemas.

Com esse propósito, várias teorias têm sido mobilizadas na perspectiva de auxiliar nesse entendimento. Assim, serão discutidas: teoria dos sistemas e teoria da subcultura da violência. Em seguida, será abordada a teoria da transmissão geracional da violência, em virtude de ser a mais requisitada pelos estudiosos que atuam nessa área.

3.4.2.1 Teoria dos Sistemas

Essa teoria foi proposta pelo sociólogo Straus (1973), que preconizou a inserção dessa teoria ao contexto familiar. Originalmente, preserva o princípio da violência familiar como regra e o conflito caracterizado como produto sistêmico e de caráter geral. Essa proposta assinala que esse sistema deve responder ao *feedback* de interações ocorridas em seu interior:

quando o *feedback* for positivo, haverá crescimento ou intensidade da violência; e quando negativo, ocorrerá diminuição ou controle.

Corroborando com esta perspectiva, Giles-Sims (1983) afirma que a teoria esclarece a causalidade dessa violência, conseguindo abranger seu teor de complexidade: assegura que o conflito no seio familiar é comum e não pode ser evitado; como também a administração do conflito é feita pela própria família, sob a justificativa de entender o motivo de usar a violência para este fim.

Nessa abordagem, a violência é produto da disfunção familiar (problemas de comunicação, dificuldades de expressar sentimentos, ausência de limites) e cisão com o mundo externo. Decorre da interação de todos os componentes do sistema de relações, em que agressores e vítimas estão envolvidos ativamente no conflito (DIAS, 2012).

Mesmo considerando o progresso conquistado no processo de análise do padrão interativo de violência, esta teoria é passível de críticas, especialmente pelo fato de determinadas proposições não desvendarem de forma sucinta a violência na intimidade. A responsabilização mútua atribuída aos parceiros íntimos por participarem desse processo de interação pode não corresponder à realidade (causalidade circular) (MATOS, 2006).

No campo de investigação transcultural, a crítica teve base no pressuposto de que as violências no contexto familiar estão associadas. Em contestação, resultados de estudos revelaram parcialidade entre abuso de crianças e mulheres, e outros apontaram diferenças no espancamento de mulheres e abuso de crianças, suscitando explicações distintas. Enfim, a preocupação com a distribuição de poder (família e sistema macrossocial), assumindo caráter assimétrico de gênero (DIAS, 2012).

3.4.2.2 Teoria da Subcultura da Violência

Os autores de base e responsáveis pelo desenvolvimento dessa teoria são Wolfgang e Ferracuti (1967), que trazem como premissa o campo da criminologia. A aproximação dessa perspectiva com os estudos sobre violência por parceiro íntimo justifica-se pelo fato de pesquisadores da área de violência familiar (GELLES; STRAUS, 1979; GELLES, 1993) divulgarem esta teoria através da literatura que discute violência nesse contexto (LAWSON, 2012).

Ainda segundo o autor supracitado, na perspectiva teórica dos precursores dessa teoria, observou-se que a ocorrência da violência não é similar entre grupos na esfera social, incidindo em regiões urbanas menos favorecidas economicamente. Em virtude dessa maior centralização e especificidade, admite-se a existência de um complexo de valores (a exemplo das relações interpessoais) que possibilita a materialização da violência. Assim, ao serem direcionados para o âmbito da violência familiar, os grupos nessa condição apresentam graus mais acentuados de violência em função das atitudes, normas e valores estabelecidos entre os mesmos.

Em estudo transcultural, Acher (2006) apontou que comportamentos de natureza sexistas e aceitação de agressões contra mulheres seguiam variações inerentes aos índices de vitimização. Resultados também foram compartilhados por Matos et al. (2006), segundo os quais a aprovação da violência foi evidenciada entre os agressores como forma de punição no contexto conjugal. Entretanto, há discordância com esses achados porque, mesmo reprovando a violência, os sujeitos concebem sua prática em determinadas situações e formas, a exemplo da violência nas relações íntimas (DIAS, 2012).

No plano teórico, esta abordagem recebe críticas em função de: a) não esclarecer sobre o surgimento ou mudanças de razão temporal das normas da subcultura; b) não considerar as especificidades que diferenciam a violência na família daquela que ocorre na área criminal (ligação emocional compartilhada entre o agressor e a vítima; circunstâncias de intimidade entre os envolvidos; vítima feminina também assume a autoria do comportamento agressivo); e c) a redução da explicação causal a grupos menores e específicos, implicando um modelo deturpado dos aspectos culturais e valores relacionados aos mesmos (MATOS, 2006; DIAS, 2012).

3.4.2.3 Teoria da Transmissão Intergeracional da Violência

No conjunto investigativo das teorias que compõem as perspectivas diádicas-familiares, a transmissão intergeracional assume maior ênfase. Essa perspectiva tem como pressuposto a Teoria de Aprendizagem Social (BANDURA, 1973; 1977; 2005), ao assegurar que o comportamento do sujeito é definido pelo ambiente em que o mesmo está inserido, especialmente pelos membros familiares, por meio dos seguintes mecanismos: observação, reforço, modelagem ou coação (OLIVEIRA; SANI, 2009; BAPTISTA, 2014; BOLZE, 2016).

Nesse sentido, o indivíduo que tenha experienciado violência interparental na infância, como exposição ou vítima, terá maior possibilidade de replicar o comportamento violento,

como também poderá ser mais complacente frente ao padrão abusivo. A situação vivenciada poderá implicar a legitimação da violência como solução apropriada para se resolver o problema. Além disso, o uso de violência interpessoal é visto como atributo mais positivo do que negativo, proporcionando mais viabilidade para a utilização do comportamento abusivo (CARIDADE; MACHADO, 2013).

Por outro lado, Matos (2006) adverte que a aprendizagem através da modelagem, além de atitude e comportamento, envolve outros mecanismos decorrentes da exposição ao contexto de violência, com destaque para determinados aspectos da personalidade que embasam o abuso na intimidade (disparidade na expressão de sentimentos diante de rejeição). De outra maneira, ressalta-se que, além da legitimação da violência pela exposição (direta ou indireta), a família pode exercer a função de transferência de valores ideológicos e sociais, desencadeadores de comportamentos violentos (atos e crenças sobre os papéis de gênero).

O mecanismo da modelagem envolve quatro processos que se encontram associados: o indivíduo precisa ter atenção às instruções que lhe são fornecidas; observações devem ser compiladas de alguma maneira, com o intuito de serem simbolizadas na memória do indivíduo; as representações são convertidas em padrões de reprodução do comportamento; e necessidade de estímulos suficientes para execução da aprendizagem (MOURA, 2012).

A dinâmica comportamental é induzida pelos atos de observação e reprodução, condicionados através de distintos reforços. O comportamento violento revelado não precisa, necessariamente, ser idêntico ao que fora observado pelo indivíduo, havendo possibilidade de reprodução fiel ou de diferentes expressões. Assim, a aprendizagem ocorrida no ambiente familiar pelos jovens é replicada em outros contextos, como nas relações entre parceiros íntimos, assumindo o papel de agente de transmissão desse padrão comportamental violento com possibilidade de se tornar vítima ou perpetrador, e, assim, materializar a transmissão intergeracional de violência (LUTHRA; GIDY CZ, 2006; OLIVEIRA, 2009).

Essa aprendizagem caracterizada por Pollak (2004) como ciclo geracional de violência na intimidade, seja por exposição ou vitimização direta, permanecerá com base em três proposições: possibilidade do parceiro assumir o comportamento violento, que está subordinada a sua vivência em ambiente familiar abusivo; a possibilidade da parceira continuar com o parceiro na relação abusiva, que está condicionada a ter vivido em contexto violento na família; e a probabilidade dos parceiros que cresceram em famílias violentas serem propensos a estabelecerem uniões com pessoas que tiveram a mesma experiência.

Por outro lado, a Teoria da Aprendizagem Social revela que os indivíduos que não vivenciaram violência no âmbito familiar possuem maiores possibilidades de assumirem

modelos positivos dos relacionamentos, como também maneiras exitosas de enfrentarem os conflitos, se comparados com aqueles que passaram por essa experiência na família. Esta conduta favorável de comportamento pode ser estendida para outras situações da relação, como menor expectativa para suportar o comportamento violento do parceiro, podendo ser caracterizada como fator de proteção para relações violentas que venham a ocorrer (KWONG et al., 2003; OLIVEIRA, 2009).

As investigações sobre o processo de continuidade e descontinuidade da transmissão intergeracional tiveram impulso no final da década de 1990 e destacaram considerações para ambas as condições: o fenômeno da descontinuidade intergeracional revela-se mais frequente do que o da continuidade intergeracional; a continuidade do comportamento entre as gerações, pode ser resultado de uma esfera social abrangente e ligada às características do indivíduo, assim como aos processos do contexto familiar. Estudos subsequentes precisam priorizar, essencialmente, a localização de mecanismos que promovam a manutenção intergeracional, bem como fatores genéticos e sociais responsáveis pela continuidade do modelo comportamental entre pais e seus descendentes (BELSKY; CONGER; CAPALDI, 2009; CONGER; BELSKY; CAPALDI, 2009; BOLZE, 2016).

Os aspectos conceituais que regem as continuidades intergeracionais investigam a permanência da estabilidade na modelagem da relação e comportamento da família entre as gerações, com a premissa de que os mecanismos mediadores relacionados às vivências na infância proporcionam replicações do padrão comportamental entre gerações. Entre os mecanismos de continuidade intergeracional, destaca-se a repetição do ato violento entre descendentes do núcleo familiar (CAPALDI et al., 2003; BELSKY; CONGER; CAPALDI, 2009).

Os estudos envolvendo as descontinuidades intergeracionais versam sobre a interrupção da parentalidade entre as gerações, sob a perspectiva do mecanismo moderador, em que as relações entre o indivíduo e pessoas de seu ciclo de vida extrafamiliar podem ser responsáveis pela mudança comportamental, agindo de forma diferente daquela vivenciada em sua família (BELSKY; CONGER; CAPALDI, 2009; CONGER; BELSKY, CAPALDI, 2009).

Assim, o modelo da relação entre os pais geralmente representa o marco comum de convivência entre parceiros íntimos de exposição para a criança. Esta modelagem terá impacto em seu processo de socialização e, conseqüentemente, no convívio entre pares. Do mesmo modo, a experiência intrafamiliar irá contribuir para seu desempenho, no domínio das relações de intimidade (HARE; MIGA; ALLEN, 2009; BOLZE, 2016).

A concepção de aprendizagem social da violência acrescida de sua capacidade, na perspectiva de transmissão intergeracional, ressalta a magnitude das circunstâncias prévias de socialização na família, o valor dos programas de prevenção de natureza primária e secundária, como também a ação dos pares no padrão comportamental violento. Damos destaque para as relações de intimidade, e a inserção de crianças nas tarefas que envolvem utilização de táticas construtivas que estimulam o desenvolvimento de potencialidades na resolução de conflitos, visando a sua transmissão intergeracional (CUMMINGS; GOEKE-MOREY; PAPP, 2003; MATOS, 2006; HARE; MIGA; ALLEN, 2009; CARIDADE; MACHADO, 2013; BOLZE, 2016).

A complexidade que envolve a relação na exposição direta ou indireta à violência na família de origem e sua perpetração nas relações de intimidade apresenta limitações com explicações ainda insuficientes. De forma específica, as situações em que os indivíduos que experienciaram a violência familiar, mas não evidenciaram comportamentos violentos em suas relações íntimas e, de outro modo, aqueles que vivenciaram violência no contexto familiar, mas não revelaram comportamentos abusivos com suas parceiras íntimas (McCLOSKEY; LICHTER, 2003; OLIVEIRA; SANI; MAGALHÃES, 2012; CARIDADE; MACHADO, 2013).

Outro aspecto a ser ressaltado faz referência às questões metodológicas que envolvem os estudos nessa área, revelando inconsistência nos resultados que afirmam a transmissão intergeracional da violência. Esse problema é justificado em razão de que a maior parte das investigações tem como dados as informações retrospectivas das violências vivenciadas na infância, caracterizando a necessidade de estudos prospectivos (LICHTER; McCLOSKEY, 2004).

Além disso, é importante destacar as explicações do comportamento violento na intimidade, advindos do campo da criminologia. Nessas investigações, os indivíduos com este padrão comportamental costumam estar implicados em outras atitudes antissociais. Para concluir, considera-se, ainda, a ineficiência da ação parental, como precipitante da violência na relação entre parceiros jovens (CARIDADE; MACHADO, 2013).

3.4.3 Teorias Socioculturais

O campo de estudos que envolve as perspectivas socioculturais tem buscado explicar os princípios históricos, culturais e políticos que incidem sobre a violência contra a mulher. Neste cenário, as evidências são protagonizadas pelas abordagens críticas e pelos movimentos feministas que priorizam examinar as manifestações de natureza cultural e social, no processo de delineamento e medidas de intervenção da violência nas relações de intimidade (HYDEN; 1995; DIAS, 2004; MATOS, 2006).

Na sociedade patriarcal, o comportamento violento do homem contra a mulher é aceitável e naturalizado, sendo considerado necessário a fim de prevalecerem as estratégias de controle e poder fortalecidas historicamente (modo de dominação-exploração). Além disso, essa estrutura social determina as especificidades de gênero, atribuindo supremacia ao homem e submissão para as mulheres (SAFFIOTI, 2004; BAPTISTA, 2014; GONZALEZ, 2013).

Nesse contexto, ressaltam-se as contribuições de Bourdieu (2011) sobre a dominação masculina, que se reflete em uma perspectiva social do androcentrismo e se materializa através de ações habituais engendradas de maneira sutil e implícita, além do mecanismo de segregação social imposto ao feminino que, no conjunto, manifestam a violência simbólica.

A partir dessas asserções, Saffioti (2004) declara que a posição patriarcal também pode ser assumida pela mulher, com a particularidade de exercer o comportamento violento, enfatizando a essência do androcentrismo nas relações. Assim, no patriarcalismo, a dominação é exercida pelo gênero masculino, independente do sexo do perpetrador ou de quem seja o dominante na relação (OLIVEIRA, 2014).

As perspectivas feministas surgem como forte elo cultural, na perspectiva de atuarem sobre as questões relacionadas ao processo de discriminação e de violência na intimidade que assolam o papel da mulher na família e no âmbito social. Nessa direção, evidenciou-se o conceito de gênero que, através das contribuições dos campos da sociologia e antropologia, mostrou o viés ideológico pretendido, no intuito de sedimentar os papéis sociais do homem e da mulher (BAPTISTA, 2014).

Assim, gênero refere-se às características culturais que designam os corpos sexualizados e de desigualdades contidas nos vínculos sociais entre homens e mulheres, constituídas socialmente. Nessa ótica, a ênfase incide sobre o aspecto cultural em detrimento do caráter biológico do que representam as figuras do feminino e masculino (HEILBORN, 2009; FLACH, 2013; OLIVEIRA, 2014).

Nas abordagens feministas, a unidade de análise é o gênero; e no âmbito da violência praticada por parceiro íntimo, destaca-se o trabalho precursor de Dobash e Dobash (1979), cuja base aponta que o abuso contra a esposa se caracteriza como expressão de dominação de autoria masculina sobre as mulheres. Dessa forma, os autores afirmam que o espancamento de esposas é um evento violento com características próprias e que faz parte da composição dos que ocorrem na violência familiar, não podendo ser analisado pela mesma ótica dos demais (LAWSON, 2012).

A discussão teórica sobre a simetria de gênero nos estudos sobre violência entre parceiros íntimos representa um aspecto fundamental na elucidação sobre a paridade da perpetração da violência praticada pela mulher nas relações íntimas (JOHNSON, 1995; 2006; 2008).

O corpo teórico de estudiosos da violência familiar defende a simetria de gênero na perspectiva de que há igualdade da violência exercida entre mulheres e homens nos relacionamentos íntimos (STRAUS, GELLES, STEINMETZ, 1980; DUTTON, 2006; HETTRICH; O'LEARY, 2007). Em oposição, estudiosos feministas defendem que essa violência acontece de forma assimétrica, atribuindo aos homens a autoria do uso da violência, sendo que as mulheres só adotam o comportamento violento como autodefesa (JOHNSON, 1995; 2006; STARK, 2006; DEKESEREDY; DRAGIEWICZ, 2007).

A compreensão mais abrangente dessa discussão sobre assimetria perpassa pelos procedimentos metodológicos de pesquisa, com o pressuposto de que ocorre a perpetração de igual proporção quando não é delineada pelo gênero. Assim, investigações que utilizam amostras de base populacional envolvendo parceiros íntimos heterossexuais revelaram índices semelhantes de perpetração para o casal. Outros estudos relatam que mulheres tomam iniciativa do comportamento violento, em maior parte dos casos; mulheres exibem violência com mesma frequência que seus parceiros, mas eles hesitaram em informar a vitimização por receio da violência sofrida pelas parceiras (LAWSON, 2012).

Na esfera das contribuições das perspectivas feministas, Matos (2006) ressalva a importância da inserção dos fatores culturais para a violência na intimidade; projeção de cenário social sustentado em ações políticas que coíbem essas situações de violência e fortalecem a sedimentação de instrumentos legais relacionados à mulher; como também, destaca ações de prevenção no enfrentamento desse problema.

Nessa mesma perspectiva, fazem-se necessárias abordagens críticas que, ao mesmo tempo, estão relacionadas e impulsionam o processo de construção teórica. Nessa direção, observa-se sustentação empírica incipiente e acentuado investimento em estudos de abordagem

qualitativa, com destaque os estudos de caso, investigando o porquê de casais que experimentam o mesmo cenário sociocultural, alguns eram envolvidos em relações abusivas e outros não; assim como priorização do patriarcalismo no processo de análise, como variável exclusiva, em detrimento de outras especificidades culturais (MATOS, 2006).

3.4.4 Modelos Multidimensionais

3.4.4.1 Modelo Ecológico

A “Teoria do ambiente comportamental” é integrante da área de psicologia ecológica, com origem nos estudos realizados por Kurt Lewin, durante as décadas de 1930 e 1940, e contribuições no campo da Gestalt, através da denominação de “espaço vital”, com o objetivo de explicar sobre o que interfere no comportamento infantil em determinado momento do tempo. Dando seguimento a Lewin, assinala-se o trabalho de Roger Barker, no período de 1950 a 1970, através do princípio de que o “ambiente comportamental” justificava parte considerável da oscilação individual ocorrida entre as crianças (GALLAHUE; OZMUN, 2001).

De acordo com os autores supracitados, a “Teoria Ecológica” de Urie Bronfenbrenner (1977; 1979) é o prolongamento do trabalho de Barker (1978), direcionado para os fatores ambientais como componentes essenciais para o desenvolvimento humano. Essa teoria tem como pressuposto que o comportamento do indivíduo é decorrente de sua interpretação sobre o ambiente, considerando tempo e espaço; ressalta a importância da compreensão do significado desse ambiente para o indivíduo; assim como considera suas percepções sobre “atividades” (ação dos indivíduos), “papéis” (comportamento desejável no ambiente social) e “relações interpessoais” (formas de tratamento entre os indivíduos no ambiente).

Nesse contexto, Bronfenbrenner delineou o ambiente ecológico como constituído por estruturas (Figura 02), em que cada uma está inclusa na posterior, designadas “microssistema”, que se refere ao sistema de vínculos envolvendo o indivíduo em fase de desenvolvimento e o ambiente próximo em que este está inserido (residência, Escola, família, colegas); “mesossistema”, que concebe a interligação entre os principais contextos onde o indivíduo está presente (microssistema), em determinado momento da vida; “exossistema”, como prolongamento do “mesossistema” e compreende os segmentos sociais (formais e informais)

em que o indivíduo não participa diretamente, mas recebe influência (meios de comunicação de massa, agências governamentais, meios de transportes, entre outros); assim como “macrossistema”, que constitui os sistemas: econômico, social, educacional, político e legal, materializados através dos sistemas anteriores (BRONFENBRENNER, 1977; MONREAL, GUITART, 2012; ESPELAGE, 2014).

Nessa perspectiva, a busca por explicação sobre o comportamento violento do indivíduo ou ocorrência com maior permanência em diversas sociedades expressa a complexidade que envolve as possíveis causalidades inerentes ao fenômeno da violência, especialmente na dimensão das relações interpessoais. Então, torna-se necessária a compreensão dos fatores imbricados nesse processo e que podem estabelecer inter-relação, buscando alternativas mais próximas direcionadas para a resolução dessas questões. De acordo com Krug et al. (2002), há interligação dos fatores individuais, relacionais, sociais e culturais para o âmbito de causalidade da violência – embora sejam reconhecidas as limitações sobre quais fatores seriam os principais responsáveis, assim como a existência de outros que possam ser incluídos nesse cenário.

A Organização Mundial da Saúde, em seu relatório mundial sobre violência e saúde, incorporou o Modelo Ecológico, que tem como base a Teoria Ecológica de Bronfenbrenner (1977; 1979), submetido a adaptações por diversos estudiosos, especialmente os trabalhos desenvolvidos por Chaulk, King (1998) e Heise (1998), na temática da violência por parceiro íntimo. Esse modelo tem por objetivo conhecer a vinculação entre os fatores de natureza individual e circunstanciais, caracterizando a violência como consequência de diversos níveis de interferência sobre o comportamento do indivíduo (KRUG et al., 2002).

Os fatores individuais compõem os aspectos biológicos e de abrangência da história pessoal, com perspectiva de a pessoa ser vítima ou agressor face à violência, podendo estar relacionada ao contexto de parceiros íntimos. No nível individual, podem ser citados os seguintes fatores: histórico de violência familiar, uso abusivo de álcool e características de personalidade do agressor (OMS, 2012; REDONDO; PIMENTEL; CORREIA, 2012).

No nível relacional, são envolvidos fatores que possuem maior proximidade com o indivíduo no âmbito social, que tem possibilidade de atuar na esfera comportamental e de convivência. Essas relações podem ser estabelecidas com pares, parceiros íntimos e pessoas da família (KRUG et al., 2002; OMS, 2012).

O contexto comunitário envolve os espaços em que são estabelecidas as relações sociais (instituições de ensino, locais de vizinhança, trabalho), procurando associar as características dos locais à vitimização ou perpetração da violência no contexto da intimidade. Neste nível, a acentuada mobilidade residencial, baixo vínculo entre as comunidades, presença do tráfico de

drogas, elevados índices de desempregos, entre outros fatores, podem ser responsáveis pela elevação da probabilidade de violência (OMS, 2012; REDONDO; PIMENTEL; CORREIA, 2012).

Por fim, os fatores sociais mais abrangentes que interferem nas taxas de violência. Nesse nível, estão presentes fatores: que revelam conotação propícia para a violência; que restringem ações contra violência; como também os responsáveis pelo surgimento e manutenção de lacunas nas divergentes esferas sociais ou conflitos envolvendo grupos sociais ou nações (OMS, 2012; REDONDO; PIMENTEL; CORREIA, 2012).

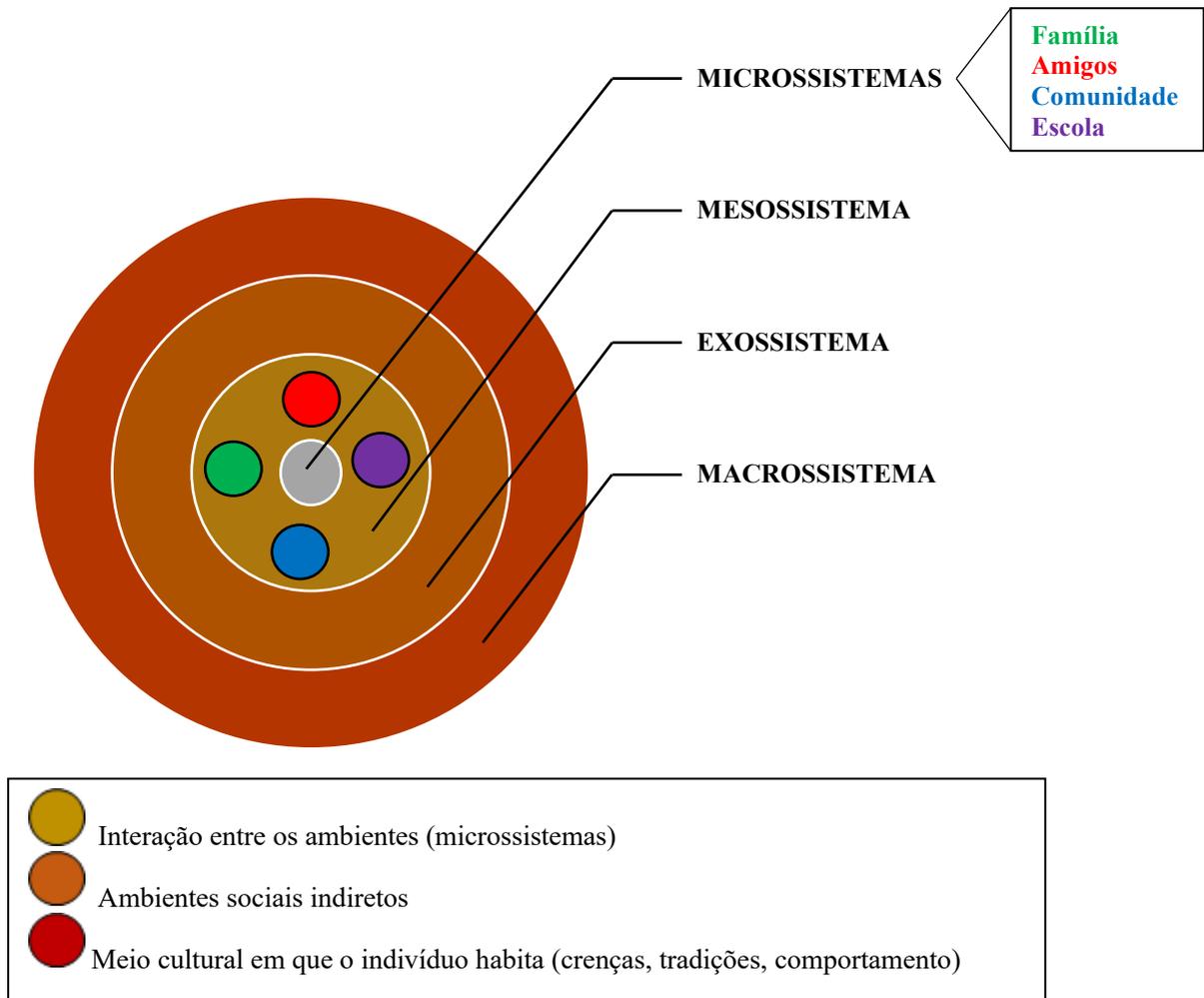
3.4.4.2 Teoria Ecológica Aninhada

Esta teoria foi apresentada por Dutton (1985; 1994; 2006), interligada com a Teoria de Sistemas, especialmente a Teoria Ecológica (BRONFENBRENNER, 1977; 1979), objetivando compreender a violência praticada por parceiro íntimo. Para esse pesquisador, a unidade de análise é o indivíduo, no que se refere às questões que envolvem essa forma de violência. Entretanto, ressalta que o contexto ambiental e as relações estabelecidas pelo mesmo são essenciais para a compreensão do padrão comportamental da violência nas relações de intimidade (LAWSON, 2012).

Nessa perspectiva, ressalta-se que essa teoria sustentada por resposta unicausal não se mostra satisfatória para responder as questões envolvendo o comportamento violento praticado entre parceiros. Porém, salienta-se que esta asserção pode ser estendida para o âmbito da violência conjugal, além da perpetração cometida pela mulher (GONZALEZ, 2013).

Na dinâmica dessa teoria, ocorre o processo de interação envolvendo os fatores aninhados, localizados em diferentes níveis e que irão interferir no comportamento do indivíduo. O nível de maior dimensão será o “macrossistema”, que representa o contexto sociocultural, com destaque para a estrutura patriarcal existente na esfera ambiental e condutas sociais que aprovam o comportamento violento; o “exossistema” interligado com indivíduo e família, evidenciando a expectativa de trabalho e ausência de agregação família / comunidade; “microssistema”, que caracteriza o contexto (família) de inserção do indivíduo e presença de perpetração; assim como “fatores ontogenéticos”, que correspondem ao processo histórico do indivíduo e sua implicação nos níveis anteriores, contribuindo ou não para assumir o comportamento violento (LAWSON, 2012; GONZALEZ, 2013).

Figura 02. Modelo Ecológico (Urie Bronfenbrenner, 1977; 1979)



Fonte: Gallahue, Ozmun, 2001 (Adaptado).

3.4.4.3 Modelo de Riggs e O'Leary (1989): Fatores Antecedentes e Situacionais da Violência no Namoro

O comportamento violento praticado nas relações de namoro apresenta determinadas similaridades com aquele ocorrido nas relações conjugais. Por outro lado, algumas situações são divergentes e merecem destaque, como: tempo de relacionamento, dimensão do compromisso entre os parceiros, nível de intimidade sexual, antecedentes que geram conflitos, assim como competência para solucionar problemas (FLAKE, 2013; GONZALEZ, 2013).

Na perspectiva de um melhor entendimento desse padrão comportamental violento no namoro, Riggs e O'Leary (1989) propuseram um modelo específico para essa forma de relação, com base em fatores antecedentes e situacionais para o evento violento.

Os fatores antecedentes (Anexo 01) estão relacionados aos aspectos pessoais e sociais que inclinam o indivíduo para se comportar de forma violenta; os situacionais (Anexo 02) correspondem aos episódios que precipitam o crescimento da violência na relação, como também sua ocorrência em momentos específicos (GONZALEZ, 2013).

Em relação às consequências da perpetração, esse modelo apresenta uma estrutura que pode evidenciar a possibilidade do crescimento ou diminuição de perpetrações subsequentes. Quando as consequências da violência são concebidas como favoráveis ao perpetrador, as perspectivas de respostas semelhantes, em situações posteriores, são esperadas e, conseqüentemente, a violência é repetida. Por outro lado, os resultados negativos desencadeiam perspectivas indesejáveis pelo agressor, e será menos provável que o comportamento violento seja repetido posteriormente.

Apesar desse modelo apresentar respostas sobre os efeitos da violência cometida, observa-se que ainda não é evidente a interligação entre o comportamento violento e o que este provoca, considerando o agressor e a circunstância envolvida. Outros pontos a serem destacados: a demanda em elucidar a função das consequências do ato agressivo na relação específica e os elementos antecedentes e situacionais que compõem o modelo. Embora sejam distintos, apresentam inter-relação, podendo caracterizar a possibilidade de os fatores antecedentes potencializarem o percurso do conflito para a violência.

Em relação às contribuições desse modelo, evidencia-se que esta perspectiva teórica envolve apenas o âmbito da violência no namoro, proposta em função de investigações realizadas que envolveram indivíduos adolescentes e jovens. Sua proposta explicativa é de natureza multicausal, com diversos números de variáveis (individual ao macro); envolve fundamentos de estudo do comportamento humano (behaviorismo) e a função gerada pelo comportamento violento; e diversas investigações fortalecem a aplicação desse modelo (RIGGS; O'LEARY, 1996; O'LEARY; SLEEP, 2003; VICARIO-MOLINA et al., 2015; ALOIA, 2017; FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ; CALVETE; ORUE, 2018).

3.4.5 Teoria da Masculinidade Hegemônica

3.4.5.1 Fundamentos Conceituais e Tipologia

O conceito de masculinidade hegemônica desenvolvido por Connell (1995; 1987; 2005) estabelece uma estruturação de gênero que inclui a legitimação do patriarcado na perspectiva da dominância masculina e subordinação feminina. Esse construto foi caracterizado como um padrão de práticas (poder, percepções, experiências) que constituem o masculino como esfera dominante.

Para Connell et al. (1997), a masculinidade pode ser caracterizada como a posição ocupada pelos homens nas relações, assim como as práticas desempenhadas por homens e mulheres diante dessa posição, e seus efeitos em relação à experiência pessoal e cultural. A masculinidade hegemônica é aquela que se sobrepõe em relação às outras formas de masculinidade, em determinado tempo e espaço (RABELO, 2010).

Nesse sentido, não há forma definitiva/exclusiva de vivenciar a masculinidade, pela complexidade e suscetibilidade aos divergentes processos de construção histórica (social, política, cultural), na perspectiva de manifestação e divulgação de padrões de masculinidade, sendo originados nos sistemas de relações de gênero. Na concepção de masculinidade hegemônica, existem outros modelos de masculinidade, constituídos sob a relação de dominação (CONNELL et al, 1997; 2005; JANUÁRIO, 2016).

Na perspectiva da construção conceitual, a investigação que possibilita melhor compreensão da construção das masculinidades, na ótica da análise de gênero, deve investigar as dimensões relacionais de poder (dominação masculina e submissão feminina – poder patriarcal), de produção (desequilíbrio na segmentação do trabalho – assimetria de gênero) e de emoções ou *cathexis* (heterossexualidade) (MESSEDER, 2011).

Para Connell (2005), o conceito de masculinidade vem sendo demarcado por quatro linhas teóricas principais: essencialismo, positivismo, normativa e semiótica. O essencialismo definiu a masculinidade como conceito universal, baseado na transmissão biológica; o positivismo estabeleceu o masculino como estrutura exclusiva, ou seja, caracterizou o modelo do que os homens devem ser; a linha normativa considera o masculino como padrão heteronormativo, instituindo o que os homens devem ser; e a semiótica a definiu como um

sistema de símbolos que se diferem entre si, em que os espaços do masculino e feminino se opõem, e a masculinidade é entendida como não feminilidade (JANUÁRIO, 2016).

No ocidente, a masculinidade hegemônica se manifesta por meio da conformação das práticas que caracterizam a confirmação do patriarcado, no intuito de assegurar a condição de dominação dos homens e subordinação das mulheres no círculo relacional. Partindo desse pressuposto, permeado pela existência de múltiplas masculinidades que podem sofrer mudanças em função dos aspectos históricos e socioculturais envolvidos, admite-se que os padrões mais representativos são: masculinidade cúmplice, masculinidade subordinada e masculinidade marginalizada (subalterna) (CONNELL, 2005; RABELO, 2010; MESSEDER, 2011).

Na masculinidade cúmplice, os homens demonstram conexão com as práticas estabelecidas pela masculinidade hegemônica. Esses indivíduos usufruem dos privilégios proporcionados pelo sistema patriarcal. Entretanto, apesar de se beneficiarem da relação assimétrica proveniente desse sistema, são omissos no sentido de assumirem um posicionamento (CONNELL, 2005; JANUÁRIO, 2016).

A masculinidade subordinada é regida por relações exclusivas de gênero, no âmbito de dominação, envolvendo grupos de homens. A subordinação assume o sentido de subserviência à dominância de heteronormatividade, mas também para os indivíduos considerados homossexuais. A operacionalização dessas práticas (dominação/subordinação) se materializa pela violência e discriminação (econômica, social). Nesse contexto, alguns exemplos podem ser registrados, como: masculinidade *gay*; exclusão heterossexual, em função da posição socioeconômica; práticas homofóbicas, entre outras (CONNELL, 2000; 2005; WELZER-LANG, 2001).

Por fim, a masculinidade marginalizada envolve aquelas pessoas do sexo masculino que não fazem parte da masculinidade hegemônica. Nessas práticas, as relações de poder são realizadas pela hegemônica em detrimento das outras formas de masculinidade, consideradas subalternas. Dessa forma, Connell e Messerschmidt (2005) advertem que o melhor entendimento dessa forma de masculinidade deve considerar questões fundamentais relacionadas à orientação sexual dos envolvidos, identidade de gênero, classe social e etnia.

3.4.5.2 Pressupostos históricos e teóricos-conceituais da Masculinidade Hegemônica

Os fundamentos que embasaram o pensamento de Connell sobre a masculinidade emergiram da oposição à concepção dos papéis sexuais que ascenderam na década de 1930 e que atribuíram atuações divergentes para o masculino e feminino, considerados como categorias homogêneas, inseridos no processo de socialização. Posteriormente, a partir de 1940, já eram propagados os possíveis papéis para o homem e para a mulher, sendo que os comportamentos que não seguissem a normatividade eram considerados desviantes (CONNELL, 1987; 2005).

As investigações tiveram suporte na psicologia freudiana, psicologia social, além das contribuições emergidas das ciências sociais, principalmente Antropologia, História e Sociologia. Essa perspectiva de construção teórica foi estimulada também pelos acontecimentos ocorridos na década de 1970, que pregavam o combate da repressão praticada pelos homens contra as mulheres, em especial o **feminismo***, a mobilização *gay* e o ascendente movimento de libertação masculina, destacado nos Estados Unidos (CARVALHO FILHO, 2008; JANUÁRIO, 2016).

Neste percurso de estruturação teórica, evidenciou-se a proximidade com a psicanálise freudiana, na perspectiva de que a sexualidade adulta e o gênero (masculinidade) não são determinados pela natureza, e o conflito na diferenciação entre masculinidade e feminilidade, de maneira hierárquica, é dissociado e de maneira aleatória. Nesse âmbito, as contribuições das ciências humanas e sociais evidenciam que o gênero e a sexualidade adulta se caracterizam como ampla construção social e discursiva, oriunda de relações, mas que pode ser conflituosa, revelando a complexidade de sua construção (CARVALHO FILHO, 2008; SAMPAIO, 2010).

As temáticas que trataram sobre homem, gênero e contemporaneidade ganharam notoriedade a partir da década de 1980, por meio de investigações que focaram a construção social da masculinidade. Nesse contexto, os estudiosos foram pesquisadores masculinos que tinham afinidade com o feminismo e as questões que envolviam gênero. Nesse sentido, os

*No propósito de elucidar a demarcação cronológica das fases que compuseram o movimento feminista, a literatura apresenta uma classificação clássica, estabelecida em três vagas: a) primeira vaga: ocorreu do final do século XVIII até a Primeira Guerra Mundial; b) segunda vaga: regida pelos movimentos ocorridos nas décadas de 1960 e 1970; c) terceira vaga: abrange a década de 1990, caracterizada como feminismo pós-moderno (sedimentação da Teoria Feminista) (AMANCIO, 2003).

estudos da masculinidade foram intensificados, especialmente pela dimensão alcançada, assim como pelo entendimento da masculinidade como construção social (JANUÁRIO, 2016).

Na perspectiva acadêmica e histórica, emergiram os trabalhos de Connell sobre os estudos da masculinidade, com o propósito de estabelecer sua teoria social para evidenciar a existência de múltiplas masculinidades desenvolvidos nas últimas décadas. Destaca-se, então, o marco inicial intitulado como *Gender and Power* (1987), no propósito de que as diversas masculinidades estão inseridas nas relações de poder, construídas de maneira histórico-social. Estas pesquisas promoveram discussões com diferentes áreas de conhecimento, como Ciências Sociais e Psicanálise (CONNELL, 1987).

Em 1995, Connell publicou *Masculinities*, seu estudo de maior repercussão, que relaciona a masculinidade ao conceito de gênero, sendo evidente a interferência e contribuição dos estudos realizados pelo movimento feminista, e ficando evidente o foco na masculinidade como processo de construção social, além de suas manifestações.

3.4.5.3 Elementos críticos relacionados ao conceito de Masculinidade Hegemônica

No transcurso das investigações sobre as relações de gênero, as concepções relacionadas às pesquisas sobre homens e masculinidades que emergiram potencialmente a partir da década de 1980 tiveram fortes projeções através de novos conceitos e, dentre eles, o de masculinidade hegemônica, desenvolvida por Connell (1985; 1987; 2005). Por outro lado, a trajetória percorrida nesse processo de construção com abrangência acadêmica e perspectiva histórica deu lugar a críticas e divergências no plano teórico-conceitual (FIALHO, 2006; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Diante disso, argumenta-se sobre a real viabilidade do conceito de masculinidade hegemônica, visto que a literatura já sedimentou o conceito de patriarcado que, por sua vez, trata das masculinidades dominantes nos estudos das relações de gênero. Desse modo, o conceito de hegemonia não acrescentaria contribuições significativas para esse campo teórico e, ainda, salienta-se que as outras formas de masculinidades (cúmplice, subordinada, marginalizada) poderiam ter o propósito de assumir a posição de hegemônica, no sentido de vivenciar essa sobreposição (ALVES, 2005; MATOS, 2000).

Essa projeção crítica sinaliza para a formação de um padrão binário de masculinidades, ou seja, as hegemônicas e não hegemônicas, designando estas últimas para um patamar de

exclusão, atribuindo-lhes a impossibilidade de alcançar a posição de dominância, sendo consideradas subalternas.

Consequentemente, deriva-se a questão sobre a suposta inadequação do termo hegemonia, tomando-se como referência os trabalhos de Gramsci (1971). Nessa abordagem, hegemonia vincula-se à tomada e manutenção da posição de poder pelo grupo hegemônico, em detrimento de outros grupos sociais que são subjugados. Assim, essa condição peculiar do termo pode desencadear duas questões relacionadas ao seu uso: a) transposição de conceitos de uma corrente teórica para aplicabilidade em outro campo de estudo pode gerar inconsistência analítica em função de sua incorporação ser materializada de forma parcial, gerando incompatibilidades; b) consequências decorrentes dessa aplicação, observando-se suas implicações (JOHNSON, 2002; FIALHO, 2006).

Em contrapartida, em sua perspectiva de sustentação conceitual, Connell (1990) ressalta que a teoria patriarcal apresenta inconsistência estrutural em razão de conter uma multiplicidade de tópicos que se encontram interligados – da subserviência feminina, até os movimentos de natureza cultural que lhe regem –, e isso caracteriza o entendimento desse sistema como um processo heterogêneo, direcionando os gêneros (masculino/feminino) para infundável desequilíbrio / assimetria nas relações de poder (CONNELL, 1987).

Outra crítica ressalta a suposição da condição estática para utilização do conceito de masculinidade hegemônica, ou seja, uma propensão de desnaturalização desse termo. Por outro lado, Connell (2005) e Connell e Messerschmidt (2005) salientam para a mutabilidade do referido conceito nas relações de gênero em seus diversos âmbitos. Esses estudiosos ressaltam a transitoriedade da posição assumida num dado contexto e tempo, em determinado padrão relacional, caracterizando sua condição controversa.

Portanto, mesmo com as ponderações críticas ressaltadas e debatidas, outros autores, como Hearn (2004), corroboram com o posicionamento sobre a pertinência da utilização do conceito de hegemonia para os estudos sobre masculinidade. Para o referido autor, este termo não apresenta dependência da construção realizada por Gramsci (1971), e, sim, da forma como é realizada sua transposição / reformulação (FIALHO, 2006).

3.4.5.4 Principais aspectos da Masculinidade Hegemônica no cenário brasileiro

Na região latino-americana, há mais de três décadas, investigações que abrangem as temáticas de gênero e sexualidade convergem para a interdisciplinaridade. Nessa dinâmica, as ações de gestão pública estavam voltadas para o entendimento concernente às relações de poder, assim como mudança, envolvendo identidades do homem face aos desequilíbrios que lhe favoreceram, regidos principalmente por privilégios, violências e autoritarismo. Assim, as publicações estiveram vinculadas a duas abrangências principais: identidade masculina e as violências históricas e estruturais; e aquelas que se encontravam situadas entre o universo acadêmico e as ações de magnitude social, buscando emergir da oposição agressor/vítima e, em concomitância, interligando masculinidades aos contextos machistas/violentos (VIVEROS, 2003; MORENO, 2016).

Diante desse processo, Moreno (2016) investigou sobre duas abrangências relacionadas ao campo de estudo em questão. Uma corrente interligada à concepção de masculinidade hegemônica, com base em Gramsci, proposta por Connell (1985; 1987; 2005), já amplamente discutida. A outra, inspirada nos trabalhos de Michael Foucault e Judith Butler, visando a gênero como domínio do sujeito e as consequências dessas relações de poder entre o masculino e o feminino, deliberando sua posição no discurso e nas relações.

No Brasil, na década de 1990, houve uma aproximação das investigações com o tema das masculinidades. Desse modo, os estudos desenvolvidos por Connell influenciaram diversas abordagens direcionadas com maior ênfase à estrutura social (SOUZA, 2009).

Vale destacar que no Simpósio do Homem, ocorrido em 1985, foi evidenciado que os homens vivenciavam uma crise decorrente das mudanças das atitudes femininas, no caráter sexual e nas indagações das feministas, em oposição ao padrão comportamental de dominação e poder dos homens no âmbito familiar e na sociedade (LISBÔA, 1998). Em decorrência desse Simpósio, foi realizada a publicação “Macho-Masculino-Homem: a sexualidade, o machismo, e a crise da identidade do homem brasileiro” (COSTA, 1986).

Um grupo de estudiosos brasileiros (NEVES, 1987; BUFFON, 1993; NOLASCO, 1995; ALMEIDA, 1996, entre outros) destacou-se sobre a questão das masculinidades, ao tratarem da percepção da crise de um modelo de masculinidade hegemônica. Este fato foi de grande relevância para estimular a atenção sobre a construção social da masculinidade no contexto nacional. Nesse momento histórico, segundo Nolasco (1995), evidenciava-se o embate acadêmico sobre a perspectiva do “novo homem”, como produto das discussões polarizadas

(masculinidade / feminilidade) que trataram da concepção de mudança das atitudes masculinas. Assim, no processo de análise das categorias – masculino e feminino –, ainda eram presentes interpretações por meio de concepções tradicionais / conservadoras / essencialistas.

Segundo Souza (2009), na sociedade brasileira, esse “novo homem” era visto sob a perspectiva das relações de gênero com necessidade de mudanças em uma realidade que suscitava rompimento dos comportamentos e valores para as questões relacionadas ao masculino e feminino.

Portanto, considerando os aspectos essenciais que constituem a Teoria da Masculinidade Hegemônica, ratifico que, neste estudo, foi assumida essa posição teórica em face de refletir / expressar a essência dos resultados encontrados, compactuando com suas principais proposições para a materialização da dinâmica que caracteriza as práticas do padrão comportamental violento que designam o masculino como esfera dominante e subordinação do feminino.

4 METODOLOGIA

Esta tese faz parte da linha de pesquisa II, denominada: Violência entre casais jovens (*dating violence*) e seus pares (*bullying*), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência, com utilização de abordagem qualitativa, integrada ao projeto interinstitucional “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA/UEFS) em parceria equipe de pesquisa *Violence Sexuelle et Santé/EVISSA*, coordenada pela Université du Québec à Montréal/UQAM e Universidade Católica do Salvador/UCSAL.

Esta parceria interinstitucional teve como finalidade inicial a aplicação do instrumento *Parcour Amoureux des Jeunes - Percorso Amoroso de Jovens/PAJ*, em contexto nacional. O PAJ é original do Canadá (Université du Québec à Montréal/UQAM, Universidade de Laval/UL e Universidade de Montréal/UM), de autoria do grupo ÉVISSA. A versão nacional do questionário PAJ (autoria do NNEPA/UEFS) foi submetido aos processos de Adaptação Transcultural, Validação de Conteúdo e Análises Psicométricas (Validação de Construto e Confiabilidade), cujos resultados mostraram proporções de clareza e equivalência superiores a 80% e Índice de Validação de Conteúdo/IVC geral acima de 95% (NASCIMENTO, 2014).

A análise fatorial testou validade do construto e consistência interna (confiabilidade/alfa de *Cronbach*), as quais indicaram adequação, ou seja, as escalas mostraram evidências de validade e fidedignidade, o que permite a utilização do instrumento como ferramenta de investigação da violência no percurso amoroso dos jovens (mede dimensões do construto), em contexto brasileiro (SILVA; OLIVEIRA, 2002).

Esse processo caracterizou a primeira etapa que experienciou a aplicação do instrumento PAJ, em cenário brasileiro, no período de 2010 a 2014. Em seguida, com o propósito de aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno da violência sofrida/perpetrada entre jovens com parceiros íntimos ou seus pares, foi desenvolvida a segunda etapa do projeto interinstitucional (2016 a 2020), com utilização de distintas abordagens e uso de diferentes instrumentos de coleta e análise de dados.

Essa pesquisa faz parte do processo de desenvolvimento da segunda etapa do percurso metodológico do projeto interinstitucional, integrante da linha de pesquisa II, e foi delineada

em duas fases distintas, a fim de atender aos objetivos de sua estruturação, que serão explicitadas no decorrer desse capítulo.

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo, que se caracteriza por investigar fenômenos, em suas singularidades e complexidades, baseando-se em desenvolver procedimentos que fundamentam a produção de dados oriundos de relações sociais, analisados em função dos significados concedidos ao objeto de estudo, como vivenciam, entendem e experenciam (MINAYO, 2010; PROETTI, 2018).

Nesse sentido, em face de atender aos objetivos propostos nessa investigação, a pesquisa qualitativa contempla a perspectiva metodológica almejada para compreender e aprofundar o conhecimento sobre o contexto da violência nas relações de intimidade de jovens, considerando suas experiências, crenças/entendimentos e significados.

Desse modo, Yin (2016, p. 7) enumera cinco características atribuíveis a pesquisa qualitativa: 1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas de um estudo; 3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e 5. esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte.

Assim, para o pesquisar e seu objeto de estudo, acontece uma relação explícita e participativa. A investigação acontece na gênese dos fatos com o propósito de apresentar os resultados evidenciados, através de uma direção compreensível que estes manifestam, considerando o processo de compreensão e análise que emergem desse contexto (PROETTI, 2018).

Esse caminho metodológico expressa a possibilidade de examinar suposições que caracterizam obstáculos que possam dificultar nossa forma de compreensão. Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa revela possibilidades para estudar temáticas pouco conhecidas ou com necessidade de respostas adequadas às questões para esse tipo de investigação (SILVA *et al.*, 2018).

Portanto, sob a ótica de que a pesquisa deve oportunizar ao pesquisador maior aproximação com a realidade e os fatos que lhes constitui, para a compreensão e interpretação

do fenômeno estudado, os diferentes instrumentos utilizados e o percurso metodológico delineado, através da abordagem qualitativa, possibilitou aos sujeitos pesquisados um contexto favorável diante de um objeto que revela dificuldades de expressão, pois estão imersos em uma sociedade com raízes patriarcais e de dominação masculina.

4.2 CENÁRIO DE ESTUDO

O município de Feira de Santana é o segundo maior do estado da Bahia. Está localizado a 110 km da capital baiana/Salvador, com população estimada acima de 600 mil habitantes. Está situado na planície do recôncavo, interceptado por três rodovias federais (BR 324, BR 116 e BR 101) e cinco rodovias estaduais (BA 052, BA 068, BA 501, BA 502 e BA 503), sendo considerado o maior entroncamento rodoviário de conexão com as regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil (IBGE, 2018).

Nesse município, a rede pública estadual de ensino é composta por 79 escolas, distribuídas segundo porte, sendo 37 de pequeno porte, 30 de médio porte, 10 de grande porte e 1 de porte especial. A aplicação do questionário PAJ foi realizada em 56 escolas da rede (21 de pequeno porte, 26 de médio porte, 8 de grande porte e 1 de porte especial) e a amostra de alunos resultou em 2.067 estudantes de 15 a 24 anos, de ambos os sexos, matriculados. Participaram aqueles que aceitaram e assinaram (Termo de Assentimento para menores de 18 anos / Termo de Consentimento para os maiores de 18 anos). Este universo amostral foi utilizado para atender a primeira fase metodológica dessa pesquisa, por meio de uma subamostra (10%), desse total (2.067).

Na segunda fase, foram selecionadas nove (9) escolas públicas, que participaram da “Grande Coleta” (56 escolas), seguindo os critérios de localização regional no município (bairros com altos índices de violência); assim como pelo porte (número de alunos matriculados): escolas de médio porte (4), de grande porte (4) e escola de porte especial (acima de 2.500 alunos) (1).

4.2.1 Procedimentos para seleção das Escolas (Segunda fase da pesquisa)

a) Os bairros em que as escolas estão inseridas apresentam, historicamente, altos índices de violência interpessoal, envolvendo a população jovem, especialmente. Diante disso, foram selecionados de forma estratégica, abrangendo diferentes áreas do município de Feira de Santana;

b) Localização geográfica e características peculiares dos Bairros / Distrito:

- ✓ **Região Central** – escolas que recebem grande quantitativo de alunos, inclusive da região periférica e distritos;
- ✓ **Zona Sul** (Bairro do Tomba) – localizado na zona sul, bairro mais antigo e abriga maior população afrodescendente;
- ✓ **Zona Norte** (Bairro do Campo Limpo) – localizado ao norte, segundo maior em população, apresenta elevados índices de violência interpessoal entre adolescentes e jovens e destaca-se entre os maiores em extensão territorial;
- ✓ **Região Nordeste** (Bairro Sobradinho) – destaca-se pela maior composição de jovens, em sua população, bem como pessoas do sexo feminino. Além de estar localizada a unidade escolar com maior número de estudantes do município;
- ✓ **BR 116, Norte** (Bairro Santo Antônio dos Prazeres) – situado entre os bairros mais antigos, elevado índice de criminalidade e maior parte dos habitantes acima de 15 anos (adolescentes / jovens), caracterizando o envolvimento dessa camada populacional em infrações e criminalidade;
- ✓ **Distrito de Humildes** – situado entre os 8 distritos, vem apresentando crescente e maior índice de criminalidade, envolvendo a população jovem.

4.3 SUJEITOS DO ESTUDO

Nas duas fases que compõem essa pesquisa, os sujeitos participantes foram estudantes da rede pública estadual de ensino, ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 24 anos. Desse modo, considerando a dificuldade para o requisito consensual/operacional para delimitar a faixa etária com precisão para as fases da adolescência e da juventude, optou-se pelo que estabelece o

Ministério da Saúde que segue para definição de adolescência a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que circunscreve como segunda década de vida (10 a 19 anos) e para a juventude que se prolonga dos 15 aos 24 anos (BRASIL, 2013).

Critérios de inclusão: faixa etária de 15 a 24 anos; ambos os sexos, estarem matriculados e continuarem na sala de aula durante a coleta; aceitarem participar da pesquisa com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aqueles com 18 anos ou mais ou autorização familiar/Termo de Assentimento para os menores de 18 anos.

Critérios de exclusão foram excluídos aqueles que decidiram sair da sala e se recusaram a participar da pesquisa. No preenchimento do instrumento PAJ, aqueles com ausência de informações essenciais, a exemplo de sexo e idade. Quanto ao Desenho-Estória com Tema, terem feito apenas o desenho; grafia ilegível; relato da estória sem a lógica textual: início, meio e fim; assim como não informar sexo e idade.

4.4 PRODUÇÃO DOS DADOS

Para a **primeira fase** dessa pesquisa, o projeto interinstitucional foi examinado e autorizado pelo Núcleo Territorial de Educação/NTE 19, no município de Feira de Santana, que forneceu as informações solicitadas e relacionadas às escolas e alunos matriculados na rede, para tramitação do cálculo amostral. Em seguida, foram realizados os procedimentos envolvendo as unidades escolares, para apresentação do projeto e liberação para agendamento da coleta de dados, de acordo com o calendário letivo, em curso.

A aplicação do PAJ foi realizada pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência/NNEPA/UEFS, após treinamento para criterioso procedimento técnico operacional, conforme *Manual de Sistematização* de procedimentos básicos. A técnica de coleta foi apresentada, utilizando a auto aplicação, para dirimir dúvidas e possíveis dificuldades.

Inicialmente, o pesquisador explicou detalhadamente os objetivos e finalidades da pesquisa, a fim de contar com a participação efetiva dos educandos, bem como garantindo o livre arbítrio e o anonimato dos mesmos. A sala foi organizada com cadeiras em posições equidistantes, para manter sigilo de cada aluno. Uma urna foi colocada na sala para auto deposição dos questionários pelos alunos. Após distribuir os instrumentos aos participantes, o pesquisador manteve-se distante e disponível para tirar dúvidas. Os alunos que não aceitaram

participar da pesquisa, saíram livremente da sala. O professor da disciplina esteve ausente durante todo período de coleta.

Nos aspectos operacionais dos procedimentos de coleta, os docentes foram convidados a permanecerem em espaço externo a sala de aula, foram realizados os esclarecimentos aos participantes sobre a importância do estudo e anonimato, a sala foi organizada com cadeiras posicionamento equidistante, para manter o sigilo dos alunos, disponibilização das urnas para depósito do instrumento de pesquisa sem identificação, sob a supervisão da equipe de coleta. Após distribuir os instrumentos aos participantes, o pesquisador manteve-se distante e disponível para tirar dúvidas. Os alunos que não aceitaram participar da pesquisa, saíram livremente da sala. O preenchimento do instrumento foi realizado de forma individual e o tempo médio utilizado foi 45 minutos.

A coleta de dados com aplicação do instrumento PAJ procedeu nos turnos: matutino, vespertino e noturno, com os estudantes que aceitaram participar, através da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (pelos pais ou responsáveis para os menores de 18 anos) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pelos maiores de 18 anos) (BRASIL, 2012).

Assim, na perspectiva de atender ao objetivo dessa primeira fase da pesquisa, a partir do total de participantes do Projeto interinstitucional (2.067), foi selecionada uma subamostra de 210 jovens (10%), ambos os sexos, na faixa de 15 a 24 anos, os quais foram sorteados, de forma aleatória e eletrônica. Nessa perspectiva, foi utilizada a Seção 2 (Relações afetivas e amorosas) do PAJ – *“Relate uma experiência difícil vivenciada na relação afetivo-sexual (anterior ou atual), ou entre seus pares, colegas e amigos: a) Como foi a situação? b) Fale sobre a outra pessoa envolvida; c) Fale sobre o que vocês fizeram; e d) Quais os seus sentimentos no exato momento em que aconteceu?”*

Na **segunda fase**, após a grande coleta (Projeto interinstitucional), durante o processo de análise das questões subjetivas do PAJ, foi verificada a importância de retornar a campo, no mesmo contexto, considerando a necessidade de aprofundamento sobre as “experiências difíceis” relatadas pelos jovens, nos relacionamentos íntimos e amigáveis.

A equipe treinada que implementou a coleta na primeira fase foi mobilizada e, assim, foi organizada uma nova coleta, tendo como base a amostra de nove (9) escolas públicas que participaram da “Grande Coleta”, seguindo critério de localização regional no município e o porte (número de alunos matriculados). A seleção dos sujeitos foi de natureza não probabilística e intencional, com a participação dos estudantes pertencentes a determinada turma que fosse

disponibilizada pela direção da escola para a respectiva data de coleta, agendada previamente, nos turnos matutino e vespertino.

Os sujeitos foram adolescentes e adultos jovens, sendo totalizados **334 alunos**, na faixa de 15 a 24 anos, de ambos sexos, matriculados nessas escolas da Rede Estadual de Feira de Santana / BA, segundo dados da Secretaria de Educação (Vide Quadro 01, abaixo).

Quadro 01: Quantitativo de sujeitos participantes por Instituição de Ensino.

Colégios participantes da pesquisa	Coleta por Colégio
Colégio A	97 alunos
Colégio B	18 alunos
Colégio C	26 alunos
Colégio D	40 alunos
Colégio E	50 alunos
Colégio F	28 alunos
Colégio G	21 alunos
Colégio H	28 alunos
Colégio I	26 alunos
Total de Colégios: 9	Total de alunos: 334

Fonte: construção do autor.

Na perspectiva de atender aos propósitos metodológicos dessa fase da investigação, optou-se pela técnica “Desenho-Estória com Tema”/DET que, de acordo com Coutinho, Serafim e Araújo (2011), tem o intuito de compreender conteúdos internos ocultos / encobertos, através de projeções temática e gráfica; dando acesso às subjetividades do indivíduo, vivenciadas no contexto relacional e tornando possível a externalização de fatos e histórias, representados pela construção das tarefas solicitadas.

Inicialmente, foi informado aos alunos sobre a técnica do Desenho-Estória e sua importância como meio de apreensão de informações para o estudo no campo da violência no namoro entre jovens, assim como a contribuição de cada pesquisado, a fim de buscar resoluções, através da ciência, que permeiam os problemas relacionados a esta área de estudo.

Em seguida, os estudantes receberam uma folha de papelão A4, em branco, constando os seguintes estímulos para construção do Desenho-Estória:

- “Desenhe algo que represente a violência na relação de namoro”;
- “Agora, olhe para o desenho e conte uma história que tenha começo, meio e fim”;
- “Leia sua estória e dê um título”

Observou-se que os alunos não tinham vivenciado participações com esta técnica em outros momentos, o que gerou surpresas diante das tarefas solicitadas, mas o envolvimento foi

positivo e de aceitação expressiva pelos pesquisados. Vale destacar que o desenho foi o estímulo que denotou preocupações, pois alguns sinalizaram a dificuldade em desenhar, mas procuramos deixá-los à vontade e tranquilizá-los, para que usassem suas criatividade da melhor forma possível. Esta tarefa teve uma duração média de 40 minutos.

É importante salientar que este tipo de técnica apresenta as seguintes vantagens, no contexto de sua aplicação para realização de pesquisas: fácil acessibilidade, treinamento facilitado para o pesquisador, aplicabilidade simplificada para coleta de dados, versatilidade para diversos objetos de estudo, inclusive para área de violência na juventude, além do baixo custo financeiro.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

O processo de estruturação, categorização e análise do material coletado que constituíram as duas fases dessa pesquisa, foram submetidos aos procedimentos da Análise de Conteúdo Temática/ACT (BARDIN, 2011), na perspectiva de possibilitar melhor compreensão dos resultados encontrados sobre o fenômeno da violência nas relações íntimas de jovens. Nesse sentido, destaca-se que os dados resultaram em virtude da utilização de diferentes instrumentos, no contexto da abordagem qualitativa.

Desse modo, na primeira fase fez-se uso do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) (CAMRGO, JUSTO, 2013) para organização, processamento e sistematização dos dados, como também a técnica projetiva Desenho-Estória com Tema/DET (TRINCA, 2013; COUTINHO, SERAFIM, ARAÚJO, 2011), para segunda fase da pesquisa. Esses procedimentos serão explicitados, seguidos da análise por meio da ACT.

4.5.1 Procedimentos de análise da primeira fase da pesquisa

Como ferramenta de análise foi usado o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) 0.6 alpha 3, o qual tornou possível as análises Lexical e de Similitude. Este *software* trata de um programa informativo

que permeia diferentes tipos de análise de dados textuais, compreendendo desde cálculos de frequência de palavras, classificação hierárquica descendente e análises de similitude, além de organizar e distribuir o vocabulário de forma simples e clara (CAMARGO, JUSTO, 2013; JUSTO, CAMARGO, 2014).

Para análise dos dados sociodemográficos utilizou-se o *software* IBM® SPSS® Statistic versão 22, com a produção de frequências simples e porcentagens. O processo de análise do material qualitativo teve como base a Técnica de Análise Lexical e a Técnica de Análise de Relações.

A Análise Lexical pode ser caracterizada pela contagem da frequência e agrupamentos por afinidade das palavras presentes no texto com a finalidade de alcançar o sentido apresentado pela mensagem do sujeito pesquisado. A Análise das Relações, possibilita as conexões entre os diversos elementos presentes no discurso que compõem o texto, com a modalidade de coocorrências, a fim de retirar do texto relações existentes nas partes da mensagem e a existência paralela de componentes da mesma unidade contextual (BARDIN, 2011; MINAYO, 2010).

A operacionalização das análises sobre os dados textuais, que constituíram cada *corpus*, foi realizada pelo *software* IRAMUTEQ, através dos processamentos da Análise Textual (Lexical) e Análise de Similitude (coocorrências e conexidade entre as palavras), após seguirmos os seguintes procedimentos de configuração (CAMARGO, JUSTO, 2013):

- a) Constituição do *corpus*: cada questão aberta gerou um *corpus* com 210 respostas para serem analisadas separadamente;
- b) Atribuição da linha de comando para cada segmento de texto com a seguinte estrutura:
 Modelo de estrato do *corpus*: **** *n_0123 *sex_1 *ida_17 *coa_1 *rc_3
 n – número atribuído ao sujeito participante, após sorteio aleatório
 sex – sexo
 ida – idade
 coa – coabitação
 rc – raça/cor
- c) Procedimentos específicos sobre os recursos de digitação, uso de caracteres e situações ortográficas que devem atender aos critérios necessários para a análise;
- d) Salvar o arquivo do *corpus*: nome do arquivo deve ser curto e texto codificado, considerando os critérios de preparação para os *softwares*: OpenOffice.org e LibreOffice.

Optou-se pela apresentação gráfica dos resultados através da análise de similitude, essa técnica está destinada a verificar a quantidade de laços ou conexões que um dado elemento

mantém com outros elementos evocados que irão colaborar na assimilação da estrutura da representação configurada em uma árvore de similitude.

Após o processamento no software o *corpus* obteve um aproveitamento de 79,6%, com 254 formas e 882 coocorrências, a forma ativa com maior frequência foi “raiva”, o ponto de corte para aproveitamento definiu-se as formas ativas e suplementares com frequência mínima de 4.

4.5.2 Procedimentos de análise da segunda fase da pesquisa

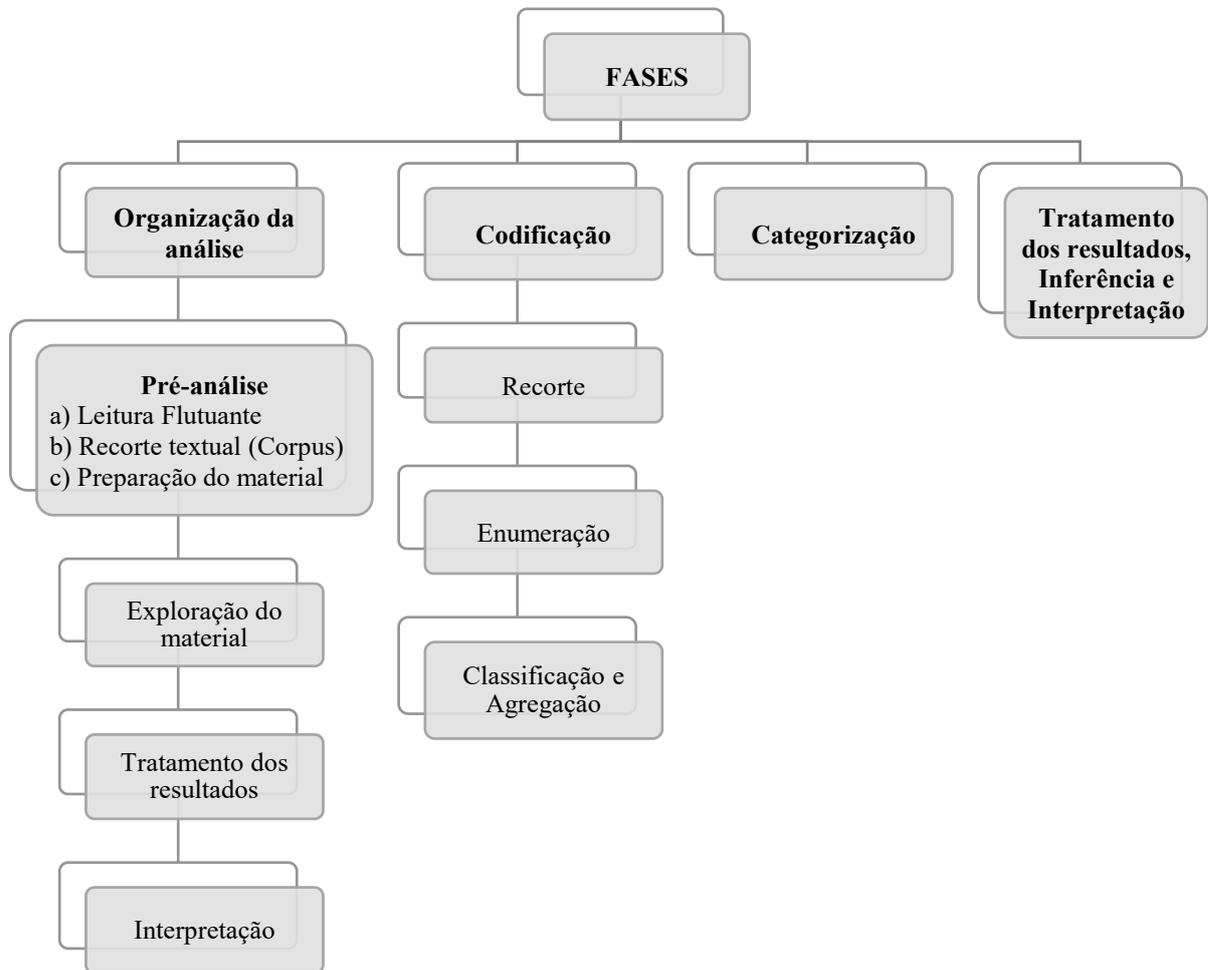
Os processos de tratamento ou análise do material empírico e interpretação, resultante dos procedimentos do “Desenho-Estória com Tema”, foi realizada considerando-se os resultados encontrados nos desenhos, estórias (textos) e inter-relação desenho-estória; visto que, esses processos configuram-se como independentes, porém são inerentes e fundamentais para compreensão do fenômeno em estudo.

Na etapa inicial, o material produzido, através da técnica do desenho-estória, seguiu o modelo proposto por Coutinho, Serafim, Araújo (2011), caracterizados e adequados pelos seguintes procedimentos para o fenômeno em questão:

- ✓ Observação sistemática do desenho;
- ✓ Agrupamento dos desenhos que apresentaram similaridades gráficas, assim como proximidades por temas;
- ✓ Realização das leituras flutuantes das “estórias” sobre violência no namoro;
- ✓ Categorização do binômio e correspondência: desenho-estória;
- ✓ Análise e interpretação dos conteúdos temáticos, delineados por categorias.

Entretanto, neste estudo, não fizemos a análise gráfica dos desenhos. Assim, na etapa seguinte o processo analítico foi desenvolvido com as “estórias” e seus respectivos “temas”, através da Técnica de Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2011) (Figura 03).

Figura 03. Análise de Conteúdo Temática – Procedimentos Metodológicos



Fonte: Construção do autor

4.5.2.1 Descrição das Fases da Análise de Conteúdo Temática

4.5.2.1.1 Fase I – Pré-Análise

Neste momento inicial, fizemos a organização do material coletado, a fim de realizarmos a primeira aproximação e adequação, para a devida utilização das informações que fossem essenciais a pesquisa. Verificamos o total de participantes, fizemos a numeração de identificação e detecção das possíveis exclusões, decorrentes de ausências de informações ou danificação do material. Em seguida, dividimos os participantes em 2 grupos: sexo masculino

e feminino, pois já havia a estratégia de examinar o material separadamente. Este momento, também, requer a administração de algum problema que possa surgir em função de dúvidas que necessitem de conversar com a equipe de coleta, por isso os participantes de cada colégio foram numerados e separados em diferentes pastas com as devidas informações, caso sejam necessárias.

✓ **Leitura Flutuante**

A tarefa realizada foi a análise dos desenhos e leitura reflexiva das estórias construídas pelos participantes. Esses procedimentos foram essenciais para observarmos as primeiras impressões que o material empírico manifestou, em relação ao objeto de estudo. Nesse aspecto, o desenho-estória nos levou a identificar pontos para extração e análise das informações que esse conjunto nos apresentou inicialmente. Este fato nos levou a elaborar os materiais para serem aplicados com esta finalidade conforme modelo, abaixo. (Quadro 02).

Quadro 02. Estratégia de Pré-análise – Análise dos desenhos e Leitura reflexiva das estórias.

Categoria –	Classificação –
Figura N° _____	Sexo: _____ Idade: _____ anos
Desfecho:	
Fatores Precedentes:	
Consequências ao agressor:	
Meio usado para o ato de violência:	
Agressor:	

Fonte: Construção do autor

✓ Constituição do *Corpus*

Os desenhos-estórias examinados nos levaram a identificar os *corpora* que iriam constituir as análises a serem realizadas. Esse processo é caracterizado pela escolha de cada desenho-estória que irá compor e requer discussões mais aprofundadas, a fim de direcionar essa posição com maior segurança. Assim, procuramos cumprir as regras que constituem as escolhas e denominadas como: **exaustividade, homogeneidade e pertinência**.

No que se refere a exaustividade, todos os 334 desenhos-estórias foram contemplados, a fim de cumprirmos com a leitura reflexiva, extração das informações essenciais e sua possível inserção em determinada categoria. Esses procedimentos iniciais permitem maior segurança para darmos continuidade ao encaminhamento a ser dado para a tarefa posterior.

Em seguida, cumprimos a regra de homogeneidade, quando selecionamos os desenhos-história visando as similaridades apresentadas pelo que foi apresentado de cada participante. Nesse aspecto, priorizamos o desfecho como um dos indicadores dessa convergência, pois a quantidade de informações surgidas gera complexidade para a inserção em determinado grupo. Por fim, buscamos a pertinência, quando elegemos os grupos de composição com base nos desfechos apresentados por cada conjunto. O cumprimento dessas regras nos levou a constituição das fases posteriores com maior lucidez. Vale destacar, que as atividades foram realizadas para os participantes do sexo masculino e feminino, separadamente, conforme estratégia definida inicialmente.

✓ Referenciação dos índices e elaboração dos indicadores

Esta tarefa foi realizada sob a forma de estratégias que visaram a análise do desenho-estória de cada participante. A leitura reflexiva e exaustiva dos textos e observação dos desenhos permitiram a extração/recorte e complementação/suporte visando categorização e análise. Abaixo, segue exemplo de estratégia para preenchimento do material (Quadros 03 e 04).

Quadro 03. Estratégia – Preenchimento do material coletado (Parte 1)

<p>Categoria A – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL Classificação: Violência Interpessoal / Violência Auto infligida Participante Nº 048 Sexo: Masculino Idade: 17 anos Título: Fim de relacionamento História (1) (Descrição literal da “estória” relatada pelo(a) participante no preenchimento da Técnica de Coleta de Dados do “Desenho-Estória com Tema”</p>
<p>Maria e João namoraram durante 3 anos. Durante um certo dia, eles discutiram (agressão verbal mútua) e João bateu nela (agressão física cometida pelo parceiro), como já era de costume, mas dessa vez Maria resolveu terminar o namoro e chamou ele no dia seguinte para conversar (a vítima decide finalizar o relacionamento, em virtude das violências e suas consequências sofridas). Durante a conversa, ela disse que, a partir daquele dia, eles não seriam mais namorados. João aceitou sua decisão e resolveu matá-la, dando 3 tiros na vítima (agressor não aceitou o fim da relação e resolve punir a vítima com violência fatal). Após uma semana, João foi preso e em seu depoimento afirmou que matou a vítima porque não aceitava o fim do relacionamento.</p> <p>Fatores precedentes ao homicídio: violência verbal, violência física</p> <p>Observação: Os destaques em vermelho se referem ao processo de exploração das “Estórias”, entre as tarefas da etapa de Pré-Análise (Preparação do Material)</p>

Fonte: Construção do autor

Quadro 04. Estratégia – Preenchimento do material coletado. Síntese (Parte 2)

Figura Nº 048 Sexo: Masculino Idade: 17 anos
Personagens envolvidos: homem, mulher
Objetos: arma de fogo (revólver) / balas (3) representadas na imagem
Gestos / Atitudes: Agressão verbal Agressão física
Sentimentos / Emoções: o participante não informou
Sinais: o participante não registrou sinais no desenho e texto
Desfecho: Fim do relacionamento (iniciativa da parceira) Homicídio (feminicídio) cometido pelo parceiro / agressor por não aceitar o final da relação
Síntese interpretativa do contexto
<p>O participante relatou em seu desenho-história o percurso de um relacionamento que, após 3 anos, teve um desfecho trágico. No relato de sua história, descreveu o comportamento violento do namorado (agressor) que cometeu agressão verbal contra sua parceira, seguida de violência física. Assim, não suportando esse ciclo de conflitos ocorridos e sendo vitimizada na relação, ela resolve finalizar o relacionamento. Seu parceiro, não aceita sua decisão e resolve cometer homicídio contra sua parceira deflagrando 3 tiros. Em seguida, o agressor foi denunciado e preso, admitindo tal motivo para assassinar a vítima.</p>
Observações: Violência verbal (discussões) / Violência física sucessiva (bater na vítima) / Desfecho em morte (homicídio) Agressor – masculino (parceiro)

Fonte: Construção do autor

✓ Preparação do material

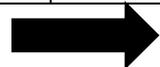
Como tarefa final da Pré-análise, as informações de relevância, extraídas do conjunto desenho-história, foram reunidas por equivalência. Nesse momento, observamos o destaque para os desfechos que implicaram nessa estruturação, relatados pelos participantes de ambos os sexos. Os itens de composição, são consequências das tarefas desenvolvidas na primeira estratégia, dessa fase. A construção dos componentes da Unidade de Análise foi essencial para interpretação das dinâmicas relacionais que compõem cada categoria, possibilitando a exploração do material de forma sólida, objetivando tratamento dos dados dos pesquisados. Algumas dificuldades encontradas para denominação inicial das categorias, foram supridas com o exercício dessa fase, através da construção do referido material (Quadro 05).

Quadro 05. Estrutura de composição dos componentes da Unidade de Análise Temática.

UNIDADE DE ANÁLISE TEMÁTICA							
Violência nas relações de intimidade							
UNIDADE DE CONTEXTO							UNIDADE DE REGISTRO
Sujeito participante Nº	Núcleo de sentido 1	Núcleo de Sentido 2	Núcleo de Sentido 3	Núcleo de Sentido 4	Núcleo de Sentido 5	Núcleo de Sentido 6	
 Síntese Vertical	Características do ato de violência Sexo do agressor Meios usados Consequências ao agressor	Fatores precedentes	Comportamento do agressor	Sentimentos que emergem para concretização do ato	Comportamento da vítima	Sentimentos experienciados pela vítima	

Fonte: Construção do autor

Síntese Horizontal



4.5.2.1.2 Fase II – Exploração do Material

As atividades da Fase de Pré-análise fizeram emergir, no primeiro momento, o direcionamento para percepções de violência fatal, relatadas pelos estudantes em suas histórias.

Observamos que este fato, apresentado pelos pesquisados no sexo masculino, foi recorrente no sexo feminino. Então, surgiu a estruturação de construção da categoria mais evidente, neste momento considerada como a primeira – **Percepção de Violência Fatal**.

A continuidade das tarefas exploratórias, evidenciou também que havia uma dinâmica relacional, no contexto das histórias, reportadas por ameaças com ações de fatalidade, o que nos levou a denominá-la de uma nova categoria: **Ameaça de Morte**, seguindo a mesma lógica da percepção fatal.

O transcorrer desse percurso exploratório, mostrou uma frequência destacada de violência física, seguida de violência verbal / psicológica e violência sexual. Nesse momento, denominamos cada tipo de violência encontrada por categoria. Após uma nova reflexão do caminho percorrido para estas violências, foi consenso a denominação de uma categoria ampla, constituídas por essas naturezas de violência, a qual caracterizada por **Violências: Violência Física, Violência Verbal / Psicológica e Violência Sexual**. Nesse sentido, a sequência exploratória revelou a construção de mais uma categoria: **Controle, Poder e Privação**.

Outro aspecto importante a ser destacado, foi sobre os desenhos-estórias excluídos em função desse processo. Determinados participantes relataram histórias com linguagem essencialmente simbólica, com textos sem direcionamento palpável, no que se refere ao propósito da pesquisa, então decidimos excluí-los desse contexto, mesmo que, posteriormente, venhamos a analisá-los sobre outra ótica. Entretanto, para este momento, não se enquadram nas categorizações construídas.

Portanto, vale salientar que a ordem de surgimento dessas categorias não estabelecia a sequência que final denominada na estruturação sequencial final, pois a dinâmica relacional dos relatos dos conteúdos componentes dessas histórias, mostravam a presença de fatores precedentes que necessitavam de outras interpretações e fundamentação teórica que nos desse maior sustentação nessa direção.

Assim, as formas descritas de poder, controle e privação, permearam a essência dos relacionamentos, em sua totalidade. Este fato nos despertou atenção, pois além de construirmos a categoria com essa denominação, foi latente a presença desse mecanismo comportamental no ciclo das relações. Esse mecanismo foi evidente e permeado em todas as categorias, independentemente do desfecho ocorrido.

Essa fase exploratória está estruturada em ampla estrutura da Unidade de Análise (Temática / Compreensão) (Quadro 05), que possibilitou a definição final e reagrupamento das categorias, conforme o número de desenhos-estórias que as constituíram (Apêndice 01). Em seguida, procedeu-se a construção dos quadros analíticos por categoria (conforme informação

dos Apêndices, abaixo) que possibilitaram e embasaram a inferência final e interpretação dos resultados:

Portanto, os Apêndices estão definidos conforme a seguinte ordem:

- ✓ Categoria A – Controle, Poder e Privação: Apêndices 2 a 9;
- ✓ Categoria B – Violências: Física, Psicológica / Verbal – Apêndices 10 a 28;
- ✓ Categoria C – Ameaça de Morte – Apêndices 29 a 33;
- ✓ Categoria D – Percepção de Violência Fatal – Apêndices 34 a 42.

4.5.2.1.3 Fase III – Inferência e Interpretação dos Resultados

Nessa pesquisa, foram analisados 334 desenhos-estórias, com a participação de estudantes do ensino médio da Rede Pública Estadual de Feira de Santana, de 9 instituições escolares, na faixa etária de 15 a 24 anos. Nesse contexto, foram selecionados 104 desenhos-estórias (31,1%) para o sexo masculino e 178 (53,3%), para o feminino; sendo excluídos 52 (15,6%), em função das seguintes razões: 6 alunos não responderam e/ou instrumentos apresentaram ausências de informações e 46 apresentaram as seguintes particularidades: textos com conteúdos evasivos que não contemplavam o tema em foco; outros com apenas o desenho, sem a descrição textual e título; e textos que os alunos apenas dissertaram de forma generalizada, sem atender ao propósito do estímulo para construção da estória sobre o tema, .

Após o cumprimento das fases de Pré-análise e Exploração do Material, encontramos 4 amplas categorias de análise e total de participantes para o sexo masculino e feminino, assim denominadas:

- ✓ Categoria A – Poder, Controle e Privação (60 participantes);
- ✓ Categoria B – Violências: Física, Verbal / Psicológica e Sexual (140 participantes);
- ✓ Categoria C – Ameaça de Morte (25 participantes);
- ✓ Categoria D – Percepção de Violência Fatal (57 participantes)

Estas categorias foram assim denominadas, na perspectiva de possibilidades de análises segmentadas e/ou conjuntas, para melhor compreensão do fenômeno que envolve esse segmento populacional.

A definição das categorias passou por dois momentos, dentro do processo de construção. Inicialmente, observamos a pertinência dos relatos de desfechos fatais por parte dos informantes

do sexo masculino. Este fato também ocorreu com participantes do sexo feminino, o que nos levou a construir as informações na fase pré-analítica visando a categorização dos dados, entretanto com apreensão para o que iria ocorrer na continuidade do processo analítico sobre construção / denominação das categorias.

Assim, com o avançar das tarefas em cada etapa, surgiram novas conexões na dinâmica relacional, por meio do conjunto desenho-estória. Nessa perspectiva, a evidência comportamental dos relatos dos participantes de ambos os sexos revelou os componentes: poder, controle e privação, permeando de forma incisiva as relações, em todas as suas amplitudes. Aliado a este aspecto, acrescenta-se que a autoria do comportamento da agressão foi exclusivamente masculina, revelando o caráter de gênero no círculo relacional.

O processo de análise segmentado por sexo mostrou que os participantes masculinos enfatizaram a parte de grafia (desenho) em detrimento da temática (textual) ao responder os estímulos solicitados por esta técnica. Já o feminino, atuou de forma contrária. A continuidade dos procedimentos de inferência e interpretação por categoria foram embasados na segunda estratégia utilizada para esta fase (Quadro 06). Através deste procedimento, foi fortalecida a ordem das categorias apresentadas anteriormente e, ao mesmo tempo, a presença do padrão comportamental de controle, poder e privação, com presença de agressões (física, psicológica / verbal, sexual).

Quadro 06. Estratégia de análise – Inferência e interpretação dos resultados.

Categoria –		Classificação –	
DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
CICLO DA VIOLÊNCIA (Dinâmica Relacional)			
Fase I	Fase II	Fase III	
CARACTERIZAÇÃO DA VITIMIZAÇÃO			
Tipo de relação	Agressor (a)	Vítima	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)			
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO DE VIOLÊNCIA			
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA			
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS DURANTE A VITIMIZAÇÃO			

Fonte: construção do autor.

A tarefa interpretativa das categorias estabelecidas expressou que os procedimentos analíticos realizados durante todo o processo de estudo, revelou aspectos singulares para a violência nas relações de intimidade entre jovens, no contexto e espaço pesquisado, no que se refere a autoria e comportamento da agressão, assim como a natureza da perpetração nos relacionamentos, através dos relatos dos participantes, de ambos os sexos.

Nesse sentido, a dinâmica relacional do comportamento violento assumiu configurações aperceptíveis que transitaram do comportamento das táticas de controle, regidos por agressões de natureza física, verbal / psicológica / emocional e sexual; ameaça de morte e percepção de violência fatal. Nos relatos, as “estórias” evidenciaram que a relação foi heterossexual e a autoria da perpetração essencialmente masculina, evidenciando o caráter de gênero. Nesse âmbito, observou-se que esse agressor foi caracterizado pelo comportamento agressivo manifesto, assumido na trajetória da relação.

A partir desses aspectos comuns, as conexões e relações dos componentes que constituíram para a interpretação dos resultados, denotaram especificidades referentes a cada categoria de análise, levando a novas interpretações. A seguir, procedeu-se a sumarização final da análise e interpretação das categorias: A - Controle, Poder e Privação; B – Violências: Física, Psicológica / Verbal, Sexual; C – Ameaça de Morte; D – Percepção de Violência Fatal (Apêndices 43 a 76).

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

Essa tese está inserida linha de pesquisa II - Violência entre casais jovens (*dating violence*) e seus pares (*bullying*), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência, com utilização de abordagem qualitativa – que integra com as outras investigações o projeto interinstitucional “Saúde de jovens e violência: Interlocação entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS), Parecer N° 2.929.344, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de N° 89084517.8.0000.0053, com início da coleta de dados após a aprovação desse comitê (Anexo 03).

O processo de coleta dos dados foi realizado após autorização voluntária dos participantes, por meio da assinatura do Termo de Assentimento (TALE) e/ou Consentimento

(TCLE) Livre e Esclarecido, elaborado pelo pesquisador responsável e submetido à aprovação do CEP/UEFS, preparado em duas vias, ambas assinadas pelo pesquisado e pesquisadores, ficando cada uma delas sob a guarda cada um, com pleno sigilo dos dados.

5 RESULTADOS DA TESE

5.1 Artigo 1 – “EPISÓDIOS VIOLENTOS EM RELAÇÕES DE INTIMIDADE E AMIZADE DE JOVENS: ANÁLISE DE SIMILITUDES”

Marcos Antonio Oliveira de Santana

Maria Conceição Oliveira Costa

Cleuma Sueli Santos Suto

Ohana Cunha do Nascimento

Camilla da Cruz Martins

INTRODUÇÃO

A violência nas relações de intimidade de jovens, envolve uma multiplicidade de fatores manifestados por atitudes de controle/poder de um ou ambos os parceiros, que podem se expressar de forma imediata ou latente, capazes de gerar consequências físicas, cognitivas e emocionais. As desigualdades nas relações são produzidas por normas e mecanismos pelos quais são naturalizadas noções de hierarquia e papéis sociais de gêneros, moldados por experiências agressivas precedentes, com familiares, amigos ou parceiros (as) (CECHETTO *et al.*, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

A compreensão das especificidades nas relações de gênero na juventude revela que esses indivíduos vivenciam as primeiras experiências abusivas nos relacionamentos afetivo-sexuais, podendo assumir comportamentos negativos/agressivos e considerados aceitáveis, produzidos pelo processo de socialização e legitimados por grupos sociais, gerando divergências, numa etapa da vida em que a sexualidade é um aspecto fundamental (HEILBORN, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Nesse sentido, estudiosos têm observado que a dinâmica das agressões no relacionamento/intimidade de casais jovens se expressa de múltiplas formas, pelo comportamento de táticas de controle, assim como agressões físicas, psicológicas/emocionais e/ou sexuais. As atitudes abusivas podem ocorrer de forma cíclica ou isolada e provocar danos de maior magnitude, bem como prolongar-se no tempo e estender-se para a vida adulta (MARTSOLF *et al.*, 2012; VOLPE *et al.*, 2014; CECHETTO *et al.*, 2016).

Em âmbito internacional, a literatura vem revelando índices preocupantes sobre a violência nas relações de intimidade. Nas regiões da América do Norte e Europa, estudos

demonstram altos índices de vitimização entre moças e rapazes, os quais foram vítimas de agressão física nas relações de namoro (LEEN *et al.*, 2012). Em contexto Africano, no Mediterrâneo Oriental e Sudeste Asiático, estima-se que em torno de 37% das mulheres sofreram agressão física e/ou sexual do parceiro íntimo (WHO, 2013). Pesquisa realizada no Brasil, com 3.205 jovens de instituições de ensino públicas e privadas de 10 capitais, observou-se índices acima de 85% de vitimização e agressão, entre o feminino e o masculino; respectivamente; enquanto que proporções semelhantes revelaram como vítima e perpetrador, simultaneamente – bidirecionalidade/reciprocidade (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011).

Evidências sugerem que a violência nas relações íntimas tem sido associada a problemas de saúde física (lesões leves e graves) e psicológica/emocional (depressão, ansiedade, estresse elevado, ideação suicida) desses jovens, além da manifestação de comportamentos negativos e envolvimento com substâncias psicoativas (álcool, drogas ilícitas) (FOSHEE *et al.*, 2013).

Nesse contexto, a rede de amizade é significativa no auxílio ao estabelecimento de relações de intimidade, assim como na evolução e dinâmica do relacionamento entre casais, uma vez que a qualidade desses relacionamentos serve como parâmetro, frente às futuras relações afetivo-sexuais. Os amigos oferecem conselhos, fornecem auxílios diversos, para situações específicas, como a seleção do parceiro, *feedbacks* sobre a escolha, apoio durante o conflito e incentivo à dissolução de relacionamentos não saudáveis (VAN DE BONGARDT *et al.*, 2015; LIU *et al.*, 2018).

Nessa perspectiva, pesquisas têm enfatizado a importância do ambiente familiar (relacionamento parental) e suporte social, para o desenvolvimento do jovem. Especialmente, no ambiente escolar, inseguranças e conflitos podem ser externalizados, permitindo que o jovem possa se integrar, aprendendo e assumindo como próprias, algumas características do grupo social, como forma de lidar com problemas e conflitos (STEPHENSON, MARTSOLF, DRAUCKER, 2011; SAWYER, 2012).

Este artigo tem como objetivo analisar eventos violentos nas relações afetivo- sexuais de jovens e o papel da rede de amigos, no processo das relações abusivas.

MATERIAS E MÉTODOS

O presente estudo faz parte de um projeto interinstitucional em parceria com três universidades (UEFS/NNEPA; UQAM/Montreal; UCSAL/Salvado. A primeira etapa do Projeto já foi concluída e tratou dos processos de adaptação transcultural, validação de conteúdo e construto, assim como às análises psicométricas do instrumento de pesquisa e coleta “Parcours

Amoureux des Jeunes” (PAJ) - “Percurso Amoroso de Jovens/PAJ”, original do Canadá, para aplicação do Questionário em contexto brasileiro (NASCIMENTO, 2014). O projeto interinstitucional calculou uma amostragem representativa por conglomerado em dois tempos, sendo selecionadas 56 escolas públicas do município e 2.067 alunos, retirados do Universo de Escolas públicas do município Feira Santana e de alunos matriculados, na faixa de 15 a 24 anos. As unidades primárias foram as escolas, organizadas por porte (pequeno, médio e grande porte) e distribuídas por zonas de localização; e as secundárias os estudantes matriculados nas escolas selecionadas, independente do gênero.

Para atender o objetivo desse artigo foram utilizadas duas questões subjetivas do instrumento de coleta de dados PAJ, relacionadas ao tema de “Experiências difíceis e relacionadas com a violência, nas relações de intimidade com amigos e parceiros” (Questões: Como aconteceu o evento violento na intimidade, fatores precipitantes e pessoas envolvidas; estratégias de enfrentamento; sentimentos experienciados e manifestados). Foi utilizada abordagem qualitativa, com amostragem aleatória (210), selecionada eletronicamente, a partir da amostra original, constituída pelos estudantes que participaram da amostragem original, na faixa etária de 15 a 24 anos, independente do gênero.

Na realização da coleta dos dados, entre os meses de agosto a novembro do de 2018, foram explicitados os objetivos da pesquisa, buscando a colaboração dos jovens, garantindo-lhes livre arbítrio e condição de anonimato. Para preservação do anonimato e sigilo dos pesquisados, os professores foram retirados das salas, as cadeiras dispostas de forma equidistantes e os pesquisadores mantiveram-se em local neutro no espaço de coleta, mas disponíveis para esclarecimentos referentes à pesquisa, a fim de facilitar a adesão e supervisionar de forma sigilosa. No centro das salas foram disponibilizadas urnas, para deposição do material de coleta.

No processo de análise, os relatos dos jovens foram transcritos, organizados e processados, com auxílio do *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) 0.6 alpha 3 . Através do *software* foram realizadas as *Análises de Similitudes*, apresentadas sob o formato de *Árvore de Similitude*, as quais permitiram organizar os dados em dois corpus. As questões foram analisadas separadamente e os dados são apresentados através de figuras gráficas geradas pelo *software* (CAMRGO, JUSTO, 2013).

O Iramuteq organizou a distribuição do vocabulário, advindo dos relatos dos estudantes, de forma compreensível e clara, o que possibilitou aprimoramento do processo de interpretação dos dados, frente ao grande volume de textos. O *corpus* advindo das resposta a primeira questão

com 276 coocorrências e 71% de aproveitamento, o segundo corpus conformou 308 coocorrências e 65% de aproveitamento. Para a elaboração dos gráficos, utilizou-se como ponto de corte a frequência de relatos de palavras igual ou superior a cinco, em todos os corpus analisados, os quais formaram os núcleos de sentido. As frequências simples e proporcionais dos dados sociodemográficos dos estudantes que participaram desse estudo foram analisados com o *software IBM® SPSS® Statistic* versão 22.

Para os estudantes menores de 18 anos, foi solicitada autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento) e, para os maiores, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, com anuências da Secretaria de Educação/Núcleo Territorial de Educação/NTE19 e unidades escolares participantes (BRASIL, 2012).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 89084517.8.0000.0053). A fim de preservar o anonimato, as participantes foram identificadas com a letra “P”, seguida da sequência cronológica da participação, sexo e idade em anos.

RESULTADOS

Do total de 210 estudantes participantes desta etapa do projeto, cerca de 85,0% encontrava-se na faixa entre 15 e 18 anos; 67,5% era do feminino; 60,5% se autodeclararam pretos/pardos; 52,8% habitavam com pais biológicos ou adotivos e 33,8%, apenas com a mãe.

As Análises de Similitudes realizadas pelo Iramuteq resultaram em duas figuras, *Árvore de Similitude*, cada uma representando uma das questões subjetivas do PAJ estudadas. As palavras ou termos que formaram os corpus foram analisadas por ordem de co-ocorrência, constituindo assim os *núcleos de sentido*, conectados por um fio condutor - linha central de ligação que esquematiza cada uma dessas figuras, ao longo do seu eixo.

Em resposta à questão “A” (Figura 1), a *Árvore de Similitude* apresenta o conjunto dos relatos sobre eventos violentos, os quais foram organizados em três núcleos de sentido: (1) Amigos e Familiares, (2) Si Mesmo (O jovem) e (3) Namorado. A descrição dos participantes sobre o episódio violento mostrou similaridades e divergências, para cada um dos núcleos.

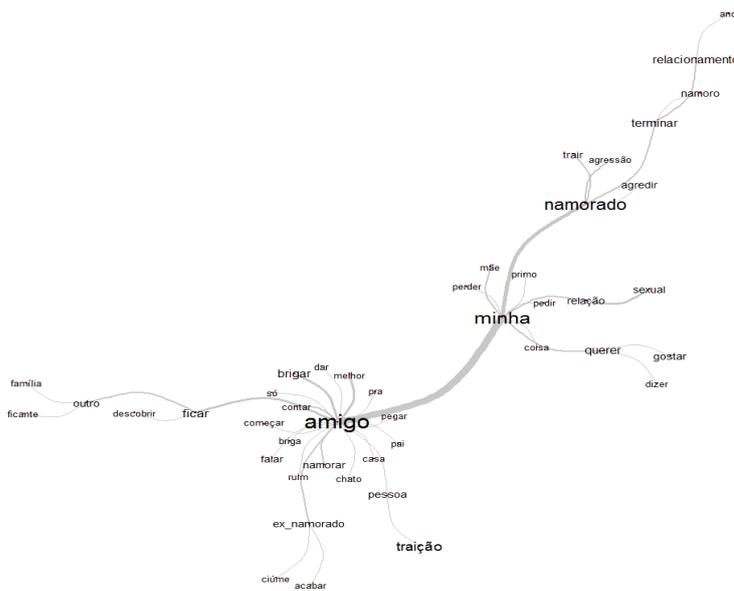


Figura 1: Análise de Similitudes executada pelo software Iramuteq – Respostas de jovens à questão “A”: como aconteceu o evento violento, fatores precipitantes e pessoas envolvidas. Feira de Santana, BA, 2019. (n=210)

O núcleo ‘amigo’, especialmente, assumiu papel ambíguo, como elemento aglutinador/apaziguador em relação à família e namorado, ou de discórdia entre o casal, reunindo situações de convergência e divergência. Ficou evidenciado pelos relatos que a violência decorreu, com muita frequência, de situações nominadas por ‘traições’, resultando em ‘brigas’ que aconteceram em ambiente domiciliar ‘casa’. O núcleo ‘amigo’ se destacou por agregar palavras que expressam diferentes significados: relacionamentos (familiar, relações de intimidade atual e precedente) e conflitos (traição, ciúme, briga), conforme as falas dos jovens:

Minha família não apoiava o namoro, brigávamos muito (P 98, feminino, 17 anos);
 [...] *ficamos em beijos e abraços e depois saímos para jantar* (P 132, feminino, 15 anos);
 [...] *mas como eu tenho muitos amigos rolou fofoca de traição* (P 78, feminino, 16 anos);
Quando as amigas dele inventavam situações falsas para gente brigar (P 170, feminino, 15 anos);
Eu me envolvi com uma menina mais com o tempo descobri a traição (P 204, masculino, 14 anos).

Segundo os estudantes, o envolvimento em episódios violentos ocorreu, tanto pela cumplicidade e solidariedade entre amigos, quanto em decorrência do envolvimento de outros sujeitos, no entorno dos amigos:

[...] *sobre tudo o que tinha acontecido, disse que não contaria a ninguém* (P 151, feminino, 16 anos);

O namorado dela quer proibir ela de sair com os amigos, não gostei (P 130, feminino, idade não informada);

Com pessoas perto da comunidade onde eu moro, ele agrediu algumas delas (P 171, masculino, 16 anos).

Os termos que remontam ao núcleo ‘minha/si mesmo’ (Figura 1) expressaram laços familiares, relação de intimidade (relação sexual) e desejos (querer, gostar e perder):

Estava embriagada pedindo para ter relações sexuais com ela (P 67, masculino, 18 anos);

Como gostava, ficamos nos encontrando escondido (P 147, feminino, 17 anos);

Ele ficou com ela e depois terminamos (P 201, feminino, 18 anos).

O núcleo representado pelo termo ‘namorado’ mostrou vocabulário envolvendo distintos significados: relacionamento (namoro) e violência (agressor, trair, agressão). No entanto, segundo os participantes, as situações de violência foram também precipitadas por consumo de álcool, por parte de um dos parceiros, que se tornou agressivo:

O namorado era carinhoso e calmo (P 4, feminino, 18 anos);

[...] *brigamos, eu chorei, depois ele me pediu desculpa* (P 181, feminino, 15 anos);

O namorado terminou e apareceu com outra namorada (P 4, feminino, 18 anos);

Ficamos brigando durante uma tarde toda (P 153, masculino, 15 anos);

Minha namorada bêbada, brigamos (P 47, masculino, 19 anos).

Com base nas respostas à questão “B” estratégias de enfrentamento (Figura 2), foram identificados três núcleos de sentido, como possibilidades para resolução do conflito íntimo do casal: ‘conversar’; ‘ficar’, ‘falar’ e ‘brigar’; e, ‘terminar’. Entre os núcleos ‘conversar’ e ‘ficar’, ‘falar’ e ‘brigar’ verificou-se o sub-núcleo formado pelos termos ‘só’, ‘amigo’ e ‘minha’, que remontam ao papel do amigo ou à decisão pessoal, para resolução do conflito.

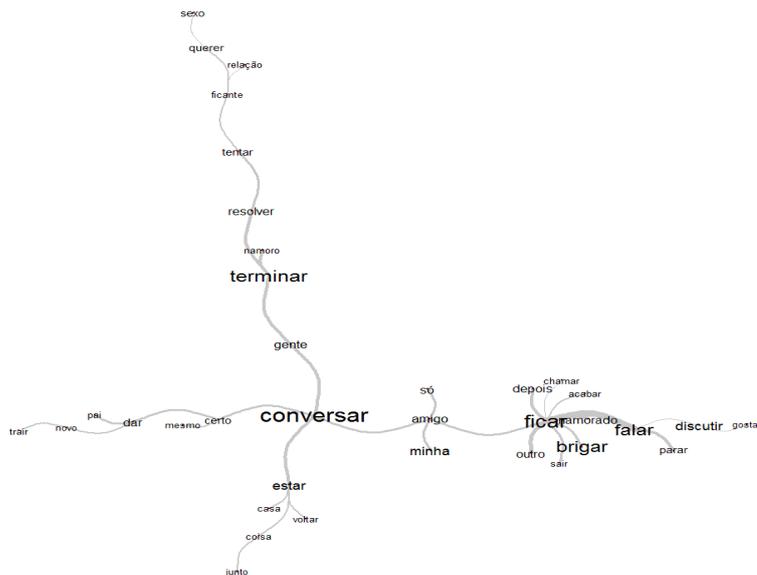


Figura 2: Análise de similitudes fornecida pelo software Iramuteq. Respostas dos jovens à Questão “B”: estratégias de enfrentamento da violência na intimidade. Feira de Santana, BA, 2019. (n=210)

O ‘brigar’ se apresenta como terminologia central do núcleo ‘ficar’, ‘falar’ e ‘discutir’, uma das estratégias relatadas, como possibilidade de solução para o conflito :

[...] *brigamos e discutimos muito* (P 148, feminino, 14 anos);
Eu terminei por que não estava me agradando do nosso namoro (P 38, feminino, 18 anos);
Éramos amigos e depois começamos a ficar, pois isso virou namoro (P 4, feminino, 18 anos);
Conversamos e resolvemos a situação, não terminamos (P 150, feminino, 17 anos).

A opção por ‘terminar/brigar/ficar só’, significava a finalização do relacionamento ou eleger um amigo com laços afetivos, para intermediação dos conflitos, conforme as falas:

Ficamos sem nos falar por muito tempo, aí o amigo ajudou (P 133, feminino, 15 anos);
 [...] *ficou chateado quando descobriu, melhor só* (P 3, feminino, 20 anos).

As demais estratégias reveladas pelos estudantes, diante das situações conflituosas, envolveram o núcleo ‘conversar’, cuja perspectiva é restabelecer o diálogo, resolver se ‘fica’ (permanece) ou se ‘briga’ e finaliza o relacionamento.

DISCUSSÃO

Nesse estudo, os relatos apontaram que as manifestações violentas, nas relações de intimidade, ocorreram no ambiente familiar ou fora dele, tendo como fatores precipitantes ‘ciúme’, ‘traição’ e ‘desobediência’ da vítima (Figura 1). Os eventos envolveram sujeitos, como namorado (a), ex-namorado (a); cabendo ressaltar relatos da utilização de bebidas alcoólicas entre os participantes, durante os episódios. A traição foi, frequentemente, explicitada como fator precipitante e justificativa para o ato de violência, perpetrada pelo namorado ou ex-namorado. No entanto, para este grupo de jovens, os termos ‘namoro’ e ‘ficar’ prescinde de definições, pois em alguns relatos são utilizados como sinônimos de relacionamento com vínculos estabelecidos “namoro” e, em outros, com significado de relacionamento fluído, sem vínculo mútuo “ficar”.

No plano conceitual, o namoro é caracterizado como uma relação de natureza interpessoal que possibilita a partilha sentimental e/ou sexual entre parceiros, envolvendo múltiplas dimensões: compromisso, interação futura e intimidade física. Entretanto, essa forma de relacionamento, que deveria ter suas essências nos planos da intimidade e sentimentos, pode ser permeada por atitudes violentas, verbalizadas ou expressadas de diferentes formas, em função de mudanças comportamentais, frente a um determinado conflito, seja por opinião contrária, ou ação não concordante – concebida pelo parceiro (DE ATAÍDE, 2015).

Estudiosos apontam ainda que, na juventude ocorre outras formas de relacionamentos, como o “ficar” e “pegar”, os quais apresentam características peculiares. Entre jovens, a expressão “ficar” está relacionada à falta de compromisso, onde duração do relacionamento não assume importância para o envolvimento, não há cobrança de fidelidade, podendo ocorrer diferentes formas de intimidade (carícias, beijos e relação sexual) (RIBEIRO *et al.*, 2011).

Pesquisadores apontam que a relação de intimidade e/ou amizade entre jovens possui caráter polissêmico, inerente e relacionado com os pares, através da partilha de experiências, descobertas e anseios, com significativa afetividade, percursos diversos, ambíguos, além de contraditórios. Nesse sentido, tais relações interpessoais podem ser expressas por experiências com teor de intimidade mais acentuado, contato corporal mais próximo (carícias, beijos, abraços), como forma de compensar sentimentos de paixão ou desejo (À VÍTIMA, 2011)

Na perspectiva da “Teoria Triangular do Amor” a relação amorosa é evidenciada por três componentes: *intimidade* (proximidade, conexão, vinculação), *paixão* (desejos que resultam em romance, atração física e ato sexual) e *decisão/compromisso* (definição e manutenção desse sentimento) (STENBERG, 1986). O consenso entre estudiosos aponta que, no decorrer do tempo, o processo de vinculação de jovens, nos relacionamentos entre pares, assume maior profundidade, seguindo a lógica da teoria da vinculação parental, com

transferência das funções de natureza primária dos progenitores para os pares e parceiros românticos (À VÍTIMA, 2011; SILVA, 2014).

Na presente pesquisa, entre os envolvidos nas manifestações violentas, os amigos apresentaram um papel ambíguo. Em algumas situações atuando como importante elo de apoio e mediação entre o casal, até mesmo como conexão afetiva entre os jovens e respectivos familiares; e em outras situações, como elemento de possível discórdia, pela transmissão de informações sigilosas. Segundo relatos dos jovens, o namorado (a) ou ex-namorado (a) foram frequentemente citados como o sujeito agressor no ‘relacionamento’ amoroso, com perpetração de violência psicológica, com ou sem agressão física. A conformação do *núcleo ‘namorado’* aponta que, com maior frequência, as situações de conflitos foram perpetradas pelo masculino e mais presentes nas relações de intimidade do tipo “namoro”, muito embora os relatos dos jovens tenham mostrado pouco discernimento entre “ficar” e/ou “namorar”, considerando as características peculiares e distintas desses tipos de relacionamentos, conforme o consenso da literatura (RIBEIRO *et al.*, 2011).

No que concerne às consequências e desdobramentos, o ciclo de violência nas relações íntimas apresenta três fases evolutivas: a) fase do aumento da tensão, caracterizada por atitudes de intimidação e controle, evoluindo para discussão e atos violentos, podendo ser mais intensa, com uso de álcool ou drogas; b) fase do ataque violento, manifestado através da violência física, psicológica e/ou sexual, podendo culminar em evento fatal; c) fase da reconciliação, marcada por promessas de mudanças de comportamento pelo ofensor, expressando afeto, atenção e cuidado a vítima, para dirimir sua culpa e manter o relacionamento (MANITA, RIBEIRO, PEIXOTO, 2009).

No estudo de Feira de Santana, um aspecto que chamou atenção (Figura 1) foi a utilização da palavra ‘minha’, com sentido de “posse”, expressando relações desiguais entre o feminino e o masculino. Os estudantes, independente do gênero, ao descreverem como ocorreu o ato violento, apontaram o masculino, como principal sujeito da agressão e o feminino, como responsável/desencadeador do conflito. Os fatores precipitantes justificados para as ocorrências violentas foram ‘traição’ e ‘desobediência’, real ou imaginária, sendo explicitada a culpabilização da vítima por ter apresentado atitudes consideradas não adequadas em nível social como “querer ser ou estar sensual”. Os relatos enfatizaram que o ato violento foi motivado por não ser esta uma atitude socialmente permitida à mulher. Nesse sentido, os jovens parecem reconhecer que família/amigos/namorado “podem” ou “têm direito” a utilizar a violência nas relações interpessoais, tendo como justificativa limitar comportamentos inadequados, com base em juízo de valor moral individual, usando como argumento a

transgressão de regras sociais estabelecidas. Esses comportamentos abusivos apontam em direção à repetição do modelo familiar/social androcêntrico (supremacia masculina) e transferência geracional da violência entre os gêneros, especialmente na intimidade.

Na perspectiva da análise de gênero, estudiosos apontam que a violência nas relações íntimas de jovens apresenta características relacionadas à violência de gênero, manifestada pelo abuso do poder contra a vítima, estabelecendo um relacionamento de desigualdade e discriminação. Na sociedade brasileira, esse comportamento é produto da cultura patriarcal que expressa características de hierarquização, com sobreposição do masculino, materializado pelo poder e dominação sobre o feminino (androcentrismo) (CHECHHETO *et al.*, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Essa construção sociocultural tem base nas normas de gênero, em que o masculino e o feminino são submetidos às influências que podem determinar atitudes e comportamentos permeados por preconceitos e hierarquias. Nesse sentido, no processo de socialização de gênero, pais/responsáveis, namorados, amigos exercem influências diretas e indiretas (regras e expectativas), que colaboram para continuidade e perpetuação das condutas de supremacia do masculino (OLIVEIRA *et al.*, 2016; AMIN *et al.*, 2018).

As estratégias de enfrentamentos citadas pelos jovens (Figura 2), para as situações de violência, expressaram possibilidades de resolução dos conflitos, através de conciliação, buscando a ‘conversa’, como perspectiva para permanência no relacionamento, explicitada pelo ‘ficar’ (permanecer). Nesse contexto, destaca-se o papel agregador do amigo, que assume o papel de ligação afetiva, na intermediação das questões conflituosas entre o casal. Outra possibilidade relatada para enfrentamento foi a finalização do relacionamento ‘terminar’. Para o grupo estudado, o diálogo se coloca como uma possibilidade que contribui, seja para permanecer ou para finalizar a relação.

Nas últimas décadas, tem-se verificado características de ambivalência nos relacionamentos íntimos de jovens, marcado por relações breves, visando o prazer momentâneo, a individualidade, regido pela falta de compromissos entre parceiros e atitudes de controle entre o casal, de forma uni ou bilateral (NASCIMENTO, CORDEIRO, 2011).

Na presente pesquisa, os jovens revelaram ambiguidade em relação ao “namoro”, podendo ser estabelecido com base em compromisso, assim como numa relação fluída, que pode ser dissolvida, ‘terminada’. Esses relatos apontam para a falta de clareza dos jovens sobre os limites ético/moral e comportamental estabelecidos para cada um desses relacionamentos. Nesse sentido, estudo realizado em dez capitais brasileiras com jovens, independente do gênero, de escolas públicas e particulares apontou que 84% dos participantes explicitaram relações

afetivo-sexuais do tipo “ficar”, principalmente os rapazes. A relação do tipo “ficar” é compreendida como liberal, com ausência de compromisso e possibilidade de ‘traição’, sem consequências, podendo ou não evoluir para namoro (RIBEIRO *et al.*, 2011).

A estratégia ‘terminar’, (Figura 2), traz interligação com os termos ‘querer’ e ‘vontade’, apontando a determinação de finalizar a situação de violência experienciada e a compreensão de que não importa se esta se configurava como “namoro” ou “ficar”. Fatores individuais, resiliência pessoal (autoestima) e social (apoio de amigos e/ou familiares), entre outros podem ser motivações geradoras do ‘querer/vontade’, que permite decidir não ser mais possível se manter na relação abusiva.

Pesquisa realizada com 83 jovens, na faixa de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, em Ohio (EUA), mostrou que, para finalizar relacionamentos violentos, foram relatadas diferentes estratégias, como o envolvimento com outra pessoa, intencionalmente; vivenciar o mesmo relacionamento diversas vezes, até desistir de recomeçar; provocar um distanciamento gradativo; e decidir finalizar, de forma unilateral ou por ambos (MARTSOLF, DRAUCKER, BRANDAU, 2013).

CONCLUSÃO

No presente estudo, a dinâmica dos eventos violentos nas relações de intimidade ocorreu com participação dos ‘amigos’, assumindo papel estratégico, porém ambíguo, enquanto elemento de apaziguamento e/ou discórdia.

Os eventos foram motivados por ‘ciúme, briga e traição e as manifestações agressivas expressaram relações desiguais entre gêneros, onde o masculino foi apontado como principal responsável pela perpetração da violência. O diálogo mostrou-se como principal estratégia de enfrentamento da relação abusiva e o ‘amigo’ assumiu posição fundamental no apoio, para resolução ou confrontação.

Esta pesquisa contribui para ampliar a compreensão do fenômeno da violência nas relações de intimidade de jovens, considerando a abrangência do, no que diz respeito à amostragem de escolas, de alunos e campo de estudo, no município estudado.

Considerando que a escola tem representatividade social/cultural para a juventude, os achados contribuem para ampliar e aprofundar a compreensão sobre o tema e sinalizam a necessidade de ações efetivas direcionadas a incentivar relacionamentos saudáveis e pacíficos, prevenindo assim os impactos negativos e a transmissão geracional da violência entre casais da geração atual e futura.

REFERÊNCIAS

- À VÍTIMA, Associação Portuguesa de Apoio. Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir. **APAV (Ed.), Violência no Namoro**, p. 85-107, 2011.
- AMIN, Avni et al. Addressing gender socialization and masculinity norms among adolescent boys: policy and programmatic implications. **Journal of Adolescent Health**, v. 62, n. 3, p. S3-S5, 2018.
- BRASIL (País). Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
- CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.
- CECCHETTO, Fátima et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 853-864, 2016.
- DE ATAÍDE, Marlene Almeida. Namoro: uma relação de afetos ou de violência entre jovens casais? **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 12, n. 1, p. 248-270, 2015.
- FOSHEE, Vangie A. et al. The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 42, n. 4, p. 471-486, 2013.
- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006.
- LEEN, Eline et al. Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. **Aggression and violent behavior**, v. 18, n. 1, p. 159-174, 2013.
- LIU, Ting et al. Congruity and divergence in perceptions of adolescent romantic experience between Chinese parents and adolescents. **Journal of Adolescent Research**, v. 35, n. 4, p. 546-576, 2020.
- MANITA, Celina; RIBEIRO, Catarina; PEIXOTO, Carlos. Violência doméstica: compreender para intervir: Guia de boas práticas para profissionais de saúde. 2009.
- MARTSOLF, Donna S. et al. Patterns of dating violence across adolescence. **Qualitative Health Research**, v. 22, n. 9, p. 1271-1283, 2012.
- MARTSOLF, Donna S.; DRAUCKER, Claire Burke; BRANDAU, Melvina. Breaking up is hard to do: how teens end violent dating relationships. **Journal of the American Psychiatric Nurses Association**, v. 19, n. 2, p. 71-77, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Editora Fiocruz, 2011.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 516-525, 2011.

NASCIMENTO, Ohana Cunha do et al. Adaptação transcultural do inventário Parcours Amoureux des Jeunes–PAJ de origem canadense para o contexto brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3417-3426, 2015.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, n. 3, 2016.

RIBEIRO, F. M. L. et al. Entre o ficar e o namorar: relações afetivo-sexuais de adolescentes. **Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadoras. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 55-86, 2011.

SAWYER, Susan M. et al. Adolescence: a foundation for future health. **The lancet**, v. 379, n. 9826, p. 1630-1640, 2012.

SILVA, Joana Isabel Coelho Seixas da. **A qualidade da vinculação e as experiências de vitimação: o seu papel nas crenças juvenis face ao amor**. 2014. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.

STEPHENSON, Pamela S.; MARTSOLF, Donna S.; DRAUCKER, Claire Burke. Proximal antecedents to violent events in adolescent dating relationships. **Issues in mental health nursing**, v. 32, n. 11, p. 670-677, 2011.

STERNBERG, Robert J. A triangular theory of love. **Psychological review**, v. 93, n. 2, p. 119, 1986.

VAN DE BONGARDT, Daphne et al. Romantic relationships and sexuality in adolescence and young adulthood: The role of parents, peers, and partners. 2015.

VOLPE, Ellen M.; MORALES-ALEMÁN, Mercedes M.; TEITELMAN, Anne M. Urban adolescent girls' perspectives on romantic relationships: Initiation, involvement, negotiation, and conflict. **Issues in mental health nursing**, v. 35, n. 10, p. 776-790, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. World Health Organization, 2013.

5.2 Artigo 2 – “CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS EM PESQUISA QUALITATIVA: DESENHO-ESTÓRIA DE JOVENS E ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICA”

Marcos Antonio Oliveira de Santana

Maria Conceição Oliveira Costa

Cleuma Sueli Santos Suto

Mirian Santos Paiva

Maria da Penha de Lima Coutinho

INTRODUÇÃO

A técnica projetiva do “Desenho-Estória com Tema” (DET), no processo de coleta de dados, permite reduzir dificuldades e limites, na expressão do relato do sujeito em investigação, assim como possibilita ampliar o acesso de diferentes participantes na pesquisa. Da mesma forma, propicia a constituição do universo semântico do objeto de estudo, por meio de elementos latentes, geralmente não expressados nos discursos obtidos por outras técnicas de coleta (TRINCA, 2013; SILVA et al., 2017).

No universo das técnicas projetivas, destaca-se a técnica do DET, a qual permite que diversas temáticas possam ser estudadas, quando empregada como estratégia para coleta de dados. Essa técnica tem se destacado como estratégia investigativa importante em pesquisas sobre imaginários coletivos, sendo utilizada tanto no âmbito da entrevista individual quanto coletiva, visto que tem por vocação configurar-se como forma especial de abordagem que, em ambiente propício, possibilita acessar concepções imaginativas, de maneira simples e abreviada, as quais são imprescindíveis para aprofundamento do objeto em estudo (COUTINHO, SARAIVA, 2011).

As técnicas projetivas, como o DET, são conduzidas pela exposição à estímulos não ordenados, possibilitando uma multiplicidade de respostas do sujeito investigado (COUTO et al., 2019). Assim, a aplicação do procedimento projetivo pode ser realizada sob diferentes situações, especialmente no campo perceptivo do indivíduo, em contextos vivenciados, a exemplo de situações de violência nos relacionamentos de intimidade entre jovens (MIGUEL, 2014; CHAMMAS, LEME, CAMPOSET, 2018).

A relevância de utilizar a técnica do DET no desenvolvimento de pesquisas tem como base ser um recurso extremamente fecundo na produção de conhecimentos, tanto na esfera do individual, quanto do coletivo. A solicitação para a elaboração de um desenho sobre um determinado tema corresponde a um recurso dotado de muitas virtudes, quando se intenciona utilizar na pesquisa o método psicanalítico. Assim, ao utilizar um canal expressivo, o sujeito está menos propenso a recorrer às defesas próprias da racionalização. A elaboração de um desenho, seguido do processo de descrição/redação de uma estória sobre a figura desenhada e, posteriormente, a denominação de um título para essa construção, mantém o sujeito da investigação mais próximo do que aconteceu, desestimulando a produção de discursos teórico-conceituais (AIELLO-VAISBERG, 2017).

No processo da análise dos dados, a especificidade da utilização da Análise de Conteúdo, na pesquisa social, dar-se-á pela possibilidade de uma categoria de procedimentos explícitos, aplicados à análise textual, para fins do campo social (BAUER, GASKELL, 2011). Nesse sentido, por meio de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa, com finalidade interpretativa, o conteúdo manifesto da comunicação pode ser revelado.

Considerando o percurso metodológico em pesquisa qualitativa (ALENCAR, NASCIMENTO, ALENCAR, 2012) e abordando questões relativas à violência nas relações de namoro entre jovens, emergiu a seguinte questão: como sistematizar as etapas desenvolvidas na Análise de Conteúdo Temática (ACT), de dados coletados por meio do DET, visando analisar comportamentos violentos de jovens nos seus relacionamentos íntimos? Para responder a tal questionamento, nesta publicação, traçou-se como objetivo apresentar a utilização de ferramentas/instrumentos metodológicos na análise de dados envolvendo as técnicas de Desenho-Estória com Tema e Análise de Conteúdo Temática.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os aspectos éticos que nortearam o presente manuscrito, também o fizeram na tese intitulada: “Violência na intimidade de jovens: fatores antecedentes, manifestações violentas e consequências”, que utilizou as técnicas DET e ACT na coleta e processo de análise dos dados e deu origem a este manuscrito.

O contexto da pesquisa

Estudo descritivo (MEDEIROS et al., 2012) que trata do desenvolvimento de instrumentos que possibilitaram a integração de duas técnicas utilizadas na abordagem qualitativa: a técnica projetiva DET e a ACT. Onde relata-se com detalhamento as etapas dos procedimentos metodológicos de elaboração, aplicação e análise do material empírico. A pesquisa envolveu 334 jovens, de 15 a 24 anos, independente do sexo, sobre a temática da violência nas relações de namoro.

O campo de estudo foram escolas públicas da rede estadual de ensino, inseridas em bairros do município de Feira de Santana, Bahia, Brasil, selecionadas de acordo com as seguintes características: estar situada em zona com altos índice de violência do tipo interpessoal, acometendo a população jovem; ter estudantes residentes em distritos e municípios circunvizinhos; estar situada em zona com alta frequência de afrodescendentes; envolvimento de jovens matriculados em situação de infrações e/ou marginalidade/criminalidade.

A amostragem foi de natureza não probabilística e intencional (MINAYO, 2017). Participaram estudantes de uma determinada turma, em cada escola selecionada, que atendia aos critérios da pesquisa (ambos os sexos e faixa etária de 15 a 24 anos). A direção, em cada uma das escolas, disponibilizou o espaço da sala de aula, mediante agendamento prévio. A coleta foi realizada no ano de 2018, nos turnos matutino e vespertino, com os alunos presentes que aceitaram participar do estudo e assinaram os termos.

Aspectos éticos em pesquisas

No momento de aplicação do instrumento de coleta, os 334 estudantes que aceitaram participar assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Para os estudantes menores de 18 anos, foi solicitada autorização dos pais ou responsáveis no Termo de Assentimento com a devida antecedência. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS, sob o protocolo de nº 2.929.344, conforme regulamentação da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

A fim de preservar o anonimato e sigilo dos participantes, os professores foram convidados a permanecerem fora das salas, as cadeiras organizadas em posições equidistantes, os pesquisadores mantiveram-se em local neutro do ambiente, disponíveis para esclarecimentos e, no centro das salas, foram disponibilizadas urnas, para deposição do material de coleta pelos jovens.

Produção dos dados

Para o processo de coleta de dados, inicialmente foi informado aos alunos sobre a técnica do DET e a importância de sua utilização, como meio de obtenção de informações, visando subsidiar o desenvolvimento de ações preventivas e de intervenção, em favor da juventude e da resolução de seus problemas, referentes a violência nas relações de namoro.

Em seguida, os estudantes que confirmaram suas participações, receberam uma folha de papel ofício tamanho A4, em branco. Para elaboração do DET foram repassados os seguintes estímulos para todos alunos presentes em sala de aula, respeitando-se o tempo necessário a cada etapa do processo de coleta de dados:

- Desenhe algo que represente a violência na relação de namoro;
- Agora, olhe para o desenho e escreva uma história que contenha início, meio e fim;
- Ao final, leia sua história e dê um título.

Observou-se a surpresa dos alunos, diante das tarefas solicitadas, visto que não tinham participado, em outros momentos, de pesquisas que utilizaram técnicas projetivas para coleta de dados como a DET. Vale destacar que o desenho foi o estímulo que denotou maior preocupação dos participantes, inquietando inicialmente um grupo significativo; em seguida, alguns sinalizaram dificuldade em realizar o desenho. No entanto, os pesquisadores procuraram tranquilizá-los, deixando-os à vontade e estimulando para que usassem a criatividade. Assim, de forma geral os estudantes apresentaram um envolvimento positivo, com expressiva aceitação. Esta tarefa, em suas três etapas, teve uma duração média de 40 minutos, em cada uma das turmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicados 334 DET, sendo analisados 282, onde 104 (31,1%) foram de participantes do sexo masculino e 178 (53,3%) do sexo feminino. Considerando que alguns DET não atendiam aos critérios estabelecidos pela pesquisa, 52 (15,6%) foram excluídos, pois seis (6) alunos não responderam e/ou apresentaram ausências de informações e 46 apresentaram as seguintes particularidades: apenas a construção do desenho, sem a descrição textual, assim como textos que não contemplaram histórias sobre o tema em foco. Assim, os 282 DET analisados possibilitaram a construção de quatro categorias de análise, exemplificadas na figura 1.

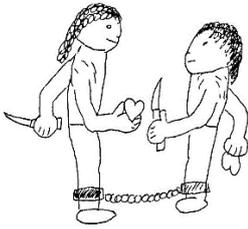
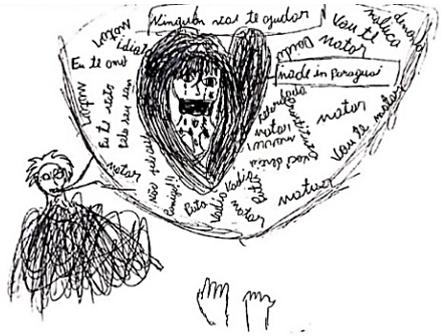
Para a análise dos dados textuais (estórias) utilizou-se a Análise de Conteúdo Temática seguindo-se a proposta apresentada por Coutinho (COUTINHO, 2005; COUTINHO, SERAFIM, ARAÚJO, 2011). Adotou-se a trajetória metodológica, operacionalizada em três fases: pré-análise, descritiva analítica e análise reflexiva e crítica.

Na fase de pré-análise, permitiu-se organizar e catalogar os DET, com base na descrição dos personagens envolvidos; meios usados para executar o ato violento (interpessoal/material); fatores precedentes; gestos/attitudes, emoções/sentimentos, sinais. O desfecho apresentado nas estórias, em cada DET, foi fundamental para compreensão da síntese interpretativa do contexto.

O processo da pré-análise através da ACT, em decorrência da utilização de um conjunto de procedimentos objetivos e sistemáticos, possibilita a descrição do conteúdo das mensagens e inferências de conhecimentos relativos às condições de produção de sentidos (BARDIN, 2011) Nesse aspecto, o processo de análise parte de uma leitura mais elementar, até atingir um nível mais profundo, que ultrapasse os significados manifestos (MINAYO, 2016).

Ainda na fase de pré-análise, os desenhos representativos e geradores de cada uma das categorias conformadas ao final da análise (Figura 1) se apresentam como exemplo do método adotado.

Figura 1. DET representativos e geradores da conformação das Categorias.

<p style="text-align: center;">Categoria Controle, Poder e Privação</p>  <p style="text-align: center;">O amor mata?</p> <p>— Ao longo de um relacionamento ocorre uma mistura de amor e ódio, no qual cada um tenta mostrar controle sobre o outro, tanto pela força como por uma demonstração afetiva ou pelo menos assim se justifica por uma das partes.</p> <p>— Na qual um demonstra um afeto que não existe e dá a impressão de manter o outro preso e sem poder. Já o outro tem uma sensação de ser aprisionado que justifica como o modo de perder o "amor" e por assim dizer, sempre disposto a cometer qualquer ato "amoroso".</p> <p>— A fase mais comum deste é a "se não me quer não (meu/nome) não o de usar a expressão" como de montanha para o outro, o modo de brigar e perder mesmo um relacionamento, fundamentalmente em ameaças e não disposto a viver uma vida de liberdade.</p> <p>As conversas simbólicas e o medo No foco a reatância Do conceito em "amor" É cada um mostra um lado de qual lado que na não menor julgado o que simplesmente acha que si o controla</p> <p style="text-align: center;">P 006 – Sexo Masculino – 16 anos</p>	<p style="text-align: center;">Categoria Ameaça de Morte</p>  <p style="text-align: center;">Tudo culpa minha</p> <p>Essa é uma, ela sabia muito por medo de ser nomeado paulo, ela aponta cada dia, era xingado de recriar coisas ruins, ela se sentiu preso, ela acusava que merecia isso, que era culpa dela tudo aquilo, que isso era punição de Deus por ela ter transado antes do casamento, a noite era dolorosa, ele sempre queria transar, e sempre dava muito, dela pedir como ele pensava e ele não punia, ... sem ela porque agora tudo ocorreu por agora ela não está mais aqui.</p> <p style="text-align: center;">P 049 – Sexo Masculino – 17 anos</p>
<p style="text-align: center;">Categoria Violências (Física / Psicológica / Sexual)</p>  <p style="text-align: center;">Agressão por ciúmes</p> <p>— Houve um casal, Luíza e João, eles se conheceram em um grupinho de amigos, ambos se interessaram um pelo outro e começaram a sair juntos, algum tempo depois, veio o pedido para um relacionamento sério, até aí João era super carinhoso com Luíza, não havia do que reclamar. Todos viam o casal sempre muito feliz. Até que um dia Luíza marcou de sair com alguns amigos da faculdade, e quando ela chegou havia muitos mensagens de João, dizendo que não era pra ela ir, perguntando muitos casos incluindo, se ela havia o traído ela disse que não, no entanto, ele não acreditou e foi ver. Lá no outro dia, chegando lá eles discutiram, pois ele não acreditava nela, em um momento de muita raiva, ele pegou um objeto que estava ao seu lado e bateu nela, logo ela caiu no chão e começou a chorar, ele chegou e se desculpou e disse que foi coisa de momento, mas ela já havia ficado se lembrando disso. Tipo do tipo e que muitas vezes achava um troço de coisa, assim, ele se desculpou e o dia seguinte foi agressão a mulher (Luíza Maria da Cunha)</p> <p style="text-align: center;">P 188 – Sexo Feminino – 16 anos</p>	<p style="text-align: center;">Categoria Percepção de Violência Fatal</p>  <p style="text-align: center;">Era tudo ilusão.</p> <p>Um rapaz jovem bonito que aparentemente era um bom rapaz, de família, educado, conseguiu uma ótima vida financeira e de família. Todos o respeitavam. Marcaram um encontro para um jantar misterioso e tudo estava se saindo bem, mas aconteceu como dizem os "Tudo no começo são flores".</p> <p>É aquela decisão de uma criança para ser um adulto (passagem) de relacionamento com esse rapaz, então se apaixonaram durante a primeira discussão então a menina não queria nem se defender, ele queria conversar e ela decidiu voltar para a casa dos pais mas ele o não deixou falar discutir e ela aceitou e foi com quem ele prometeu que não faria novamente.</p> <p>Tudo voltou a ser repetido dia depois de sair com amigos para um bar, quando chegou em casa sua lembrança tinha ido a um onix barzinho com sua irmã, quando ela chegou em sua residência tinha cupos, pratos, TV quebrada e ela o perguntou o porque ela tinha feito isso e logo ele apareceu armado e disparou um tiro que foi fatal e aquela vida que ele foi morto.</p> <p>Emos, uma vez muitas pessoas casada quando uma vez que foi agredida, e tudo acabou com o feminicídio.</p> <p style="text-align: center;">P 320 – Sexo Feminino – 18 anos</p>

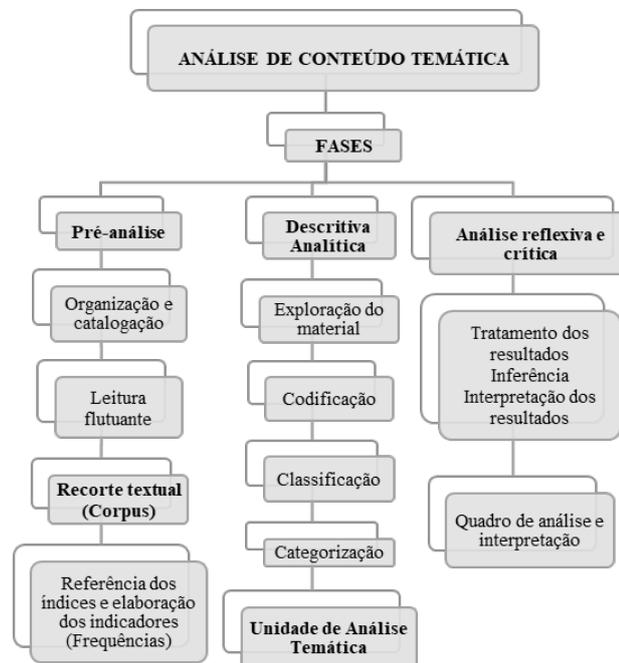
Fonte: Construção dos autores

A organização do material coletado possibilitou a primeira aproximação e identificação de informações essenciais, para desvelar o objeto de investigação. Realizou-se a ordenação com identificação numérica dos participantes e detecção de possíveis exclusões decorrentes de ausências de informações ou danificação do material. Em seguida, os participantes foram divididos em 2 grupos: masculino e feminino, conforme a identificação individual de cada jovem, para exame do material, separadamente; os participantes de cada colégio foram numerados em sequência e organizados em diferentes pastas.

Na tarefa da leitura flutuante, observou-se, conjuntamente, o desenho e estória elaborados pelos participantes, procedimento essencial para as primeiras impressões do material empírico, em relação ao objeto de estudo (COUTINHO, SERAFIM, ARAÚJO, 2011; ASSIS, AIELLO-FERNANDES, AIELLO-VAISBERG, 2016). Nesse aspecto, os DET permitiram a identificação de pontos para extração e conformação de *Corpora*.

Cada *corpus* foi constituído pela composição dos DET, após observações e procedimentos, cumprindo as diretrizes básicas da técnica ACT, exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (MINAYO, 2014), conforme figura 2.

Figura 2. Diretrizes básicas da técnica ACT.



Fonte: Construção dos autores

No que se refere a organização e catalogação dos 282 DET, os de maior frequência em cada temática consolidaram as categorias. Na etapa da extração das informações essenciais e

sua possível inserção em determinada categoria foi possível dar continuidade e encadeamento com as tarefas posteriores. Na sequência, a representatividade evidenciou a composição dos sujeitos da investigação, jovens de ambos os sexos e idade, na perspectiva de dar sentido e compreensão ao propósito do estudo.

Em seguida, cumpriu-se a regra de homogeneidade, ao selecionar os DET visando similaridades entre os desenhos e suas estórias, conforme apresentado por cada participante. Nesse aspecto, foram priorizados os relatos descritos nas estórias, como indicador dessa convergência, considerando que a quantidade de informações pode gerar complexidade para a inserção de cada DET em um grupo específico.

Por fim, buscando a homogeneidade e pertinência, foram eleitos os DET, para composição de cada um dos quatro Núcleos de Sentido, com base nos agrupamentos dos relatos das estórias.

No cumprimento da última fase da pré-análise, a explicitação recorrente dos termos que fizeram parte da composição dos DET e a frequência dessas ocorrências, foram responsáveis pela sistematização e levantamento dos índices e elaboração dos indicadores.

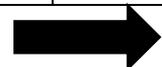
Assim, a leitura exaustiva dos textos e a observação dos desenhos permitiram a extração/recorte e complementação/suporte, durante as etapas de categorização e análise.

Figura 3. Sistematização da Fase Descritiva/Analítica da ACT.

UNIDADE DE ANÁLISE TEMÁTICA							
Violência nas relações de intimidade							
UNIDADE DE CONTEXTO							UNIDADE DE REGISTRO
Sujeito participante Nº	Núcleo de sentido 1	Núcleo de Sentido 2	Núcleo de Sentido 3	Núcleo de Sentido 4	Núcleo de Sentido 5	Núcleo de Sentido 6	
 Síntese Vertical	Características do ato de violência Sexo do agressor Meios usados Consequências ao agressor	Fatores precedentes	Comportamento do agressor	Sentimentos que emergem para concretização do ato	Comportamento da vítima	Sentimentos experienciados pela vítima	

Fonte: Construção dos autores

Síntese Horizontal



Como tarefa final, após as informações de relevância extraídas do conjunto dos DET serem reunidas por equivalência, a elaboração dos componentes da Unidade de Análise foi essencial para interpretação das dinâmicas relacionais que compuseram cada categoria, possibilitando a exploração do material de forma sistemática, objetivando o tratamento dos dados. Algumas dificuldades para denominação das categorias foram supridas, com o exercício dessa etapa.

Para atender a etapa descritiva analítica foi elaborado um instrumento (Figura 3) que permitiu reunir, desde a codificação e classificação, até a conformação das Unidades de Análise Temática.

Durante os procedimentos da ‘Fase de Pré-análise’ emergiram como resultados para o “Desenho Estória com Tema”, relatos de atos violentos com características de violência fatal, achados que se confirmaram na ‘Fase descritiva analítica’ das *Unidades de Contexto*. Vale salientar, que esse desfecho foi explicitado pelos jovens, independente do sexo, conforme identificação individual. Esses achados serviram de base para estruturação da primeira categoria, até então mais evidente, nomeada de Percepção de Violência Fatal (PVF).

Na continuidade das tarefas exploratórias, com base nos achados explicitados no instrumento (Figura 3), ficou evidenciado que, para os relatos das estórias, os jovens escreveram sobre temas reativos a uma dinâmica relacional que reportava às ameaças, anterior à violência fatal, sendo então a segunda categoria nominada de Ameaça de Morte (AM), seguindo a mesma lógica da PVF.

No transcorrer do percurso exploratório da ‘Fase Descritiva Analítica’ e com base no referencial teórico que aporta o estudo, foi consensuado a conformação da terceira categoria, a mais ampla, pois comportava todas as naturezas de violência: Física, Psicológica/Verbal e Sexual (VFPS), considerando a frequência de DET que a compusera.

Por fim, os DET apontaram para uma quarta categoria, nominada de Controle, Poder e Privação (CPP), a qual ficou explicitada durante o exercício da ACT, destacando-se por agregar DET, que relatavam uma multiplicidade de manifestações da Violência Psicológica. Vale salientar, a presença marcante dessa categoria comportamental, no ciclo das relações, e que também permearam as demais categorias identificadas, independentemente do que foi relatado.

Para a terceira e última etapa da ACT, denominada ‘Fase Reflexiva Crítica’, foi elaborado mais um instrumento, utilizado para cada categoria empírica, de acordo com os relatos da violência/ciclo, no intuito de responder a questão de pesquisa e objetivos do estudo. A análise desse instrumento teve como base a obtenção das características sociodemográficas dos jovens (na condição de agressor ou vítima), faixa etária e identificação pessoal de sexo;

meio usado para causar o ato violento (material ou uso de violência interpessoal/contra si mesmo); tipo de relação com a vítima; manifestações violentas precedentes; comportamento do agressor (a); sentimentos que emergem para a concretização do ato de violência; comportamento e sentimentos da vítima experienciados durante o ato violento. Essas informações foram reunidas em um único instrumento (Figura 4).

Figura 4. Fase Reflexiva Crítica da ACT.

CATEGORIA EMPÍRICA		
DESEFECHO DA VIOLÊNCIA		
CICLO DA VIOLÊNCIA (Dinâmica Relacional)		
Fase I	Fase II	Fase III
CARACTERIZAÇÃO DA VITIMIZAÇÃO		
Sexo do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor
Tipo de relação		Vítima
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES		
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)		
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO DE VIOLÊNCIA		
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA		
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS DURANTE A VITIMIZAÇÃO		

Fonte: Construção dos autores

Após o cumprimento de todas as fases de Pré-Análise e Fase Descritiva Analítica, foram confirmadas quatro categorias de análise com participantes de ambos os sexos: Categoria A – Percepção de Violência Fatal (57 participantes); Categoria B – Ameaça de Morte (25 participantes); Categoria C – Violências: Física, Psicológica/Verbal e Sexual (140 participantes); Categoria D – Controle, Poder e Privação (60 participantes).

Com o avançar do processo de análise em cada etapa, foram verificadas conexões na dinâmica relacional, considerando o conjunto de DET em cada uma das quatro categorias conformadas. Nessa perspectiva, ressalta-se que a autoria do comportamento agressivo foi predominantemente masculina, revelando o caráter de gênero no círculo relacional dos jovens que participaram do estudo.

O processo de análise segmentado por sexo possibilitou detectar que os participantes que se identificaram como masculino se expressaram com ênfase na parte de grafia (desenho),

em detrimento da temática textual, ao responder aos estímulos solicitados por esta técnica. Em contraposição, as mulheres, atuaram de forma contrária, se expressando melhor através da redação textual.

A continuidade dos procedimentos de inferência e interpretação por categoria foi estratégica para o desenvolvimento da fase reflexiva crítica (Figura 3). Através desse procedimento, foi fortalecida a denominação/estruturação das categorias apresentadas anteriormente e, ao mesmo tempo, a predominância de alta frequência no padrão comportamental de controle, poder e privação, com presença de agressões (física, psicológica /verbal, sexual).

A tarefa interpretativa das categorias e os procedimentos analíticos realizados mostraram aspectos singulares para a violência nas relações de intimidade entre jovens, no contexto e espaço pesquisado, no que se refere a autoria, a dinâmica relacional, o comportamento agressivo, assim como a natureza da perpetração nos relacionamentos, tendo como base os relatos dos participantes, de ambos os sexos.

Nesse sentido, a dinâmica relacional do comportamento violento assumiu configurações sutis, como táticas de controle, poder e privação, regidos por agressões de natureza psicológica/verbal; além da manifestação de violência física e/ou sexual; ameaça de morte e percepção de violência fatal. Nos relatos, as “estórias” revelaram a autoria da perpetração majoritariamente masculina, evidenciando o caráter de gênero. Nesse âmbito, observou-se que o agressor foi caracterizado pelo comportamento agressivo manifesto assumido, durante a trajetória da relação de namoro.

A identificação do perfil da violência, vivenciada por jovens em relacionamentos íntimos, legitima a necessidade do trabalho de profissionais da saúde e da educação em espaços interdisciplinares, como o Programa de Saúde na Escola. A utilização do DET possibilitou que pesquisadores tivessem acesso a espaços de convivência de jovens/adolescentes (escolas) e coletassem dados de temáticas sensíveis, como a violência no relacionamento íntimo, de forma compassiva e rápida.

CONCLUSÃO

A partir dos aspectos comuns e conexões entre os componentes observados nos elementos gráficos e textuais dos DET, foi possível a constituição das categorias e a interpretação dos resultados. A descrição de forma detalhada sobre a utilização do método de análise de dados, fundamentado na ACT, a partir dos DET e sua aplicação enquanto alternativa

metodológica na pesquisa social, revelou possibilidades de aprimoramento dos aspectos metodológicos e de análises utilizados em pesquisas com abordagem qualitativa.

Apresentar esta experiência metodológica envolvendo DET e ACT revela que é possível sistematizar e reproduzir, de forma prática, ferramentas/instrumentos que podem auxiliar na aplicação de técnicas de análise já consolidadas na pesquisa, visando o aprimoramento técnico-científico.

REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. Estilo Clínico Ser e Fazer: Resposta Crítico-Propositiva a Despersonalização e Sofrimento Social. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 37, n. 92, p. 41-62, 2017.

ALENCAR, Tatiane de Oliveira Silva; DO NASCIMENTO, Maria Angela Alves; ALENCAR, Bruno Rodrigues. Hermenêutica dialética: uma experiência enquanto método de análise na pesquisa sobre o acesso do usuário à assistência farmacêutica. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 25, n. 2, p. 243-250, 2012.

ASSIS, Natália Del Ponte de; AIELLO-FERNANDES, Rafael; AIELLO-VAISBERG, Tânia. “Problemáticos ou invisíveis”: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 31, p. 259-275, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

CHAMMAS, FA; LEME, DF; CAMPOSET, RMF. Expressão e Regulação Afetiva-Emocional em Adolescentes Agressores Sexuais. In: CASTRO, Paulo Francisco de et al. **Fundamentos e Construções Contemporâneas dos Métodos Projetivos**. Ribeirão Preto, São Paulo: ASBRo, 2018.

COUTINHO, M. P. L.; SERAFIM, R. C. N. S.; ARAÚJO, L. S. A aplicabilidade do desenhoe-stória com tema no campo da pesquisa. In: COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, E. R. A. **Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. Editora Universitária/UFPB, 2011, v. 1, 2011.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Depressão infantil e representação social**. Universitária, 2005.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, E. R. A. **Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. Editora Universitária/UFPB, v. 1, 2011.

COUTO, Pablo Luiz Santos et al. O FACEBOOK COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA E LÓCUS NA PESQUISA EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ENFERMAGEM. **Revista Renome**, v. 8, n. 1, p. 84-91, 2019.

MEDEIROS, Samara Lênis Araújo de et al. Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 579-581, 2012.

MIGUEL, Fabiano Koich. Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. **Psico-USF**, v. 19, n. 1, p. 97-106, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, MCS. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016 (Série Manuais Acadêmicos). 95p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR); CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**, v. 150, n. 112, 2013.

SILVA et al. O procedimento de desenhos-estórias como instrumento de estudo da autolesão não suicida na adolescência. In: TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury . **O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso (EBOOK)**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

TRINCA, Walter. Procedimento de Desenhos-Estórias: Formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. **São Paulo: Vetor**, 2013.

5.3 Artigo 3 – “VIOLÊNCIA NO NAMORO DE ADOLESCENTES: RELAÇÕES DE CONTROLE COERCITIVO, COM INTIMIDAÇÃO, PRIVAÇÃO E AGRESSÃO FÍSICA”.

OBSERVAÇÃO: Artigo submetido para publicação na Revista Psicologia e Saúde (PSSA), Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia, ISSN 2177-093X, em 08 de maio de 2020.

Link: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=2177-093X

Teen Dating Violence: Coercive Control Relationships, Intimidation, Deprivation, and Physical Assault

Violencia en la cita de adolescentes: relaciones de control coercitivo, con intimidación, privacidad y agresión física

Eixo 2 - Políticas públicas, cultura e produções sociais

Resumo

Com o objetivo de analisar eventos violentos de controle coercitivo, intimidação, privação e agressão física, nas relações de intimidade de adolescentes foi realizado estudo de abordagem qualitativa, envolvendo 334 adolescentes de 15 a 24 anos, em nove escolas de grande porte. Para coleta de dados foi utilizada a técnica Desenho-Estória com Tema. A categoria ‘Controle, Poder e Privação’, constituída por 60 participantes, expressou três núcleos de sentidos: características do ato violento; manifestações agressivas; comportamento e sentimento do agressor/vítima. O masculino foi identificado como principal perpetrador, utilizando violência relacional, apontando padrão assimétrico nas relações de gênero. Os eventos violentos se manifestaram por agressões psicológica/verbal e física sendo motivado por “ciúme”, “raiva” e “desconfiança”. A violência na intimidade de adolescentes reflete padrões de socialização de gênero, com relações assimétricas e reprodução da violência. Sugere-se investimentos nos setores de educação, saúde e assistência social incentivando relacionamentos equitativos e pacíficos direcionados às novas gerações.

Palavras-Chave: Adolescentes; Violência por parceiro íntimo; Saúde do adolescente; Psicologia do adolescente; Gênero.

Abstract

With the objective of analyzing violent events of coercive control, intimidation, deprivation and physical aggression, a qualitative approach study was carried out in the relationships of adolescents, involving 334 adolescents aged 15 to 24 years, in nine large schools. For data collection, the Story Design with Theme technique was used. The category 'Control, Power and Privation', made up of 60 participants, expressed three core meanings: characteristics of the violent act; aggressive manifestations; behavior and feeling of the aggressor/victim. The male was identified as the main perpetrator, using relational violence, pointing to an asymmetrical pattern in gender relations. The violent events were manifested by psychological/verbal and physical aggressions, motivated by "jealousy", "anger" and "distrust". Violence in the privacy of adolescents reflects patterns of gender socialization, with asymmetrical relationships and reproduction of violence. Investments in the sectors of education, health and social assistance are suggested, encouraging equitable and peaceful relationships aimed at new generations.

Key-Words: Youth; Intimate partner violence; Adolescent health; Adolescent psychology; Genre.

Resumen

Con el objetivo de analizar eventos violentos de control coercitivo, intimidación, privación y agresión física, se realizó un estudio de enfoque cualitativo sobre las relaciones íntimas entre adolescentes, que involucró a 334 adolescentes de 15 a 24 años, en nueve escuelas grandes. Para la recolección de datos, se utilizó la técnica de Diseño de historias con tema. La categoría "Control, Poder y Privación", compuesta por 60 participantes, expresó tres significados centrales: características del acto violento; manifestaciones agresivas; comportamiento y sentimiento del agresor/víctima. El hombre fue identificado como el principal perpetrador, utilizando violencia relacional, señalando un patrón asimétrico en las relaciones de género. Los eventos violentos se manifestaron por agresiones psicológicas/verbales y físicas, motivadas por "celos", "enojo" y "desconfianza". La violencia en la intimidad de los adolescentes refleja patrones de socialización de género, con relaciones asimétricas y reproducción de violencia. Se sugieren inversiones en los sectores de educación, salud y asistencia social, fomentando relaciones equitativas y pacíficas dirigidas a las nuevas generaciones.

Palabras clave: Juventud; La violencia de pareja; Salud del adolescente; Psicología del adolescente; Género.

Introdução

A violência nas relações de intimidade de casais heterossexuais adolescentes e jovens, especialmente no namoro, tem sido discutida e investigada por diferentes setores sociais e áreas do conhecimento, tendo em vista o impacto e repercussões, em nível individual e coletivo. Esta forma de violência se caracteriza por comportamentos de controle, poder e coerção, podendo ocorrer ou não em concomitância com agressões de natureza verbal/psicológica, física e sexual (WHO, 2013; Breiding, Chen, & Black, 2014; Crossman, Hardesty, & Raffaelli, 2016).

Estudos mostram o impacto da violência na intimidade direcionada às questões de gênero, onde os rapazes manifestam comportamentos e atitudes violentas, com maior frequência, podendo evoluir da violência psicológica - coerção, intimidação, privação e outras, até a agressão física (Gomez, Garcia, & Vicario, 2015; Cecchetto, Queiti, Njaine, & Minayo, 2016; Anacona, Cruz, Jimenez, & Guajardo, 2017).

Ressalta-se a relação entre os fatores idade e comportamentos de controle coercitivo, onde mulheres jovens apresentam maiores probabilidades de serem agredidas por parceiros íntimos e com maior gravidade, quando comparadas aos grupos etários com idade superior (Catalano, 2012; Breiding, et al., 2014).

Por outro lado, a literatura tem apresentado que a direcionalidade do comportamento violento, nesse grupo populacional, assume o padrão de simetria de gênero, compreendido no sentido de que está enraizado na estrutura da sociedade e no sistema familiar, de modo que, se estabelece entre parceiros íntimos como um aspecto peculiar de se relacionar mutuamente. Nesse sentido, a repetição e aceitação desses comportamentos podem resultar em formas e consequências mais graves de violências, prolongando-se para outras fases da vida (Pozueco, Moreno, Blázquez, & García-Baamonde, 2013).

Considerando a complexidade desse fenômeno e a multiplicidade de manifestações, quando se analisa a vitimização, em função da natureza das diferentes formas de violência, estudos revelam que os homens são mais acometidos por agressões psicológicas, com alta prevalência entre casais, enquanto mulheres sofrem mais agressões físicas e sexuais (Alleyne-Green, Coleman-Cowger, & Henry, 2012; Hokoda, Campo, & Ulloa, 2012).

De acordo com achados de pesquisas, indivíduos mais jovens são mais propensos de serem submetidos aos mecanismos de vigilância e intimidação, além de apresentarem maiores índices de vitimização por parceiro íntimo, ressaltando o acometimento desigual de mulheres jovens (Capaldi, Knoble, Shortt, & Kim, 2012; Catalano, 2012). Pesquisas mostram que entre 10 e 40% dos adolescentes já vivenciaram agressão física ou sexual no namoro e,

aproximadamente 70%, agressão psicológica (Kann, et al., 2014; Stonard, Bowen, Lawrence, & Price, 2014; CDC, 2016). Outras investigações apontam que, entre 15 e 75% das mulheres adolescentes, na faixa etária entre 13 e 17 anos, foram vitimizadas no relacionamento íntimo (McCarry, 2010).

Na perspectiva de gênero, especialmente no contexto latino-americano, verifica-se que o processo de socialização evidenciado nas sociedades patriarcais, caracterizado pelo androcentrismo, favorece a prática da agressão, cujo protagonismo é de dominância masculina, não importando o gênero do agressor. O processo de naturalização da violência entre jovens abre precedentes para expressão de sentimentos imbrincados na dinâmica do relacionamento violento, a exemplo do ciúme, tristeza, raiva e medo (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016; Souza, Pascoaleto, & Mendonça, 2018).

As consequências da violência nas relações íntimas podem ser danosas para a saúde desse grupo populacional. Adolescentes vitimizados no namoro apresentam probabilidade de evasão do espaço educacional, a fim de não se comunicarem com os parceiros agressores; envolvimento em embate físico com seus pares, podendo desenvolver comportamentos considerados de alta vulnerabilidade: consumo de substâncias psicoativas, quadro depressivo, ansiedade, práticas sexuais de risco (Ball, & Rosenbluth, 2008).

A adolescência se caracteriza como uma fase crucial de desenvolvimento, que pode viabilizar e solidificar processos preventivos, assim como aprender condutas pacíficas e saudáveis nos relacionamentos íntimos e amigáveis. Nos aspectos preventivos, ressalta-se que os relacionamentos íntimos podem caracterizar possibilidades de integrar o reconhecimento de comportamentos abusivos e busca de resolução para os conflitos, dirimindo divergências entre parceiros (Oliveira, Gessner, Brancaglioni, Fonseca, & Egry, 2016).

Nessa mesma direção, as questões de gênero podem ser discutidas, na perspectiva de evitar a naturalização e sedimentação que envolve a violência na intimidade. Estudos têm mostrado alternativas bem-sucedidas, para a prevenção, intervenção e controle de desfechos violentos em casais jovens (Murta, Santos, Martins, & Oliveira, 2013).

Considerando a relevância e o impacto da temática, esse estudo tem como objetivo analisar eventos violentos na intimidade de adolescentes, na perspectiva dos comportamentos de controle coercitivo, intimidação, privação e agressão física.

Método

Estudo de abordagem qualitativa, realizado em Feira de Santana, Bahia, Brasil, no período de agosto a novembro de 2018, com adolescentes e adultos jovens, na faixa de 15 a 24 anos, selecionados por amostragem não probabilística e intencional de 334 estudantes matriculados em nove (9) escolas públicas estaduais, do município, que atenderam aos critérios de inclusão: *instituições* (escolas de grande porte; localizadas em regiões com altos índices de violência; alunos oriundos de municípios circunvizinhos; *alunos* (estar em sala de aula, no momento da coleta de dados; faixa etária estabelecida; aceitar participar da pesquisa).

As turmas foram disponibilizadas pela direção escolar, conforme data agendada previamente para coleta, executada pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência (NNEPA)/Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS-Bahia. Utilizou-se a técnica do Desenho-estória com tema (Trinca, 2013). A operacionalização da coleta foi desenvolvida em etapas, onde os jovens que aceitaram participar, permaneceram em sala de aula, para receber instruções: inicialmente, foi oferecido papel sulfite A4, canetas, sendo solicitada a elaboração de um desenho que representasse ou recordasse uma experiência violenta vivenciada no namoro; posteriormente, foi solicitado que, com base no desenho, relatasse uma estória sobre o mesmo, seguindo um roteiro com início, meio e fim; para finalizar, foi solicitado um título para o seu “desenho-estória”. O tempo médio utilizado para essa coleta de dados foi de 45 minutos.

Para preservar o anonimato e sigilo dos participantes, os professores foram afastados das salas, as cadeiras organizadas equidistantes, os pesquisadores mantiveram-se em local neutro do ambiente, disponíveis para esclarecimentos e no centro das salas foram disponibilizadas urnas, para deposição do material de coleta pelos jovens. Para os estudantes menores de 18 anos, foi solicitada autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento) e, para os maiores, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A análise do material empírico seguiu o modelo proposto por Coutinho (2005): observação sistemática do desenho; agrupamento daqueles que apresentavam similaridades gráficas e proximidades por tema; leituras flutuantes das unidades temáticas; categorização de correspondência dos desenhos-estórias; bem como análise e interpretação dos conteúdos temáticos, delineando as categorias: “controle, privação e poder” (N=60); “violências - física, psicológica e sexual” (N=140); “ameaça de morte” (N=25); “percepção de violência fatal” (N=57). Salienta-se que, do total de 324 participantes, foram excluídos 52 “desenhos-estórias”,

devido a relatos de conteúdos que não contemplavam o tema de estudo; utilização de linguagem simbólica e não compreensível; e devolução do instrumento, apenas com o desenho, sem a estória.

Na fase seguinte, foi implementada a categorização das estórias e conteúdos temáticos, utilizando a técnica de “Análise de Conteúdo Temática/ACT” (Bardin, 2011; Minayo, 2010), executada por etapas: pré-análise dos “desenhos-estórias”, por meio da observação sistemática dos desenhos; em seguida, leitura flutuante das estórias (aprofundamento e interpretação), para realizar o agrupamento por similaridade gráfica e constituir o *corpus* inicial. Após esse processo, foi executada a exploração do material, através da elaboração da unidade de análise temática e constituição da unidade de contexto, com seus respectivos *núcleos de sentido*. A análise e interpretação dos resultados tomou como base a literatura na área.

Para este artigo foi utilizada a categoria “controle, privação e poder”, seguindo os preceitos analíticos das técnicas supracitadas, com observação e análise sistemática de 60 desenhos-estórias selecionados.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da NN [eliminado para efeitos da revisão por pares], sob Protocolo Nº / CAAE: 89084517.8.0000.0053, conforme regulamentação da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012).

Resultados

Conforme explicitado, para este artigo que trata da análise da categoria “controle, privação e poder”, participaram 60 estudantes, feminino (50) e masculino (10), na faixa de 15 a 19 anos.

Nessa categoria, a essência dos resultados foi revelada através de três núcleos de sentidos, os quais expressaram: Características do Ato de Violência (CAT); Manifestações Violentas, Comportamento e Sentimento do Agressor (MVCSA); Comportamento e Sentimento da Vítima (CSV). Cada núcleo de sentido representou um grupo de Desenhos-estórias com tema, sintetizando o procedimento nominado de agrupamento por similaridade.

Características do ato de violência (CAT)

A análise dos desenhos-estórias que integram o núcleo de sentido CAT revelou, no relacionamento íntimo, um padrão comportamental regido por agressão, manifestada por controle coercitivo e dominação, segundo apresentado na Figura 1.

As violências psicológica/verbal e física apresentaram características de violência de gênero, perpetrada com maior frequência pelo masculino e manifestada por diferentes

comportamentos: perpetrando algum tipo de pressão psicológica/verbal, visando que o parceiro adote um comportamento considerado mais apropriado; utilizando meios de intimidação, para afastar os amigos e familiares (privação); manipulando informações pessoais, visando comprometer a relação do outro com seus pares e amigos; adotando um sistema de vigilância, para assegurar a não comunicação da vítima com pessoas que possam ameaçar a permanência da relação (privação).

(Posição da Figura 1)

Manifestações violentas, comportamento e sentimento do agressor (MVCSA)

Conforme análise dos desenhos-estórias, na relação íntima, para obtenção do controle e coerção sobre o parceiro (a), a violência foi expressa, inicialmente, por agressões de natureza psicológica/verbal, representada por humilhação, ameaças, ofensas, discussão e brigas”. Esse mecanismo foi evidenciado, principalmente, por proibição e imposição, em relação aos vestuários femininos; privação da liberdade de acesso da vítima aos amigos do sexo oposto e família; utilização de controle, em relação ao uso de redes sociais.

Os estudantes explicitaram que os sentimentos de “ciúme”, “posse”, “raiva” e “desconfiança” foram os fatores precipitantes mais frequentes, justificando assim o comportamento do agressor, na concretização da violência física, conforme mostrado na Figura 2 “Namoro Ciumento”. Entre as manifestações da violência física, destacaram-se “espancar”, “empurrar”, como também “arremessar objetos”, para ferir o outro.

(Posição da Figura 2)

Comportamento e sentimento da vítima (CSV)

Com maior frequência, o conjunto dos desenhos-estórias relacionados ao núcleo de sentido CSV mostrou que o comportamento de controle e coerção do parceiro (a) foi aceito pela vítima, admitindo a assimetria da relação e submissão aos atos de violência, psicológica/verbal e/ou agressões físicas (Figura 3 “Relacionamento Abusivo”). O núcleo CSV apontou ainda que o feminino assumiu, de forma predominante, atitude de submissão, diante do comportamento agressivo do parceiro, muito embora, em alguns casos tenham decidido finalizar a relação e/ou denunciar o agressor. Em raras situações reagiram aos eventos violentos (reconquistando amigos, enfrentando o agressor). No contexto dessas experiências abusivas, os adolescentes, independente do gênero, relataram a “tristeza”, com manifestação de choro, como a principal expressão de sentimentos das vítimas.

(Posição da Figura 3)

Discussão

Na análise global dos desenhos e das histórias observou-se particularidades de gênero, onde o masculino, com maior frequência, se expressou por meio do grafismo (desenho), revelando comportamento relacional violento e histórias (textos) mais simplificadas. Por outro lado, o feminino respondeu com maior ênfase na descrição dos conteúdos da história, cujos relatos expressaram relacionamentos abusivos. Os adolescentes, seja através dos desenhos ou das histórias, mostraram representações das táticas de controle, coerção e intimidação utilizadas entre parceiros íntimos; assim como, os principais sentimentos e manifestações da violência psicológica/verbal, com ou sem agressão física.

Conforme explicitado pelos participantes, o masculino foi o principal responsável pelo comportamento de controle coercitivo, poder e privação, bem como das manifestações violentas físicas. Cabe salientar que esses comportamentos agressivos foram relatados pelos participantes, independente do gênero, mesmo que justificados, como consequência de uma atitude da parceira.

Na perspectiva da análise de gênero, as evidências reveladas na presente pesquisa apontam para comportamentos com características machistas e androcêntricas, naturalizadas e assumidas pelas novas gerações, possivelmente, como resultado do aprendizado sociocultural, de herança patriarcal, onde estratégias de controle, intimidação e coerção costumam ser manifestadas por possessividade e justificadas, como ciúme, podendo ou não vir acompanhada da agressão física. Nesse contexto estabelecem-se relações interpessoais e/ou íntimas permeadas pela desigualdade, com hierarquização entre gêneros e sexismo (Bandeira, 2014; Bringas-Molleda, et al., 2017).

A aderência e aceitação dos estereótipos de socialização de gênero, bem como dos mitos sobre os papéis a serem desempenhados nesse processo (masculino - ativo-forte e feminino - passivo-fraco), são consequências do aprendizado sociocultural, onde a violência de gênero manifesta-se das mais variadas formas, com destaque para situações de controle coercitivo, poder e privação entre parceiros. Esses comportamentos abusivos assumidos nas relações de intimidade podem estar configurando uma transmissão intergeracional da violência, cujas consequências podem ser nefastas, especialmente para os jovens e as gerações que lhes sucedem (Oliveira, et al., 2016).

Nesse sentido, os achados de Feira de Santana-Bahia corroboram com pesquisa realizada na região urbana de Arica (Chile), com jovens, nas diferentes fases, onde os resultados revelaram que eventos agressivos na intimidade apresentavam características de gênero, com

modelo sexista, manifestada por violência psicológica e física, atreladas às táticas de poder e controle coercitivo (Gomez, et al., 2015).

Em estudo multicêntrico, envolvendo instituições de ensino de Sevilha (Espanha), Talca (Chile) e Tunja (Colômbia), com adolescentes até 18 anos, foi constatado que homens apresentaram escores significativos de sexismo, comparado às mulheres, sendo a agressão verbal/psicológica mais frequente, além da agressão física, leve e severa (Anacona, et al., 2017).

No presente estudo, a assimetria de gênero expressada nos desenhos-estórias aponta a necessidade de ampliar a compreensão sobre as múltiplas manifestações da violência nos relacionamentos íntimos de jovens, assim como a direcionalidade da agressão, considerando que esses eventos podem envolver, de forma simultânea, diversas formas de violência psicológica\relacional (ameaça, controle, intimidação, coerção, outras), e agressão física, de forma uni ou bidirecional. Os achados que correspondem ao núcleo de sentido “Características do Ato de Violência\CAT estão de acordo com pressupostos dos estudiosos sobre o tema (Johnson, 2006).

A partir da década de 90, os fundamentos da teoria de Johnson (1995, 2006, 2008), para a tipologia da violência nas relações de namoro de jovens, passaram a ser importante referência sobre esse fenômeno, em função da combinação dos componentes violentos: comportamentos de controle, com alta ou baixa frequência e ausência ou presença de violência física. Segundo esta teoria a violência na intimidade pode ser compreendida em quatro categorias: a) terrorismo íntimo, quando um parceiro utiliza violência física, com alto nível de controle, enquanto o parceiro usa ou não a violência física, com baixo nível de controle; b) controle violento mútuo, ambos os parceiros utilizam violência física e alto controle; c) resistência violenta, quando um parceiro faz uso de violência física, com baixo controle, com intuito de enfrentar ou se defender do parceiro violento e com alto controle; e d) violência situacional do casal, em que ambos os parceiros utilizam violência e baixo controle, ou o parceiro não está utilizando violência, independente do controle (Johnson, 2006).

Tomando-se por base os pressupostos da teoria supracitada, observou-se que os desenhos e estórias explicitados pelos jovens de Feira de Santana apresentaram características semelhantes ao terrorismo íntimo. No entanto, são necessárias ponderações sobre os fundamentos dessa tipologia, levando-se em conta a incipiência de investigações envolvendo o contexto de intimidade de jovens, especialmente no que concerne à carência de estudos longitudinais (Ansara, & Hindin, 2010; Messinger, Fry, Rickert, Catalozzi, & Davidson, 2014).

Na pesquisa de Feira de Santana, os achados relacionados ao núcleo de sentido “Manifestações Violentas, Comportamento e Sentimento do Agressor\MVCSA”, evidenciaram

agressões psicológica/verbal e violência física, como espancar, empurrar, e arremessar objetos. Quanto ao comportamento do agressor, os resultados mostraram um padrão comportamental regido por táticas de controle e coerção, com dinâmica de intimidação direcionada à parceira. Nesse contexto, o “ciúme” foi citado como principal motivador e justificativa para o ato abusivo, manifestado por “posse, raiva e desconfiança”.

Ainda em relação ao núcleo de sentido MVCSA, os desenhos-estórias revelaram conexões entre as ocorrências violentas prévias e o evento atual. Segundo estudiosos, a violência psicológica, manifestada como controle coercitivo e dominância, muito frequente no relacionamento abusivo de casais mais jovens, precede à violência física (Alleyne-Green, et al., 2012; Breiding, et al., 2014; Cecchetto, et al., 2016).

As evidências apresentadas pelo presente estudo ratificam pesquisa de abordagem qualitativa realizada em Recife, com grupos de diferentes classes sociais, onde foi observado que, nas classes populares, as principais formas de agressão entre jovens nos relacionamentos íntimos são privação de liberdade de acesso aos amigos e à família, além de condições coercitivas sobre vestuário da parceira; enquanto que, na classe média, é mais frequente a privação de acesso às redes sociais (Saderlich, & Cordeiro, 2011). De forma similar, estudo de abrangência nacional, com estudantes jovens de instituições públicas, em áreas urbanas e rurais, de Coimbra, Leira e Viseu (Portugal), revelou que o vestuário feminino foi a principal motivação para comportamentos agressivos, independente do gênero (Beserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo, & Ferriani, 2016). Ainda em relação aos fatores desencadeantes da agressão, pesquisa de abordagem qualitativa em Ribeirão Preto (SP), com estudantes adolescentes apontou diferentes formas de violência psicológica (agressões verbais, tentativas de controle, chantagem emocional e pressões), destacando-se restrições quanto ao vestuário feminino (Bittar, & Nakano, 2017).

Na pesquisa em Feira de Santana, os resultados ratificam as investigações supracitadas, visto que a violência psicológica foi manifestada por privação (liberdade, amigos, familiares), controle (vestuário), além da agressão física, onde a justificativa para o desencadeamento dos episódios violentos foi o sentimento de “ciúme”. Segundo estudiosos, este sentimento reúne uma complexidade de emoções (raiva, tristeza, ansiedade), concepções e comportamentos, na expectativa de exclusividade afetiva e sexual, quando um dos parceiros julga que excessivas atenções estão sendo dispensadas a outros sujeitos, parceiro anterior, amigo, familiar, ameaçando, assim, sua exclusividade. Vale salientar que o ciúme pode ser manifestado por uma atitude concreta dispensada a outra pessoa ou apenas por suspeita da existência de rival real/imaginário (Trindade-Conceição, Martins, & Freitas, 2015; Bittar, et al., 2017).

Em estudo brasileiro, de abrangência nacional (nove capitais e distrito federal), realizado com rapazes estudantes sobre questões de gênero e violência na intimidade, o sentimento de “ciúme” foi relatado como o principal responsável pela agressão nas relações afetivo-sexuais, manifestado através de episódios abruptos de raiva, implicando em agressões físicas (Cecchetto, et al., 2016). No contexto dos desenhos-estórias do presente estudo, independente do gênero (Figura 2), o comportamento violento, justificado pelo “ciúme”, em alguns casos, gerou consequências de natureza psicológica e/ou física, com necessidade de cuidados emergenciais da vítima, corroborando com a literatura que descreve situações graves, podendo levar a danos temporários e/ou fatais.

Estudiosos salientam que, visto sob outra perspectiva, o “ciúme” na relação de intimidade de jovens, além de ser experienciado como sentimento negativo, na medida em que motiva atos violentos, pode e costuma ser tolerado, confundido e entendido como prova de afeição e amor entre parceiros (Bittar, et al., 2017).

Conforme os desenhos e estórias dos participantes da presente pesquisa, independente do gênero, ficou explícito o padrão assimétrico da violência, com característica de violência gênero, onde o feminino sofreu vitimização com maior frequência e apresentou comportamento passivo e de aceitação do relacionamento abusivo, apesar de que, em alguns casos, decidiram\decidiu finalizar e/ou denunciar o agressor. O sentimento mais frequentemente explicitado, diante dos eventos, foi a tristeza, com manifestação de choro, sendo interpretada como uma atitude feminina, citada pela maioria dos participantes, independente do gênero.

No âmbito da vitimização feminina, especialmente para os fatores idade e controle coercitivo, estudos sugerem que as mulheres mais jovens apresentam maior probabilidade de sofrer abusos, com manifestações graves. No geral, indivíduos mais jovens estão mais suscetíveis de serem submetidos à vigilância\controle\coerção e intimidação, em conformidade com o que ocorre com a violência por parceiro íntimo (Capaldi, et al., 2012; Catalano, 2012).

No que concerne aos aspectos históricos e socioculturais relacionados à violência na intimidade de jovens, estudiosos ressaltam que o comportamento agressivo do parceiro, pela utilização das táticas de “controle, coerção e posse”, ou por atitude exaltada e agressiva, justificada como “ciúme”, apresenta relação consistente com a permissividade e aceitação da violência por parte da vítima. As agressões no relacionamento íntimo e as diferenças de gênero remontam ao processo de construção social dos papéis desempenhados pelo masculino e feminino, onde é permitido às mulheres manifestarem-se através de sentimentos (tristeza) e, em contraposição, negado aos homens essa possibilidade, podendo expressarem-se através de poder e dominação (Brancaaglioni, & Fonseca, 2016; Oliveira, et al., 2016).

Em perspectiva mais ampla, estudos relatam que jovens vitimizados nas relações íntimas não costumam revelar as agressões sofridas, assumindo comportamento passivo. Por outro lado, nas poucas oportunidades que buscam ajuda procuram a rede informal (responsáveis, pais, pares, professores, entre outros), ao invés do apoio de profissionais, com formação na área (Sabina, & Ho, 2014; Caridade, 2018). Entretanto, de acordo com a literatura, indivíduos que experienciam situações traumáticas podem assumir diferentes formas de enfrentamento, na perspectiva de resolver/superar os conflitos. Estas estratégias podem ser caracterizadas como coping, que envolvem ações de natureza cognitiva e comportamental, com o objetivo de conduzir, suportar ou restringir as imposições (internas e externas), quando ultrapassam o autocontrole, delineando uma relação mútua entre o indivíduo e o ambiente (Santos, Caridade, & Cardoso, 2019).

Nesse sentido, pesquisas têm revelado que o foco direcionado para o problema é considerado como adaptativo e proporciona consequências emocionais positivas, visto que o indivíduo consegue maior compreensão sobre a resolução do problema. O foco na emoção revela atributos não adaptativos, como ocorre com a violência nas relações íntimas que, na perspectiva de gênero, evidencia maior vulnerabilidade feminina, expressando-se, principalmente, com sentimento de tristeza, baixa autoestima, solidão, entre outros que enfatizam a importância do suporte social, seja por amigos, familiares, professores e profissionais das diferentes formações e categorias (Shorey, Febres, Brasfield, Stuart, 2012; Santos, et al., 2019).

Considerações finais

Considerando as limitações do estudo e a impossibilidade de generalizações dos resultados, os achados dos desenhos-estórias dos adolescentes participantes contribuem para ampliar e aprofundar a compreensão sobre alguns aspectos da violência entre parceiros íntimos.

Os núcleos de sentido mostraram alta expressividade dos atos violentos perpetrados de forma assimétrica e com características de violência de gênero. O masculino se apresentou explicitamente como agressor, utilizando diferentes táticas de controle (vestuário da vítima), com intimidação, coerção e privação (liberdade, amigos, familiares), além da violência física, justificada pelos sentimentos de “ciúme, posse, raiva e desconfiança”, visando impedir atitudes consideradas não permitidas socialmente para o feminino. A reação mais frequente das vítimas foi de passividade e aceitação da relação abusiva, manifestando tristeza e sentimento de revolta, direcionada ao parceiro.

Essa pesquisa oferece oportunidade para novas investigações, visando dar continuidade ao processo de ampliar e refinar conhecimentos sobre as múltiplas manifestações, coocorrências e consequências dos eventos violentos nas relações de intimidade de jovens. Da mesma forma, aponta a necessidade de investimentos direcionados a esse grupo, incentivando relacionamentos pacíficos e amorosos, onde o respeito e o cumprimento dos direitos e deveres comuns são a base de consolidação para relacionamentos duradouros, nas atuais e futuras gerações.

Referências

- Alleyne-Green, B., Coleman-Cowger, V. H., & Henry, D. B. (2012). Dating violence perpetration and/or victimization and associated sexual risk behaviors among a sample of inner-city African American and Hispanic adolescent females. Journal of Interpersonal Violence, *27*, 1457-1473.
- Anaconda, C. A. R., Cruz, Y. C. G., Jimenez, V. S., & Guajardo, E. S. (2017). Sexismo y agresiones en el noviazgo en adolescentes españoles, chilenos y colombianos. Behavioral Psychology/Psicología Conductual, *25*(2), 297-315. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/2017-43712-003>
- Ansara, D. L., & Hindin, M. J. (2010). Exploring gender differences in the patterns of intimate partner violence in Canada: A latent class approach. Journal of Epidemiology & Community Health, *64*, 849-854.
- Ball, B., & Rosenbluth, B. (2008). Expect respect: A school-based program for preventing teen dating violence and promoting safe and healthy relationships. Austin, TX: SafePlace. Disponível em https://vawnet.org/sites/default/files/materials/files/2016-09/NRC_Expect-full.pdf
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. Soc. estado, *29*(2), 449-469.
- Bardin L. (2011). Análise de conteúdo. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. Esc. Anna Nery, *20*(1), 183-191.
- Bittar, D. B., & Nakano, A. M. S. (2017). Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. Rev. esc. enferm. USP, *51*.
- Brancaglioni, B. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. Rev. Bras. Enferm, *69*(5), 946-955.

Brasil (País). (2012) Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União.

Bringas-Molleda, C., Estrada-Pineda, C., Suárez-Álvarez, J., Torres, A., Rodríguez-Díaz, F. J., García-Cueto, E., & Rodríguez-Franco, L. (2017). Actitud sexista y trascendente durante el noviazgo entre universitarios latinoamericanos. Revista Iberoamericana de Psicología y Salud, 8 (1), 44-55. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=245149604005>

Breiding, M. J., Chen, J., Black, M. C. (2014). Intimate partner violence in the United States 2010. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.

Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. A systematic review of risk factors for intimate partner violence. Partner abuse, 3(2), 231-280.

Caridade, S. (2018). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In: S. Neves & A. Correia (eds.), Violências no Namoro. Maia: Edições ISMAI, p. 9-40.

Catalano, S. M. (2012). Intimate partner violence, 1993-2010. Washington, DC: US Department of Justice, Office of Justice Programs, Bureau of Justice Statistics. Disponível em <https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/ipv9310.pdf>

Centers for Disease Control and Prevention. (2016). Understanding teen dating violence. Disponível em <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-datingviolencefactsheet-a.pdf>.

Cecchetto, F. O., Queiti, B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 20(59), 853-864.

Crossman, K. A., Hardesty, J. L., & Raffaelli, M. (2016). “He Could Scare Me Without Laying a Hand on Me” Mothers’ Experiences of Nonviolent Coercive Control During Marriage and After Separation. Violence against women, 22(4), 454-473.

Coutinho, M. P. L. (2005). Depressão infantil e representação social. 2ª ed. João Pessoa: Universitária UFPB.

Gómez, M. C. S.; Vicario, B. P.; García, A. V. M. (2015). Indicadores de violencia de género en las relaciones amorosas. Estudio de caso en adolescentes chilenos. Pedagogía social: revista interuniversitaria, 26, 85-109.

Hokoda, A., Campo, M. M., & Ulloa, E. C. (2012). Age and gender differences in teen relationship violence. Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 21, 351-364.

Johnson, M. P. (2006). Conflict and control: gender symmetry and asymmetry in domestic violence. Violence Against Women, 12(11), 1003–1018.

Johnson, M. P. (1995). Patriarcal terrorism and common couple violence: Two forms of violence against women. Journal of Marriage and the Family, 57, 283–294.

Johnson, M. (2008). A Typology of domestic violence: Intimate terrorism, violent resistance and situational couple violence. Boston, MA: Northeastern University Press. Series: New England Gender, Crime & Law Paperback, 168 p.

Kann, L., Kinchen, S., Shanklin, S. L., Flint, K. H., Kawkins, J., Harris, W. A., & Whittle, L. (2014). Youth risk behavior surveillance-United States, 2013. MMWR Surveillance Summaries, 63(Suppl. 4), 1-168. Disponível em <https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss6304a1.htm>

McCarry, M. (2010). “Becoming a ‘Proper Man’: Young People’s Attitudes about Interpersonal Violence and Perceptions of Gender”. Gender and Education 22 (1): 17–30.

Messinger, A. M., Fry, D. A., Rickert, V. I., Catalozzi M., & Davidson, L. L. (2014). Extending Johnson’s intimate partner violence typology: Lessons from an adolescent sample. Violence against women, 20(8), 948-971.

Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. Contextos Clínicos, 6(2), 117-131.

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. D., Njaine, K., & Pires, T. D. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. Psicologia: teoria e pesquisa, 32(3), e32323.

Oliveira, R. N. G., Gessner, R., Brancaglioni, B. C. A., Fonseca, R. M. G. S., & Egry, E.Y. (2016). Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. Rev Esc Enferm USP. 50(1):134-43.

Pozueco, J. M., Moreno, J. M., Blázquez, M. & García-Baamonde, M. E. (2013). Psicópatas integrados/subclínicos en las relaciones de pareja: perfil, maltrato psicológico y factores de riesgo. Papeles del Psicólogo, 34(1), 32-48. Disponível em <http://www.papelesdelpsicologo.es>

Sabina, C., Ho, L. 2014. Campus and college victim responses to sexual assault and dating violence: disclosure, service utilization and service provision. Trauma, Violence, & Abuse, 15(3): 201-226.

Santos, A. P., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping. Contextos Clínic, 12(1), 2-25.

Sardelich, F., Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. Psicol. Soc., 23(3), p. 516-525.

Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. Aggression and Violent Behavior, 13, 185-194.

Souza, T. M. C., Pascoalto, T. E., & Mendonça, N. D. (2018). Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. Revista Psicologia e Saúde, 10(3), 31-43.

Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: A research synthesis. Aggression and Violent Behavior, 19(4), 390-417.

Trinca, W. (Org.). (2013). Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivativas, desenvolvimentos e expansões. V.1. São Paulo: Vetor. 367 p.

Trindade-Conceição, B. R., Martins, C. R., & Freitas, R. B. (2015). O ciúme romântico entre gêneros: uma visão sociopsicológica. Rev. Psicologia em Foco, 7(9), 53-66.

World Health Organization. (2013). Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence.

World Health Organization. Disponível em <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/9789241564625/en/>

FIGURAS

Figura 1 – Características do ato de violência



*O participante descreveu a estória em balões no próprio desenho, utilizando a técnica de “história em quadrinhos”.

Figura 2 – Manifestações violentas (MV); comportamento e sentimento do agressor (CSA)



[...] Mas um certo dia eles resolveram ir em uma festa da prima dela e ao chegar lá, eles curtem a festa e tal e só de um menino ter olhado para ela, ele já puxa ela pelo braço e quer ir embora, como ela não quis por estar gostando da festa e em consideração à prima ele bate nela e agride verbalmente na festa mesmo. Com isso ela se machucou muito e foi parar no hospital, ele acabou indo embora e levando o celular dela com ele, para ela não ter relações com ninguém. Ela termina o relacionamento mais vai para todo lugar com os pais porque para ele não acabou a relação e ele vive perseguindo ela.

Figura 3 – Comportamento e sentimento da vítima (CSV)



Era uma vez um casal muito apaixonado, em início de namoro. Certo dia o namorado chamou a namorada para sair, marcou 8:30 do sábado.

- Bom dia minha linda- disse ele

- Bom dia vida- disse ela

-Vamos sair hoje, te pego às 8:30- ele

- Tá certo meu amor

Ela passou a tarde se arrumando para ele, mas não imaginaria o que estava prestes a acontecer. Às 8:30 ele chegou para buscá-la. Ela toda abriu a porta toda animada.

- Oh meu amor, estou pronta, podemos ir! - ela

-Pronta? Onde você pensa que vai vestida assim? Pode trocar agora

Mas amor, eu me arrumei para você -ele

-Você está ridícula, tá querendo se aparecer! Troque e tire essa make agora

-Tá bom, disse ela, triste!

Ela foi trocar e ele ficou esperando, só depois que ela vestiu uma roupa comprida e tirou a maquiagem eles saíram.

E a noite ficou com um clima chato para ela, mas ela achou ser que era o certo se fazer aquele momento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de estruturação, desenvolvimento e operacionalização desta pesquisa se debruçou sobre os aspectos fundamentais que envolvem a violência nas relações de intimidade entre adolescentes e jovens, tendo como campo empírico as unidades escolares da rede pública estadual de ensino do município de Feira de Santana / BA.

Nessa trajetória, que caracterizou a aproximação com o objeto de estudo, a inserção no ambiente de pesquisa, assim como as etapas de análise e construção dos produtos acadêmicos da pesquisa, as evidências convergiram para **três momentos** cruciais que sintetizaram a essência desse percurso acadêmico:

- ✓ Inserção do pesquisador no universo acadêmico-científico, na perspectiva de elucidar os principais fundamentos existentes na literatura sobre a violência nas relações íntimas juvenis;
- ✓ Desenvolvimento do percurso metodológico de pesquisa, instrumentos de produção dos dados e processo de análise, considerando os momentos que caracterizaram a elaboração e a construção dos resultados da pesquisa;
- ✓ A produção científica dos resultados e o diálogo com a literatura, considerando os consensos das investigações com os achados dessa pesquisa, e suas possíveis reflexões para o avanço acadêmico.

No **primeiro momento**, foi observado que os estudos sobre o fenômeno da violência nas relações íntimas da população juvenil, especialmente no namoro, entre casais heterossexuais, possuem uma história muito recente, pois o interesse pelas investigações por parte da comunidade científica é referenciado a partir da década de 1980. Nesse sentido, vale destacar que as investigações eram centradas em violência na relação conjugal (marital), em detrimento de outras formas de relacionamento, como é o caso da violência ocorrida nas relações de namoro, caracterizadas na literatura como *dating violence* e *courtship violence* (CARIDADE; MACHADO, 2006; De OLIVEIRA et al., 2016).

Diante disso, a literatura vem apresentando polêmica inter-relacionada com a dispersão nos índices de prevalência da violência no namoro, justificada pela não consensualidade de seu conceito, acrescentando-se a pluralidade dos instrumentos de coleta e metodologias na perspectiva de medição desse fenômeno, além da carência de estudos prospectivos e exclusividade de estudos sobre agressão física, entre outras questões (CARIDADE; MACHADO, 2006; 2013).

Essa variabilidade pode ser caracterizada em estudos que revelam vitimização e/ou agressão entre parceiros adolescentes / jovens, podendo exibir resultados com índices de 13 a 42% (LUTHRA; GIDYCZ, 2006; PERRY; FROMUTH, 2005), assim como valores de 12,1 (HENTON et al., 1983) a 72,4% (ALDRIGHI, 2004).

Em âmbito internacional, considerando-se a complexidade e transversalidade do fenômeno, é consensual na literatura que, nesse grupo populacional, há convergência para a bidirecionalidade da agressão (O'LEARY et al., 2008; OMS, 2012; RUBIO-GARAY, 2016).

Em perspectiva crítica, Dabash e Dobash (2004) consideram que a simetria da agressão supracitada, assim como a autoria exclusivamente masculina do comportamento agressivo podem caracterizar resultados discrepantes, visto que na etiologia dos dados existem problemas relacionados ao conceito do fenômeno e à natureza do método utilizado, especificamente.

Nesse cenário, adverte-se que os estudos de base populacional apontam, parcialmente, para a simetria da perpetração da violência entre parceiros íntimos, enquanto resultados de fontes institucionais / clínicas (tribunais de justiça, hospitais, setores policiais, entre outros) atribuem autoria masculina da agressão. Considera-se, ainda, que o aspecto qualitativo do ato violento – contexto, motivação, magnitude, consequências da agressão – expressa especificidades relacionadas ao gênero e se torna invisível, diante dos dados inconsistentes (JOHNSON, 2006; 2008; CARIDADE; MACHADO, 2006; 2013).

No conjunto dessas questões inter-relacionadas com resultados que necessitam de maiores aprofundamentos de suas constituições, ressalta-se o *status* da relação entre parceiros e, nesse caso, suas particularidades, quando são analisados os dados sobre violência na relação conjugal e no namoro. Observa-se, então, que a frequência e gravidade das agressões encontradas no convívio marital, quando comparado com o contexto do namoro, podem ser atribuídas às divergências que caracterizam faixa etária e nível de compromisso referentes a cada grupo.

Na perspectiva de análise de gênero, o masculino assume a manifestação do padrão comportamental violento, caracterizado por apresentar maior frequência desses atos. Nesse contexto, destaca-se ainda que, no âmbito das relações juvenis, a violência praticada pode assumir forma em que o comportamento violento é regido por controle coercitivo, intimidação, isolamento / privação, expressando o que é denominado por Johnson (1995; 2008) de terrorismo patriarcal, com presença ou ausência de agressão física, nessa dinâmica relacional.

No **segundo momento**, a estratégia metodológica envolveu **duas fases para produção dos dados**, na perspectiva de fundamentação mais concisa dos principais aspectos que caracterizam a violência entre parceiros íntimos.

Na **primeira fase**, foi realizada a coleta em 56 (cinquenta e seis) unidades escolares, com amostragem de 2.067 (dois mil e sessenta e sete) estudantes e, desse total, foi extraída uma amostra de 10% (210), aproximadamente. Desse modo, optamos por analisar a questão subjetiva do instrumento “Percurso Amoroso de Jovens/PAJ” (Seção 2 – Relações Afetivas e Amorosas), em função das dificuldades observadas no processo de digitação do referido instrumento, pois os estudantes redigiram textos bastante reduzidos e foi observado considerável quantitativo de ausências de respostas para os itens dessa questão. Esse processo deu origem ao primeiro artigo desta pesquisa.

Nesse artigo, a dinâmica relacional da violência nas relações de intimidade entre adolescentes e jovens (15 a 24 anos) evidenciou a função essencial e antagônica dos amigos, moderando ou estimulando conflitos entre parceiros íntimos. O padrão comportamental agressivo foi de autoria masculina, expressando mecanismo de assimetria de gênero (supremacia do masculino sobre o feminino), regido por controle coercitivo, uso abusivo do poder sobre a vítima com intimidação e ameaça, praticados por namorados e ex-parceiros.

A traição e o ciúme foram os principais responsáveis por gerarem brigas em domicílio, além da falta de compreensão da violência e de suas consequências no relacionamento, por ambos os parceiros. O diálogo foi citado como principal mecanismo de enfrentamento da relação abusiva que desencadeou sentimentos de raiva e tristeza.

A **segunda fase de produção dos dados** foi realizada em nove unidades escolares, com 334 (trezentos e trinta e quatro) participantes, em decorrência da necessidade de voltarmos ao cenário de estudo (escolas da rede pública estadual), pois, além dos problemas explicitados na primeira e grande coleta (2.067), evidenciou-se a necessidade de ampliar a compreensão dos fundamentos sobre este fenômeno. Os resultados encontrados foram responsáveis pela construção do segundo e terceiro artigos.

O segundo artigo caracterizou o exercício metodológico de abordagem qualitativa, reunindo diferentes instrumentos para produção e análise dos dados. Neste percurso, foi feita a integração da técnica projetiva de coleta, Desenho-Estória com Tema (DET), com a Análise de Conteúdo Temática (ACT). O processo de análise e interpretação dos dados, através da ACT, gerou a constituição das seguintes categorias: percepção de violência fatal; ameaça de morte; violências (física, psicológica/verbal, sexual); e controle, poder e privação. Observou-se, então, que a integração dessas técnicas no percurso metodológico para a pesquisa social revela possibilidades de sua estruturação / aplicabilidade em investigações com abordagem qualitativa.

O processo de análise das categorias empíricas supracitadas revelou que o eixo analítico desenvolvido na interpretação dos dados – características do ato violento (gênero do agressor, meios utilizados, consequências ao agressor), manifestações precedentes ao padrão comportamental e comportamento e sentimentos do agressor e vítima – convergiu para elementos comuns representados por táticas de controle coercitivo, abuso de poder e privação com intimidação / ameaças que, além de gerarem uma categoria empírica, foram elementos comuns que atravessaram as outras categorias empíricas. Este fato gerou a construção do terceiro artigo.

Nesse artigo, construído a partir da categoria denominada: controle, poder e privação, foi observado que os achados revelados pelos núcleos de sentido fortaleciam determinados resultados encontrados no primeiro artigo, como também pontos importantes para discussão com questões que vêm sendo evidenciadas na literatura, relatadas anteriormente.

Assim, ao responder o instrumento DET, observou-se, durante o processo analítico, que o masculino apresentou melhor desempenho na construção dos desenhos, e as mulheres tiveram melhor expressão na grafia (descrição das estórias).

Para ambos os sexos, o masculino foi citado como principal agressor, caracterizando relação assimétrica, de caráter machista e androcêntrico; usando mecanismo de controle coercitivo, abuso de poder e privação com presença de violência física. As manifestações que precederam os eventos violentos foram regidas por agressões psicológica/verbal (ofensas, brigas, insultos, ameaças) e física (espancar, empurrar, arremessar), motivadas pelos sentimentos de ciúme, posse, raiva e desconfiança.

O principal comportamento da vítima foi de passividade / aceitação, continuando na relação abusiva; em menor abrangência, reagiu diante da agressão e finalizou e/ou denunciou o agressor, expressando sentimento de tristeza, seguido de paixão e sofrimento.

Nesse sentido, as reflexões nos revelaram uma interseção entre os dois momentos explicitados anteriormente. Com isso, fica evidente a estruturação de um eixo analítico que caracterize essa simbiose e represente a essência de nossos achados como percurso do processo acadêmico construído.

Esta síntese analítica está composta de três amplas unidades inter-relacionadas que constituíram a estruturação / geração de quatro categorias empíricas – **Controle, Poder e Privação; Violências** (Física, Psicológica/Verbal, Sexual); **Ameaça de Morte**; e **Percepção de Violência Fatal** – na perspectiva de análise e interpretação; constituídas pelos respectivos núcleos de sentido: **características do ato de violência** (gênero, meios usados para

concretização da violência, consequência ao agressor); **manifestações precedentes**, assim como **comportamento e sentimento do agressor e da vítima**.

No contexto dessas reflexões, a observação primordial desse processo se caracterizou pelo núcleo desencadeador e que foi transversal na análise e interpretação: comportamento do agressor regido pelo padrão de táticas de controle coercitivo, abuso de poder e privação; associados à intimidação e manipulação.

Esse padrão comportamental foi o elemento central para a caracterização do ato de violência, constituído pelo caráter de gênero, essencialmente masculino, sem consequências pela agressão cometida; e, em menor abrangência, relatos de denúncia e/ou prisão do agressor. Tal atitude foi motivada principalmente por ciúme, seguido de posse, raiva e desconfiança.

Dentre as principais manifestações que precederam as atitudes agressivas, foi evidenciada a violência psicológica, com domínio verbal, envolvendo comportamento agressivo manifesto do agressor; táticas de controle coercitivo e privação, como também agressão física.

No que se refere à situação da vítima representada pelo feminino, essencialmente, no geral, revelou comportamento de aceitação das agressões sofridas e, em circunstâncias menos abrangentes, finalizou a relação e/ou denunciou o agressor. Expressou sentimento de tristeza com manifestação de choro, seguido de sofrimento e paixão

No diálogo com a literatura, alguns pontos específicos dos achados da presente pesquisa devem ser ressaltados nas perspectivas de aprofundamento e compreensão desse fenômeno. Em primeiro plano, o caráter de gênero foi evidenciado nos relatos dos estudantes de ambos os sexos, informando que o agressor foi masculino. Esse achado não compactua com a bidirecionalidade da agressão para esse público, que é consensual na literatura internacional.

Nesse sentido, estudos têm mostrado que o aspecto sociocultural apresenta importância crucial na interpretação da violência no namoro nas relações juvenis, particularmente quando tratamos de sociedades patriarcais, em que a construção da masculinidade é regida por comportamentos de controle coercitivo, poder e intimidação, além da agressão física, especialmente nas sociedades ocidentais (SAFFIOTI, 2004; HEILBORN, 2009; OLIVEIRA et al., 2016; CECHETTO et al., 2016).

Assim, o padrão comportamental do agressor, em nossos achados, aproxima-se de uma forma da tipologia caracterizada por Johnson (1995; 2006; 2008), denominada *terrorismo íntimo*, expressando atitudes que regem sociedades de bases patriarcais. O indivíduo nessa condição revela comportamento violento e controlador, fazendo uso de táticas de controle com seu parceiro, que pode ser ou não violento, e não controlador.

Dessa forma, o ciúme foi citado e percebido como principal motivador da agressão, por ambos os sexos, corroborando com a literatura, como motivo significativo para geração de conflitos nas relações íntimas juvenis (GOMEZ; SPEIZER; MORACCO, 2011; FERNANDEZ-FUERTE; FUERTES, 2011; CECHETTO et al., 2016).

No segundo plano, considerando o âmbito das manifestações precedentes, destaca-se a manifestação psicológica com domínio verbal associada às táticas de controle, abuso de poder e privação, com presença de agressão física.

Essa forma de violência expressa característica considerada peculiar nas relações de namoro que, apesar de não ser foco privilegiado das investigações, apresenta valores acentuados de prevalência, sendo considerada a violência mais comum entre parceiros íntimos juvenis, além de fator preditor da agressão física (O'LEARY; SLEP, 2003; SEARS et al., 2006; OLIVEIRA et al., 2014; ABILLEIRA, RODÍCIO-GARCIA, 2017).

Nesse sentido, deve-se fortalecer a importância do aprofundamento da violência psicológica para este público, com destaque para sua ocorrência em combinação com outras formas de violência. Por outro lado, estudos ainda priorizam a violência física ou realizam o processo de análise da violência psicológica combinada com outras, inviabilizando o direcionamento específico de análise, além de suas especificidades (OZER; TSCHANN; FLORES, 2004; KINSFOGEL; GRYCH, 2004; OLIVEIRA et al., 2014).

Em terceiro e último plano, o comportamento da vítima revelou aceitação e passividade de forma abrangente, para ambos os sexos. Do mesmo modo, o sentimento mais expressivo foi a tristeza com manifestação de choro, seguido de sofrimento e paixão. Esse achado condiz com as questões que coadunam com o processo de socialização da sociedade patriarcal, em que adolescentes e jovens expressam atitudes de caráter machista e androcêntrico (SAFFIOTI, 2004; BOURDIEU, 2011), justificando subserviência da vítima e seu pertencimento diante do agressor (sentimento de posse), gerando o processo de naturalização da violência.

Esse quadro de vitimização é corroborado por estudos que analisam tal questão, pois consideram que as condições apresentadas no espaço latino-americano favorecem essa condição de vitimização do gênero feminino, advertindo também que esse mesmo gênero enfrenta maior gravidade da violência do parceiro íntimo (BREIDING et al., 2014; OLIVEIRA et al., 2016; SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

Por fim, a aproximação com o fenômeno da violência por parceiros íntimos juvenis direciona nossos anseios acadêmicos para perspectivas de estudos que discutam estratégias que apontem para a resolução dos problemas que lhes cercam. Nesse sentido, segundo Saavedra (2010), os campos teóricos dessas investigações ressaltam investimento em medidas de

prevenção primária, demonstrando inclinação para duas categorias: a) programas voltados para a diminuição dos fatores de risco (desempenho escolar insuficiente, divergências no núcleo familiar, histórico de marginalidade) e ascensão dos fatores de proteção (aptidão intelectual, habilidade de estabelecer relacionamentos saudáveis, competência emocional); e b) aquelas voltadas para a elucidação da mudança comportamental diante do evento violento.

Em essência, considerando os diversos modelos que tratam dos fatores de risco e de proteção, a OMS (2012) elegeu o Modelo Ecológico com gênese na publicação do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (KRUG et al., 2002), com o propósito de promover relações múltiplas e diversificadas entre risco e proteção, assim como entre os níveis do referido modelo (social, comunitário, relacional, individual). Ainda, nessa mesma perspectiva, visa a proporcionar a ampliação de políticas públicas e programas envolvendo esses níveis e fatores.

Desse modo, a literatura sinaliza estratégias semelhantes e que são consensos nas bases teóricas da primeira categoria, discutida acima, na perspectiva de uma abordagem integrativa e que apresentam resultados mais positivos, disseminadas em três correntes.

Uma corrente propõe estratégias que envolvem atuações nos âmbitos da dimensão social do indivíduo (família, pares, escola, comunidade) (FERNANDEZ-FUERTES; FUERTES, 2010; FOSHEE et al., 2012; MILLER et al., 2013). A segunda corrente prioriza o reconhecimento da abrangência social e dos aspectos contextuais na perspectiva do desenvolvimento infanto-juvenil; e a terceira corrente propõe estratégias que direcionam atuações em ambos os fatores (risco e proteção) para o processo de intervenção, ao invés de atuação unilateral/segmentada (SAAVEDRA, 2011).

Na segunda categoria, entre as teorias que se propõem a explicar as mudanças no comportamento do indivíduo, a Teoria de Aprendizagem Social (BANDURA, 2001) é a que apresenta maior êxito nos aspectos relacionados à prevenção. Como proposição, centra sua atuação em comportamentos deficientes nos relacionamentos, com perspectiva teórica de proporcionar outras experiências que possam materializar comportamentos positivos e adequados.

Portanto, De Oliveira et al. (2016), em abrangente estudo sobre a prevenção da violência nas relações íntimas juvenis ressaltam que, em âmbito geral, os estudos apontam incipiência de políticas públicas voltadas para questões relacionadas à prevenção e enfrentamento desse problema; destacam a importância do investimento nas ações preventivas em fase precoce, considerando a magnitude das consequências para os envolvidos; urgência da inserção desse problema nas ações do setor de atenção à saúde; assim como estruturação e avaliação processual de programas que priorizem a escola, a família e o contexto social dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ABILLEIRA, María Penado; RODICIO-GARCÍA, María Luisa. Análisis del autoconcepto en las víctimas de violencia de género entre adolescentes. **Suma psicológica**, v. 24, n. 2, p. 107-114, 2017.
- ALDRIGHI, Tânia. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo-Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, v. 6, n. 1, p. 105-120, 2004.
- ALI, P. A.; DHINGRA, K.; MCGARRY, J. A literature review of intimate partner violence and its classifications. **Aggression and violent behavior**, v. 31, p. 16-25, 2016.
- ALLEN, Mary. **Social work and intimate partner violence**. Routledge, 2013.
- ALLEYNE-GREEN, Binta et al. Father involvement, dating violence, and sexual risk behaviors among a national sample of adolescent females. **Journal of interpersonal violence**, v. 31, n. 5, p. 810-830, 2016.
- ALOIA, L. S. Verbal Aggression in Romantic Relationships: The Influence of Family History, Destructive Beliefs About Conflict, and Conflict Goals. **Communication Quarterly**, v. 66, n. 3, p. 308-324, 2017.
- ALMEIDA, Maria Isabel Gomes de. **Masculino/Feminino: tensão insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALVES, Maria de Fátima Paz. Masculinidade/s: considerações a partir da leitura crítica de alguns textos que focalizam homens. **Revista Ártemis**, v. 3, 2005.
- AMÂNCIO, Lígia. O gênero no discurso das ciências sociais. **Análise social**, p. 687-714, 2003.
- ARCHER, J. Cross-cultural differences in physical aggression between partners: A social-role analysis. **Personality and social psychology review**, v. 10, n. 2, p. 133-153, 2006.
- ARCHER, J. Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. **Psychological Bulletin**, v. 126, n. 5, p. 651-680, 2000.
- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir**. APAV: Lisboa, 2011.
- AYALA, María de Lourdes Cortés et al. Unperceived dating violence among Mexican students. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 14, n. 1, p. 39-47, 2014.
- BANDURA, A. **Aggression: A social learning analysis**. Oxford, England: Prentice-Hall, 1973.
- BANDURA, A. **Social learning theory**. Oxford, England: Prentice-Hall, 1977.

BANDURA, Albert. Social cognitive theory: An agentic perspective. **Annual review of psychology**, v. 52, n. 1, p. 1-26, 2001.

BANDURA, A. The evolution of social cognitive theory. In: Smith, K.G.; Hitt, M.A. **Great minds in management**. Oxford: University Press, p. 9-35, 2005.

BAPTISTA, Carla Marina Guerra. **A violência interparental na vida das crianças “uma epidemia silenciosa”**: práticas educativas de mães vítimas de violência conjugal e consequências no comportamento das crianças. 2014. Tese de Doutorado.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.

BARKER, R. G. (1978). **Habits, Environments and Human Behavior**. San Francisco: Jossey-Bass, 1978.

BELSKY, J.; CONGER, R.; CAPALDI, D. M. The intergenerational transmission of parenting: Introduction to the special section. **Developmental Psychology**, v. 4, n. 5, p. 1201–1204, 2009.

BOLZE, S. D. A. **Táticas de resolução de conflitos conjugais e parentais**: uma perspectiva da transmissão intergeracional. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

BORGES, R. A. B. **A prevenção da violência de gênero em jovens e em contexto escolar**: um olhar sobre a intervenção da CIG. 2011. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Secção de Psicologia da Educação e da Orientação, Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. 1. ed., 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BREIDING, Matthew Joseph; CHEN, Jieru; BLACK, Michele C. Intimate partner violence in the United States--2010. 2014.

BRONFENBRENNER, U. **Toward an experimental ecology of human development**. American Psychologist, 1977.

BRONFENBRENNER, V. **The ecology of human development: experiments by nature and design**. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1979.

BROWN, L. et al. Sexual violence in Lesotho. **Studies in family planning**, v. 37, n. 4, p. 269-280, 2006.

BUFFON, Roseli. Reconstruções da imagem masculina em um grupo de homens das camadas médias intelectualizadas. **IV Reunião Regional/ABA/Sul, Sessão**: construção da Identidade Masculina. Florianópolis, nov. 1993.

BURNES, B. Kurt Lewin and the planned approach to change: a re-appraisal. **Journal of Management studies**, v. 41, n. 6, p. 977-1002, 2004.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. CUNHA, Helena Parente. A festa. **A casa e as casas**, v. 2, 2010.

BUZAWA, E. S.; BUZAWA, C. G.; STARK, E. D. **Responding to domestic violence: the integration of criminal justice and human services**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2017.

BUZAWA, E. S.; BUZAWA, C.G. **Domestic violence: The criminal justice response**. 2.ed. London: Sage, 1996.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A.M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMPOS, M. R. S. **Análise das propriedades psicométricas da versão brasileira do inventário “parcours amoureux des jeunes-PAJ”**. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana - BA.

CAPALDI, Deborah M. et al. Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: A prospective comparison of direct and mediated associations. **Journal of abnormal child psychology**, v. 31, n. 2, p. 127-142, 2003.

CAPALDI, Deborah M. et al. A systematic review of risk factors for intimate partner violence. **Partner abuse**, v. 3, n. 2, p. 231-280, 2012.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, v. 24, n.4, p. 485-493, 2006.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 91-113, 2013.

CARNEY, M. M.; BARNER, J. R. Prevalence of partner abuse: Rates of emotional abuse and control. **Partner Abuse**, v. 3, n. 3, p. 286-335, 2012.

CARVALHO FILHO, S. de A. A masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. **XIII Encontro de História Anpuh-Rio: Identidades**, p. 1-7, 2008.

CATALANO, S. M. **Intimate partner violence, 1993-2010**. Washington, DC: US Department of Justice, Office of Justice Programs, Bureau of Justice Statistics, 2012.

CAVANAUGH, M. M. Theories of violence: Social science perspectives. **Journal of Human Behavior in the Social Environment**, v. 22, n. 5, p. 607-618, 2012.

CECCHETTO, Fátima et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 853-864, 2016.

- CERQUEIRA, D. (Coord.) et al. **Atlas da violência**. IPEA e FBSP. Rio de Janeiro, 2018.
- CHAULK, R.; KING, P.A. **Violence in families: assessing prevention and treatment programs**. Washington, DC, National Academy Press, 1998.
- CONNELL, Robert W. Theorising gender. **Sociology**, v. 19, n. 2, p. 260-272, 1985.
- CONNELL, R. W. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics**: Stanford University Press. 1987.
- CONNELL, Raewyn. Como teorizar o patriarcado. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 85-93, 1990.
- CONNEL, Robert W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press. 1995.
- CONNELL, Robert W. et al. **La organización social de la masculinidad**. 1997.
- CONNELL, Robert William; CONNELL, Raewyn. **The men and the boys**. Univ of California Press, 2000.
- CONNELL, Robert W. Change among the gatekeepers: Men, masculinities, and gender equality in the global arena. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 3, p. 1801-1825, 2005.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. **Gender & society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013.
- CONGER, R.D.; BELSKY, J.; CAPALDI, D.M. The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. **Developmental Psychology**, v. 45, n. 5, p.1276–1283, 2009.
- COSTA, Moacir (Org.). **Macho-Masculino-Homem**. São Paulo: L&PM, 1986.
- COUTINHO, M. P. L.; SERAFIM, R. C. N. S.; ARAÚJO, L. S. A aplicabilidade do desenhoe-stória com tema no campo da pesquisa. In: COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, E. R. A. **Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. Editora Universitária/UFPB, 2011, v. 1, 2011.
- CROSSMAN, K. A.; HARDESTY, J.L.; RAFFAELLI, M. “He Could Scare Me Without Laying a Hand on Me” Mothers’ Experiences of Nonviolent Coercive Control During Marriage and After Separation. **Violence against women**, v. 22, n. 4, p. 454-473, 2016.
- CUMMINGS, E. M.; GOEKE-MOREY, M. C.; PAPP, L. M. Children's responses to everyday marital conflict tactics in the home. **Child development**, v. 74, n. 6, p. 1918-1929, 2003.

DE OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes et al. A prevenção da violência por parceiro (a) íntimo (a) na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 1, p. 134-143, 2016.

DEKESEREDY, W. S.; DRAGIEWICZ, M. Understanding the complexities of feminist perspectives on woman abuse: A commentary on Donald G. Dutton's Rethinking domestic violence. **Violence against women**, v. 13, n. 8, p. 874-884, 2007.

DIAS, A. R. Repertórios interpretativos sobre o amor: das narrativas culturais às conjugalidades violentas. (2012) Tese (Doutorado em Psicologia) - Escola de Psicologia. Universidade do Minho, Braga.

DIAS, I. **Violência da família**: Uma abordagem sociológica. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

DOBASH, R. E.; DOBASH, R. P. **Violence against wives**: A case against the patriarchy. New York: Free Press, 1979.

DOBASH, Russell P.; DOBASH, R. Emerson. Women's violence to men in intimate relationships: Working on a puzzle. **British journal of criminology**, v. 44, n. 3, p. 324-349, 2004.

DURFEE, A. Book Review: A Typology of Domestic Violence: Intimate Terrorism, Violent Resistance, and Situational Couple Violence. **Gender & Society**, V. 25, P. 522-524, 2011.

DUTTON, Donald G. An ecologically nested theory of male violence toward intimates. **International Journal of Women's Studies**, v.8, n. 4, p. 404-413, 1985.

DUTTON, D. G. Patriarchy and wife assault: The ecological fallacy. **Violence and Victims**, v. 9, n. 2, p. 125-140, 1994.

DUTTON, D. G. **Rethinking domestic violence**. Vancouver, British Columbia, 2006.

Dutton, M. A.; GOODMAN, L. A. Coercion in intimate partner violence: Toward a new conceptualization. **Sex Roles**, v. 52, n.11-12, p. 743-756, 2005.

ESPELAGE, D. L. Ecological theory: Preventing youth bullying, aggression, and victimization. **Theory into Practice**, v. 53, n. 4, p. 257-264, 2014.

FEHRINGER, J. A.; HINDIN, M. J. Like parent, like child: intergenerational transmission of partner violence in Cebu, the Philippines. **Journal of Adolescent Health**, v. 44, n. 4, p. 363-371, 2009.

FERNÁNDEZ-FUERTES, Andres A.; FUERTES, Antonio. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. **Child abuse & neglect**, v. 34, n. 3, p. 183-191, 2010.

FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; ORGAZ, B.; FUERTES, A. Características del comportamiento agresivo en las parejas de los adolescentes españoles. **Psicología Conductual**, v. 19, n.3, p. 501-522, 2011.

FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, L.; CALVETE, E.; ORUE, I. The role of acceptance of violence beliefs and social information processing on dating violence perpetration. **Journal of research on adolescence**, 2018.

FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. **Lisboa, Portugal: Instituto de Ciências Sociais-Universidade de Lisboa**, 2006.

FLACH, R. M. D. **Violência de gênero no namoro**: sentidos atribuídos por estudantes universitários. 2013. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

FLAKE, Tania Aldrighi. **Violência no namoro entre jovens universitários no estado de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo.

FOSHEE, Vangie A. et al. Assessing the effects of Families for Safe Dates, a family-based teen dating abuse prevention program. **Journal of Adolescent Health**, v. 51, n. 4, p. 349-356, 2012.

FRENCH, J. R. P.; RAVEN, B. The bases of social power. In: **Studies in Social Power**. Oxford, England: University of Michigan, Oxford, England, 1959, p. 311-320.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 1.ed. São Paulo: Phorte, 2001.

GARCÍA-MORENO, Claudia et al. **WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women**. World Health Organization, 2005.

GARCÍA-MORENO, C. et al. **Global and regional estimates of violence against women**: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. World Health Organization, 2013.

GELLES, R. J. Through a sociological lens: Social structure and family violence. In: R. J. GELLES; D. R. LOSEKE (Eds.), **Current controversies on family violence**. Newbury Park, CA: Sage, 1993, p. 31-46.

GELLES, R. J.; STRAUS, M. A. Determinants of violence in the family: Toward a theoretical integration. In: W. Burr et al. (Eds.), **Contemporary theories about the family**. New York, NY: Free Press, 1979, 549-547.

GILES-SIMS, J.; STRAUS, M. A. **Wife battering**: A systems theory approach. New York, NY: Guilford Press, 1983.

GOMES, Lucélia Filipa Rodrigues. **Violência no namoro na adolescência**. 2017. Tese de Doutorado.

GOMEZ, Anu Manchikanti; SPEIZER, Ilene S.; MORACCO, Kathryn E. Linkages between gender equity and intimate partner violence among urban Brazilian youth. **Journal of Adolescent Health**, v. 49, n. 4, p. 393-399, 2011.

GOMEZ, Jorge Arturo Martinez. Violencia en el noviazgo: Un programa de intervención conductual en adolescentes escolarizados. **Repositorio Pontificia Universidad Javeriana. Facultad de Psicología. Maestría en Psicología Clínica**, 2014.

GONZÁLEZ, L. F. **Prevenção de la violencia en las relaciones de noviazgo**: aplicación y valoración de un programa para adolescentes. 2013. Tese de Doutorado - Universidad Autónoma de Madrid.

GRAMSCI, Antonio. *Selections from the Prison Notebook*. London: Lawrence & Wishart, 1971.

HAMBERGER, L. K.; LARSEN, S. E.; LEHRNER, A. Coercive control in intimate partner violence. **Aggression and Violent Behavior**, v. 37, p. 1-11, 2017.

HARE, A. L.; MIGA, E. M.; ALLEN, J. P. Intergenerational transmission of aggression in romantic relationships: The moderating role of attachment security. **Journal of family psychology**, v. 23, n. 6, p. 808, 2009.

HARWAY, M.; O'NEIL, J. M. What causes men's violence against women? The unanswered and controversial question. In: M. Harway & J. M. O'Neil (Ed.), **What causes men's violence against women?** Thousand Oaks: Sage, 1999, p. 1-11.

HEARN, Jeff. From hegemonic masculinity to the hegemony of men. **Feminist theory**, v. 5, n. 1, p. 49-72, 2004.

HEILBORN, M. L. Parte II: debates e comentários: uma abordagem sociológica da adolescência. In: **Aids e juventude**: gênero, classe e raça. Eduerj, 2009. p. 183-196.

HEISE, L. L. Violence against women: An integrated, ecological framework. **Violence against women**, v. 4, n. 3, p. 262-290, 1998.

HENTON, June et al. Romance and violence in dating relationships. **Journal of family Issues**, v. 4, n. 3, p. 467-482, 1983.

HETTRICH, E. L.; O'LEARY, K. D. Females' reasons for their physical aggression in dating relationships. **Journal of interpersonal violence**, v. 22, n. 9, p. 1131-1143, 2007.

HOKODA, Audrey; MARTIN DEL CAMPO, Miguel A.; ULLOA, Emilio C. Age and gender differences in teen relationship violence. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, v. 21, n. 3, p. 351-364, 2012.

HOLTZWORTH-MUNROE, A; STUART, G. L. Typologies of male batterers: Three subtypes and the differences among them. **Psychological bulletin**, v. 116, n. 3, p. 476, 1994.

HYDÉN, M. Verbal aggression as prehistory of woman battering. **Journal of Family Violence**, v. 10, n. 1, p. 55-71, 1995.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2018. Acesso em: <https://ibge.gov.br/>. Visitado em: 10.03.2018.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Masculinidades em (re) construção: Gênero, Corpo e Publicidade. **Covilhã: LabCom. IFP**, 2016.

JASINSKI, J. L.; WILLIAMS, L. M. **Partner violence: A comprehensive review of 20 years of research.** Sage Publications, Inc, 1998.

JOHNSON, James. How conceptual problems migrate: Rational choice, interpretation, and the hazards of pluralism. **Annual Review of Political Science**, v. 5, n. 1, p. 223-248, 2002.

JOHNSON, K. B.; DAS, M. B. Spousal violence in Bangladesh as reported by men: prevalence and risk factors. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 24, n. 6, p. 977-995, 2009.

JOHNSON, M. P. A “General” Theory of Intimate Partner Violence: A Working Paper. 2006
a. Disponível em:
https://scholar.google.com/scholar?cluster=15074004853181938489&hl=ptBR&as_sdt=0,5&sciodt=0,5

JOHNSON, M. P. A personal social history of a typology of intimate partner violence. **Journal of Family Theory & Review**, v. 9, n. 2, p. 150-164, 2017.

JOHNSON, M. P. Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. **Violence against women**, v. 12, n. 11, p. 1003-1018, 2006.

JOHNSON, M. P. Gender and types of intimate partner violence: A response to an anti-feminist literature review. **Aggression and violent behavior**, v. 16, n. 4, p. 289-296, 2011.

JOHNSON, M. P. Les types de violence familiale. In: RINFRET-RAYNOR, M.; LESIEUX, E., COUSINEAU, M. M.; GAUTHIER, S.; HARPER, E. (Eds.). **Violences Envers les Femmes: Réalités Complexes et Nouveaux Enjeux dans un Monde en Transformation.** Québec: Presses Universitaires de l'Université du Québec. PUQ, 2014.

JOHNSON, M. P. Patriarchal terrorism and common couple violence: Two forms of violence against women. **Journal of Marriage and the Family**, p. 283-294, 1995.

JOHNSON, M. P.; FERRARO, K. J. Research on domestic violence in the 1990s: Making distinctions. **Journal of Marriage and Family**, v. 62, n. 4, p. 948-963, 2000.

JOHNSON, M. P.; LEONE, J. M.; XU, Y. Intimate terrorism and situational couple violence in general surveys: Ex-spouses required. **Violence against women**, v. 20, n. 2, p. 186-207, 2014.

JOHNSON, M. **A Typology of domestic violence: Intimate terrorism, violent resistance and situational couple violence.** Boston, MA: Northeastern University Press, 2008.

JUSTO, A. M.; CAMARGO, B. V. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. In: NOVIKOFF, C.; SANTOS, S. R. M.; MITHIDIARI, O. B. (Orgs.). **Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro Duque de Caxias: Universidade do Grande Rio “Professor José de Souza Herdy” - UNIGRANRIO, Caderno digital**, p. 37-54, 2014.

KELLY, J. B.; JOHNSON, M. P. Differentiation among types of intimate partner violence: research update and implications for interventions. **Family Court Review**, v. 46, n. 3, p. 476-499, 2008.

KING, B. Psychological Theories of Violence. **Journal of Human Behavior in the Social Environment**, v. 22, n. 5, p. 553-571, 2012.

KINSFOGEL, Kristen M.; GRYCH, John H. Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. **Journal of family psychology**, v. 18, n. 3, p. 505, 2004.

KRUG, E.G. et al. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

KWONG, Marilyn J. et al. The intergenerational transmission of relationship violence. **Journal of family psychology**, v. 17, n. 3, p. 288, 2003.

LAWSON, J. Teorias Sociológicas de parceiro íntimo violência. **Journal of Human Behavior no ambiente social**, v. 22, n. 5, p. 572-590, 2012.

LEEN, Eline et al. Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. **Aggression and violent behavior**, v. 18, n. 1, p. 159-174, 2013.

LEITÃO, M. N. et al. Prevenir a violência no namoro: N (Amor) O (Im) Perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra, Portugal: **Escola Superior de Enfermagem de Coimbra**, 2013.

LEWIN, K. A dynamic theory of personality. New York: McGraw HillBook Company. **Development, Factor Analysis, and Validation**, 1935.

LICHTER, E. L.; MCCLOSKEY, L. A. The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. **Psychology of Women Quarterly**, v. 28, n. 4, p. 344-357, 2004.

LISBÔA, Maria Regina Azevedo. Masculinidades: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade**, 1998.

LISBOA, Manuel *et al.* **Violência e Género – Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra as Mulheres e Homens**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009.

LOVE, H. A. et al. Perpetrator Risk Markers for Intimate Terrorism and Situational Couple Violence: A Meta-Analysis. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 20, n. 10, 2018.

LUTHRA, R.; GIDYCH, C. A. Dating violence among college men and women: Evaluation of a theoretical model. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 21, n. 6, p. 717-731, 2006.

MACHADO, Lúcia Maria Gonçalves da Silva. **Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal**. 2010. Tese (Doutorado) - Porto: Universidade Fernando Pessoa.

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family Relations**, v. 30, 97-102, 1981.

MARTINS, A. P. A. Violência no Namoro e nas Relações Íntimas entre Jovens: Considerações Preliminares Sobre o Problema no Brasil. **Revista Gênero**, v. 17, n. 2, 2017.

MATOS, Marlene Alexandra Veloso de. **Violência conjugal**: o processo de construção de identidade da mulher. Dissertação de mestrado em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2000.

MATOS, Marlene Alexandra Veloso de. **Violência nas Relações de Intimidade**: Estudo sobre a Mudança Psicoterapêutica na Mulher. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade do Minho, Braga.

MATOS, Marlene et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 8, n. 1, p. 55-76, 2006.

MCCLOSKEY, L. A.; LICHETER, E.L. The contribution of marital violence to adolescent aggression across different relationships. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 18, n. 4, p. 390-412, 2003.

MELO, A. S. E.; MAIA-FILHO, O. N.; CHAVES, H. V. Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 153-159, 2016.

MESSEDER, Suely. Um giro na heterossexualidade compulsória: a construção teórico-metodológica dos atos performativos masculinizados. **Pontos de Interrogação-Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural**, v. 1, n. 1, p. 52-64, 2011.

MESSINGER, A. M. et al. Extending Johnson's intimate partner violence typology: Lessons from an adolescent sample. **Violence against women**, v. 20, n. 8, p. 948-971, 2014.

MILLER, Elizabeth et al. One-year follow-up of a coach-delivered dating violence prevention program: A cluster randomized controlled trial. **American journal of preventive medicine**, v. 45, n. 1, p. 108-112, 2013.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MONREAL, M. G.; GUITART, M. E. Consideraciones educativas de la perspectiva ecológica de Urie Bronferbrenner. **Contextos educativos. Revista de educación**, n. 15, p. 79-92, 2012.

MORENO, Marco Julián Martínez. "Ser macho neste país é coisa de macho": a culturalização da masculinidade e sua relação assimétrica com a igualdade. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 33-56, 2016.

MOURA, G. A. **Violência no namoro e estilos parentais na adolescência**: compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua perceção dos estilos parentais. 2012. Dissertação (Mestrado) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

MOURÃO, Ana Rita. **O duplo padrão sexual e a sua relação com a violência nas relações amorosas esporádicas dos/as jovens portugueses**. 2014. Tese de Doutorado.

NASCIMENTO, O. C. **Adaptação Transcultural e Validação de Conteúdo do Questionário "Parcours Amoureux des Jeunes - PAJ"** - Montréal/ Canadá - para o contexto do Brasil.

2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana -BA.

NASCIMENTO, O. C., COSTA, M.C.O.; FREITAS, K.S.; HEBÉRT, M.; MOREAU, C. Adaptação transcultural do inventário *Parcours Amoureux des Jeunes – PAJ* de origem canadense para o contexto brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 20, n. 11, p. 417-26, 2015.

NEVES, Siloé Pereira. **Homem, mulher e medo: metáforas da relação homem-mulher**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

NOLASCO, Sócrates (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

O'LEARY, K. Daniel; SMITH SLEP, Amy M. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. **Journal of clinical child and adolescent psychology**, v. 32, n. 3, p. 314-327, 2003.

O'LEARY, K. Daniel et al. Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. **Journal of Adolescent Health**, v. 42, n. 5, p. 473-479, 2008.

OLIVEIRA *et al.* Violência nas Relações Afetivo-Sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro (RJ): Editora Fiocruz, 2011. p. 87-141.

OLIVEIRA, M. S. **A Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Porto, Porto.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, 2016.

OLIVEIRA, M. S.; SANI, A. I. A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**; v. 6, 162-80, 2009.

OLIVEIRA, M. S.; SANI, A. I.; MAGALHÃES, T. O contágio transgeracional da agressividade: a propósito da violência no namoro. **Revista Portuguesa do Dano Corporal**, v. 23, p. 175-188, 2012.

OLIVEIRA, Q. B. M. **Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da saúde**. 2014. Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 707-718, 2014.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, 2016.

Organização Mundial da Saúde. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Brasília (DF): **OMS/OPAS**, 2012.

OMS. Violência contra a Mulher. Estratégia e Plano de Ação sobre o Fortalecimento do Sistema de Saúde para Abordar a Violência contra a Mulher. **Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde**, 2015.

OZER, E., TSCHANN, L. FLORES, E. Violence perpetration across peer and partner relationships: Co-occurrence and longitudinal patterns among adolescents. **Journal of Adolescent Health**, v. 34, n. 1, p. 64-71, 2004.

PENCE, Ellen; PAYMAR, Michael. Educational Groups for Men who Batter. **The Duluth Model**, 1993.

PERRY, Andrea R.; FROMUTH, Mary Ellen. Courtship violence using couple data: Characteristics and perceptions. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 20, n. 9, p. 1078-1095, 2005.

POLICASTRO, C; FINN, M. A. Coercive control in intimate relationships: differences across age and sex. **Journal of interpersonal violence**, 2017.

POLLAK, R. A. An intergenerational model of domestic violence. **Journal of Population Economics**, v. 17, n. 2, p. 311-329, 2004.

PRAZERES, V. et al. **Violência interpessoal: abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde**. Lisboa: Direção-Geral da Saúde, 2014.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen-ISSN: 2447-8717**, v. 2, n. 4, 2018.

RABELO, Amanda Oliveira. Contribuições dos estudos de género às investigações que enfocam a masculinidade. **Ex aequo**, n. 21, p. 161-176, 2010.

RAVEN, B. H. A power/interaction model of interpersonal influence: French and Raven thirty years later. **Journal of Social Behavior & Personality**, v. 7, n. 2, p. 217-244, 1992.

RAVEN, B. H. The bases of power: Origins and recent developments. **Journal of social issues**, v. 49, n. 4, p. 227-251, 1993.

REDONDO, J.; PIMENTEL, I.; CORREIA, A. **Manual SARAR-sinalizar, apoiar, registrar, avaliar, referenciar**: Uma proposta de Manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/entre parceiros íntimos. Coimbra: Tipografia Damasceno, 2012.

REICHENHEIM, M. E et al. The magnitude of intimate partner violence in Brazil: portraits from 15 capital cities and the Federal District. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, p. 425-437, 2006.

RIGGS, David S.; O'LEARY, K. Daniel. A theoretical model of courtship aggression. 1989.

RIGGS, D. S.; O'LEARY, K. D. Aggression between heterosexual dating partners: An examination of a causal model of courtship aggression. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 11, n. 4, p. 519-540, 1996.

RUBIO-GARAY, Fernando. Desconexión moral y violencia en las relaciones de noviazgo de adolescentes y jóvenes. 2016.

SAAVEDRA, Rosa Maria Melim. **Prevenir antes de remediar**: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis. 2011. Tese de Doutorado. Universidade do Minho.

SAFFIOTI, Heleieth IB. **Gênero, violência e patriarcado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, Ronaldo Sousa. **Do universal ao particular**: uma discussão sobre o masculino na psicanálise. 2010. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

SCHRAIBER, L. B et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 797-807, 2007.

SCHWARTZ, J. P et al. Unhealthy parenting and potential mediators as contributing factors to future intimate violence: A review of the literature. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 7, n. 3, p. 206-221, 2006.

SECRETARIAT OF THE PACIFIC COMMUNITY. **Solomon Islands family health and safety study**: A study on violence against women and children. 2009.

SEARS, Heather A. et al. "If it hurts you, then it is not a joke" Adolescents' ideas about girls' and boys' use and experience of abusive behavior in dating relationships. **Journal of interpersonal violence**, v. 21, n. 9, p. 1191-1207, 2006.

SILVA, J. M. S.; OLIVEIRA, R. M. P. A. **Conseqüências psicológicas em longo prazo da violência sexual na infância**. 2002. Monografia - Curso de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UNAMA, BELÉM.

SILVA, Maria do Céu Vaqueiro. **Violência no namoro**: estudo com adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança. 2017. Tese de Doutorado.

SILVA et al. **Estudos qualitativos**: enfoques teóricos e técnicas de coletas de informações (Orgs.). Sobral: Edições UVA, 2018.

SOUZA, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a (s) masculinidade (s). **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 123-144, 2009.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; PASCOALETO, Tainara Evangelista; MENDONÇA, Nayra Daniane. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 31-43, 2018.

STARK, E. Commentary on Johnson's "Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence". **Violence against women**, v. 12, n. 11, p. 1019-1025, 2006.

STARK, E. Do violent acts equal abuse? Resolving the gender parity/asymmetry dilemma. **Sex Roles**, v. 62, n. 3-4, p. 201-211, 2010.

STRAUS, M. A. A general systems theory approach to a theory of violence between family members. **Information (International Social Science Council)**, v. 12, n. 3, p. 105-125, 1973.

STRAUS, M. A. Future research on gender symmetry in physical assaults on partners. **Violence against women**, v. 12, n. 11, p. 1086-1097, 2006.

STRAUS, M. The controversy over domestic violence by women. **Violence in intimate relationships**, p. 17-44, 1999.

TOLMAN, R. M. The development of a measure of psychological maltreatment of women by their male partners. **Violence and Victims**, v. 4, n. 3, p.159-177, 1989.

TOLMAN, R. M. The validation of the Psychological Maltreatment of Women Inventory. **Violence and Victims**, v. 14, 25-37, 1999.

TRINCA, W. **Procedimento de Desenhos-Estórias**: Formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. São Paulo (SP): Vetor Editora, 2013.

VARÃO, R. Notas sobre o mito dos quatro fundadores do campo comunicacional: Coisas que ninguém nunca viu antes e pensamentos que ninguém teve. **LÍBERO**, n. 25, p. 77-86, 2016.

VELOSO, N. M. **Violência no namoro em estudantes universitários**: prevalência e diferenças entre géneros. 2013. Dissertação de Mestrado - Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

VENTURA, Maria Clara Amado Apóstolo; FREDERICO-FERREIRA, Maria Manuela; MAGALHÃES, Maria José de Sousa. Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 11, p. 95-103, 2013.

VICARIO-MOLINA, I. et al. Dating violence among youth couples: Dyadic analysis of the prevalence and agreement. **The Spanish journal of psychology**, v. 18, 2015.

VIVEROS, Mara. "Perspectivas latinoamericanas actuales sobre la masculinidad". In: Patricia Tovar (org.). **Familia, género y antropología**: desafíos y transformaciones. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 2003, pp. 82-129.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Flacso, Brasil, 2015. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 13.04.2017.

WEBER, M. **The theory of social and economic organization**. Oxford: Oxford University Press, 1947.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WOLFGANG, M.; FERRACUTI, F. **The subculture of violence**: Towards an integrated theory in criminology. London, UK: Tavistock Publications., 1967.

WOODIN, E. M., O'LEARY, K. D. Theoretical approaches to the etiology of partner violence. In: D. J. Whitaker & J. R. Lutzker (Eds.), **Preventing partner violence**: Research and evidence-based intervention strategies. Washington, DC, US: American Psychological Association, 2009, p. 41-65.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Global and regional estimates of violence against women**: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. World Health Organization, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Violence against women**: intimate partner and sexual violence against women: intimate partner and sexual violence have serious short-and long-term physical, mental and sexual and reproductive health problems for survivors: fact sheet. World Health Organization, 2014a.

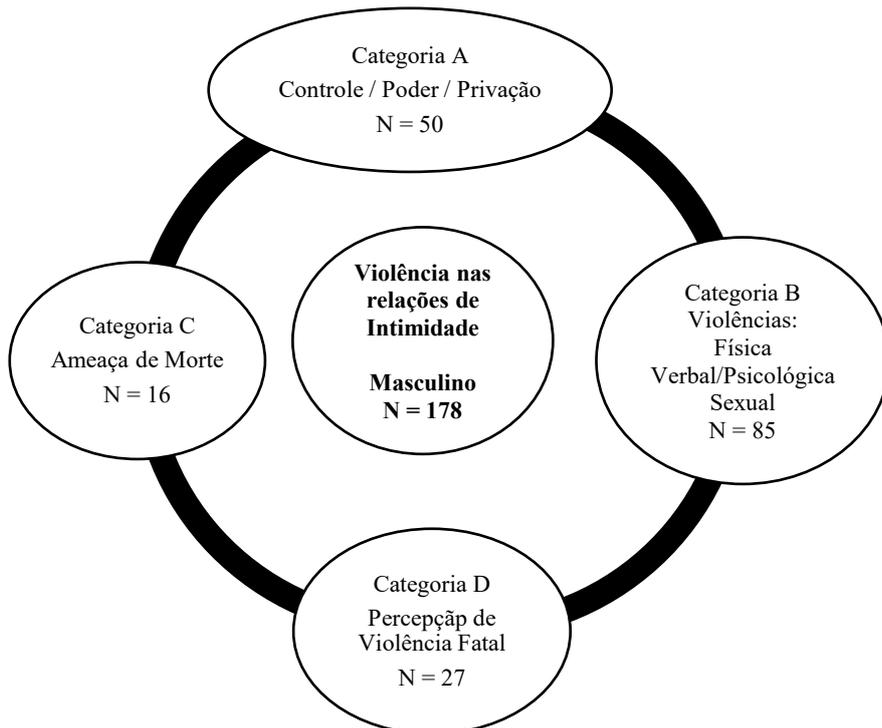
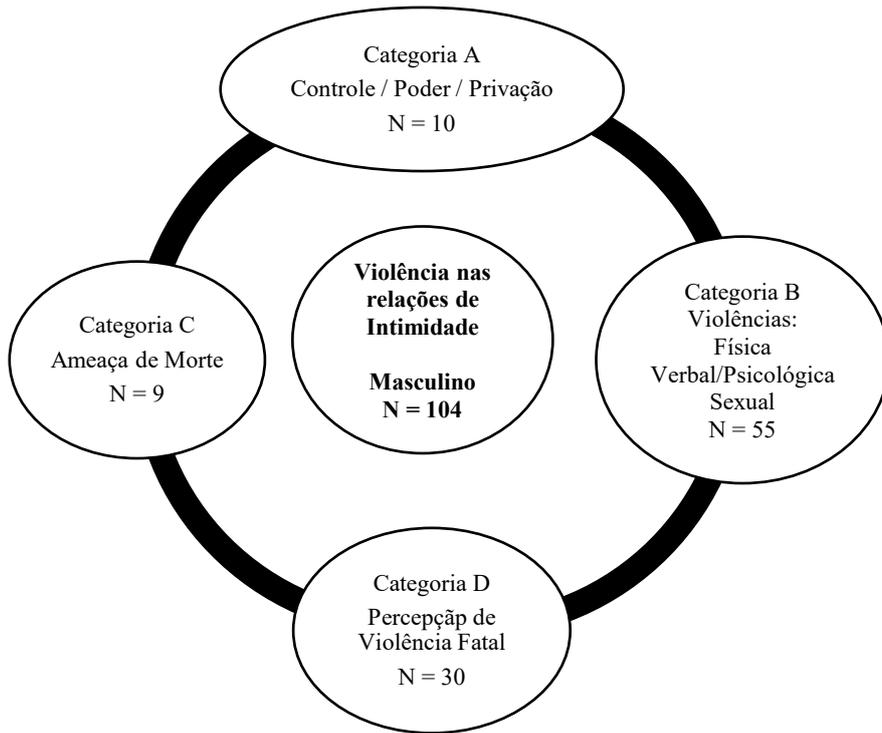
WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Regional Office for the Western Pacific. **Violence against women**: intimate partner violence and sexual violence. Manila: WHO Regional Office for the Western Pacific, 2014b.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ORGANOGRAMA – CODIFICAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL (Apêndice 5)



APÊNDICES 2 a 9

CATEGORIA A

CONTROLE, PODER E PRIVAÇÃO

MASCULINO / FEMININO

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – MASCULINO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
006	Poder, Controle, Privação (Relação)	Controle / Poder simultâneo (entre os parceiros), justificado pelos sentimentos que sentiam entre si Violência Verbal / Psicológica (Ameaças) Comportamento agressivo Ciúme, Possessividade	Sem consequências	Controle bilateral Agressividade Ameaças	Ambos
040	Poder, Controle, Privação (Vestuário)	Comportamento autoritário / machista do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensa)	Sem consequências	Imposição Obrigou a vítima obedecer a suas ordens	Masculino
080	Poder, Controle, Privação (Vestuário)	Comportamento autoritário / machista do parceiro	Sem consequências	Ordenou a vítima que trocasse a roupa	Masculino
090	Poder, Controle, Privação (Relação)	Mudança comportamental do parceiro Possessividade Machismo Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos)	Sem consequências		Masculino
126	Poder, Controle, Privação (Redes Sociais)	Desconfiança da parceira (Traição) Raiva	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
134	Poder, Controle, Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensa) Ciúme	Sem consequências	Ofensas a parceira	Masculino
266	Poder, Controle, Privação (Amigos)	Ciúme	Sem consequências	Agressão Física (Puxar a vítima a força)	Masculino
267	Poder, Controle, Privação (Liberdade)	Comportamento agressivo do parceiro, proibindo a vítima de sair	Sem consequências	Obrigou a vítima obedecer a suas ordens	Masculino
322	Poder, Controle, Privação (Vestuário)	Traição Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga)	Sem consequências	Obrigou a namorada trocar de roupa	Masculino
??	Poder, Controle, Privação (Redes Sociais)	Comportamento agressivo do parceiro Irritação do parceiro pelo fato de sua namorada estar fazendo contato com outro homem	Sem consequências	Agressividade	Masculino

?? Ausência da identificação.

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – FEMININO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
003	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Parceiro obrigou a namorada trocar de roupa, pois considerou muito curta Comportamento machista / autoritário do parceiro	Sem consequências	Agressividade do parceiro	Masculino
007	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Parceiro proíbe sua namorada sair e ter contato com as amigas	Sem consequências	Obrigou a vítima obedecer a suas imposições	Masculino
013	Poder / Controle / Privação (Amigos, Vestuário)	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Ameaças, Brigas) Comportamento agressivo Comportamento machista / autoritário	Sem consequências	Proibições a parceira Agressividade	Masculino
017	Poder / Controle / Privação (Redes Sociais)	Ciúme envolvendo o casal Violência Verbal / Psicológica (Discussão / Brigas) Irritabilidade do parceiro Agressão Física do parceiro (Tapa)	Sem consequências	Agressividade entre o casal Uso de força física do parceiro	Masculino
019	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica Agressão Física do parceiro (Empurrar)	Sem consequências	Imposição, Chantagem Agressividade	Masculino
020	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Xingamento, Humilhação, Ofensa) Comportamento machista / autoritário do parceiro	Sem consequências	Agressividade Insulto	Masculino
022	Poder / Controle / Privação (Vestuário, Liberdade, Amigos)	Mudança comportamental do parceiro Ciúme, Irritabilidade Agressão Física do parceiro (Arrastar, Esmurrar, Chutar) Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga, Ofensa, Ameaças)	Denúncia e prisão do agressor	Agressividade Proibições a parceira Imposições Gestos ameaçadores	Masculino
023	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Mudança comportamental do parceiro Comportamento autoritário / dominador Agressão Física do parceiro (Tapa)	Sem consequências	Agressividade Proibições a parceira	Masculino
024	Poder / Controle / Privação (Amigos)	Ciúme Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga) Agressão Física do parceiro (Tapa)	Sem consequências	Agressividade Uso de poder sobre a vítima	Masculino
032	Poder / Controle / Privação (Amigos, Redes Sociais, Família, Liberdade)	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica	Sem consequências	Proibições a parceira	Masculino
036	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Brigas) Descontrole e uso de força	Sem consequências	Agressividade Forçou a parceira trocar a roupa	Masculino

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – FEMININO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
052	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Violência Verbal / Psicológica (Xingamento, Brigas, Ofensa) Ciúme, Possessividade Uso da força física (Empurrar, Segurar)	Sem consequências	Proibições e intolerância sobre o comportamento da vítima Agressividade	Masculino
058	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Ciúme Agressão Física (Espancar) Violência Verbal / Psicológica (Espancar, Ofensa, Humilhação)	Sem consequências	Uso da força física Intolerância	Masculino
065	Poder / Controle / Privação (Redes Sociais)	Ciúme, Desconfiança Raiva Violência Verbal / Psicológica (Xingamento, Brigas, Ofensa)	Sem consequências	Agressões verbais Acusações a parceira	Masculino
069	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Mudança comportamental do parceiro Comportamento machista / autoritário do parceiro	Sem consequências	Proibições sobre o vestuário da vítima	Masculino
072	Poder / Controle / Privação (Redes Sociais, Liberdade)	Mudança comportamental do parceiro Parceiro com atitudes de controle, agressão e superioridade em relação a namorada Violência Verbal / Psicológica (Humilhação, Ofensas)	Sem consequências	Proibições e intolerância com a parceira	Masculino
074	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Parceiro não aceita a roupa que a namorada vestiu e se recusa a sair com ela.	Sem consequências	Ordenou que sua namorada troque o short (Imposição)	Masculino
084	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Ameaças, Discussão)	Sem consequências	Proibições de vestuário da vítima Agressividade	Masculino
089	Poder / Controle / Privação (Vestuário, Imagem Corporal)	Parceiro com atitudes de controle e hostilidade Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Proibições e intolerância	Masculino
091	Poder / Controle / Privação (Amigos)	Possessividade, Ciúme Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos)	Sem consequências	Proibições e intolerância	Masculino
096	Poder / Controle / Privação (Vestuário, Liberdade)	Mudança comportamental do parceiro Ciúme, Possessividade Violência Verbal / Psicológica (Brigas, Ofensas)	Sem consequências	Imposições e manipulações	Masculino
102	Poder / Controle / Privação (Vestuário, Amigos)	Ciúme Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ameaças) Agressão Física (Puxar a vítima)	Sem consequências	Proibições e intolerância	Masculino
103	Poder / Controle / Privação	Ciúme e descontrole da parceira Violência Verbal / Psicológica (Brigas, Ofensas) entre o casal	Sem consequências	Agressividade da parceira Reação de intolerância do parceiro	Feminino

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
116	Poder / Controle / Privação (Vestuário, Liberdade)	Vítima tratada com indiferença, por causa de sua roupa Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga) Rasgou a roupa e trancou a vítima em casa Possessividade	Sem consequências	Agressividade Autoritarismo Intolerância Isolamento	Masculino
130	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Gritos, Ofensas) Ciúme, Raiva	Sem consequências	Agressividade (moral) Uso de força física	Masculino
139	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Mudança comportamental do parceiro Comportamento violento Agressão Física	Denúncia do agressor	Autoritarismo Depreciar a vítima Isolamento	Masculino
140	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Mudança comportamental do parceiro Possessividade Violência Verbal / Psicológica (Ameaças)	Sem consequências	Isolamento da vítima Gestos ameaçadores	Masculino
145	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga) Obrigou a parceira trocar a roupa (short)	Sem consequências	Intolerância Imposição	Masculino
148	Poder / Controle / Privação	Mudança comportamental do parceiro Ciúme, Possessividade Tentativa de agressão física	Sem consequências	Uso de poder e autoritarismo sobre a vítima	Masculino
149	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Ciúme Obrigou a parceira trocar a roupa	Sem consequências	Uso de poder e autoritarismo sobre a vítima	Masculino
160	Poder / Controle / Privação	Possessividade Raiva	Sem consequências	Uso de poder sobre a vítima	Masculino
181	Poder / Controle / Privação	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga) Ciúme, Desconfiança, falsas promessas de mudança Agressão Física (Tapas)	Denúncia do agressor	Manipulação Agressividade Intolerância	Masculino
182	Poder / Controle / Privação (Liberdade, Redes Sociais)	Comportamento agressivo do parceiro Ciúme Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga) Agressão Física (Bater)	Sem consequências	Agressividade Perseguição Uso de força física	Masculino
190	Poder / Controle / Privação (Amigos)	Ciúme Agressão Física (Esmurrar)	Sem consequências	Intolerância Uso de força física	Masculino
199	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Autoritarismo Imposição	Masculino
205	Poder / Controle / Privação (Imagem corporal / estética)	Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Denegriu imagem da parceira	Masculino

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – FEMININO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
210	Poder / Controle / Privação	Mudança comportamental do parceiro Comportamento agressivo	Sem consequências	Chantagem Imposição	Masculino
211	Poder / Controle / Privação (Liberdade)	Raiva Agressão Física (Arremessou pedra na parceira)	Sem consequências	Agressividade Intolerância	Masculino
238	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Traição do parceiro	Sem consequências	Manipulação	Masculino
243	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Comportamento agressivo / manipulador do parceiro	Sem consequências	Uso de poder sobre a vítima	Masculino
249	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Ciúme Violência Verbal / Psicológica (Ameaças) Agressão Física (Espancar)	Sem consequências	Agressividade Uso de força física	Masculino
258	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Ameaça de agressão física	Sem consequências	Autoritarismo Intimidação, Imposição	Masculino
271	Poder / Controle / Privação (Vestuário, Amigos, Liberdade)	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Denegriu imagem da parceira Intimidação, Imposição	Masculino
284	Poder / Controle / Privação (Amigos)	Comportamento introspectivo e associável do parceiro Ciúme	Denúncia do agressor	Intimidação, Imposição	Masculino
291	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Violência Verbal / Psicológica (Gritos, Xingamentos) Agressão Física (retirou a vítima, puxando seus cabelos) Ciúme	Sem consequências	Agressividade Uso de força física Intolerância	Masculino
293	Poder / Controle / Privação	Mudança comportamental do parceiro Comportamento controlador do parceiro sobre sua namorada	Sem consequências	Manipulação, Imposição Uso de poder sobre a vítima	Masculino
295	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Violência Verbal / Psicológica (Ofensas, Humilhação)	Sem consequências	Agressividade moral	Masculino
305	Poder / Controle / Privação (Vestuário)	Mudança comportamental do parceiro Comportamento agressivo	Sem consequências	Denegriu imagem da parceira Proibições e intolerância	Masculino
308	Poder / Controle / Privação	Mudança comportamental do parceiro Parceiro não aceitou o fim da relação Agressão Física (Empurrou a vítima) Violência Verbal / Psicológica (Ameaças)	Sem consequências	Autoritarismo Imposição Intolerância Agressividade	Masculino
321	Poder / Controle / Privação (Amigos, Liberdade)	Comportamento controlador do parceiro sobre a namorada Desconfiança	Sem consequências	Agressividade Uso da força física	Masculino

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – SENTIMENTOS – VÍTIMA – MASCULINO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
006	Relação de vítima e agressor fundamentada em ameaças / controle / poder sobre o outro	Amor Ódio Medo
040	Aceitou atitudes de violência do agressor	Choro, Tristeza
134	Uso de roupas consideradas curtas pelo parceiro	Choro, Tristeza
322	Aceitou as imposições do parceiro	Choro, Tristeza
??	Aceitou as imposições do parceiro	Medo

*Sem informações: 080, 090, 126, 266, 267

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
003	Aceitou comportamento machista e autoritário do parceiro	Choro, Tristeza	052	Aceitou as atitudes de controle e proibições do parceiro	Culpa Amor Sofrimento
007	Aceitou as imposições / proibições do parceiro	Decepção	058	Aceitou as atitudes de agressão do parceiro	Choro, Tristeza
013	Decidiu finalizar a relação	Paixão Infelicidade	072	Decidiu finalizar a relação	Choro, Tristeza Medo Felicidade
017	Comportamento agressivo / provocador da parceira, gerando conflitos e reações	Choro, Tristeza	074	Aceitou comportamento agressivo do parceiro, obedecendo sua imposição	
020	Decidiu finalizar a relação	Choro, Tristeza	089	Aceitou comportamento agressivo / controlador do parceiro	Amor Sofrimento
021	Aceitou comportamento agressivo e não teve coragem de denunciar o agressor	Medo	091	Decidiu finalizar a relação, após vivenciar convivência abusiva com o parceiro	Choro, Tristeza
022	Vítima ficou em estado de choque, após vivenciar graves situações de violência praticadas pelo parceiro / agressor	Confiança Paixão Felicidade Sofrimento	096	Decidiu finalizar a relação	Tristeza
023	Decidiu finalizar a relação	Sofrimento	103	Fim da relação	
032	Decidiu denunciar o agressor, após vivenciar o relacionamento abusivo	Choro, Tristeza Felicidade	116	Reagiu ao comportamento agressivo do parceiro	Sofrimento
036	Decidiu finalizar a relação, devido as atitudes de controle e autoritária do parceiro Decidiu finalizar a relação	Choro, Tristeza	130	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Choro, Tristeza

*Sem informações: 019, 024, 065, 069, 084, 102

CATEGORIA A – CONTROLE / PODER / PRIVAÇÃO – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
139	Decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor	Choro Tristeza	210	Aceitou situações de chantagens do parceiro	Paixão Choro Tristeza
140	Submetida ao comportamento controlador / possessivo do parceiro, sendo ameaçada pelo agressor	Paixão Choro Tristeza Sofrimento	238	Superou a traição / abandono sofrida pelo parceiro e reconquistou seus amigos	Choro Tristeza Infelicidade
145	Aceitou situações de imposição do agressor	Choro Tristeza	243	Decidiu finalizar a relação	Choro Tristeza Infelicidade
148	Aceitou comportamento controlador / possessivo do parceiro	Amor Carinho Choro Tristeza	249	Vítima decidiu sair com roupa proibida pelo parceiro e sofreu agressão física	Choro Tristeza
149	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Choro Tristeza	258	Vítima se recusa obedecer às imposições / ordens do parceiro agressor e sofre ameaças	Choro Tristeza
160	Aceitou comportamento possessivo do parceiro	Paixão Choro Tristeza	271	Aceitava situações de violência do agressor	Choro Tristeza Culpa
181	Vítima decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor	Sofrimento	291	Aceitava situações de violência do agressor	Choro Tristeza
182	Decidiu finalizar a relação	Sofrimento	295	Aceitou as agressões verbais do parceiro	Insegurança
199	Aceitou situação de violência do parceiro	Paixão Tristeza	308	Decidiu finalizar a relação	Sofrimento Decepção Medo
205	Aceitava situações de violência do agressor	Paixão Tristeza Choro	321	Decidiu denunciar o agressor	Choro Tristeza

*Sem informações: 190, 205, 211, 284, 293, 305

APÊNDICE – 10 a 28

CATEGORIA B

**VIOLÊNCIAS:
FÍSICA, PSICOLÓGICA/VERBAL, SEXUAL**

MASCULINO / FEMININO

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – MASCULINO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
004	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos) Consumo de bebida alcoólica	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
032	Violência Física	Ato de violência como reação de traição da parceira	Sem consequências	Agressão Física (Empurrar)	Masculino
042	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (ambos) (Discussão, Gritos, Ofensas, Ameaças) Controle / Privação	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Agarrar, Bater)	Masculino
056	Violência Física	Comportamento agressivo com a parceira	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
057	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
066	Violência Física	Traição do parceiro Não aceitou fim da relação Violência Verbal / Psicológica (Discussão) Perseguição a vítima	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
109	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica Consumo de drogas ilícitas Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
115	Violência Física	Controle / Poder (Afazeres domésticos)	Sem consequências	Arma branca (Bater)	Masculino
117	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Gritos, Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Arrastar vítima)	Masculino
121	Violência Física	Mudança comportamental Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Após apoio da própria vítima, mudou comportamento agressivo	Agressão Física (Bater)	Masculino
122	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica Violência Verbal / Psicológica (Discussão)	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
127	Violência Física	Agressão física (parceira, filhos), por causa de traição Mudança do comportamento agressivo, após ajuda profissional	Sem consequências	Arma branca (Espancar)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – MASCULINO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
129	Violência Física	Controle / Poder (Amigos) Desconfiança	Denúncia do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino
133	Violência Física	Ciúme	Sem consequências	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
136	Violência Física	Traição Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Ambos
142	Violência Física	Mudança comportamental Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Arma branca (Bater)	Masculino
152	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Discussão) Controle / Poder	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
162	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica Prazer do agressor em cometer violência	Denúncia do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino
164	Violência Física	Controle / Poder / Privação	Não informado	Arma branca (Espancar)	Masculino
169	Violência Física	Uso da força física (Obrigar parceira contra sua vontade)	Sem consequências	Agressão Física (Levar a força)	Masculino
171	Violência Física	Mudança comportamental Consumo de bebida alcoólica	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Espancar) Arma branca / Barra de ferro	Masculino
177	Violência Física	Ciúme	Denunciou o agressor	Agressão Física	Masculino
185	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Briga, Ameaça)	Sem consequências	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
191	Violência Física	Ciúme, Desconfiança Violência Verbal / Psicológica (Gritos, Xingamentos, Ameaça) Controle / Poder (Rede Social)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
207	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Briga)	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – MASCULINO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
208	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica	Não informado	Agressão Física (Bater)	Masculino
216	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica Controle / Poder (Redes Sociais)	Não informado	Agressão Física (Bater)	Masculino
221	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Discussão/Briga) Ciúme	Não informado	Agressão Física (Bater)	Masculino
222	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica Prazer do agressor em cometer violência	Não informado	Agressão Física (Espancar)	Masculino
235	Violência Física	Não informado. Apenas, desfecho.	Vítima não denunciou agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino
236	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Discussão, Xingamentos)	Denúncia e prisão da agressora	Arma branca/Faca (Espancar)	Feminino
247	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica Controle / Poder (Redes Sociais)	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
259	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
276	Violência Física	Traição cometida pela parceira	Sem consequências	Arma branca (Espancar)	Masculino
283	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Briga)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Ambos
292	Violência Física	Ciúme, Desconfiança Controle / Poder / Privação (Vestuário, Amigos)	Vítima optou por não denunciar	Agressão Física (Espancar)	Masculino
294	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica	Vítima optou por não denunciar	Agressão Física (Bater)	Masculino
323	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – SENTIMENTOS – MASCULINO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
004	Resolveu finalizar a relação e partiu com o filho	Tristeza	129	Após desentendimento com o parceiro, saiu com as amigas Denunciou o agressor		177	Finalizou a relação (Pedi divórcio)	Choro Tristeza
009	Rejeitou manter relação sexual com o parceiro Fugiu assustada por medo Não denunciou agressor		133	Tinha o hábito de elogiar outros homens, despertando ciúme do parceiro		185	Fugiu do agressor, após briga	
032	Traição	Tristeza	136	Ofensas e agressão ao parceiro		216	Aceitou situação de violência	Tristeza
042	Tentou fugir da agressão física Denunciou o parceiro		142	Aceita situação de violência Não denunciou agressor por medo	Tristeza Sofrimento	222	Aceita situação de violência	Tristeza
056	Decidiu finalizar a relação	Tristeza	152	Aceita situação de violência Não denunciou agressor por medo	Sofrimento	247	Omite a agressão e não denunciou por medo do parceiro	Sofrimento
066	Decidiu finalizar a relação, após traição do parceiro Denunciou o agressor		162	Denunciou o agressor	Felicidade	259	Aceita situação de violência	Sofrimento
109	Aceitava situações de violência	Tristeza Choro	164	Aceitou situação de violência Acredita na mudança do parceiro	Sofrimento Tristeza Amor	276	Traiu o companheiro	
115	Decidiu finalizar a relação	Tristeza Choro	171	Questionou sobre o estado de embriaguez do parceiro Denunciou o agressor	Amor Tristeza	292	Aceita situação de violência Decide não denunciar o parceiro	Tristeza
117	Saiu com seu amigo para dar uma volta e foi surpreendida pelo parceiro, gerando ciúme / raiva do mesmo		191	Finalizou a relação, após agressão	Tristeza	294	Não denunciou por medo do parceiro Finalizou a relação	Medo
121	Vítima insistiu, deu apoio e conseguiu mudar o comportamento agressivo do parceiro	Tristeza Choro	207	Denunciou o agressor		323	Denunciou o agressor e finalizou a relação	Amor Felicidade Tristeza

*Sem informações: 111, 122, 127, 169, 208, 221, 235, 236, 283

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – FEMININO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
002	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino
005	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Ofensas) Controle / Poder (Vestuário)	Sem consequências	Agressão Física (Derrubou)	Masculino
014	Violência Física	Não aceitou fim da relação Violência Verbal / Psicológica (Ameaças, Perseguição)	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino
018	Violência Física	Tentou manter relação sexual com a namorada e desistiu, alegando que sua parceira era gorda	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
037	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
041	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Controle / Poder (Vestuário, Subordinação da parceira) Consumo de bebida alcoólica Violência Verbal / Psicológica	Denúncia e prisão do agressor Pagou fiança e foi solto	Agressão Física (Bater)	Masculino
067	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Humilhar) Controle / Poder (Vestuário)	Denúncia do agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino
071	Violência Física	Controle / Poder (Redes Sociais) Não aceitou fim da relação	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino
076	Violência Física	Controle / Poder / Privação (Amigos, Liberdade) Violência Verbal / Psicológica (Gritos, Ofensas, Xingamentos)	Vítima optou por não denunciar	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
079	Violência Física	Amigo do parceiro relata falsas afirmações contra a vítima Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
086	Violência Física	Controle / Poder (Vestuário) Violência Verbal / Psicológica (Xingamento, Humilhação) Ciúme / Raiva	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
097	Violência Física	Controle / Poder / Privação (Amigos, Liberdade) Desconfiança	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
100	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Agrediu a parceira grávida, que perdeu a criança	Denúncia do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino
101	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Discussão) Ciúme	Sem consequências	Agressão Física (Apanhar)	Masculino
107	Violência Física	Desconfiança Violência Verbal / Psicológica (Acusação)	Sem consequências	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
137	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Discussão, Brigas) Ciúme	Sem consequências	Agressão Física (Apanhar)	Masculino
143	Violência Física	Não aceitou o fim da relação Violência Verbal / Psicológica (Ameaças, Discussão) Ciúme	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
144	Violência Física	Uso de drogas ilícitas Comportamento agressivo	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
146	Violência Física	Ciúme	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
180	Violência Física	Controle / Poder / Privação (Redes Sociais, Amigos) Possessividade	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
186	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Controle / Poder / Privação (Vestuário) Violência Verbal / Psicológica (Humilhação, Ofensas)	Denúncia do agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino
188	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Controle / Poder (Amigos) Violência Verbal / Psicológica (Discussão) Desconfiança	Denúncia do agressor	Arma branca (Bater)	Masculino
189	Violência Física	Comportamento agressivo Controle / Poder (Vestuário, Amigos)	Sem consequências	Agressão Física (Esganar)	Masculino
194	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Brigas, Ofensas) Controle / Poder (Amigos) Ciúme / Possessividade	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Empurrar, Espancar)	Masculino
196	Violência Física	Controle / Poder (Vestuário) Violência Verbal / Psicológica	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
197	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica Controle / Poder / Privação (Isolamento) Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
213	Violência Física	Sem informações, apenas o desfecho	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
224	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Comportamento violento	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
232	Violência Física	Controle / Poder (Vestuário) Raiva Violência Verbal / Psicológica (Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
233	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica	Sem consequências	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
241	Violência Física	Controle / Poder / Privação (Liberdade)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
244	Violência Física	Controle / Poder Possessividade	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
260	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Discussão, Ofensas)	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino
262	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Ofensas, Ameaças) Controle / Poder / Privação (Vestuário, Amigos, Liberdade)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
264	Violência Física	Consumo de drogas ilícitas Controle / Poder / Privação (Liberdade)	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Bater)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
277	Violência Física	Comportamento agressivo do parceiro Reagiu com violência, após receber a notícia da gravidez da parceira	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
286	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Gritos)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
288	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Ciúme Violência Verbal / Psicológica (Xingamento, Humilhação)	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
302	Violência Física	Consumo de bebida alcoólica Violência Verbal / Psicológica	Denúncia do agressor	Agressão Física (Apanhar)	Masculino
304	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Comportamento agressivo	Denúncia do agressor	Agressão Física (Espancar)	Masculino
307	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Ofensas) Comportamento agressivo	Denúncia e prisão do agressor	Arma branca (Espancar)	Masculino
310	Violência Física	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensas)	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino
313	Violência Física	Ciúme Comportamento agressivo Controle / Poder / Privação (Vestuário, Amigos, Liberdade)	Denúncia do agressor Morte por acidente, ao tentar fugir	Agressão Física (Espancar)	Masculino
319	Violência Física	Envolvimento / consumo de drogas Controle / Poder (Amigos, Família)	Prisão do agressor por tráfico	Agressão Física (Espancar)	Masculino
330	Violência Física	Controle / Poder / Privação (Vestuário) Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos)	Sem consequências	Agressão Física (Bater)	Masculino
333	Violência Física	Mudança comportamental do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensas) Desconfiança	Prisão do agressor por tráfico	Agressão Física (Espancar)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
002	Denunciou o agressor	Tristeza	101	Não denunciou agressor por medo	Tristeza Choro
014	Decidiu finalizar a relação Denuncia o agressor		107	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Tristeza Choro
037		Tristeza	137	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Tristeza Choro
041	Aceitou situações de violência	Tristeza Choro	143	Decidiu finalizar a relação	Tristeza Choro
067	Decidiu denunciar o agressor, após vivenciar o relacionamento abusivo		144	Deseja manter uma relação proibida pelos pais e não correspondida (parceiro usuário de drogas)	Tristeza Choro
071	Decidiu finalizar a relação, devido a atitude de controle do parceiro Denunciou o agressor, após agressão física		146		Tristeza Choro Sofrimento
076	Vítima decidiu finalizar a relação e não denunciar o agressor	Tristeza Choro	180	Aceitou situações de violência e cede as imposições do agressor	
079	Vítima tenta se defender de falsas acusações, mas é agredida pelo parceiro		186	Decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor por vivenciar agressões sucessivas	Tristeza Choro
086	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Humilhação	188	Vítima decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor	Tristeza Choro
097	Aceitou as imposições do parceiro	Tristeza Choro	194	Vítima decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor	Tristeza Choro
100	Decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor por vivenciar agressões durante a gestação e perder a criança		196	Vítima decidiu finalizar a relação e denunciar o agressor	Tristeza Choro

*Sem informações: 005, 018,

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
197	Resolveu fugir do ambiente de agressão e privação, mas sem sucesso	Tristeza Choro Sofrimento	286	Decidiu finalizar a relação	Paixão
213	Aceitava situações de violência		288	Tolerante e surpresa com os atos de violência do parceiro que só ficaram piores	Dor Tristeza, choro
224	Aceitava situações de violência Não conseguia finalizar a relação e nem denunciar o agressor	Paixão Tristeza Choro	302	Denunciou o agressor	Tristeza, choro
232	Aceitou situação de violência do parceiro	Tristeza, Choro	304	Decidiu denunciar o agressor	Tristeza, choro Medo
233	Decidiu finalizar a relação		307	Denunciou o agressor	Tristeza, choro
241	Aceitava situações de violência	Tristeza, choro	310	Decidiu finalizar a relação	
244	Não conseguia finalizar a relação	Tristeza, choro	313	Tentou suicídio, sem êxito Decidiu denunciar o agressor	Tristeza, choro
260	Decidiu finalizar a relação Denunciou o agressor	Tristeza, choro	319	Submeteu-se as situações de violência praticadas pelo parceiro e recusou ajuda	Sofrimento
262	Após ajuda de um grupo que sofreu violência, finalizou a relação abusiva	Medo Vergonha	330	Perdoou e aceitou situações de agressão cometidas pelo parceiro, devido as falsas promessas de mudança	
264	Decidiu denunciar o agressor e finalizar a relação	Paixão Tristeza, choro			
277		Decepção Tristeza, choro			

*Sem informações: 333

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL – MASCULINO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
060	Violência Verbal / Psicológica	Possessividade Desprezo	Sem consequências	Agressões verbais	Masculino
083	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo com a parceira Recusou sair com a parceira	Sem consequências	Xingamentos, Ofensas	Masculino
088	Violência Verbal / Psicológica	Ato de violência como reação de traição da parceira	Sem consequências	Ofensas	Masculino
092	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental Comportamento agressivo, desentendimentos	Sem consequências	Brigas, Discussões	Masculino
093	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo com a parceira Ciúme Controle / Poder / Privação (Redes Sociais)	Sem consequências	Brigas, Ofensas	Masculino
099	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental Comportamento agressivo com a parceira	Sem consequências	Ameaças, Ofensas	Masculino
108	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental do parceiro Comportamento agressivo	Sem consequências	Ofensas	Masculino
165	Violência Verbal / Psicológica	Agressões verbais mútuas	Sem consequências	Brigas	Masculino
202	Violência Verbal / Psicológica	Agressões verbais mútuas	Sem consequências	Discussões	Masculino
203	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro	Sem consequências	Ofensas Denegriu imagem da parceira	Masculino
206	Violência Verbal / Psicológica	Ciúme Amiga do parceiro fez falsa acusação de traição de sua namorada	Sem consequências	Ofensas, Xingamentos	Masculino
217	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental do parceiro Ciúme	Sem consequências	Brigas, Xingamentos	Masculino
250	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do casal	Sem consequências	Ofensas	Masculino
254	Violência Verbal / Psicológica	Traição	Sem consequências	Ofensas, Xingamentos	Masculino
287	Violência Verbal / Psicológica	Possessividade Controle / Poder/Privação	Sem consequências	Ofensas, Xingamentos	Masculino
326	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder (Vestuário, Rede Social) Raiva	Sem consequências	Ofensas, Xingamentos	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL – SENTIMENTOS – VÍTIMA – MASCULINO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
060		Tristeza, Dor Sofrimento Medo, Raiva	165	Finalizou a relação	Choro Tristeza
083	Finalizou a relação		202	Finalizou a relação	
088	Finalizou a relação		206	Reage com indignação sobre falsa acusação de traição	Tristeza
092	Decidiu finalizar a relação		250		Choro Tristeza
093	Finalizou a relação	Choro Tristeza	254	Traiu o parceiro com um colega	Choro Tristeza
099	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Tristeza	287	Decidiu finalizar a relação	Choro Tristeza
108	Decidiu finalizar a relação	Tristeza Mágoa	326	Decidiu finalizar a relação	

*Sem informações: 203, 217

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
035	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro regidos por brincadeiras pesadas e apelidos	Sem consequências	Ofensas Xingamentos	Masculino
046	Violência Verbal / Psicológica	Parceiro tratou a namorada com indiferença	Sem consequências	Xingamentos	Masculino
061	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro, em função da namorada estar desempregada	Sem consequências	Ofensas	Masculino
070	Violência Verbal / Psicológica	Destrato do parceiro com a namorada	Sem consequências	Briga Gritos Ameaça	Masculino
104	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro, que desvalorizava sua namorada	Sem consequências	Ameaça Ofensas	Masculino
124	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder / Privação (Trabalho)	Sem consequências	Ofensa Machismo	Masculino
147	Violência Verbal / Psicológica	Consumo de bebida alcoólica Controle / Poder	Sem consequências	Ofensa Humilhação	Masculino
153	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento depreciativo do parceiro em relação aos sentimentos da namorada	Sem consequências	Ofensa Humilhação	Masculino
156	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental do parceiro Comportamento violento do parceiro Controle / Poder	Sem consequências	Agressões verbais	Masculino
170	Violência Verbal / Psicológica	Desconfiança da parceira (sem propósito) Comportamento agressivo do parceiro	Sem consequências	Ofensas Humilhação	Masculino
173	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental do parceiro Comportamento com agressões verbais sucessivas	Sem consequências	Ofensas Humilhação	Masculino
193	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental do parceiro Comportamento violento / depreciativo em relação a namorada	Sem consequências	Xingamentos Humilhação Ofensas	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
204	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro	Sem consequências	Xingamentos Ofensas Humilhação	Masculino
219	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro por motivos estéticos com a namorada	Sem consequências	Ofensas	Masculino
220	Violência Verbal / Psicológica	O parceiro não aceitou o fim da relação Utilizou atitudes agressivas para obrigar sua namorada continuar a relação Controle / Poder / Privação (Vestuário)	Sem consequências	Humilhação Xingamentos	Masculino
223	Violência Verbal / Psicológica	Agressões verbais proferidas pelo parceiro	Sem consequências	Ofensas Humilhação	Masculino
227	Violência Verbal / Psicológica	Atitude agressiva cometida pelo parceiro, magoando sua namorada	Sem consequências	Ofensas Humilhação	Masculino
242	Violência Verbal / Psicológica	Traição cometida pela parceira Raiva	Sem consequências	Xingamentos	Masculino
248	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro	Sem consequências	Xingamentos Humilhação Brigas	Masculino
251	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder / Privação (Vestuário) Agressões verbais sucessivas cometidas pelo parceiro	Sem consequências	Desprezo Humilhação	Masculino
252	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder / Privação (Redes Sociais)	Sem consequências	Autoritarismo	Masculino
253	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder	Sem consequências	Ofensas	Masculino
270	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro por motivos estéticos com a namorada	Sem consequências	Ofensas	Masculino
272	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro, ameaçando bater na vítima com arma branca	Denúncia e prisão do agressor	Ofensas Xingamentos Ameaças	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL –FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
281	Violência Verbal / Psicológica	Mudança comportamental do parceiro Agressões verbais sucessivas cometidas pelo parceiro	Sem consequências	Ofensas Xingamentos	Masculino
285	Violência Verbal / Psicológica	Agressões verbais constantes cometidas pelo parceiro	Sem consequências	Humilhação Ofensas	Masculino
290	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento preconceituoso do parceiro (raça/cor)	Sem consequências	Ofensas Xingamentos	Masculino
296	Violência Verbal / Psicológica	Comportamento agressivo do parceiro, justificado pelo sentimento	Sem consequências	Ofensas Xingamentos	Masculino
298	Violência Verbal / Psicológica (Relação homossexual / Fem)	Não aceitação da forma de ser da companheira (postura masculina) Agressões verbais cometidas pela parceira Controle / Poder (Vestuário)	Sem consequências	Ofensas Humilhação	Feminino
300	Violência Verbal / Psicológica	Desentendimento entre o casal, provocando agressões e distanciamento Traição do parceiro	Sem consequências	Discussão/briga Ofensas	Masculino
303	Violência Verbal / Psicológica	Traição do parceiro	Sem consequências		Masculino
329	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder (Vestuário)	Sem consequências	Ofensas Autoritarismo	Masculino
332	Violência Verbal / Psicológica	Controle / Poder / Privação (Vestuário, Liberdade) Comportamento abusivo / controlador / autoritário do parceiro	Sem consequências	Xingamentos Humilhação Ameaças	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
035	Aceitou situações de violência do parceiro		204	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Amor Medo
061	Decidiu finalizar a relação Denuncia o agressor	Choro Tristeza	219	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Choro Tristeza
071	Repreendeu o parceiro por causa do comportamento agressivo		220	Decidiu terminar a relação, mas cedeu às pressões do parceiro por medo e resolveu continuar	Choro Tristeza Medo
104	Aceitou situações de violência do parceiro	Tristeza	223	Aceitou agressões verbais cometidas pelo parceiro	Choro Tristeza
124	Aceitou situações de violência do parceiro	Tristeza Medo	227	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Choro Tristeza
147	Aceitou as agressões verbais do parceiro	Paixão Sofrimento	242	A vítima traiu o parceiro	
156	Aceitou as agressões verbais do parceiro	Choro Tristeza	248	Aceitou situações agressivas cometidas pelo parceiro	Tristeza
157	Decidiu finalizar a relação	Sofrimento	251	Aceitou agressões verbais cometidas pelo parceiro	Amor Choro, Tristeza Sofrimento
170	Decidiu finalizar a relação, após atitudes agressivas do parceiro	Choro Tristeza	252		Choro Tristeza
173	Aceitou comportamento agressivo do parceiro	Choro Tristeza	253	Aceitou situações agressivas cometidas pelo parceiro	Choro Tristeza
193	Aceitou comportamento violento / depreciativo do parceiro, por causa dos sentimentos que tinha pelo mesmo	Paixão Choro Tristeza	270		Choro Tristeza

*Sem informações: 046

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/VERBAL – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
272	Aceitou situações agressivas cometidas pelo parceiro	Choro Tristeza Desespero
285	Aceitou situações agressivas cometidas pelo parceiro, por causa do sentimento pelo mesmo	Paixão
296	Aceitou situação de violência do parceiro	Choro Tristeza
298	Finalizou a relação, em função do desgaste provocado pelo comportamento agressivo da parceira	Choro Tristeza Sofrimento
300	Tentou reconciliar o namoro, após distanciamento, mas se surpreendeu com traição do namorado	Paixão Decepção
303		Amor Choro Tristeza Sofrimento
329	Aceitou situação de violência do parceiro	Choro, Tristeza
332	Aceitou comportamento abusivo do parceiro	

*Sem informações: 281, 290

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA SEXUAL – MASCULINO / FEMININO

Sujeito Nº	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
009 (Masc)	Violência Sexual	Parceira recusou manter relação sexual Raiva (agressor) Abuso de Poder / Machismo (Tentativa de abuso sexual)	Vítima optou por não denunciar por medo do agressor	Agressão Física (Esmurrar)	Masculino
044 (Masc)	Violência Sexual	Consumo de bebida alcoólica Forçou a vítima a manter relação sexual, contra sua vontade	Sem consequências	Agressão física (Puxou a vítima pelo cabelo)	Masculino
053 (Fem)	Violência Sexual	Autoprivação (Família, Amigos) Consumo de bebida alcoólica Parceiro forçou a namorada a manter relação sexual	Sem consequências	Agressão Física (Forçou o ato sexual contra a parceira)	Masculino
063 (Fem)	Violência Sexual	Parceira quis desistir de manter sua primeira relação sexual, pois o ato provocou muita dor Parceiro não atendeu e consumou o ato, mesmo contra o desejo de sua namorada	Sem consequências	Agressão Física (Forçou o ato sexual contra a parceira)	Masculino
299 (Fem)	Violência Sexual	Vítima forçada a manter relação sexual Traição cometida pelo parceiro	Sem consequências	Agressão Física (Forçou o ato sexual contra a parceira)	Masculino
315 (Fem)	Violência Sexual	Mudança comportamental do parceiro Parceiro forçava a vítima manter relação sexual Controle / Privação	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (Espancou e forçou o ato sexual contra a parceira)	Masculino
317 (Fem)	Violência Sexual	Sentimento não correspondido pelo parceiro Ao iniciar o namoro, o parceiro insistiu e conseguiu manter relação sexual com a namorada Consumo de bebida alcoólica e drogas Vítima forçada a manter relação sexual Violência Verbal / Psicológica (Ameaças)	Sem consequências	Agressão Física (Espancar)	Masculino

CATEGORIA B – VIOLÊNCIA SEXUAL – SENTIMENTOS – VÍTIMA – MASCULINO / FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
009 (Masc)	Vítima fugiu do local da tentativa de abuso sexual, ferida e assustada Não denunciou agressor por medo	Rejeição Medo
044 (Masc)	Vítima foi forçada ao ato sexual cometido pelo agressor Não denunciou agressor	
053 (Fem)	Vítima foi forçada ao ato sexual cometido pelo agressor Finalizou a relação Não denunciou agressor	Paixão Choro, Tristeza Culpa
063 (Fem)	Rejeitou manter relação sexual com o parceiro Decidiu finalizar a relação Não denunciou agressor	Dor Vergonha Sofrimento
299 (Fem)	Vítima foi forçada ao ato sexual cometido pelo agressor Finalizou a relação Não denunciou agressor	Choro, Tristeza Decepção Sofrimento
315 (Fem)	Vítima submetida ao abuso sexual por estar apaixonada Não denunciou agressor	Paixão Choro, Tristeza Medo
317 (Fem)	Vítima submetida ao abuso sexual, após espancamento Não denunciou agressor	Amor, Carinho Paixão Choro, Tristeza Sofrimento

APÊNDICES – 29 a 33

CATEGORIA C

AMEAÇA DE MORTE

MASCULINO / FEMININO

CATEGORIA C – AMEAÇA DE MORTE – MASCULINO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
016	Ameaça de morte	Discussão Ingestão de bebida alcoólica	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
025	Ameaça de morte	Ciúme Desconfiança	Não informado	Arma Branca (Faca)	Masculino
049	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensas) Violência Física (Espancamento) Violência Sexual recorrente	Não informado	Não informado	Masculino
059	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensas) Violência Física	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
082	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensas) Violência Física (Espancamento) Controle	Denúncia e prisão do agressor	Arma Branca (Objeto de madeira)	Masculino
105	Ameaça de morte	Ciúme Desconfiança da parceira	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
110	Ameaça de morte	Violência Física (Espancamento) Controle Ameaça / Intimidação	Denúncia e prisão do agressor	Não informado	Masculino
256	Ameaça de morte	Ingestão de bebida alcoólica Uso de drogas ilícitas Controle, Machismo, Abuso de Poder Violência Física (Espancamento) Queimadura nas mãos da vítima Violência Psicológica	Denúncia do agressor	Não informado	Masculino
265	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Discussão)	Não informado	Não informado	Masculino

CATEGORIA C – AMEAÇA DE MORTE – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
015	Ameaça de morte	Mudança de comportamento Ingestão de bebida alcoólica Controle / Privação Não aceita fim da relação Violência Física (Murro) Violência Verbal / Psicológica (Ofensa, Gritos)	Denúncia e prisão do agressor	Arma branca (faca)	Masculino
039	Ameaça de morte	Mudança de comportamento Controle, Abuso de Poder (amizade, lugares, redes sociais, vestuário) Violência Verbal / Psicológica (discussão)	Denúncia e prisão do agressor	Arma branca (faca)	Masculino
043	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Ameaça, Xingamentos, Perseguição) Controle, abuso de poder (privar liberdade) Agressão Verbal (discussão, briga, gritos) Uso de bebida alcoólica	Denúncia, prisão do agressor e soltura	Arma branca (faca)	Masculino
050	Ameaça de morte	Mudança de comportamento do parceiro Violência Verbal / Psicológica (Gritos) Controle (Vestuário, Amizades) Violência Física (Agarrar, Bater) Violência Verbal	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física	Masculino
075	Ameaça de morte	Mudança de comportamento do parceiro Controle (submissão da parceira ao comércio de drogas) Violência Verbal / Psicológica (Ameaça, Xingamentos)	Não informado	Não informado	Feminino
118	Ameaça de morte	Controle (Vestuário) Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos)	Não informado	Não informado	Masculino
135	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Xingamentos, Ofensa) Ciúme Controle (Família, Amigos)	Não informado	Arma branca	Masculino

CATEGORIA C – AMEAÇA DE MORTE – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
151	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Brigas, Discussão) Ciúme bidirecional Violência Física bidirecional (Bater, Agarrar)	Denúncia do agressor	Agressão Física	Masculino
154	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Ameaças) Ciúme	Não informado	Arma branca (Faca)	Masculino
166	Ameaça de morte	Mudança comportamental do parceiro Ciúme Consumo de bebida alcoólica	Denúncia do agressor	Arma branca (Pá)	Masculino
167	Ameaça de morte	Controle Violência Verbal / Psicológica (Ofensa) Violência Física (Bater)	Não informado	Agressão Física	Masculino
172	Ameaça de morte	Violência Verbal / Psicológica (Brigas, Discussão, Xingamentos, Ofensas) Ciúme Violência Física (Bater)	Denúncia do agressor	Não informado	Masculino
226	Ameaça de morte	Consumo de bebida alcoólica Violência Verbal / Psicológica (Discussão)	Não informado	Arma branca (tesoura)	Masculino
269	Ameaça de morte	Controle Violência Física (Bater) Violência Verbal / Psicológica (Ameaças)	Não informado	Não informado	Masculino
301	Ameaça de morte	Violência Física (Espancar) Violência Verbal / Psicológica (Ameaças)	Denúncia e prisão do agressor	Não informado	Masculino
324	Ameaça de morte	Desconfiança da parceira Ciúme	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino

CATEGORIA C – AMEAÇA DE MORTE – SENTIMENTOS – VÍTIMA – MASCULINO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
016	Vítima questionou ao parceiro alcoolizado aonde estava, gerando discussão e ameaça de morte.	
049	Submissão às violências cometidas pelo agressor Culpava-se pelas situações vivenciadas (manter relações antes de casar)	Tristeza Solidão Dor Culpa
059	Parceira não concordou com convite do amigo de seu parceiro para fazerem determinada atividade. Este fato gerou agressões à parceira, inclusive ameaça de morte. Vítima não denunciou por medo.	Medo Perdão Tristeza
082	Após sofrer violência (física, psicológica, verbal) do parceiro, sequenciada por ameaça de morte, a vítima relata sua história aos pais que denunciam o agressor a polícia.	
110	Aceitava atos violentos por medo do agressor Sentia necessidade de se libertar dessa situação Resolveu denunciar o agressor	Medo
256	Após diversos episódios de violências sofridas, resolveu denunciar o agressor	Medo Sofrimento
265	Situação em que a vítima questiona ausência e atenção do parceiro	Medo

*Sem informações: 025, 105

CATEGORIA C – AMEAÇA DE MORTE – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
015	Resolveu finalizar a relação Denunciou o agressor		154	Submissa às situações de violências Não tem coragem de denunciar o agressor	Tristeza Medo
039	Resolveu finalizar o relacionamento	Tristeza Paixão	166	Denunciou o agressor	
043	Conversou com amigo, após saída do colégio Denunciou o agressor	Desespero Medo	167	Submissa às situações de violências sofridas	Tristeza
050	Submissa às situações de violências sofridas pelo parceiro. Sem poder de reação	Paixão Solidão Tristeza	172	Após vivenciar diversas formas de violência, resolve denunciar o agressor	Tristeza Medo Felicidade
075	Fugiu de casa, aceitou relação com parceiro envolvido em atividades criminosas (drogas) e se envolveu nessas atividades, apesar da rejeição dos pais	Paixão	226	Sem informações sobre o comportamento	Choro Tristeza
118	Cena aborda sobre uso de roupa com decote pela parceira, motivando agressão do parceiro	Não se referiu	269	Aceita ameaça do agressor e por medo não denuncia que está sofrendo violências	Tristeza Medo
135	Comportamento de submissão a violência sofrida	Tristeza	301	Após vivenciar violências sofridas pelo parceiro, resolveu denunciar o agressor	Dor Medo Vergonha Felicidade
151	Estava em seu espaço de moradia conversando com o vizinho, que despertou ciúme no parceiro	Não se referiu	324	Estava conversando com um amigo que encontrava, fazia algum tempo. Isso, levou ao parceiro imaginar traição (desconfiar da parceira)	Felicidade Amor Sofrimento Decepção

APÊNDICE – 34 a 42

CATEGORIA D

PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL

MASCULINO / FEMININO

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – MASCULINO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
027	Homicídio da parceira	Violência verbal (brigas, xingamentos) Violência física (agredir a vítima) Não aceitou fim da relação	Não informado	Agressão Física	Masculino
034	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Ciúmes, Controle (amizade) Agressão verbal (xingamentos, ofensas) Agressão psicológica (ameaças) Não aceitou fim da relação	Não informado	Não informado	Masculino
048	Homicídio da parceira	Violência Verbal (discussões) Violência Física (bater) Não aceitou fim da relação	Denúncia, julgamento, prisão	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
051	Homicídio do amigo da vítima	Ciúmes do agressor	Denúncia, julgamento, prisão	Arma branca (Faca)	Masculino
054	Homicídio duplo (casal atual)	Violência Física (agredir, bater) Ciúmes, Relação conflituosa Não aceitou fim da relação	Denúncia, afastamento das vítimas (Reincidência / homicídio)		Masculino
055	Homicídio contra a vítima	Violência Psicológica (perseguição) Violência Verbal (xingamentos) Violência Física (bater, espancar) Não aceitou fim da relação	Denúncia, julgamento, condenação	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
068	Homicídio duplo (namorada / amante)	Traição da parceira Raiva do agressor	Fuga do agressor	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
073	Homicídio contra parceira	Mudança de comportamento Controle, Machismo, Abuso de Poder Violência Verbal (xingamentos) Violência Física (bater, empurrar) Controle (amizade, privação liberdade)	Denúncia, julgamento, condenação	Agressão Física	Masculino
078	Homicídio contra parceira	Mudança de comportamento Violência Física (espancamento) Enfrentamento da vítima	Não informado	Arma Branca (Faca)	Masculino
087	Homicídio duplo (namorada / amante)	Traição da parceira Infidelidade	Não informado		Masculino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – MASCULINO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
095	Homicídio contra parceira	Controle, Machismo, Abuso de Poder (vestuário) Violência Verbal (brigas, ofensas) Violência Física (bater)	Não informado	Agressão Física	Masculino
112	Homicídio contra parceira	Violência Física (agressões)	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
114	Homicídio contra parceira	Não aceitou fim da relação Violência Psicológica (ameaças, possessividade)	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
123	Suicídio da vítima	Mudança de comportamento Ciúme / Controle / Ameaças Agressão Física	Não informado	Não informado	Masculino
125	Homicídio contra parceira	Violência Psicológica (ameaças) Violência Verbal (discussões)	Denúncia, condenação, prisão Reincidência, quando solto	Violência Física	Masculino
138	Homicídio contra parceira / Suicídio	Perda de emprego, situação financeira do casal		Arma Branca (Faca)	Masculino
174	Homicídio contra parceira	Mudança de comportamento Violência Verbal (brigas, discussões) Violência Física (bater) Desconfiança da parceira	Prisão do agressor	Arma Branca (Faca)	Masculino
176	Homicídio duplo (vítima, parceiro atual)	Relação conflituosa Não aceitou fim da relação	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
178	Homicídio contra parceira	Não aceitou fim da relação Violência Psicológica (ameaças)	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
184	Homicídio contra o parceiro / agressor	Violência Física (bater, empurrar) Violência Psicológica (humilhar)	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Feminino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – MASCULINO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
191	Homicídio contra parceira	Mudança de comportamento Controle, Machismo, Abuso de Poder (priva liberdade, vestuário) Violência Psicológica (intimidação, ofensa) Violência Verbal (xingamentos) Violência Física (bater, agredir)	Não informado	Arma Branca (Faca) Arma de fogo (Revólver)	Masculino
198	Homicídio duplo (Recíproco) (namorada / amante)	Relação conflituosa Violência Verbal (ambos) Violência Psicológica (ambos)	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino / Feminino
212	Homicídio contra parceira	Não aceitou fim da relação Desejo de posse	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
214	Homicídio contra parceira	Relação conflituosa com emprego de violência do parceiro Violência Física	Não informado	Não informado	Masculino / Feminino
215	Homicídio contra parceira / parceiro	Não aceitar o fim da relação	Não informado	Não informado	
231	Homicídio contra parceira	Violência Verbal mútua (discussão) Consumo de bebida alcoólica Violência Física (murros, socos)	Denúncia e prisão do agressor	Agressão Física (socos)	Masculino
234	Suicídio da vítima	Mudança comportamental Controle, Machismo, Abuso de Poder (privação) Ciúmes do agressor Isolamento da vítima	Não informado	Não informado	Masculino
261	Homicídio contra parceira	Desconfiança da parceira (suspeita de traição)	Não informado	Arma de fogo (Revólver)	Masculino
318	Homicídio contra parceira	Não aceitou fim da relação Violência Física (empurrar)	Não informado	Violência Física (empurrar)	Masculino
328	Homicídio duplo (parceira, amante)	Traição da parceira Vingança	Fuga do agressor	Arma de fogo (Revólver)	Masculino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
008	Homicídio contra a parceira	Controle, Machismo, Abuso de Poder (vestuário, redes sociais, amizade) Não aceita fim da relação	Não informado	Agressão Física	Masculino
011	Homicídio contra a parceira	Mudança de comportamento Controle, abuso de poder (financeiro, privar liberdade) Violência Física (bater) Violência Psicológica (isolamento)	Não informado	Agressão Física (empurrão)	Masculino
031	Homicídio da parceira Suicídio do agressor	Ciúmes Violência Física (bater, espancar)	Suicídio	Arma branca (faca)	Masculino
045	Homicídio contra a parceira	Mudança de comportamento do parceiro Controle, Abuso de Poder (amizade, redes sociais) Violência Verbal	Fuga do agressor	Arma branca (faca)	Masculino
047	Homicídio contra o parceiro	Traição Agressão Verbal (discussão) Violência Física (bater)	Fuga da agressora	Não informado	Feminino
064	Homicídio contra a parceira	Ciúme Controle (vestuário, financeiro) Violência Física (apertar membros, machucar) Não aceitou fim da relação	Não informado	Não informado	Masculino
081	Homicídio contra a parceira	Mudança de comportamento Controle, Abuso de Poder, Privação Consumo de bebida alcoólica	Não informado	Não informado	Masculino
119	Morte da parceira Suicídio do agressor	Mudança de comportamento Controle (privação de liberdade) Violência Verbal (ameaça) Violência Física Violência Psicológica (perseguição)	Homicídio da vítima Suicídio do agressor	Não informado	Masculino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
128	Homicídio contra a parceira	Não aceitou fim do relacionamento Violência Física	Não informado	Agressão física	Masculino
131	Homicídio da parceira Suicídio do agressor	Ciúme Insegurança, desconfiança	Homicídio da parceira Suicídio do agressor	Arma branca (chave de fenda)	Masculino
132	Homicídio da parceira Suicídio do agressor	Mudança de comportamento Violência Verbal (brigas) Violência Física (bater)	Homicídio da parceira Suicídio do agressor	Não informado	Masculino
158	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Violência Verbal (brigas) Violência Física (empurrar, apertar, bater)	Não informado	Agressão física	Masculino
175	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Ciúme Violência Verbal (discussão, vestuário) Violência Física (bater) Não aceitou fim da relação	Denunciado, preso e condenado	Arma branca (faca)	Masculino
183	Homicídio da parceira	Controle (vestuário) Violência Psicológica (humilhação) Violência Verbal (brigas) Violência Física (espancamento)	Denúncia e prisão do agressor	Agressão física (espancamento)	Masculino
187	Homicídio da parceira	Controle, Machismo, Abuso de Poder (vestuário) Violência Verbal (discussão, ofensas, xingamento) Violência Física (bater) Violência Psicológica (ameaça de morte, perseguição)	Não informado	Não informado	Masculino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
195	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Violência Verbal (discussão, xingamento, ofensa) Ciúme Controle (vestuário) Violência Psicológica (denegrir imagem) Violência Física (espancar) Raiva	Não informado	Agressão física (espancamento)	Masculino
200	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Violência Física (bater, murros, socos, pontapés) Controle (amigos) Uso de bebida alcoólica Violência Verbal (brigas)	Não informado		Masculino
201	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Ciúme Controle (amigas/os, vestuário) Violência Verbal (discussão, xingamentos) Violência Física (agressão) Violência Psicológica (ameaça, intimidação) Não aceitou fim da relação	Não informado	Arma branca (faca)	Masculino
209	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Violência Física (agressão) Não aceitou o fim da relação	Não informado	Não informado	Masculino
245	Homicídio da parceira	Controle (amizade) Violência Psicológica (ameaça) Não aceitou fim da relação	Denúncia e prisão do agressor	Arma de fogo (revólver)	Masculino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – FEMININO

Sujeito N°	Desfecho	Fatores Precedentes	Consequências ao agressor	Meio usado para o ato de violência	Agressor
273	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Controle (horários), Abuso de Poder Não aceita fim da relação	Não informado	Arma branca (faca)	Masculino
274	Homicídio da parceira	Traição (com melhor amigo) Violência Física (agressão)	Não informado	Arma branca (faca)	Masculino
280	Homicídio contra a parceira	Mudança de comportamento Ciúme Poder / Controle / Privação (Amigos, Família, Vestuário) Violência Verbal/Psicológica (Xingamentos, Ofensas)	Não informado	Não informado	Masculino
312	Homicídio contra a parceira	Violência Verbal (discussão) Violência Física (agressão)	Não informado	Agressão Física	Masculino
311	Homicídio contra a parceira	Mudança de comportamento Poder / Controle / Privação (Amigos, Família, Vestuário) Violência Verbal/Psicológica (Xingamentos, Ofensas) Violência Física (Apanhar)	Não informado	Não informado	Masculino
316	Homicídio contra a parceira	Mudança de comportamento Violência Verbal/Psicológica (Xingamentos) Possessividade, Ciúme Poder / Controle / Privação	Não informado	Não informado	Masculino
320	Homicídio da parceira	Mudança de comportamento Violência Verbal (discussão, gritos) Violência Física (murros)	Não informado	Arma de fogo (revólver)	Masculino

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – SENTIMENTOS – VÍTIMA – MASCULINO

Sujeito Nº	Comportamento	Sentimento	Sujeito Nº	Comportamento	Sentimento
027	Agressão verbal (brigas) Decidiu finalizar a relação	Amor	176	Decidiu terminar a relação Iniciou outra relação	
034	Priva sua liberdade. Abdica de amigos Decidiu finalizar a relação	Amor, Compreensão Tristeza	178	Decidiu terminar a relação	
048	Agressão verbal. Decidiu finalizar a relação		184	Atirou no parceiro, após vivenciar maltrato, agressões físicas e humilhações.	Sufrimento Humilhação
051	Decidiu finalizar a relação	Paixão Tristeza	191	Após sofrer violências, decidiu enfrentar / fugir do agressor, sendo morta.	Felicidade, Amor Medo, Esperança
054	Aceitou agressões físicas. Denunciou o agressor. Iniciou outra relação	Choro, Sofrimento	198	Agressividade	
055	Decidiu finalizar a relação		212	Decidiu finalizar a relação	
068	Traição. Tentou fugir do namorado		214	Aceitar a situação de violência	Medo
073	Encontrou e conversou com ex-colega de escola, despertando ciúme e agressão física		215	Decidiu finalizar a relação	
078	Aceita situações de violência Enfrenta o agressor	Amor Choro, Sofrimento	231	Agressividade	
087	Traição	Amor Choro, Sofrimento	234	Cometeu suicídio	Solidão (Privação)
095	Não aceitou atitude de controle / machismo		318	Vítima decidiu finalizar relacionamento, em função dos conflitos vivenciados	
114	Decidiu finalizar a relação		328	Traição	Infidelidade
123	Vítima não suportou as formas de violências sofridas e se suicidou	Paixão Sofrimento			

*Sem informações: 112, 125, 138, 261, 174

CATEGORIA D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL – SENTIMENTOS – VÍTIMA – FEMININO

Sujeito N°	Comportamento	Sentimento	Sujeito N°	Comportamento	Sentimento
008	Decidiu terminar a relação		187	Aceitou comportamento agressivo Decidiu terminar a relação Privou sua liberdade	Medo
011	Tentativa de fuga do agressor	Solidão	195	Aceitou comportamento violento	Paixão, Perdão Humilhação
045	Vítima vivenciou relacionamento sob controle, privação e agressões. Discutiu com o agressor e sofreu homicídio.	Humilhação Choro, Tristeza	200	Vítima vivenciou e aceitou relacionamento sob controle, privação e agressões (verbal/física). Aceitou falsas promessas e continuou com desfecho fatal	Paixão Medo Choro, Tristeza
047	Após discussão e sofrer agressão física, reagiu e matou o parceiro		201	Decidiu terminar a relação	Paixão Sofrimento
064	Decidiu terminar a relação	Paixão, Medo Choro, Tristeza	209	Decidiu terminar a relação	
081	Vítima aceitou e viveu sob controle e privação. Após discussão, sofreu violência fatal.	Sofrimento	245	Decidiu terminar a relação	
119	Denunciou o agressor		273	Decidiu terminar a relação	Amor, Decepção
128	Decidiu terminar a relação		274	Traição	
131	Vivenciou, sem perceber, relação abusiva / controle, movida pelo sentimento.	Paixão, Ilusão	280	Aceitou desculpas, falsas promessas de mudanças e continuou na relação violenta, tornando-se vítima	Choro, Tristeza Sofrimento
132	Aceitou a situação de violência Decidiu terminar a relação		311	Vítima vivenciou e aceitou relacionamento sob controle, privação e agressões (verbal/física)	Paixão Sofrimento
158	Não denunciou o agressor	Amor, Confiança Medo	316	Vítima vivenciou e aceitou relacionamento sob controle e privação. Tentou finalizar a relação e sofreu homicídio.	Paixão Choro, Tristeza
175	Não denunciou o agressor Decidiu terminar a relação	Amor	320	Aceitou falsas promessas de mudanças e continuou na relação violenta com desfecho fatal	Choro, Tristeza
183		Humilhação Confiança Medo			

*Sem informações: 031, 312

APÊNDICES – 43 a 76

TRATAMENTO DOS RESULTADOS

E

INTERPRETAÇÃO

Categoria A – CONTROLE, PODER E PRIVAÇÃO
SEXO MASCULINO (N = 10 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA		
Controle, Poder e Privação ¹		
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA		
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor (a)
Masculino Feminino (1)	Agressão Física Coerção Controle bilateral Agressão Verbal/Psicológica ²	Nenhuma consequência
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES		
Manifestação Verbal / Psicológica	Manifestação Relacional Controle / Poder	Traição
Ameaças / Xingamentos / Ofensas Discussão / Brigas		
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)		
Comportamento agressivo manifesto³	Controle coercitivo (Machismo / Autoritarismo)	Possessividade / Dominação
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO		
Ciúme	Posse	Raiva
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA		
Aceitou comportamento de controle, coerção e perpetração de violências do parceiro Relação conflituosa com ameaças entre parceiros e coerção		
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA ⁴		
Tristeza	Choro	

¹ Vestuário, manter controle da relação, redes sociais, amigos, privação de liberdade

² Ameaça, ofensa, intimidação

³ Caracterizado pelo comportamento que é regido por padrão de táticas de controle coercitivo, exercido pelo parceiro íntimo, podendo estar associado à intimidação, manipulação ou força; no contexto de atos violentos de natureza: verbal / psicológica, física ou sexual.

⁴ Aparecem com menor frequência os sentimentos de medo, ódio e amor.

Categoria A – CONTROLE, PODER E PRIVAÇÃO

SEXO FEMININO (N = 50 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
Controle, Poder e Privação¹			
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA			
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor (a)	
Masculino Feminino (1)	Controle coercitivo, Abuso de Poder e Privação ² Agressão Física Agressão Verbal / Psicológica ³ Intolerância	Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES			
Manifestação Verbal / Psicológica ⁴	Manifestação Física Espancar ⁵ Empurrar / Segurar / Arremessar	Manifestação Relacional Controle coercitivo, Poder e Privação ⁶	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)			
Comportamento agressivo manifesto ⁷	Traição do parceiro	Possessividade Não aceitou fim da relação	
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO			
Ciúme	Posse	Raiva	Desconfiança
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA			
Aceitou comportamento de controle, coerção e perpetração de violências do parceiro Decidiu finalizar a relação e/ou denunciar o agressor Reagiu e/ou superou eventos de controle e violência			
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA			
Tristeza	Sofrimento	Paixão	

¹ Vestuário, amigos, privação de liberdade, redes sociais, denegrir a imagem da parceira, privação de família

² Coerção, autoritarismo, isolamento, controle, manipulação, abuso de poder

³ Intimidação, insulto, ameaças, agressão verbal, chantagem, agressão psicológica

⁴ Discussão, brigas, xingamentos, humilhação, ofensas, ameaças, gritos

⁵ Agredir, estapear, arrastar, esmurrar, chutar, puxar, bater

⁶ Machismo / autoritarismo, isolamento / privação, coerção, indiferença, manipulação, controle

⁷ Caracterizado pelo comportamento que é regido por padrão de táticas de controle coercitivo, exercido pelo parceiro íntimo, podendo estar associado à intimidação, manipulação ou força; no contexto de atos violentos de natureza: verbal / psicológica, física ou sexual.

⁸ Aparecem com menor frequência os sentimentos de infelicidade, felicidade, medo, amor, decepção, culpa, confiança, carinho, insegurança.

Categoria A – CONTROLE, PODER E PRIVAÇÃO
SEXO MASCULINO / SEXO FEMININO (N = 60 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
Controle Coercitivo, Poder e Privação ¹			
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA			
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor (a)	
Masculino Feminino (2)	Controle coercitivo, Abuso de Poder e Privação ² Agressão Física Agressão Verbal / Psicológica ³ Intolerância	Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES			
Manifestação Verbal / Psicológica ⁴	Manifestação Física Espancar ⁵ Empurrar / Segurar / Arremessar	Manifestação Relacional Controle, Coerção, Poder e Privação ⁶	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)			
Comportamento agressivo manifesto ⁷	Controle Coercitivo	Possessividade / Dominação Não aceitou fim da relação	Traição do parceiro
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO			
Ciúme	Posse	Raiva	Desconfiança
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA			
Aceitou comportamento de controle, coerção e perpetração de violências do parceiro Decidiu finalizar a relação e/ou denunciar o agressor Reagiu e/ou superou eventos de controle e violência			
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA			
Tristeza	Sofrimento	Paixão	

¹ Táticas de controle com privação: vestuário, amigos, liberdade, redes sociais, família, denegrir a imagem da parceira.

² Coerção, autoritarismo, isolamento, controle, manipulação, abuso de poder.

³ Intimidação, insulto, ameaças, agressão verbal, chantagem, agressão psicológica.

⁴ Discussão, brigas, xingamentos, humilhação, ofensas, ameaças, gritos.

⁵ Agredir, estapear, arrastar, esmurrar, chutar, puxar, bater.

⁶ Machismo / autoritarismo, isolamento / privação, coerção, indiferença, manipulação, controle

⁷ Caracterizado pelo comportamento que é regido por padrão de táticas de controle coercitivo, exercido pelo parceiro íntimo, podendo estar associado à intimidação, manipulação ou força; no contexto de atos violentos de natureza: verbal / psicológica, física ou sexual.

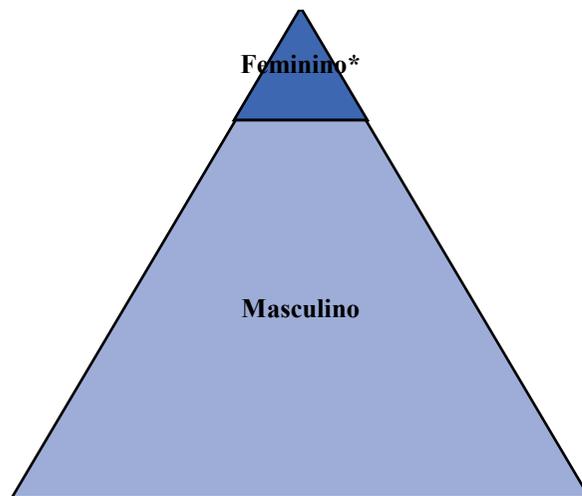
Categoria A – Controle, Poder e Privação

(Vestuário, Amigos, Liberdade, Redes Sociais, Família)

CARACTERÍSTICAS DO AGRESSOR

Meios usados para o comportamento violento

Gênero do agressor



*Apenas dois casos



Agressor - Masculino

¹Coerção, autoritarismo, isolamento, controle, manipulação, abuso de poder

²Intimidação, insulto, ameaças, agressão verbal, chantagem, agressão psicológica.

Consequências ao agressor (a)*



*Consequências ao agressor: sem consequências; denúncia ou denúncia e prisão do agressor (baixa frequência).

Categoria A – Controle, Poder e Privação

(Vestuário, Amigos, Liberdade, Redes Sociais, Família)

Manifestações comportamentais precedentes



³Discussão, brigas, xingamentos, humilhação, ofensas, ameaças, gritos.

⁴Agredir, estapear, arrastar, esmurrar, chutar, puxar, bater.

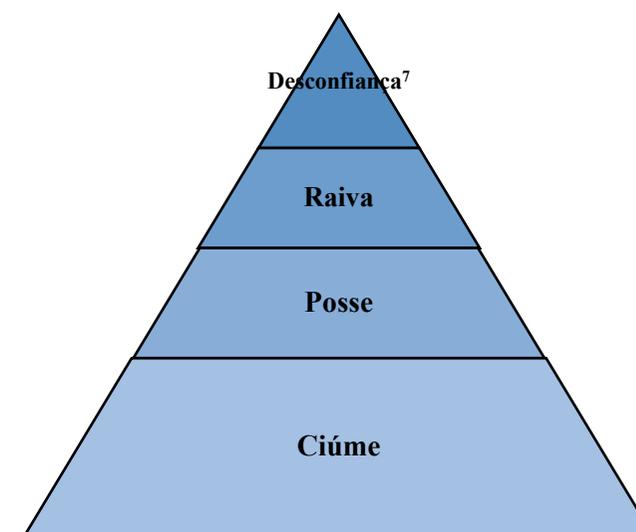
⁵Machismo / autoritarismo, isolamento / privação, coerção, indiferença, manipulação, controle

Comportamento do agressor



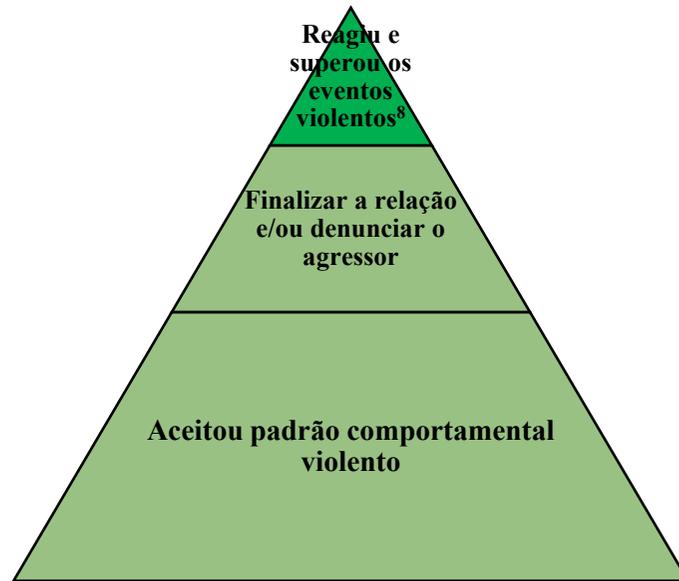
⁶Caracterizado pelo comportamento que é regido por padrão de táticas de controle coercitivo, exercido pelo parceiro íntimo, podendo estar associado à intimidação, manipulação ou força; no contexto de atos violentos de natureza: verbal / psicológica, física ou sexual.

Sentimentos do agressor



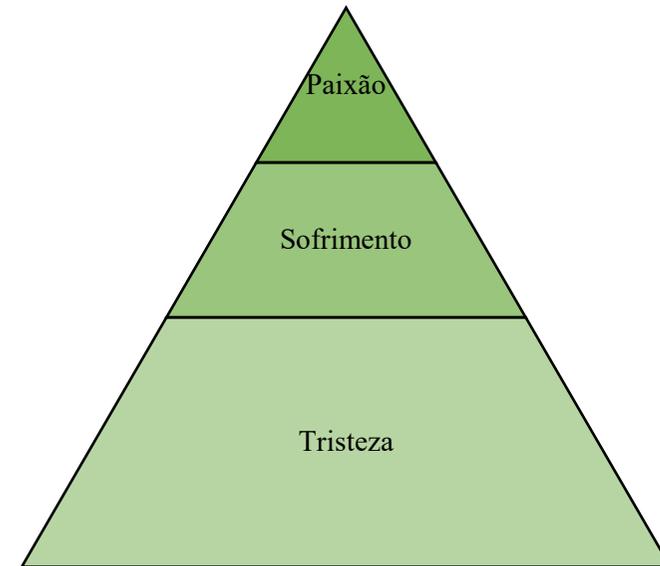
⁷Relato com menor frequência

Comportamento da vítima



⁸Comportamento com menor frequência.

Sentimentos da vítima



Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA FÍSICA
SEXO MASCULINO (N = 39 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA					
Violência Física					
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA					
Gênero do agressor (a)		Meio usado para o ato de violência		Consequências ao agressor (a)	
Masculino Feminino (1)		Espancar ¹ Empurrar / Agarrar Uso de arma branca ²		Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor Decisão em não denunciar	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES					
Manifestação Psicológica/ Verbal ³		Consumo de bebida alcoólica		Comportamento Agressivo Manifesto	
				Traição da parceira	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)					
Controle com privação ⁴					
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO					
Ciúme			Desconfiança		
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA					
Aceitou comportamento de controle, coerção e perpetração de violências do parceiro Decidiu finalizar a relação e/ou denunciar o agressor Reagiu e/ou superou eventos de controle e violência					
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA					
Tristeza	Sofrimento	Choro	Amor	Felicidade	Medo

¹Bater, esmurrar, arrastar

²Faca, barra de ferro, entre outros

³Ofensa, discussão, briga, xingamento, grito, ameaça

⁴Redes sociais, amigos, vestuário, domicílio

Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA FÍSICA
SEXO FEMININO (N = 46 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA				
Violência Física				
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA				
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência		Consequências ao agressor (a)	
Masculino	Espancar ¹ Empurrar / Derrubar		Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor Decisão em não denunciar Morte em fuga	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES				
Manifestação Psicológica/ Verbal ²	Comportamento agressivo manifesto		Consumo de bebida alcoólica	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)				
Controle com privação ³				
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO				
Ciúme	Desconfiança	Posse	Raiva	
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA				
Decidiu finalizar a relação e/ou denunciar o agressor Aceitou comportamento de controle, coerção, dominação e perpetração de violências do parceiro Reagiu e sofreu agressão Tentou fugir Tentou suicídio				
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA				
Tristeza	Choro	Sofrimento	Paixão	Medo
Humilhação	Vergonha	Decepção		Dor

¹Bater, esmurrar, apanhar, esganar

²Ofensa, xingamento, discussão, humilhação, ameaça, gritos, briga, perseguição, denegrir imagem da vítima, acusar a vítima

³Vestuário, amigos, liberdade, dominação

Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA FÍSICA
SEXO MASCULINO / FEMININO (N = 84 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA					
Violência Física					
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA					
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor			
Masculino Feminino (1 caso)	Espancar ¹ Empurrar / Derrubar Uso de arma branca ²	Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor Decisão em não denunciar Morte em fuga (1 caso)			
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES					
Manifestação Psicológica/ Verbal ³	Comportamento agressivo manifesto	Consumo de bebida alcoólica			
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)					
Controle com privação ⁴					
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO					
Ciúme	Desconfiança	Posse	Raiva		
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA					
Aceitou comportamento de controle, coerção, dominação e perpetração de violências do parceiro Decidiu finalizar a relação e/ou denunciar o agressor Reagiu e/ou superou eventos de controle e violência					
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA					
Tristeza	Choro	Sofrimento	Paixão	Amor	Medo

¹Bater, esmurrar, arrastar, apanhar, esganar.

²Faca, barra de ferro, entre outros objetos não identificados.

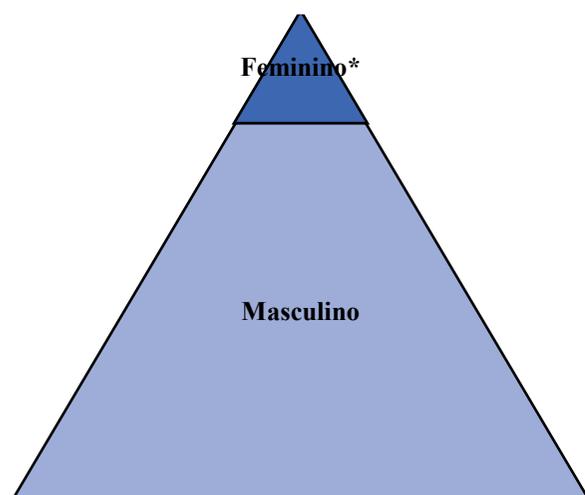
³Ofensa, xingamento, discussão, humilhação, ameaça, gritos, briga, perseguição, denegrir imagem da vítima, acusar a vítima

⁴Vestuário, amigos, liberdade, dominação, redes sociais, domicílio

**Subcategoria B – VIOLÊNCIA FÍSICA
(Masculino / Feminino)**

CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA

Gênero do agressor



*Apenas um caso

Meios usados para o comportamento violento



¹Bater, esmurrar, arrastar, apanhar, esganar.

²Faca, barra de ferro, entre outros objetos não identificados.

Consequências ao agressor (a)*



*Morte em fuga – apenas um caso.

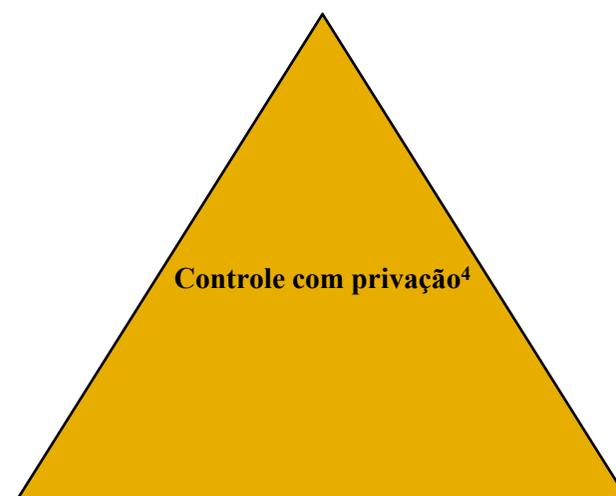
**Subcategoria B – VIOLÊNCIA FÍSICA
(Masculino / Feminino)**

Manifestações comportamentais precedentes



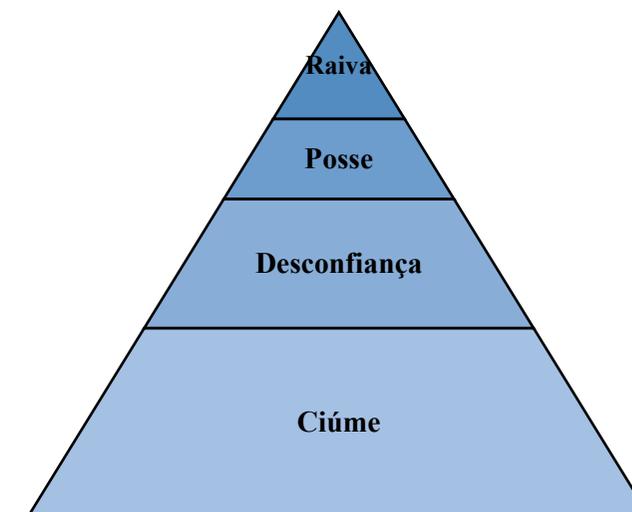
³Ofensa, xingamento, discussão, humilhação, ameaça, gritos, briga, perseguição, denegrir imagem da vítima, acusar a vítima

Comportamento do agressor



⁴Vestuário, amigos, liberdade, dominação, redes sociais, domicílio

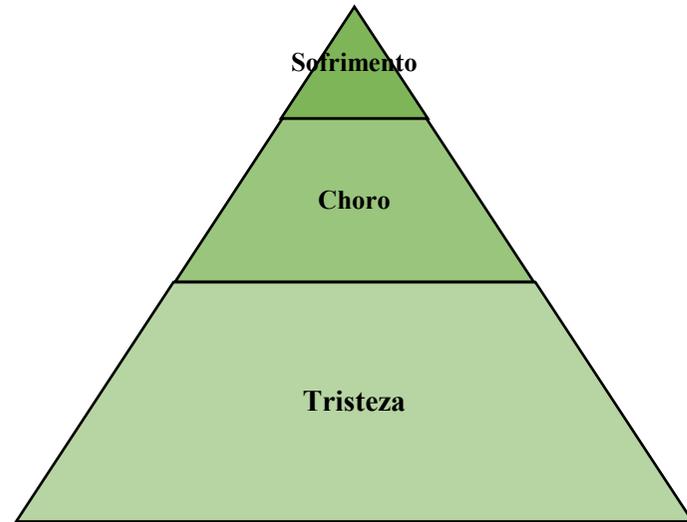
Sentimento do agressor



Comportamento da vítima



Sentimentos da vítima



Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA / VERBAL
SEXO MASCULINO (N = 16 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
Psicológica/ Verbal			
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA			
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência		Consequências ao agressor
Masculino	Ofensas Xingamentos Brigas Agressão verbal mútua Ameaças		Sem consequências
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES			
Comportamento agressivo manifesto			
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)			
Controle com privação ¹			
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO ²			
Ciúme	Posse	Desprezo	Raiva
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ³			
Decidiu finalizar a relação			
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA ⁴			
Tristeza		Choro	

¹Redes sociais, táticas de controle, vestuário

²Relatos com baixa frequência.

³Relatos com frequência ínfima: aceitou comportamento de controle, coerção, dominação e perpetração de violências do parceiro; reagiu sob acusação de traição; e traição da parceira.

⁴Relatos com baixa frequência: dor, sofrimento, medo, raiva, mágoa.

Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA / VERBAL
SEXO FEMININO (N = 33 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA		
Psicológica/ Verbal		
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA		
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor
Masculino Feminino (1)¹	Ofensas Humilhação Xingamentos Agressão verbal Ameaças Brigas Discussão Gritos	Sem consequências Denúncia e prisão do agressor (1) ¹
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES		
Comportamento agressivo manifesto	Atitude depreciativa com a parceira	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)		
Controle com privação ²		
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO ³		
Desprezo	Raiva	Desconfiança
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ³		
Aceitou comportamento de controle, coerção, dominação e perpetração de violências do parceiro		
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA ⁴		
Tristeza	Choro	

¹Somente um caso descrito

²Táticas de controle, vestuário, autoritarismo, redes sociais, machismo, liberdade.

³Relatos com baixa frequência: decidiu finalizar a relação e/ou denunciar o agressor; reagiu diante da situação de violência; e traição da parceira.

⁴ Relatos com baixa frequência: medo, sofrimento, paixão, amor.

Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA / VERBAL
SEXO MASCULINO / FEMININO (N = 49 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA		
Psicológica / Verbal		
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA		
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao agressor
Masculino Feminino (1 caso)	Ofensas Humilhação Xingamentos Agressão verbal Ameaças Brigas Discussão Gritos	Sem consequências Denúncia e prisão do agressor (1 caso)
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES ¹		
Comportamento agressivo manifesto		
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR (A)		
Controle com privação ²		
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO ³		
Ciúme	Desprezo	Raiva
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA		
Aceitou comportamento de controle, coerção, dominação e perpetração de violências do parceiro Decidiu finalizar a relação		
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA		
Tristeza		Choro

¹Observou-se em menores frequências: atitudes de domínio do agressor, traição da parceira, atitude depreciativa com a parceira e indiferença do parceiro.

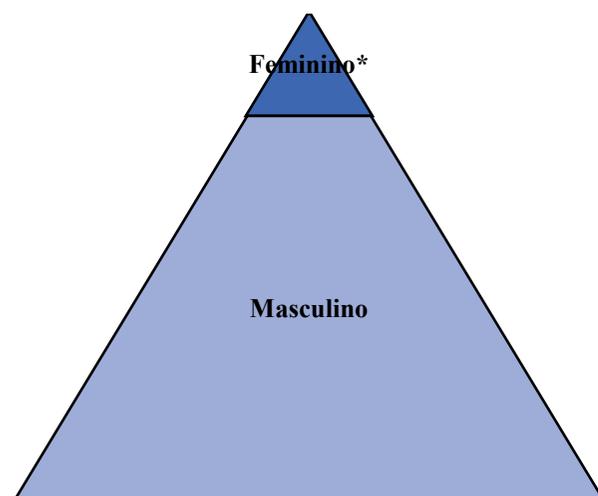
²Táticas de controle, vestuário, autoritarismo, redes sociais.

³Relatos com baixa frequência. Nesse contexto, aparecem os sentimentos de posse e desconfiança.

**Subcategoria B – PSICOLÓGICA / VERBAL
(Masculino / Feminino)**

CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA

Gênero do agressor



*Apenas um caso

Meios usados para o comportamento violento¹



¹Observou-se em menores frequências: agressões verbais, brigas e ameaças.

Consequências ao agressor (a)



*Apenas um caso

**Subcategoria B – PSICOLÓGICA / VERBAL
(Masculino / Feminino)**

Manifestações comportamentais precedentes²



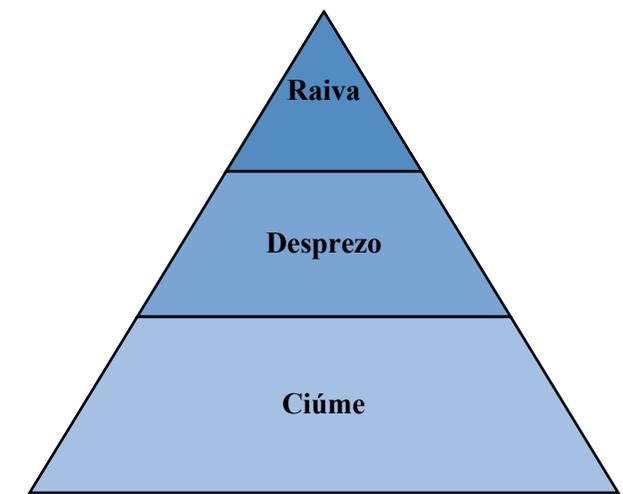
²Observou-se em menores frequências: atitudes de domínio do agressor, traição da parceira, atitude depreciativa com a parceira e indiferença do parceiro.

Comportamento do agressor



³ Táticas de controle, vestuário, autoritarismo, redes sociais.

Sentimentos do agressor⁴

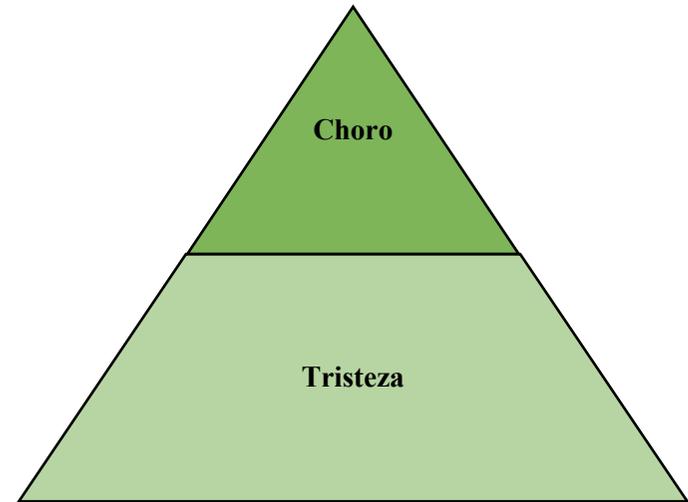


⁴Relatos com baixa frequência. Nesse contexto, aparecem os sentimentos de posse e desconfiança.

Comportamentos da vítima



Sentimentos da vítima



Categoria B – VIOLÊNCIAS
Subcategoria – VIOLÊNCIA SEXUAL
SEXO MASCULINO / FEMININO (N = 07 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
Violência Sexual			
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA			
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência		Consequências ao agressor²
Masculino	Agressão Física ¹		Sem consequências
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES ³			
Agressor forçou relação sexual contra vontade da vítima		Consumo de bebida alcoólica	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR			
Controle com privação ⁴			
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO			
Raiva			
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ⁵			
Vítima forçada ao ato sexual			
SENTIMENTOS EXPERENCIADOS PELA VÍTIMA ⁶			
Tristeza	Choro	Paixão	Sofrimento

¹Espancar, esmurrar, puxar a vítima

²Um caso para não denúncia por medo e outro para denúncia e prisão.

³Relatos em menor frequência: traição do parceiro, comportamento agressivo manifesto, consumo de drogas ilícitas, ameaças.

⁴Privação: família e amigos. Atitude machista e abuso de poder.

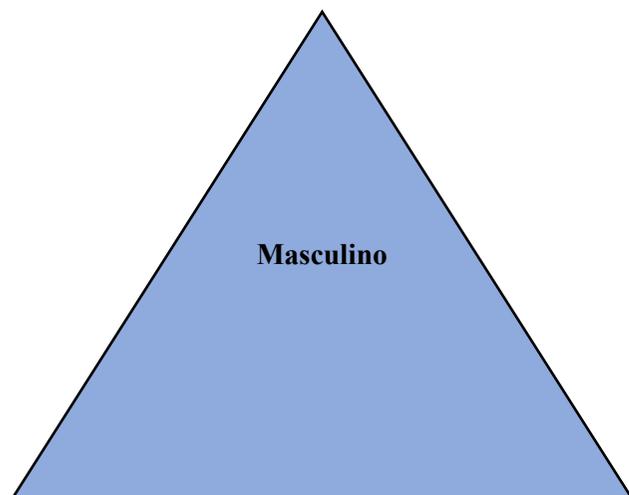
⁵Relatos com baixa frequência: decidiu finalizar a relação, aceitou o abuso sexual por paixão, reagiu a agressão sexual, fuga do abuso sexual.

⁶Relatos com baixa frequência: medo, rejeição, culpa, dor, vergonha, decepção, amor, carinho.

**Subcategoria B – Violência Sexual
(Masculino / Feminino)**

CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA

Gênero do agressor



Meios usados para o comportamento violento



Consequências ao agressor



¹ Espancar, esmurrar, puxar a vítima

**Subcategoria B – Violência Sexual
(Masculino / Feminino)**

Manifestações comportamentais precedentes²



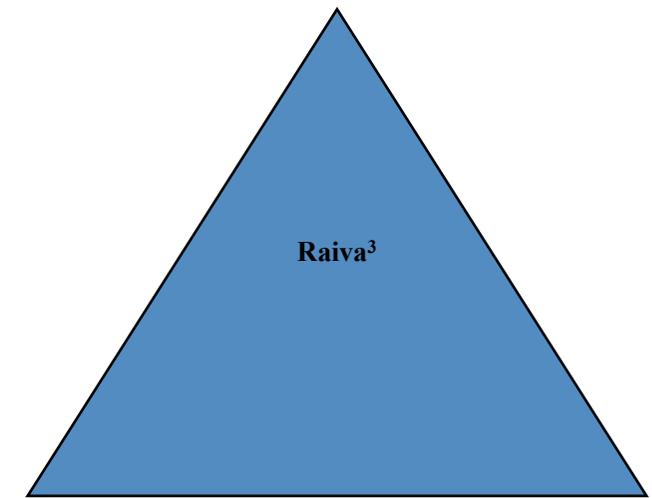
²Relatos em menor frequência: traição do parceiro, comportamento agressivo manifesto, consumo de drogas ilícitas, ameaças.

Comportamento do agressor



³Privação: família e amigos. Atitude machista e abuso de poder.

Sentimentos do agressor



³Relatos com baixa frequência

Comportamento da vítima⁴

⁴Relatos com baixa frequência: decidiu finalizar a relação, aceitou o abuso sexual por paixão, reagiu a agressão sexual, fuga do abuso sexual.

Sentimentos da vítima⁵

⁵ Relatos com baixa frequência: medo, rejeição, culpa, dor, vergonha, decepção, amor, carinho.

Categoria C – AMEAÇA DE MORTE
SEXO MASCULINO (N = 9 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA				
Ameaça de Morte				
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA				
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência (Material)		Consequências ao agressor	
Masculino	Arma de fogo Arma branca		Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor ¹	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES À AMEAÇA				
Violência Verbal / Psicológica ²	Violência Sexual³	Violência Física Espancar ⁴ , agredir, queimadura (mãos)		Controle com privação⁵
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR				
Possessividade (Não admite que a parceira termine a relação)	Falta de autocontrole Intolerância ao questionamento da parceira	Comportamento agressivo manifesto	Consumo de bebida alcoólica	Consumo de drogas ilícitas
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO				
Ciúme	Raiva	Possessividade	Desconfiança	
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA				
Reagiu a situação de violência por meio questionamentos, discordância com atitudes do parceiro e denúncia. Aceitou comportamento violento do parceiro				
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA ⁶				
Medo			Tristeza	

¹Relato com baixa frequência

²Discussões, xingamentos, ofensas, ameaças, intimidação.

³Agressão sexual recorrente com penetração.

⁴Agredir

⁵Liberdade, amigos.

⁶Relatos com baixa frequência: solidão, dor, culpa, perdão, sofrimento.

Categoria C – AMEAÇA DE MORTE**SEXO FEMININO (N = 16 participantes)**

DESFECHO DA VIOLÊNCIA				
Ameaça de Morte				
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA				
Gênero do agressor (a)		Meio usado para o ato de violência (Material / Interpessoal)		Consequências ao agressor
Masculino		Arma de fogo Arma branca Agressão Física		Denúncia e/ou prisão do agressor Sem consequências
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES À AMEAÇA				
Violência Verbal / Psicológica ¹		Violência Física Espancar ² , agarrar		Controle com privação³ Isolamento da vítima
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR				
Possessividade (Não aceitou fim da relação)	Falta de autocontrole (Imaginou traição da parceira)	Consumo de bebida alcoólica	Comportamento agressivo manifesto	
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO				
Ciúme	Raiva	Possessividade	Vingança	Desconfiança
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA				
Aceitou comportamento violento do parceiro Reagiu a situação de violência e denunciou o parceiro. Finalizou a relação abusiva⁴				
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA ⁵				
Tristeza			Medo	

¹Discussões, xingamentos, ofensas, gritos, ameaças, intimidação, brigas, perseguição.²Esmurrar, bater.³Liberdade, amigos, família, vestuário, redes sociais.⁴Relatos com baixa frequência.⁵Relatos de sentimentos com baixa frequência: paixão, felicidade, desespero, solidão, choro, dor, vergonha, amor, sofrimento, decepção.

Categoria C – AMEAÇA DE MORTE
SEXO MASCULINO / SEXO FEMININO (N = 25 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA				
Ameaça de Morte				
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA				
Gênero do agressor (a)		Meio usado para o ato de violência (Material / Interpessoal)		Consequências ao agressor
Masculino		Arma de fogo Arma branca Agressão Física		Sem consequências Denúncia e/ou prisão do agressor
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES À AMEAÇA				
Violência Psicológica/ Verbal ¹		Violência Física Espancar ² , agarrar, queimadura (mãos)		Controle com privação³ Isolamento da vítima
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR				
Possessividade (Não aceitou fim da relação)	Falta de autocontrole⁴	Consumo de bebida alcoólica	Comportamento agressivo manifesto	Consumo de drogas ilícitas
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO				
Ciúme	Raiva	Possessividade	Desconfiança	
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ⁵				
Denunciou a situação de violência sofrida por seu parceiro Aceitou comportamento violento do parceiro				
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA				
Tristeza			Medo	

¹Discussões, xingamentos, ofensas, ameaças, intimidação.

²Agredir, esmurrar, bater.

³Liberdade, amigos, família, vestuário, redes sociais.

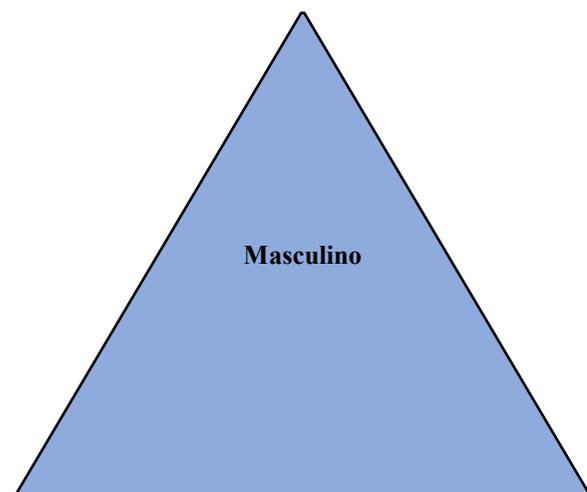
⁴Intolerância ao questionamento da parceira, imaginou traição da parceira.

⁵Em menor frequência: enfrentou a situação de violência e finalizou a relação.

**Categoria C – AMEAÇA DE MORTE
(Masculino / Feminino)**

CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA

Sexo do agressor



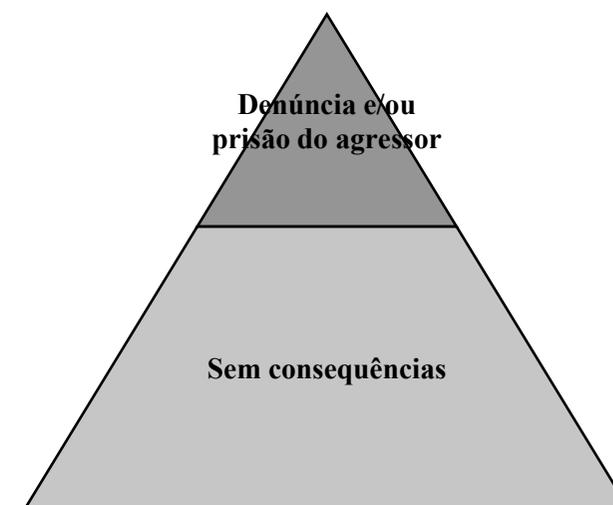
Meios usados para o comportamento violento



¹Bater, esmurrar, arrastar, apanhar, esganar.

²Faca, barra de ferro, entre outros objetos não identificados.

Consequências ao agressor (a)*



*Morte em fuga – apenas um caso.

**Categoria C – AMEAÇA DE MORTE
(Masculino / Feminino)**

Manifestações comportamentais precedentes²



³Liberdade, amigos, família, vestuário, redes sociais.

⁴Agredir, esmurrar, bater.

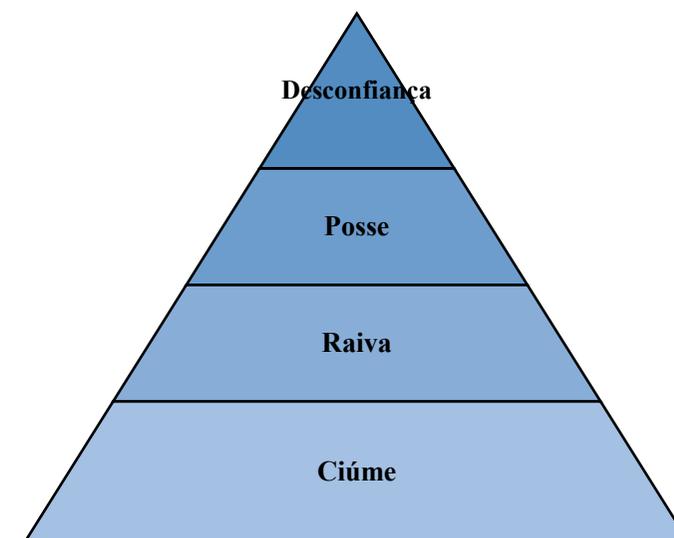
⁵Discussões, xingamentos, ofensas, ameaças, intimidação.

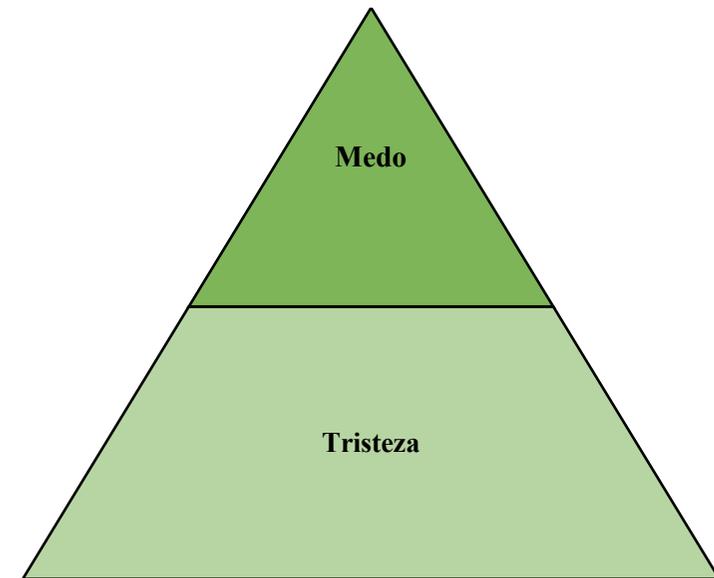
Comportamento do agressor



⁶Intolerância ao questionamento da parceira, imaginou traição da parceira.

Sentimentos do agressor



Comportamento da vítima⁷**Sentimentos da vítima**

⁷Com menor frequência: enfrentou a situação de violência e finalizou a relação.

Categoria D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL

SEXO MASCULINO (N = 30 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
Homicídio / Suicídio			
1) Homicídio contra a parceira	2) Homicídio duplo (parceira, amante)	3) Homicídio contra amigo da parceira	4) Homicídio contra a parceira e suicídio do agressor
5) Homicídio dos parceiros entre si	6) Homicídio contra o parceiro	7) Suicídio da vítima	8) Homicídio contra ex-parceira e seu parceiro
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA			
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência (Material / Interpessoal)	Consequências ao agressor	
Masculino	Arma de fogo Arma branca Arma (sem identificação) Agressão Física	Sem consequências Denúncia e prisão do agressor Fuga do agressor	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES À AMEAÇA			
Violência Psicológica/Verbal ¹	Violência Física Espancar ² , empurrar	Controle com privação³ Isolamento da vítima Machismo Abuso de poder	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR			
Possessividade (Não aceitou fim da relação)	Falta de autocontrole⁴	Comportamento agressivo manifesto	Consumo de bebida alcoólica
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO ⁵			
Ciúme			
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ⁶			
Decidiu finalizar a relação com o parceiro			
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA ⁷			
Sofrimento		Amor	

¹Perseguição, humilhação, intimidação, discussões, xingamentos, brigas, ofensas.

²Bater, agredir, esmurrar.

³Liberdade, amizade, vestuário.

⁴ Não aceitou traição da parceira (flagrou ou imaginou traição) / Intolerância à reação de enfrentamento da parceira à atitude de violência (Raiva).

⁵Relatos de sentimentos para concretização do ato com baixa frequência: posse, raiva, vingança.

⁶Relatos com baixa frequência: traição da parceira; reagiu à situação de violência; enfrentou e foi assassinada, cometeu suicídio; tentativa de homicídio; aceitou; denunciou o parceiro.

⁷Relatos de sentimentos com baixa frequência: choro, tristeza, paixão, medo, felicidade, esperança, solidão.

Categoria D – PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL

SEXO FEMININO (N = 27 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA			
Homicídio / Suicídio			
Homicídio contra a parceira	Homicídio contra a parceira e suicídio do agressor	Homicídio contra o parceiro	
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA			
Gênero do agressor (a)	Meio usado para o ato de violência (Material / Interpessoal)	Consequências ao agressor	
Masculino Feminino (1 caso)	Arma branca Agressão Física Arma de fogo	Sem consequências Suicídio do agressor Denúncia e prisão do agressor Fuga do agressor	
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES À AMEAÇA			
Violência Psicológica/Verbal ¹	Violência Física Espancar ² , empurrar, apertar membros	Controle com privação³	
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR			
Possessividade (Não aceitou fim da relação)	Traição da parceira Infidelidade	Comportamento agressivo manifesto	
Isolamento da vítima	Relação Conflituosa	Consumo de bebida alcoólica	
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO ⁵			
Ciúme			
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ⁶			
Decidiu finalizar a relação com o parceiro Aceitou a situação de violência perpetrada por parceiro			
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA ⁷			
Paixão	Choro	Tristeza	Medo

¹Ameaça de morte, perseguição, humilhação, intimidação, denegrir a imagem da vítima, discussões, xingamentos, brigas, ofensas, gritos.

²Bater, agredir, esmurrar, pontapear.

³Liberdade, vestuário, amizade, redes sociais, financeiro.

⁴Não aceitou traição da parceira (flagrou ou imaginou traição) / Intolerância à reação de enfrentamento da parceira à atitude de violência (Raiva).

⁵Relatos de sentimentos para concretização do ato com baixa frequência: insegurança, desconfiança, raiva, posse.

⁶Relatos com baixa frequência: vítima reagiu e foi assassinada; permaneceu na relação e foi assassinada; fugiu do agressor; reagiu e cometeu homicídio contra o parceiro; reagiu e denunciou o parceiro; traição da parceira.

⁷Relatos de sentimentos com baixa frequência: sofrimento, amor, humilhação, confiança, solidão, ilusão, perdão, decepção.

Categoria D – PERCEÇÃO DE VIOLÊNCIA FATAL
SEXO MASCULINO / SEXO FEMININO (N = 57 participantes)

DESFECHO DA VIOLÊNCIA						
Homicídio / Suicídio						
Homicídio contra a parceira		Homicídio duplo ¹		Outros ²		
CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA						
Gênero do agressor (a)		Meio usado para o ato de violência (Material / Interpessoal)		Consequências ao agressor		
Masculino Feminino (1 caso)		Arma de fogo Arma branca Agressão Física		Sem consequências Denúncia e prisão do agressor Suicídio do agressor Fuga do agressor		
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS PRECEDENTES À AMEAÇA						
Manifestação Psicológica/Verbal ³		Manifestação Relacional Controle com privação⁴ Possessividade / Dominação		Manifestação Física Espancar ⁵ Empurrar/Arremessar		
COMPORTAMENTO DO AGRESSOR						
Possessividade (Não aceitou fim da relação)		Comportamento agressivo manifesto		Falta de autocontrole⁶		Consumo de bebida alcoólica
SENTIMENTOS QUE EMERGEM PARA CONCRETIZAÇÃO DO ATO						
Ciúme						
COMPORTAMENTO DA VÍTIMA ⁷						
Decidiu finalizar a relação com o parceiro Aceitou a situação de violência perpetrada por parceiro Enfrentou o parceiro agressor						
SENTIMENTOS EXPERIENCIADOS PELA VÍTIMA						
Sofrimento	Choro	Paixão	Amor	Tristeza	Medo	

¹**Homicídio duplo:** homicídio contra ex-parceira e seu novo parceiro; homicídio contra a parceira e suposto amante; homicídio simultâneo entre os parceiros; homicídio contra a parceira e seu amante.

²**Outros:** homicídio contra o melhor amigo da parceira; homicídio contra a parceira e suicídio do agressor; suicídio da vítima; homicídio contra o parceiro.

³ Perseguição, humilhação, intimidação, discussões, xingamentos, brigas, ofensas.

⁴ Liberdade, vestuário, amizade.

⁵**Espancar:** agredir, bater, esmurrar.

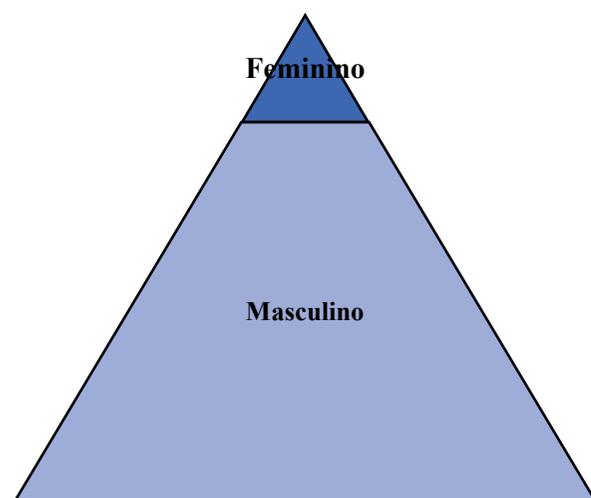
⁶ Não aceitou traição da parceira (flagrou ou imaginou traição) / Intolerância à reação de enfrentamento da parceira à atitude de violência (Raiva).

⁷ Relatos com baixa frequência: traição da parceira; fugiu do agressor; suicídio da vítima; reagiu e denunciou o parceiro.

**Categoria D – Percepção de Violência Fatal
(Masculino / Feminino)**

CARACTERÍSTICAS DO ATO DE VIOLÊNCIA

Sexo do agressor



*Feminino – apenas um caso

Meios usados para o comportamento violento



¹Agredir, bater, esmurrar.

Consequências ao agressor (a)



**Categoria D – Percepção de Violência Fatal
(Masculino / Feminino)**

Manifestações comportamentais precedentes

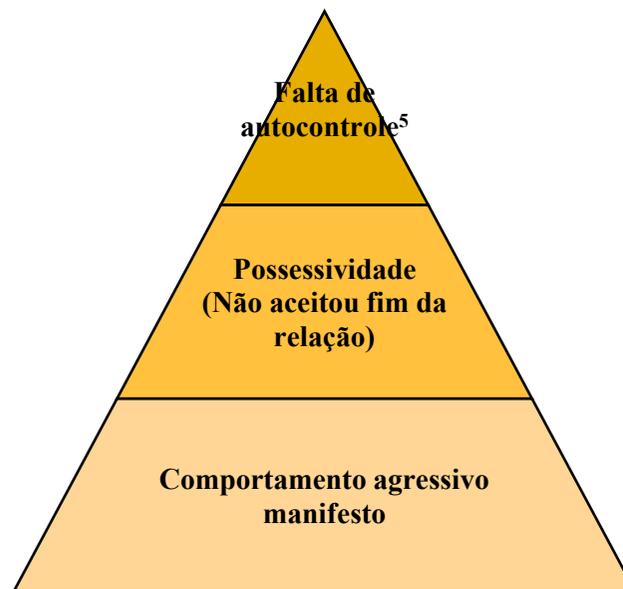


² Perseguição, humilhação, intimidação, discussões, xingamentos, brigas, ofensas.

³ Agredir, esmurrar, bater.

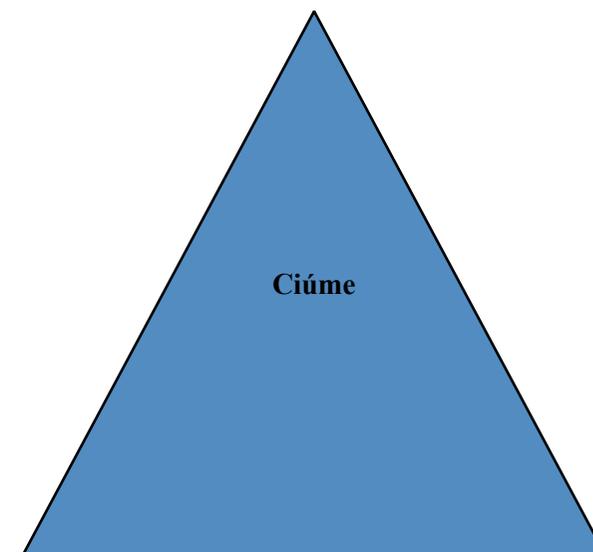
⁴ Liberdade, vestuário, amizade.

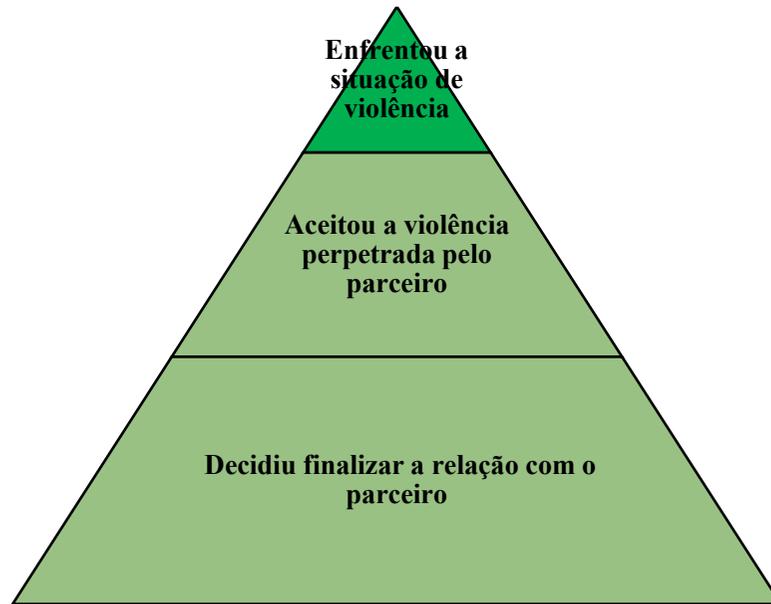
Comportamento do agressor



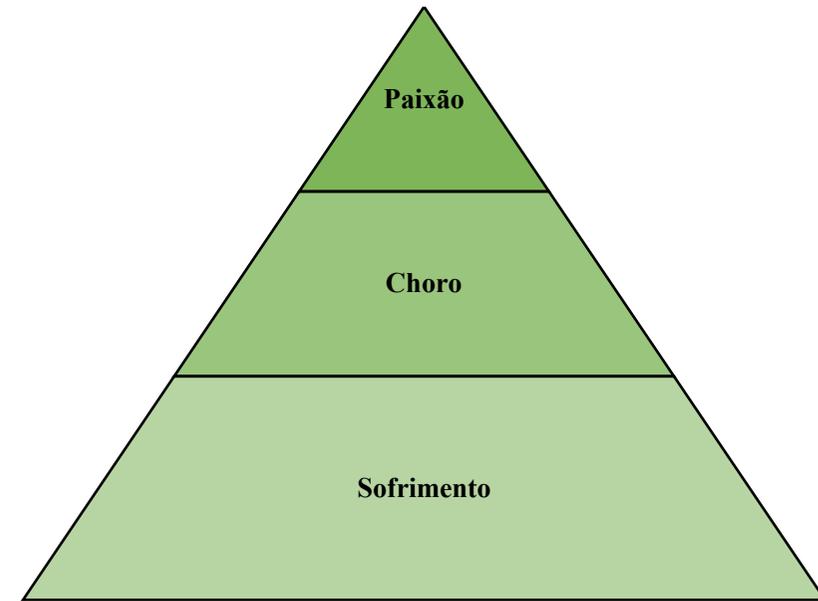
⁵ Não aceitou traição da parceira (flagrou ou imaginou traição) / Intolerância à reação de enfrentamento da parceira à atitude de violência (Raiva).

Sentimentos do agressor



Comportamento da vítima⁶

⁶Relatos com baixa frequência: traição da parceira; fugiu do agressor; suicídio da vítima; reagiu e denunciou o parceiro.

Sentimentos da vítima

⁷Sentimentos também referenciados pela vítima: amor, tristeza, medo.

APÊNDICE 77



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar de um estudo sobre violência e adolescência, que é coordenado e tem como pesquisadora responsável a Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Costa. A equipe de pesquisa pertence ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA da Universidade Estadual de Feira de Santana. Uma pesquisa semelhante já foi realizada no Canadá e através desta, aqui no Brasil, será possível entender e conhecer como ocorre a violência nos laços de amizade e amorosos dos adolescentes, sabendo o porquê de determinadas pessoas cometerem atos violentos e os tipos de violência que acontecem na fase da adolescência. As autoridades, a comunidade e escolas serão informadas sobre os resultados desta pesquisa com relatórios e encontros organizados pela equipe da pesquisa. Dessa forma, a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema. Você só participa se quiser e as suas respostas ficarão em segredo, em nenhum momento o seu nome será divulgado. Este questionário será respondido por adolescentes alunos de escolas do município de Feira de Santana, em horário permitido pelos professores do dia da pesquisa, onde todos os alunos serão divididos em duas salas, de acordo com a disponibilidade local da escola, para que possam responder mais livremente e de maneira privada os seus questionários. No dia da aplicação estarão presentes pesquisadores devidamente treinados para atender você e tirar dúvidas que possam surgir no momento do preenchimento do questionário. Após você preencher o questionário, ele será guardado em envelopes que serão lacrados e encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no endereço Universidade Estadual de Feira de Santana- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência. Endereço: Avenida Transnordestina, S/N- Novo Horizonte. Caixa postal: 252 e 294. Tel: (75) 3161 - 8135. CEP: 44036-900-Feira de Santana- BA –Brasil, no Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, situado atrás do módulo VI. Home page: <http://www.uefs.br>. Seu questionário ficará guardado por 5 anos, em posse única deste Núcleo de Pesquisa, sendo destruído após este período e seu nome jamais será revelado. Em algum momento, ao responder o questionário, se você se sentir constrangido, relembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, caso queira, você poderá desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade, pois será acolhido, encaminhado e acompanhado para alguma instituição que possa te ajudar. Caso queira nos procurar depois, se dirija ao endereço acima citado. Sua participação nesta pesquisa não lhe trará despesas. Se você achar que está devidamente sem dúvidas e concordar em participar por vontade própria, assine este documento em duas vias, ficando com uma delas para nos assegurarmos de que você aceitou participar da nossa pesquisa.

Feira de Santana, ____ de _____ de 20 ____.

Participante: _____

Pesquisador Responsável: _____

APÊNDICE 78



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA



NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar de um estudo sobre violência e adolescência, que é coordenado e tem como pesquisadora responsável a Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Costa. A equipe de pesquisa pertence ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA da Universidade Estadual de Feira de Santana. Uma pesquisa semelhante já foi realizada no Canadá e através desta, aqui no Brasil, será possível entender e conhecer como ocorre a violência nos laços de amizade e amorosos dos adolescentes, sabendo o porquê de determinadas pessoas cometerem atos violentos e os tipos de violência que acontecem na fase da adolescência. As autoridades, a comunidade e escolas serão informadas sobre os resultados desta pesquisa com relatórios e encontros organizados pela equipe da pesquisa. Dessa forma, a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema. Você só participa se quiser e as suas respostas ficarão em segredo, em nenhum momento o seu nome será divulgado. Este questionário será respondido por adolescentes alunos de escolas do município de Feira de Santana, em horário permitido pelos professores do dia da pesquisa, onde todos os alunos serão divididos em duas salas, de acordo com a disponibilidade local da escola, para que possam responder mais livremente e de maneira privada os seus questionários. No dia da aplicação estarão presentes pesquisadores devidamente treinados para atender você e tirar dúvidas que possam surgir no momento do preenchimento do questionário. Após você preencher o questionário, ele será guardado em envelopes que serão lacrados e encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no endereço Universidade Estadual de Feira de Santana- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência. Endereço: Avenida Transnordestina, S/N- Novo Horizonte. Caixa postal: 252 e 294. Tel: (75) 3161 - 8135. CEP: 44036-900-Feira de Santana- BA –Brasil, no Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, situado atrás do módulo VI. Home page: <http://www.uefs.br>. Seu questionário ficará guardado por 5 anos, em posse única deste Núcleo de Pesquisa, sendo destruído após este período e seu nome jamais será revelado. Em algum momento, ao responder o questionário, se você se sentir constrangido, lembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, caso queira, você poderá desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade, pois será acolhido, encaminhado e acompanhado para alguma instituição que possa te ajudar. Caso queira nos procurar depois, se dirija ao endereço acima citado. Sua participação nesta pesquisa não lhe trará despesas. Se você achar que está devidamente sem dúvidas e concordar em participar por vontade própria, assine este documento em duas vias, ficando com uma delas para nos assegurarmos de que você aceitou participar da nossa pesquisa.

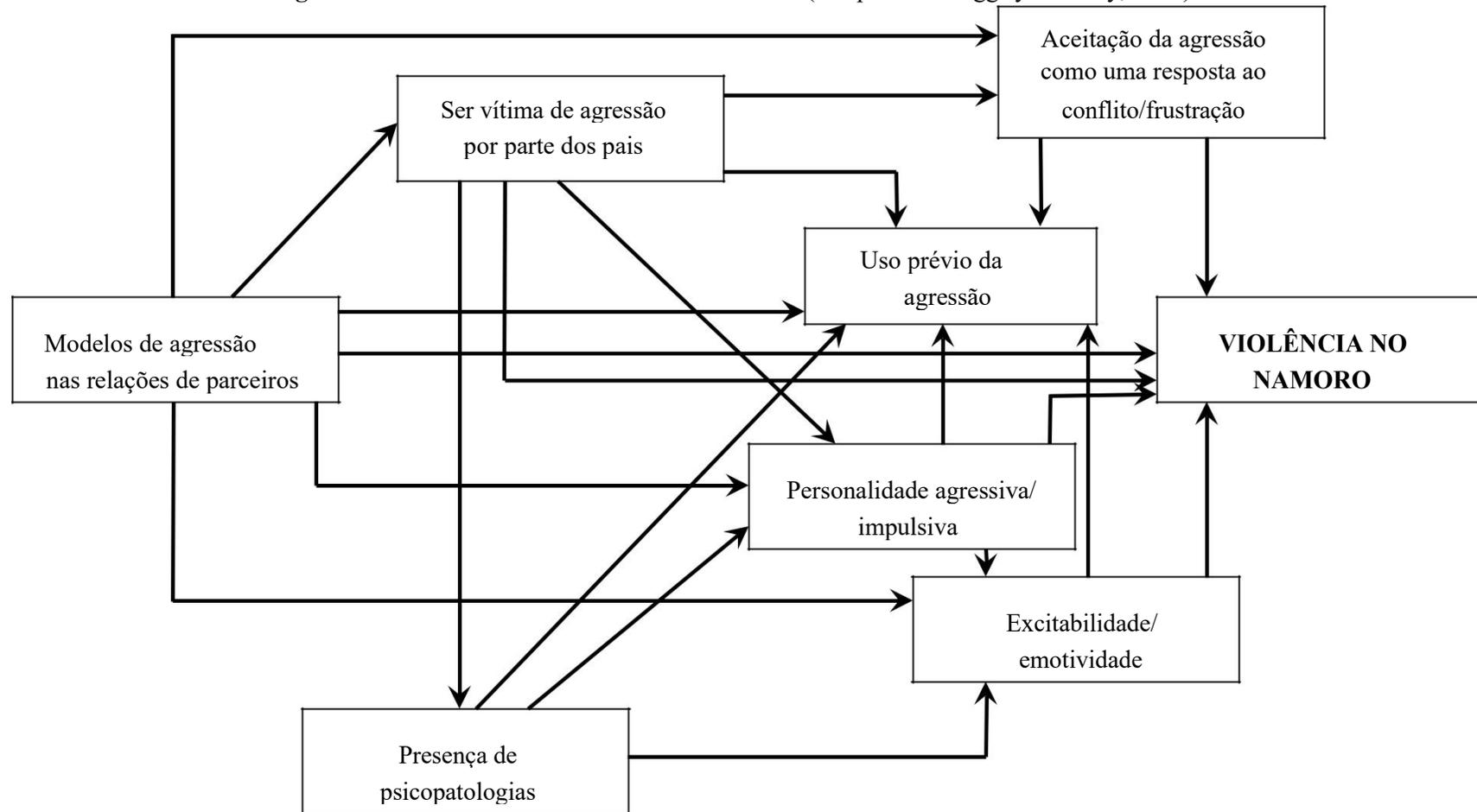
Feira de Santana, ____ de _____ de 20 ____.

Participante: _____

Pesquisador Responsável: _____

ANEXO 01

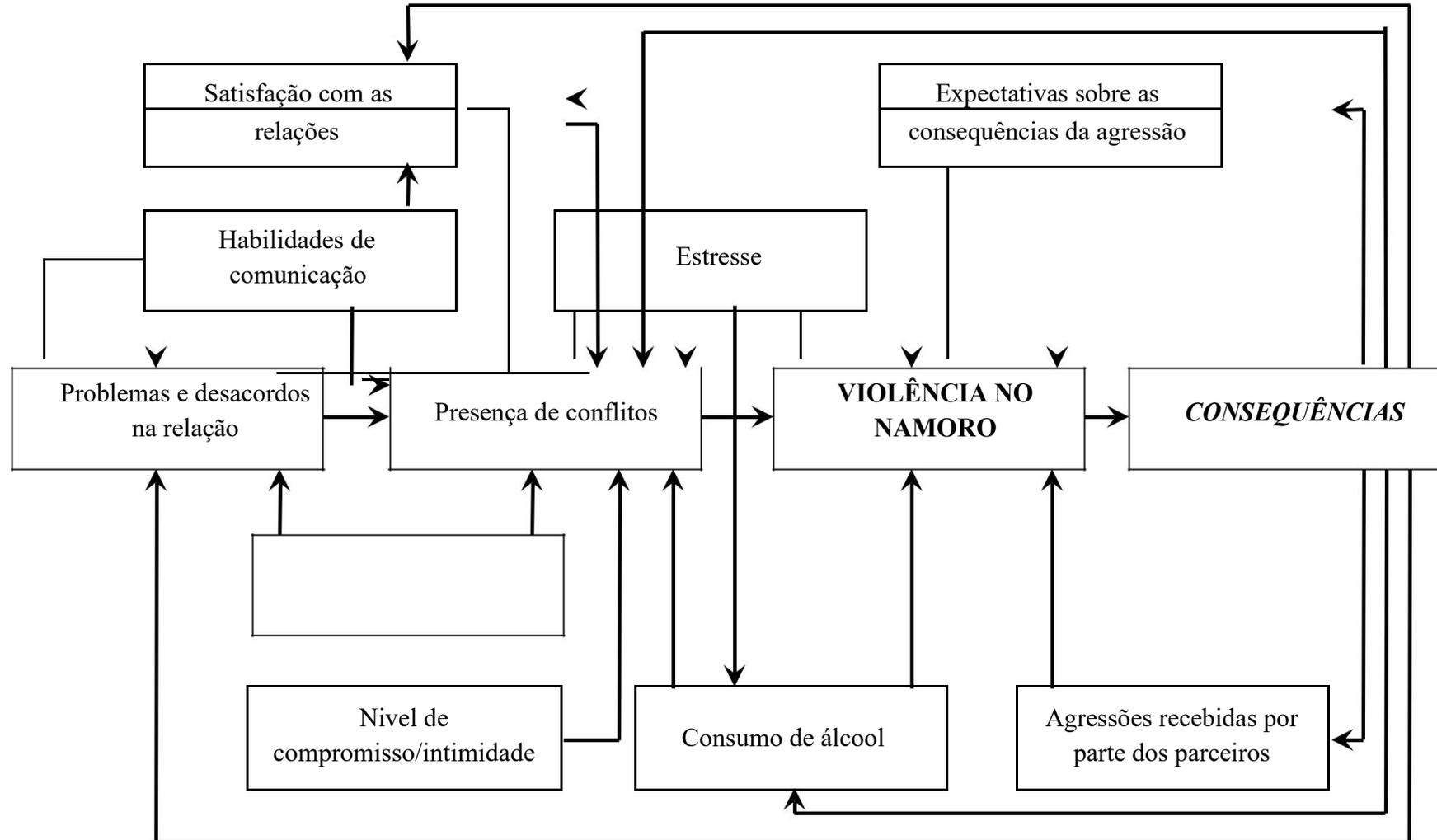
Figura 2. Fatores antecedentes da violência namoro (Adaptado de Riggs y O'Leary, 1989)



Fonte: Gonzalez, 2013, p. 42

ANEXO 02

Figura 3. Fatores situacionais da violência no namoro (Adaptado de Riggs y O'Leary, 1989)



Fonte: Gonzalez, 2013, p. 43.



ANEXO 03
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES

Pesquisador: Maria Conceição Oliveira Costa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 89084517.8.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.929.344

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência\NNEPA, cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq desde 1998, constitui um dos núcleos de pesquisa que integra o Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva\PPGSC da UEFS. O presente projeto possui dois subprojetos.

SUB PROJETO I - Eventos violentos na juventude: Indicadores dos Sistemas de Informação em Saúde impulsionando o conhecimento e subsidiando políticas e intervenções para o SUS.

SUB PROJETO II - Violência entre casais jovens (datingviolence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência.

A coordenadora do Projeto é a Profª Drª Maria Conceição Oliveira Costa e os colaboradores: Profa Jamilly de Oliveira Musse e o Prof. Jeidson Antônio Morais Marques, ambos da UEFS. As instituições participantes do projeto são: Secretaria e Saúde do Estado – SESAB – Vigilância e Proteção a Saúde - SUVISA e Diretoria de Vigilância Epidemiologia – DIVEP; Secretaria Municipal de Saúde de Feira de

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460

UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.929.344

Santana – Programa de DST –HIV-AIDS; Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana– Rede de escolas do município; Núcleo Territorial de Educação – Rede de escolas do município. (Informações básicas do projeto).

SUBPROJETO I TITULO - Eventos violentos na juventude: Indicadores dos Sistemas de Informação em Saúde impulsionando o conhecimento e subsidiando políticas e intervenções para o SUS. Metodologia: Estudo epidemiológico de corte transversal com dados secundários, de adolescentes e adultos jovens vítimas de violência de 2014 a 2017 arquivados nos subsistemas de informação da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, SINAN, SIH/SUS e do Ministério da Saúde: Viva Inquérito. Nos sistemas de informação serão pesquisados dados da vítima, da ocorrência, do episódio de violência e da lesão. A análise dos dados: Os dados dos quatro sistemas serão processados eletronicamente com ajuda do pacote estatístico – SPSS, versão 17.0 for Windows, e apresentados sob a forma de tabelas. Fase I – Serão calculadas as frequências absolutas e relativas das variáveis da violência e da vítima, por microrregião e município baiano. Fase II – As análises bivariadas e múltiplas serão conduzidas por meio de regressão logística não condicional, para estimar as razões de chances (RC) brutas e ajustadas e seus respectivos IC 95%. Fase III– Cálculo das incidências e elaboração das curvas da violência física e sexual e respectivas consequências, segundo dados sociodemográficos das vítimas, em cada um dos Sistemas, nos dois municípios e período do estudo. (Projeto completo)

SUB PROJETO II TITULO - Violência entre casais jovens (datingviolence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência.

Estudo de corte transversal, com amostra representativa, estratificada por conglomerado e estágios múltiplos (escolas, alunos), realizada com 2.088 alunos, de ambos os sexos, nas faixas de 14 a 19 anos, matriculados em 66 escolas públicas do ensino médio de Feira de Santana. Os alunos responderão o questionário “Percurso Amoroso de Jovens”, no qual as questões em pauta estão relacionadas à violência entre namorados (datingviolence), violência entre pares (bullying); violência entre os pais e mecanismos mais utilizados para prevenir ou intervir nos eventos violentos (resiliência pessoal e social). O questionário está dividido em seções, constando de questões, abertas e fechadas, apresentando-se em formato dicotômico e em escalas graduadas tipo Likert: Informações Gerais; Relações Afetivas e Amorosas; Relações Afetivas e Amorosas; Experiências Difíceis; Comportamento Sexual; Família; Comportamentos e hábitos de vida;

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 2.929.344

Sentimentos e Emoções. Será solicitada autorização da Secretária de Saúde do Estado da Bahia e do Ministério da Saúde para acesso aos bancos de dados do SINAN, SIH/SUS, SIM (2013 a 2017) e Viva Inquérito (2014). (Projeto completo)

CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DAS ESCOLAS Contato com a Diretoria Regional de Educação de Feira de Santana (DIREC) para apresentação e viabilidade do projeto nas escolas públicas estaduais; Solicitação, à Secretaria de Educação do Estado e Município, permissão de acesso para informações referentes ao número de escolas, alunos da rede, para cálculo de uma amostra representativa.

CRITÉRIOS PARA ELEGIBILIDADE DOS ALUNOS NA PESQUISA Faixa etária de 14 a 24 anos, ambos os sexos, matriculados nas escolas sorteadas; Estar presente na sala de aula, no momento da coleta dos dados; Aceitar participar da pesquisa (consentimento livre e esclarecido), após a explicação dos objetivos da pesquisa (ANEXO I).

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS COM OS ALUNOS NA PESQUISA Inicialmente, as escolas serão contatadas quanto à participação na pesquisa e agendado data oportuna para coleta, de modo a não interferir nas atividades da escola. Nesse momento, será realizado o sorteio das turmas que irão participar da pesquisa, nos dias de coleta. Durante a aplicação, o pesquisador explicará os objetivos e finalidade da pesquisa, solicitando a colaboração, assegurando o livre arbítrio e a importância do anonimato; o professor não deve estar na sala; as carteiras devem ser organizadas de forma equidistantes; os questionários serão auto depositados em urna lacrada, específica para esta finalidade; os questionários não devem ser identificados. O pesquisador deve manter-se equidistante dos alunos, permitindo supervisão sigilosa, visando manter a privacidade e o anonimato assegurados a todos os participantes. A presença do pesquisador será de grande importância, uma vez que esclarecimentos pertinentes à pesquisa como objetivos e finalidade da mesma podem facilitar a adesão. (Projeto completo)

OS DADOS SERÃO PROCESSADOS no programa EPIDATA, para verificar incongruências provocadas por erros de digitação. Posteriormente, os dados serão processados SPSS, versão 9.0 for Windows. Com o objetivo de sistematizar os resultados, as análises serão divididas em fases: Fase I: estimativa das prevalências e análise descritiva do perfil dos eventos violentos, relacionamentos entre pais, namorados e pares, suporte familiar e principais mecanismos de resiliência pessoal e social utilizados. Fase II: análises bivariadas e estratificadas, utilizando-se a Razão de Prevalência, com respectivos Intervalos de Confiança e nível de significância de 0,05%, para verificar possíveis

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 2.929.344

associações entre variáveis causa e efeito, segundo objetivos propostos. Fase III: análise multivariada, através da regressão logística, a partir dos resultados significantes verificados na análise de associação. Cronograma com coleta de dados prevista após aprovação do CEP. Orçamento de R\$ 77.598,00 com contrapartida da instituição proponente.

Objetivo da Pesquisa:

GERAL Analisar eventos violentos de adolescentes e jovens, consequências e fatores associados, utilizando dados secundários de Sistemas de Informação que assessoram o SUS, no Estado da Bahia, assim como, dados primários de uma amostra representativa do total de jovens matriculados nas escolas públicas de Feira de Santana-Bahia.

ESPECÍFICOS 1) Descrever, por Núcleo Regional de Saúde da Bahia, o perfil da violência em adolescentes e adultos jovens, segundo registros dos Sistemas de Informação em Saúde (SINAM, SIM, SIH e VIVA Inquérito); 2) Traçar o perfil da violência e dos fatores associados às ocorrências em adolescentes e adultos jovens atendidos em Serviços de Urgência e Emergência do SUS, no Estado da Bahia, segundo registros do Viva Inquérito; 3) Avaliar a incidência da violência física e sexual em adolescentes e adultos jovens, utilizando registros dos Sistemas SINAN, SIH/SUS, SIM e Viva Inquérito, segundo dados sociodemográficos das vítimas, no quadriênio; 4) Analisar eventos violentos (violência física, sexual, psicológica), ocorridos entre adolescentes e adultos jovens, nos relacionamentos amorosos (datingviolence) e entre seus pares (bullyng), assim como possíveis associações com dados sociodemográficos e vitimização pregressa. 5) Descrever estratégias pessoais e sociais utilizadas pelos jovens, para prevenir ou intervir na ocorrência de atos violentos no namoro (datingviolence) e entre seus pares (bullyng). 6) Subsidiar Instituições de Saúde e Escolas, para notificação desses agravos, sensibilizando profissionais e gestores sobre a importância dos registros de violência, no planejamento, implementação de ações de prevenção e intervenção, em Serviço; 7) Incrementar a formação de novos pesquisadores e profissionais, assim como a produção científica e técnica nessa área do conhecimento. (informações básicas p.4)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Constrangimento dos adolescentes em responder as perguntas.

Benefícios:

Fortalecimento de intercâmbios entre a universidade, profissionais de saúde e educação; Formação de recursos humanos Incremento e divulgação da produção técnica e científica. (informações básicas p.4)

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 2.929.344

RISCOS: No TCLE consta que "A qualquer momento, ao responder o questionário, se seu/ sua filho(a) se sentir constrangido(a), relembra momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, poderá desistir de participar da pesquisa, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade".

BENEFÍCIOS: No TCLE consta que "a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema"

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa relevante que pode contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas para crianças e adolescentes. A pesquisadora se compromete com o encaminhamento dos participantes a serviços especializados, porém não apresenta anuência dos serviços. Ressaltamos que é responsabilidade da pesquisadora, realizar o encaminhamento e garantir que o acompanhamento seja realizado no tempo necessário. Trata-se de uma população venerável de adolescentes que requerem cautela na abordagem e na realização da coleta de dados, respeitando a sua privacidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Completo conforme resolução 466/2012.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após o atendimento das pendências, o Projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme norma operacional 001/2013 e a Resolução nº 466/12 e 510/2016 (CNS).

Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e 510/2016 e da norma operacional 001/2013. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12 e Cap II da Res 510/2016. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e 510/2016, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.929.344

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1006223.pdf	08/08/2018 15:29:51		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	oficio.jpeg	08/08/2018 15:24:32	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale.docx	08/08/2018 15:20:37	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclepais.docx	08/08/2018 15:20:26	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Outros	declaracaoohana.jpeg	11/07/2018 16:56:20	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPPSUS.docx	11/07/2018 16:33:26	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	11/07/2018 16:31:59	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Orçamento	orcaMENTO.docx	11/07/2018 16:31:26	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Outros	pajeinstrumento.pdf	09/07/2018 21:19:19	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	oficiopendencias.pdf	04/05/2018 08:59:47	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	nucleoeducacao.jpg	04/05/2018 08:57:12	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	secretariamunicipaleducacao.jpg	04/05/2018 08:56:48	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	secretariamunicipaldesaude.jpg	04/05/2018 08:56:32	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	secretariaestadualsaude.jpg	04/05/2018 08:56:16	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaocolaboradores.pdf	04/05/2018 08:55:23	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/10/2017 15:56:18	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaook.docx	29/09/2017 16:55:21	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 2.929.344

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 01 de Outubro de 2018

Assinado por:

Pollyana Pereira Portela
(Coordenador(a))

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



ANEXO 04
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA



OFÍCIO Nº / 2016

Feira de Santana, 16 de agosto de 2016

De: Profª Drª Maria Conceição Oliveira Costa

Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA

Para:

Prezado (a),

Na condição de Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, que integra o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana, estamos desenvolvendo um estudo em parceria com a Universidade do Québec a Montreal (UQAM), que se iniciou a partir da adaptação e validação de um instrumento de origem canadense (PAJ – Percurso Amoroso de Jovens), que analisa a violência no contexto das relações amigáveis, afetivas e familiares de adolescentes e jovens, sendo a próxima etapa concernente à aplicação, da versão brasileira deste instrumento, no município de Feira de Santana (BA).

A consolidação desse estudo fornecerá subsídios para a formulação de políticas públicas para adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade afetiva e amorosa, bem como a capacitação de professores e técnicos das escolas para lidar com esta problemática. Nessa perspectiva gostaria de contar com a sua valiosa contribuição a partir da disponibilidade de alunos (as) que possam participar da pesquisa ao responder este instrumento.

Na certeza de contar com o seu apoio, agradecemos sua prestatividade.

Atenciosamente,

Profª Drª Maria Conceição Oliveira Costa
 Professora Titular do Departamento de Saúde
 Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
 DEPARTAMENTO DE SAÚDE
 Núcleo de Estudos e Pesquisas
 na infância e Adolescência.
 Proª. Drª. Mª. Conceição Oliveira Costa,
 Coordenadora - CRM 12137

ANEXO 05



SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO
NÚCLEO TERRITORIAL - NTE 19

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

Feira de Santana, 18 de setembro de 2017.

Declaração

Venho por meio desta, formalizar a autorização para realização da coleta de dados pela equipe do Núcleo de estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), referente ao projeto SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, nas escolas jurisdicionadas a este Núcleo Territorial de Educação.

Atenciosamente,

Ivamberg dos Santos Lima
Diretor - NTE 19
Aut. 19/144/15